

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

RODRIGO ROSSI

***“MALUCOS DA QUEBRADA”*: TERRITÓRIOS URBANOS NA
COMPLEXIDADE ESPACIAL COTIDIANA DOS ADOLESCENTES
HOMENS EM CONFLITO COM A LEI EM PONTA GROSSA - PARANÁ**

**PONTA GROSSA
2010**

RODRIGO ROSSI

***“MALUCOS DA QUEBRADA”*: TERRITÓRIOS URBANOS NA
COMPLEXIDADE ESPACIAL COTIDIANA DOS ADOLESCENTES
HOMENS EM CONFLITO COM A LEI EM PONTA GROSSA - PARANÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Joseli Maria Silva.

**PONTA GROSSA
04 de Outubro - 2010**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor Tratamento da Informação BICEN/UEPG

R831m Rossi, Rodrigo
 “Malucos da Quebrada” : territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná / Rodrigo Raossi. Ponta Grossa, 2010.
 233f.
 Dissertação (Mestrado em Geografia – Área de Concentração : Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Profª. Dra. Joseli Maria Silva

 1. Masculinidades 2. Territórios. 3. Adolescentes. 4. Posicionalidade.
 5. Drogas. 6. Conflito. I. Silva, Joseli Maria. II. T.

CDD: 307.76

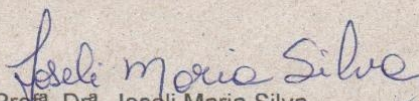
TERMO DE APROVAÇÃO

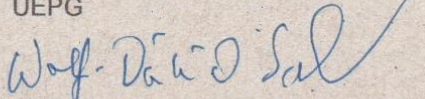
RODRIGO ROSSI

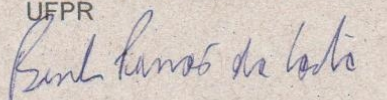
**MALUCOS DA QUEBRADA: TERRITÓRIOS URBANOS NA
COMPLEXIDADE ESPACIAL COTIDIANA DOS ADOLESCENTES EM
CONFLITO COM A LEI EM PONTA GROSSA – PR**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Prof.^a. Dr.^a. Joseli Maria Silva
UEPG


Prof. Dr. Wolf Dietrich Sahr
UFPR


Prof. Dr. Benhur Pinos da Costa
UFSM

Ponta Grossa, 04 de outubro de 2010

Este trabalho é dedicado a Ana Edith Levandoski que sempre me acolheu em toda a trajetória como pesquisador.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecimentos a minha orientadora que sempre instigou a realização de questionamentos complexos sobre o real e que me ensinou a importância do fenômeno nas opções entre os caminhos teórico-metodológicos e de aproximação com o grupo focal. Além disso todo tempo inesquecível de convivência, pesquisas e reflexões junto ao Grupo de Estudos Territoriais deve agradecimentos a amiga e orientadora Joseli Maria Silva. Aos amigos do grupo, confio os mesmos agradecimentos a Alides Baptista Chimin Junior, Márcio José Orntat, Juliana P, Karina Eugenia Fioravante, Juliana Przybysz, Giovana Budny, Almir Nabozny e Emilson Peracetta Filho, entre outros integrantes do grupo que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação enquanto pesquisador.

O tempo de levantamento de informações na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa implica agradecimentos ao delegado Flávio, à escrivã Regina, ao estagiário Vinicius e ao investigador Cláudio, entre demais funcionários que acolheram o GETE dispondo de sala e informações valiosas, sem elas, este trabalho não existiria.

Agradeço aos professores da disciplina de Epistemologia Edivaldo Lopes Thomaz e Wolf-Dietrich Sahr pela experiência de discussão sobre as interfaces e reflexos do vasto e plural campo de saber geográfico.

Também merecem os devidos agradecimentos os amigos Jason Luiz Sales Rosa, Ramon Martins, meu irmão Adriano Rossi, entre outros amigos que durante o processo investigativo ouviram muito sobre ilegalidade e o que era observado no trabalho de campo. Além disso contribuíram na tradução de algumas gírias do vocabulário complexo dos sujeitos desta pesquisa.

Agradeço especialmente aos meus pais, Vera Lúcia Rossi e Ademir Rossi que respeitaram em todo o momento a opção do filho em vivenciar a prática de campo convivendo com adolescentes considerados marginais e aprender a conviver com a preocupação, além do apoio dado em todos os momentos da minha trajetória.

Ao meu filho dirijo agradecimentos, por ele existir e fazer dos momentos de pai, os mais felizes diante do contexto desigual e de sofrimentos que compunha meu universo de observação geográfica.

A Silvia de Ross, minha amada e carinhosa esposa, agradeço pela paciência e a dedicação em acompanhar o desenvolvimento de meus estudos e trabalho como

verdadeira companheira e pelas revisões dedicadas neste texto e que contribuíram na clarificação de ideias.

Aos adolescentes entrevistados agradeço pela aceitação, mesmo eu fazendo parte de outro contexto, o de pesquisador. Sem a aceitação destes adolescentes para que eu compartilhasse de suas rotinas seria impossível a construção do objeto de pesquisa e a razão de todos estes agradecimentos.

Um guri que é 'fumador de pedra' matou seu cão a facadas e ainda matou sua mãe. Ela morreu do coração quando presenciava a cena.

O cliente do mercado, era na verdade também cliente de Sueli, vulgo Cigana. Ele trocava sacolas de compra e notinha de cinquenta reais por um 'galo'.

O menino do semáforo ganhou o dia, fumou 12,5 gramas de crack. Só da hora do rush no trânsito. A solidariedade não está nos cinquenta reais em moedas!

RESUMO

Esta dissertação apresenta elementos para compreender a existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR. Classificados socialmente em condição de desajuste constitucional em relação ao sistema judicial, o grupo focal, não contempla o que é preconizado como imaginário vinculado ao ideal de ser homem. As experiências do grupo podem ser interpretadas a partir de masculinidades periféricas. A elaboração de estratégias transgressoras ligadas ao consumo de drogas, furtos, roubos e disputas agressivas e violentas entre gangues, legitima o discurso hegemônico que considera estes adolescentes malvados e foras da lei, o que fortalece o significado de marginalização. Inicialmente, foram coletados dados dos processos da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxico da Polícia Civil de Ponta Grossa-PR do período de 2005 à 2007. A partir da coleta de dados foram tipificados os atos infracionais e o perfil dos adolescentes que os cometeram. Num segundo momento, através da realização de entrevistas em profundidade com adolescentes identificados com grupos de infratores, foi possível conhecer seu universo cultural e suas relações com o espaço urbano transformadas em territórios. A vida diária dos adolescentes estudados está conectada a múltiplas espacialidades, os deslocamentos diários e as tensões provocadas, instituem um reposicionamento constante em diferentes configurações de relações de poder. O processo de pesquisa buscou realizar uma reflexão sobre a posicionalidade do pesquisador em relação ao grupo estudado e o jogo tenso entre o centro e margem das relações de poder em seus territórios urbanos. Estes territórios foram interpretados a partir dos contextos que caracterizam os agentes, práticas e as relações sociais mediadas pelo espaço. Os principais modos de apropriação espacial identificados por esta investigação envolvem o uso compartilhado de drogas, as estratégias de controle relacionadas ao seu deslocamento e a dependência de crack, bem como o conflito entre grupos rivais.

Palavras-chave: masculinidades, territórios, adolescentes, posicionalidade, drogas, conflito.

ABSTRACT

This dissertation presents elements to understand the spatial daily existence of male adolescents in conflict with the law in Ponta Grossa - PR.. Classifieds socially in conditions of constitutional misfit in relation to the judicial system, the group studied does not include the imaginary tied to the ideal of being men. Their experiences are interpreted from peripheral masculinities. The elaboration of strategies offending linked to drug use, theft, robbery and aggressive and violent disputes between gangs, legitimates the hegemonic discourse that considers these young are hoodlums and outlaws, what strengthens the meaning of marginalization. Initially, they were collected data of the processes of the Civil Police of Adolescent and Anti-Drugs in Ponta Grossa-PR, period from 2005 to 2007. From the collection of data were typified acts of breach and the profile of the adolescents who committed them. At a second moment, through the realization of interviews in depth with adolescents identified with groups of offenders, it was possible to know his cultural universe and his relations with the urbane space turned into territories. The everyday lives of adolescents studied is connected to multiples spaces, their daily shifts and tensions, establishing a constant repositioning in different configurations of power relations. The research process sought to realize a reflection on the positionality of researcher in relation to the group investigated and the tense game between center and margin of power relations in their urban territories. These territories were interpreted from the context that characterize the agents, practices and social relations mediated for space. The main modes of spatial appropriation identifieds by this research involves: the shared use of drugs, control strategies related to drug's displacement and addiction of *crack*, as well as the conflict between rival groups.

Keywords: masculinities, territories, adolescents, positionality, drugs, conflict.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Vilas de moradia dos adolescentes entrevistados.....	19
FIGURA 2	Chefes de Família com renda até dois salários mínimos.....	37
GRÁFICO 1	Crescimento dos atos infracionais em Ponta Grossa.....	38
FIGURA 3	Padrões espaciais do atos infracionais dos adolescentes em Ponta Grossa-PR.....	40
GRÁFICO 2	Tipificação dos atos infracionais cometidos adolescentes em Ponta Grossa – PR.....	41
FIGURA 4	Lesão, vias de fato, lesão corporal: relação entre áreas de concentração de moradia dos adolescentes e de realização destes atos infracionais.....	43
FIGURA 5	Furto simples, qualificado e roubo: relação entre áreas de concentração de moradia dos adolescentes e de realização destes atos infracionais.....	44
FIGURA 6	Porte/uso de substâncias ilícitas: relação entre áreas de concentração de moradia dos adolescentes e de realização destes atos infracionais.....	47
GRÁFICO 3	Evocações que remetem a definição de “ser homem”.....	96
GRÁFICO 4	Categorias discursivas que remetem as características de “ser homem”.....	101
GRÁFICO 5	Categorias discursivas – escalas das experiências cotidianas dos entrevistados.....	120
FIGURA 7	Posições diferenciadas entre escalas de experiencias dos entrevistados.....	121
FIGURA 8	Outras categorias discursivas relacionadas as escalas de experiências.....	130
GRÁFICO 6	Categorias discursivas das relações sociais estabelecidas pelos entrevistados.....	161
FIGURA 9	Modelo representativo de uma correria.....	166
FIGURA 10	Atração espacial pelo “canal”	170

FIGURA 11	Rede articulada de agentes de furto, receptação, traficantes e “rodas de <i>crack</i> ”.....	174
FIGURA 12	Modelo de identificação dos “Fervos” e do “Som”.....	176
GRÁFICO 7	Categorias discursivas de apropriação espacial entre os entrevistados.....	186
FIGURA 13	Modelo representativo de apropriação espacial de uma praça...	188
FIGURA 14	Modelo de representação da apropriação espacial na estratégia de controle da “correria”.....	191
QUADRO 1	Vilas de moradia dos adolescentes que aderem às “zonas”.....	202
FIGURA 15	Modelo representativo de um conflito entre grupos no centro da cidade.....	212

LISTA DE SIGLAS

CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes
CV	Comando Vermelho
C.V.	Comando Vilela
CVN	Comando Vila Nova
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
GETE	Grupo de Estudos Territoriais
IASP	Instituto de Ação Social do Paraná
NEV	Núcleo de Estudos da Violência
PCC	Primeiro Comando da Coronei
P.C.C.	Primeiro Comando da Capital
PCG	Primeiro Comando da Guáira
PEMSE	Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto
SAS	Serviço de Atendimento Social
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
ZL	Zona Leste
ZS	Zona Sul

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
CAPÍTULO I – O PROCESSO INVESTIGATIVO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	24
1 A construção social do adolescente em conflito com a lei no contexto da sociedade brasileira.....	27
2 A construção social dos adolescentes em conflito com a lei e os desafios da investigação de suas vivências espaciais cotidianas.....	52
CAPÍTULO II – ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E GÊNERO – ESPACIALIDADES COMPLEXAS E SUBVERSÕES DE MASCULINIDADE.....	82
1 Adolescentes em conflito com a lei, masculinidades periféricas e espacialidades cotidianas.....	83
2 Interseccionalidade e espacialidades complexas - a vivência cotidiana dos adolescentes em conflito com a lei.....	111
CAPÍTULO III – PRÁTICAS ESPACIAIS COTIDIANAS DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E A INSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS URBANOS.....	147
1 Componentes das relações sociais dos adolescentes em conflito com a lei e a mediação espacial.....	159
2 A instituição de territórios urbanos e as estratégias escalares.....	180
2.1 Territórios da “Vida Louca” e as estratégias de “intéra” e “correria”.....	186
2.2 Territórios de controle da “correria”: táticas de passagem, negociação e a emergência de conflitos.....	189
2.3 Territórios das “Rodas de Crack”.....	194
2.4 Território em disputa: As “Zonas” e as estratégias escalares.....	199
2.5 A trajetória na ilegalidade e a emergência de territorialidades e masculinidades periféricas.....	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	218
REFERÊNCIAS.....	224
ANEXO A – Roteiro de Entrevista.....	232

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo compreender a existência espacial cotidiana de adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei. O referencial empírico adotado nesta análise são as periferias pobres do espaço urbano de Ponta Grossa – PR e as pessoas focadas nesta pesquisa são adolescentes que tiveram envolvimento com atos infracionais entre os anos de 2005 a 2007.

A proposta deste estudo insere-se no contexto de ações investigativas e de reflexões junto ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE). Este grupo tem seguido uma trajetória de pesquisas com o intuito de elaborar estratégias de subversão ao discurso geográfico hegemônico sobre as identidades, as sexualidades e o gênero, que fogem à percepção autocentrada na figura do homem branco, heterossexual e de “bons costumes”. Todavia, a subversão se estabelece neste trabalho através de um recorte social específico: os adolescentes homens em conflito com a lei.

O grupo focal escolhido está entre aqueles tradicionalmente ausentes e/ou silenciados na história do pensamento geográfico moderno, cuja produção é ligada a lógica eurocêntrica e que universaliza o “homem”. Por outro lado, tal escolha é reflexo da trajetória de pesquisa no GETE e a busca em produzir a visibilidade de grupos marginalizados na geopolítica de produção do conhecimento geográfico.

O raciocínio científico que conduz o processo de pesquisa não é regido por uma linearidade ou objetividade. Neste processo, a relação entre o sujeito pesquisador e sua pergunta de partida, se estabelece em meio as dúvidas, recuos e transformações no modo como o objeto de estudo é observado. Ocorrem, desta forma, muitas transformações desde a construção do projeto de pesquisa inicial até as reflexões teóricas realizadas durante e após o trabalho de campo.

As transformações aqui evocadas levaram à redefinição das questões iniciais estabelecidas a partir do diálogo com as experiências e vozes deste grupo que possibilitou intensa reflexão de que minha questão de partida pôde colocar o raciocínio científico diante da diversidade e da complexidade do espaço vivido pelos investigados.

A questão central estabelecida para pesquisa foi organizada da seguinte forma:

- Como se institui a existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa-PR?

É importante ressaltar as transformações do sentido dos conceitos que estruturam esta questão, já que ocorreram a partir da flexibilidade sobre a relação entre o sujeito pesquisador e os adolescentes pesquisados.

Inicialmente, a questão central foi elaborada em torno da instituição de um território compreendido pela posição *insider/outsider*, o qual, se institui na relação de fronteira entre um grupo e seus outros, de dimensões cartografáveis e definidas a partir de um único plano de ação e identidade dos adolescentes que são basicamente referenciados em suas ações de infração.

Os elementos observados sobre o que é considerado como território e identidades, justapõem-se nas vivências espaciais cotidianas do grupo revelando uma nítida relação entre escalas variadas e a construção de identidades múltiplas e interseccionadas. Sendo assim, os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei não formam um grupo homogêneo, pois realizam práticas espaciais diferenciadas de acordo com cada contexto.

A observação sistemática realizada sobre quatro grupos¹ de adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei e a realização de entrevistas em profundidade, reposicionou meu fio condutor na construção do modelo de análise em relação ao conceito de território, que aparece com novo sentido diante da complexidade relacionada a diversas espacialidades e territorialidades. As facetas identitárias vivenciadas pelos adolescentes que tem problemas com a justiça estão articuladas em diferentes espacialidades. Destarte, cada uma delas encena o reposicionamento dos adolescentes entre distintos campos e numa multiplicidade de correlações de força.

Os adolescentes entrevistados chamam a atenção pela variação de suas posições quando vivenciam a escala dos espaços de vizinhança, demonstrando ocupar posição de marginalidade em relação aos vizinhos, que muitas vezes consideram-nos “maloqueiros”². Em locais de referencia identitária e de encontro entre pares podem ser observados como em posição de centralidade quando são importantes na afirmação de práticas valorizadas em dado grupo, tal como observado no uso de drogas entre os entrevistados. Outrora, ainda podem ocupar centralidade, quando da investida sobre um grupo rival no centro da cidade. Ao mesmo tempo, podem permanecer impossibilitados de adentrar a vila de um

1 Foram realizadas entrevistas em profundidade e observação sistemática com quatro grupos de distintas vilas da cidade de Ponta Grossa, especificamente as vilas Coronel Cláudio, Vilela, Oficinas e Vila Nova que demonstram maior concentração de adolescentes do sexo masculino registrados na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil em Ponta Grossa.

2 Termo usual entre as pessoas das periferias para designar adolescentes “marginais”, “vagabundos” ou que têm envolvimento com a criminalidade. Vale considerar “maloqueiro” pode ser associado a “maloca” que segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa significa casa de habitação indígena, esconderijo, associado a grupo de pessoas que não inspiram confiança ou a grupos de salteadores.

de seus opositores ocupando, assim, uma posição marginal em relação a mais uma configuração das relações de poder.

No processo reflexivo desta investigação, o conceito de território passa a ser mais complexo do que aquele pensado inicialmente, isso devido às rearticulações e reposicionamentos dos adolescentes no jogo de escalas de suas próprias experiências. Além disso, a reflexão sobre este conceito é conectada a reflexão das diferentes posições ocupadas pelo pesquisador durante o referido processo.

A utilização do conceito de escala como dispositivo de aproximação do pesquisador ao universo de práticas cotidianas dos sujeitos da pesquisa contou com a agregação da noção de pluri-localidade baseada na perspectiva do espaço paradoxal da geógrafa Gilian Rose (1993). Esta noção se constitui como um importante elemento para a análise de escalas territoriais/espaciais, visto que os adolescentes desta investigação vivenciam diferentes localidades em seu cotidiano. A escola, o terminal de ônibus, a praça, “rodas de *crack*”, estacionamentos públicos, o centro da cidade, vilas e esquinas, enfim, estas múltiplas espacialidades constituem o universo das práticas cotidianas dos adolescentes da pesquisa.

A articulação entre espacialidades, neste sentido, impossibilita a utilização de uma noção de espaço preexistente, fixo e facilmente cartografado, assim como a noção de um território delimitado pela relação de inclusão e exclusão. O território passou a ser encarado a partir de uma perspectiva ampla, de observação de um complexo jogo que envolve movimento de posições e rearticulações entre pessoas que ocupam centralidade ou marginalidade em diferentes configurações das relações de poder.

Outra mudança significativa que deve ser explicitada, foi a reordenação das subquestões que compunham o projeto original. Numa primeira versão as subquestões estavam assim organizadas:

- I. Como as identidades dos adolescentes em conflito com a lei são instituídas?
- II. Como se desenvolvem as práticas cotidianas dos adolescentes em conflito com a lei na apropriação do espaço urbano?
- III. Quais os elementos espaço-temporais compositores dos territórios dos adolescentes?
- IV. De que forma os adolescentes em conflito com a lei representam as ações do Estado para a proteção ao risco à conduta infracional?

Tal ordenamento foi repensado sob a luz das experiências de campo e dos relatos exploratórios junto ao grupo pesquisado e sofreu a seguinte alteração: as subquestões I e II que foram inicialmente pensadas de forma fragmentada, agora estão reunidas em uma só questão.

Esta alteração justifica-se a partir da opção teórica em considerar que as identidades não são instituídas a parte das ações mas, sobretudo, são as práticas significantes, que em fluxo contínuo, instituem identidades. O arcabouço teórico que respalda tal opção reside na ideia de performatividade, presente em Butler (2003). Assim, a fusão das duas questões (I e II) tomou o seguinte formato:

- Como as práticas cotidianas instituem o ser homem adolescente em conflito com a lei e suas espacialidades?

Seguindo o pensamento de Butler as identidades se constroem através das práticas dos sujeitos, nas performances diferenciadas que assumem em distintos contextos espaço-temporais e grupais. Esta autora sugere observar as identidades enquanto práticas significantes, incluindo performances corporais, o discurso e as relações de poder. Deste modo as identidades são aqui referenciadas como complexas, multi-escalares e continuamente reconstruídas nos campos de relações de poder entre o eu e o outro.

Foi a partir desta reflexão instituída no GETE que atentei para a reformulação no âmbito da problemática, e assim, do processo investigativo. A fusão das questões refletiram no modo como passei a observar o grupo pesquisado e vice versa, haja vista a relação que estabeleci com eles na convivência durante o trabalho de campo. Minha posição de pesquisador que tinha elaborado questões científicas e que observa o objeto como *outsider*, foi constantemente tencionada na convivência com os entrevistados.

Inicialmente, os adolescentes em conflito com a lei foram apenas observados a partir de declarações confessas em delegacia e que representam apenas algumas das versões sobre seu cotidiano³. A aproximação e observação sistemática sobre os grupos de adolescentes em seus locais de referência foram um grande desafio que marcou uma importante etapa desta investigação. A linguagem complexa do grupo de adolescentes e

3 No ano de 2008 foi realizado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) levantamento de dados e informações constantes em inquéritos da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos registrados entre os anos de 2005 e 2007. Registra-se aqui agradecimentos especiais do delegado, escrivães, funcionários e estagiários que contribuíram no trabalho com as fontes e no esclarecimento de muitas dúvidas.

as mais variadas trajetórias expressas em seus discursos conduziram-me a um universo muito diversificado e complexo, a uma dimensão simbólica multifacetada que possibilita o discurso científico sobre a instituição de espacialidades e territórios complexos.

A reflexão sobre minha posição de pesquisador em relação com o grupo estudado também resultou no abandono temporário de uma de minhas subquestões iniciais. A questão IV - estabelecida anteriormente como: *“De que forma os adolescentes em conflito com a lei representam as ações do Estado para a proteção ao risco à conduta infracional?”* - foi mediada pelas respostas dos adolescentes em fase exploratória de campo. Pude tomar consciência de que esta subquestão fora estabelecida por um pesquisador que via o fenômeno de fora. Após a fase de campo e de um processo de reflexão junto ao GETE atentei para a impossibilidade de manter esta questão, já que a relação entre os adolescentes e o Estado supera a perspectiva de um momento de tensão entre suas práticas e as normas hegemônicas relativas ao convívio social. Estas tensões são muito mais complexas, vão além da relação entre os adolescentes e as instituições formais do estado, estão inseridas no contexto da produção material e simbólica do espaço e também relacionadas a múltiplas redes de relações territorializadas.

Inicialmente, eu concebia uma vivência homogênea, que unificava todos os adolescentes em conflito com a lei e as diversas instituições do Estado. Os dados de campo me mostraram o contrário. Há uma vivência complexa, diversa e até mesmo impossível de ser totalmente abarcada no âmbito desta pesquisa. O trabalho de campo, sobretudo, estabeleceu a abertura de muitos horizontes de problematização da análise sobre os territórios urbanos e sobre a vivência complexa do grupo pelo espaço.

Ao invés de me manter na postura de conceber a pseudo-unidade, optei por reconhecer meus limites práticos de pesquisa. Resolvi, ao invés de mascarar a realidade observada, me curvar frente a complexidade e, para falar a partir da perspectiva dos adolescentes, prefiro dar conta desta tarefa de estudar a relação com o Estado em uma próxima etapa de pesquisa. Nesse sentido, justifico as razões que me levaram a deixar a subquestão IV momentaneamente de lado. Contudo, há um elemento que compõe a antiga questão e que será avaliado a partir de relatos sobre a vivência cotidiana relacionada ao espaço escolar e com os dispositivos policiais de controle. Algumas das áreas referenciais ao encontro entre diferentes grupos de adolescentes e que envolve contextos de apropriação espacial são próximas de escolas, assim como grande parte das práticas cotidianas destes adolescentes são frequentemente repreendidas pelos policiais.

As relações de poder e as apropriações espaciais instituídas pelos grupos investigados levou a consideração de que as espacialidades experienciadas por eles envolvem a ocupação de diferentes posições dependendo das correlações de força em dado sistema relacional. Deste modo, a terceira subquestão passou à seguinte forma:

- De que forma os territórios urbanos compõem a complexidade espacial cotidiana dos adolescentes investigados?

Visando a problematização das subquestões, devidamente estabelecidas, este trabalho implicou um processo investigativo composto de etapas distintas, mas complementares. Inicialmente, o levantamento realizado na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa, possibilitou construir um modelo de análise sobre os tipos de atos infracionais e os padrões espaciais de sua distribuição areal. Este levantamento incluiu a análise de fontes documentais que são denominadas “termos de declaração”. Os termos registrados na polícia foram analisados com o intuito de identificar processos espaciais e relações entre agentes envolvidos no contexto dos atos infracionais cometidos nas áreas selecionadas para aproximação em trabalho de campo.

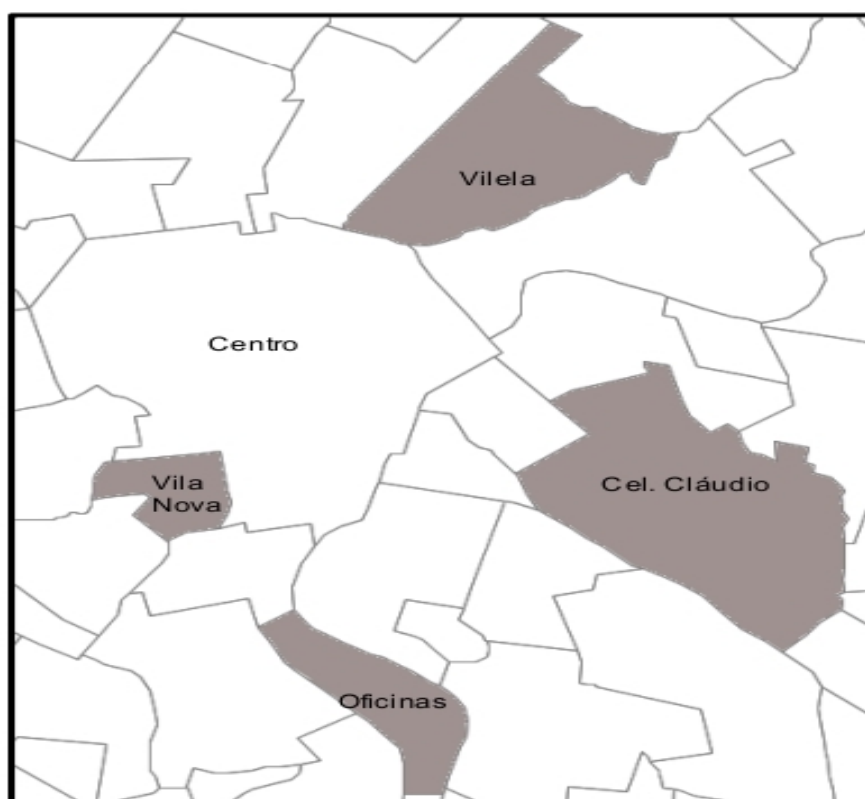


Figura 1 – Vilas de moradia dos adolescentes entrevistados. (Org. CHIMIN, 2009).

Deste modo, recorreu-se num primeiro momento a análise dos processos referentes aos atos infracionais de adolescentes no período de 2005 e 2007 registrados na referida delegacia. Já num segundo momento, foram realizadas entrevistas em profundidade com quatro grupos de adolescentes em conflito com a lei, envolvendo um universo de doze entrevistados. A escolha dos adolescentes entrevistados se deu a partir de dois ângulos de observação. O primeiro refere-se a espacialização das áreas de moradias de adolescentes em conflito com a lei, que permitiu detectar áreas de maior concentração de autores de atos infracionais nas vilas Oficinas, Coronel Cláudio, Vilela e Vila Nova.

O segundo ângulo resulta da exploração de campo nas áreas de concentração de atos infracionais detectadas. As primeiras aproximações com cada grupo em seus locais de referência foram realizadas para identificar adolescentes reconhecidos como centrais na dinâmica espacial que envolve os atos infracionais e em relação com grupos que se apropriam de dado espaço. Foi o contato direto com os adolescentes centrais nos grupos de diferentes vilas que possibilitou o levantamento de informações sobre a vida diária do grupo pesquisado.

O contato com dois distintos universos de representação sobre o fenômeno da infração na adolescência, os registros da polícia e as entrevistas em profundidade, constituíram etapas importantes desta investigação ligada a análise de fontes documentais e oriundas do trabalho de campo.

A aproximação com as fontes documentais realizada conjuntamente no Grupo de Estudos Territoriais foi fundamental na medida em que possibilitou o primeiro contato com o complexo universo de práticas deste grupo. Já o trabalho de campo, teve importância significativa no processo investigativo, na medida que, em meio a dificuldades para estabelecer relação com o grupo estudado, foi necessário o distanciamento de muitas das cargas materiais e simbólicas que identificam o pesquisador, o que revelou que o conhecimento acadêmico não é melhor, nem pior do que o conhecimento que os adolescentes estabelecem no cotidiano. Algumas referências ao código penal brasileiro, por exemplo, foram feitas através dos relatos dos adolescentes e que se quer tinham sido observadas com afincamento durante a exploração das fontes na delegacia.

Ao mesmo tempo, a experiência com adolescentes no campo foi a formatação de um contrato de risco, vide a escolha de agentes centrais relacionados aos grupos. Este aspecto da imersão em campo foi decisivo na opção de encarar as dificuldades objetivas

e subjetivas, vinculadas as expectativas em torno da minha posição em espaços que, muitas vezes, são considerados perigosos, verdadeiras “bocas do lixo”, entre outras palavras que parecem sinônimos de assombração, medo e insegurança.

Esta rica experiência com espaços periféricos seria somente elemento de elocução deste pesquisador, se não ocorresse através da consciência, observar a demanda de uma aproximação entre o universo das experiências de uma masculinidade periférica e a formatação das categorias científicas da geografia.

A convivência com o grupo foi acompanhada de um trabalho pragmático de sistematização das experiências de campo e registro de informações por meio de gravações de conversas, entrevistas e de relatos do próprio pesquisador nos locais investigados e que envolviam impressões sobre as formas e processos espaciais observados.

A análise do conteúdo e a identificação de categorias discursivas foram realizadas sobre as entrevistas em profundidade e o conteúdo gravado das falas dos investigados em outros contextos. Esta análise buscou promover o diálogo entre as vozes dos entrevistados, seus modos de expressar os aspectos de sua realidade cotidiana no contexto da entrevista e, as categorias científicas da geografia que compõem o campo de reflexão sobre a questão de partida e as subquestões que a fundamentam.

As gírias, termos e expressões próprias do grupo estudado foram consideradas como códigos, capazes de elucidar realidades subjacentes, tal qual postula Bardin (1977) sobre a análise de conteúdo. Por isso, a forma original em que a fala foi pronunciada é mantida na transcrição das entrevistas com o intento de distanciar-se pouco do contexto da frase e da própria interação no trabalho de campo.

Esta interação promoveu a emissão de um conjunto discursivo variado que possibilita uma pluralidade de inferências. Entre estas, são evidenciadas neste trabalho, inferências sobre frequência de evocações que remetem à definições de “ser-homem-adolescente em conflito com a lei” e “o que caracteriza este ser em diferentes contextos espaciais, temporais e grupais”. Além disso, são elementos da análise de conteúdo, as enunciações e proposições acerca das “relações sociais sociais estabelecidas pelos adolescentes em múltiplas espacialidades” e os “modos de apropriação espacial de seus grupos”.

Apesar de haver uma crítica sobre a sistematização objetiva, na análise de conteúdo, deve ser clarificado que ela possibilita observar a profundidade do contexto das frases e das pessoas investigadas, isto é, permite problematizar o contexto da produção

dos dados obedecidos pela pesquisa na construção do raciocínio científico. Este contexto pode influir em questionamentos sobre o arsenal discursivo, teórico e metodológico utilizado no campo de saber geográfico a partir da visibilidade do espaço vivido e percebido. O conteúdo discursivo, apesar de refletir a objetividade, é reflexo de um processo de interação subjetiva, também emite sinais de um outro campo intersubjetivo e que pode ou não ser abstrato em relação ao contexto da entrevista. Estes sinais são importantes elementos de uma análise espacial e são fundamentais na investigação aqui empreendida.

O presente texto está organizado em três capítulos. O primeiro, incide sobre o processo investigativo e a construção do objeto de pesquisa a partir da observação do fenômeno na inter-relação entre: a construção social dos adolescentes em conflito com a lei no contexto da sociedade brasileira; o conjunto variado de práticas e; a reflexão sobre a posicionalidade do pesquisador em relação com o grupo focal. Este capítulo inicial também apresenta os perfis dos sujeitos da pesquisa e os padrões espaciais dos atos infracionais com o objetivo de identificar os principais grupos e áreas de concentração do fenômeno.

No segundo capítulo, é realizada uma discussão conceitual com o objetivo de evidenciar as opções teóricas e metodológicas do trabalho e relacionadas ao debate sobre as masculinidades e interseccionalidade na geografia. As práticas e espacialidades diferenciadas dos adolescentes em conflito com a lei também são objeto de análise no segundo capítulo que explora a vivência das masculinidades periféricas dos adolescentes, através de suas relações em grupos, no uso de drogas e na elaboração de estratégias para o consumo e associação para atos infracionais.

O terceiro capítulo volta-se a compreender a inter-relação entre o exercício da territorialidade e instituição de territórios, compondo o complexo movimento de interação, deslocamentos espaciais e da existência do ser adolescente do sexo masculino em conflito com a lei. Neste último capítulo, são identificados os territórios da “vida louca”, do controle da “correria”, das “rodas de *crack*”, assim como os “territórios em disputa pelas gangues”, como importantes dimensões das relações sociais entre os adolescentes, de sua constituição identitária, enfim, de sua existência espacial.

Esta pesquisa reflete a necessidade de aproximação com os grupos analisados pela geografia humana. Além disso, é importante componente para compreensão sobre identidades complexas e a identificação de grupos marginalizados no espaço urbano. Além disso, contribui à problematização da relação que os geógrafos estabelecem com os

grupos estudados, assim como, para estudos sobre adolescentes em conflito com a lei, criminalidade ou relacionados com a formação de grupos ou redes articuladas com agentes das periferias pobres do espaço urbano. O conceito de território neste trabalho é um importante dispositivo de análise, possibilitando compreender que os grupos se instituem socialmente através de suas ações e dos sistemas relacionais a elas vinculadas. O território pode se constituir como suporte ou referência espacial, como também, influenciar em como as ações e os sistemas de relações são interpretados, legitimados ou contestados.

Os adolescentes desta pesquisa são muitas vezes o alvo da retórica da penalidade e da moralidade e, neste processo, as dúvidas em relação ao que é liberdade e questões sobre a alteridade são poucas vezes interpretadas. Este trabalho busca preencher esta lacuna e afirmar que o conhecimento destes sujeitos pode ser utilizado como estratégia de resistência ao discurso hegemônico que, muitas vezes, oprime e estigmatiza. O conhecimento destes adolescentes, de acordo com esta pesquisa, também pode ser observado para se pensar e refletir em políticas públicas alternativas de socioeducação e da transformação de contextos de vulnerabilidade social e violência através da promoção de novas experiências ligadas a diversão, educação e arte.

CAPÍTULO I

O PROCESSO INVESTIGATIVO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O capítulo inicial deste trabalho tem o intuito de apresentar o processo de elaboração do objeto de pesquisa sobre a instituição da existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa-PR. O ponto de partida do processo investigativo foi a observação de que há um fato social expresso em estatísticas de órgãos governamentais e jurídicos sobre a relação existente entre os atos infracionais e os adolescentes⁴ do sexo masculino nas mais variadas escalas espaciais da sociedade brasileira. Neste país a incidência de atos infracionais cometidos por adolescentes se manifesta em uma proporção de 96% para o sexo masculino e 4% para o feminino, conforme relatório do SINASE divulgado em 2006. No estado do Paraná, a proporção é de 93,5% para 6,5%, de acordo com o Levantamento Nacional de Atendimento Socioeducativo publicado em 2008. Em Ponta Grossa, mantém-se o padrão, com 85% dos atendidos pelo sistema socioeducativo representados pelo sexo masculino e, apenas 15% do sexo feminino, tal como se evidencia a partir de levantamento sobre os atos infracionais registrados na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos referente ao período entre 2005 e 2007.

As diferenças de proporções de atos infracionais cometidos por adolescentes do sexo masculino em relação ao feminino são enormes, conforme evidenciam os dados formais. Esta realidade estatística incontestável do ponto de vista da objetividade, pode levar à uma explicação simplista de que pessoas do sexo masculino são naturalmente mais propensas a cometer atos infracionais do que as do sexo feminino. Ao contrário, esta pesquisa tem como pressuposto que não há qualquer destino biológico que possa servir de suporte explicativo para estes dados, mas que a relação entre os atos infracionais e os seus agentes, grupos específicos de adolescentes do sexo masculino, é uma construção social em permanente processo de transformação, constituída em determinado tempo/espaço.

O maior protagonismo de adolescentes do sexo masculino em atos infracionais é uma realidade social que abre várias possibilidades de exploração científica. Este trabalho tem como fio condutor a compreensão da instituição da existência espacial cotidiana destes sujeitos. A escolha desta direção de pesquisa envolve algumas opções teórico-

4 Na sociedade brasileira atual são considerados adolescentes pessoas entre 12 e 18 anos de idade conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

metodológicas.

Primeiramente, é preciso esclarecer que a pesquisa explora um grupo social específico de adolescentes do sexo masculino que estão envolvidos nos atos infracionais registrados na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa. Tal recorte foi estabelecido com base nos argumentos de Budny (2009) sobre o perfil das adolescentes do sexo feminino envolvidos em atos infracionais. Esta autora, em função de sua investigação, afirma que as adolescentes desenvolvem táticas e ações que se diferenciam das ações masculinas. Portanto, há nesse aspecto um importante componente identitário de gênero a ser compreendido: os grupos de adolescentes em conflito com a lei não podem ser tomados como grupo homogêneo em termos de gênero.

Em segundo lugar, o recorte social, adolescentes do sexo masculino que estão envolvidos nos atos infracionais registrados na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa, apresenta também um perfil específico, já estudado por Chimin (2009). O perfil retratado pelo pesquisador é de que 82% dos adolescentes são oriundos de famílias de baixa renda e 97,13% deles são moradores de periferias pobres da cidade. Além disso, Chimin (2009) aponta que adolescentes do sexo masculino possuem uma maior característica de atuação em grupos do que as adolescentes do sexo feminino.

Com base nas investigações realizadas por Chimin (2009) e Budny (2009) o recorte de grupo foi amplamente justificado. Tratam-se de adolescentes do sexo masculino, envolvidos em atos infracionais, que agem em grupos e são moradores de periferias pobres. O trabalho de Chimim (2009) evidencia o espaço como componente dos atos infracionais, argumentando que as periferias pobres possuem uma grande concentração de adolescentes classificados como “adolescentes em conflito com a lei”, proporcionando a ideia de que determinadas espacialidades promovem profundas vulnerabilidades ao ato infracional. São periferias pouco assistidas pelo Estado, com presença intensiva do tráfico de drogas, que ali, encontra pessoas com precárias oportunidades de trabalho, sustento econômico e pequenas expectativas em relação à educação. Estes elementos, que se conjugam em algumas espacialidades, tornam determinados espaços de moradia elementos fundamentais na instituição da vulnerabilidade dos adolescentes para práticas infracionais.

Segundo Chimim (2009) há uma intensidade de ocorrências de atos infracionais de adolescentes em conflito com a lei em áreas específicas da cidade de Ponta Grossa, tal como a Vila Oficinas, Coronel Cláudio, Vilela e Vila Nova. Estas áreas foram escolhidas

para responder a seguinte questão central: Como se institui a existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa?

Justificados os recortes social e espacial, para responder a pergunta norteadora desta pesquisa, é necessário ainda, evidenciar o recorte temporal do fenômeno sócio-espacial em tela. A categoria “adolescentes em conflito com a lei” é uma construção social temporal que reflete uma classificação e categorização de pessoas e ações a partir de institutos legais, é fruto de contratos sociais estabelecidos na arena do Estado. São as leis que determinam boa parte de nossa vida social, já que a classificação etária de um ser humano, de suas obrigações e direitos são determinados pelo Código Civil⁵. Assim como as pessoas são classificadas socialmente e reguladas por normas jurídicas, seus atos também são classificados como esperados, ou, não aceitáveis em determinada sociedade. O conceito de “adolescente em conflito com a lei”, no Brasil, data do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) aprovado em 1990. Este conceito é uma síntese contendo vários elementos que serão posteriormente discutidos.

Nesse momento, é importante marcar que um adolescente torna-se “em conflito com a lei” na medida em que suas ações são tidas como socialmente inaceitáveis e que, além disso, são trazidas para a esfera de julgamento jurídico. Nesse sentido, pode-se argumentar, portanto, que hajam ações de grupos de adolescentes que sejam inaceitáveis socialmente mas que, por conta de sua situação financeira e de proteção familiar, em algumas ocasiões, não chegam aos órgãos policiais.

As estatísticas de adolescentes empobrecidos encontradas na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa ganham sentido para além da simples associação entre pobreza e violência. Os adolescentes de periferias pobres, procedentes de famílias com escassos recursos de proteção são mais vulneráveis a serem classificados como “adolescentes em conflito com a lei” do que aqueles que fazem parte de famílias que possuem recursos financeiros e jurídicos para evitar o registro policial. Portanto, o marco temporal desta pesquisa está apoiado na classificação de pessoas e atos infracionais que constam no ECA, mas que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social.

As estruturas sociais instituídas impactam na vida cotidiana dos adolescentes,

5 Nos termos da Lei presente na Constituição de 1988 em seu art. 227, o Estatuto da Criança e do Adolescente diferencia criança de adolescente do seguinte modo: Art. 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

estão entrelaçadas em seu cotidiano. São espaços/tempos que se entrecruzam e geram sínteses únicas. Assim, as subquestões estabelecidas para operacionalizar a questão central foram as seguintes: 1- Como as práticas cotidianas instituem o ser homem adolescente em conflito com a lei e suas espacialidades? 2- De que forma os territórios urbanos compõem a complexidade espacial cotidiana dos adolescentes investigados?

Estas subquestões estabelecidas durante o processo investigativo foram mediadas por um processo relacional entre pesquisador e grupos pesquisados, além da análise das estruturas sociais instituídas que fazem parte da construção do fenômeno.

Esse procedimento metodológico reflete na organização da estrutura deste capítulo, organizado em duas seções. A primeira seção do capítulo explora a estrutura jurídico-institucional que cria o adolescente em conflito com a lei e, a segunda seção disserta sobre o processo de exploração do campo de pesquisa que consolidou o modelo de análise estabelecido para esta investigação.

1 - A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Os atos violentos e socialmente inaceitáveis desenvolvidos por adolescentes são constituídos como “em conflito com a lei” na medida em que são assim tratados na esfera de regulação do Estado. É importante considerar que os preceitos institucionais e a construção social do que é ser um adolescente, e particularmente aquele considerado desviante diante de padrões de normalidade em relação ao estado de direito, são constituídos de modo variado, de acordo com o tempo e espaço.

Desta forma, é impossível conceber o adolescente sob uma perspectiva universalizante e estática, desconsiderando os mecanismos de nomeação e de tratamento relacionados a estas pessoas em diferentes contextos.

Na academia, quanto ao que pode ser considerado como pessoa adolescente, existem inúmeras proposições, presentes tanto no campo das ciências sociais, quanto através de perspectivas interessadas na natureza biológica. Nas ciências sociais, o interesse maior é pela construção de significados sobre os adolescentes e sua dimensão social. Enquanto isso, no campo de estudos fisiológicos, busca-se entender a relação entre uma fase biológica e sua influência sobre o comportamento descrito como normal ou anormal entre os adolescentes.

Muss (1974) realizou uma importante sistematização das teorias da adolescência

presentes nos campos da psicologia, da psicanálise e da antropologia cultural difundidas desde início do século XX. Este autor afirma que a adolescência é uma invenção social relacionada ao contexto fisiológico e de constituição da maturidade, entretanto, que mantém especificidades conforme o espaço e tempo de sua constituição.

Cabe destacar que não é interesse deste estudo dissertar sobre o estado psicoanalítico, tampouco sobre os estágios de desenvolvimento psico-sexual, nem sobre a influência genética e biológica sobre o grupo em questão. Estes fatores foram e são objeto de outros campos de saber, como é observado na difusão da teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

Contudo, é necessário considerar que os estudos psicanalíticos sobre a relação entre processos biológicos, genéticos e o desenvolvimento psicológico do adolescente, assumiram predileção pela natureza biológica e pelo prisma edipiano. A perspectiva freudiana apontava que a interação social envolvida no desenvolvimento do adolescente seria um fator ambiental e secundário.

Por outro lado, neste estudo, a interação social é fundamental para compreender o campo de relações vinculado a existência espacial dos adolescentes investigados. De todo modo, não há como desprezar a relação entre os processos biológicos e psicológicos representada no discurso científico.

As categorias fundidas por Freud influenciaram muitos cientistas na busca de entender distúrbios mentais e o comportamento desviante de pessoas jovens aproveitando-se da flexibilidade do sistema psicanalítico. Muitos estudos produziram ideias sobre o desenvolvimento sexual a partir de estágios interdependentes, sendo um deles, o período descrito como a puberdade. Este período de transformações do corpo biológico foi considerado como fundamental à formação da personalidade e à (trans)formação do comportamento dos adolescentes. De acordo com a perspectiva psicanalítica as mudanças biológicas interferem na esfera psicológica e, assim, no processo de desenvolvimento descrito como adolescência.

Além dos estudos do início do século XX e sob a influência da psicanálise freudiana, trabalhos contemporâneos destacam a relação entre o biológico e o psicológico a partir da categoria social adolescente, principalmente no campo da psicologia do desenvolvimento.⁶

No campo da psicologia jurídica, da Costa, Carvalho e Wentzel (2009) adotam a

⁶ A Revista de Crescimento e Desenvolvimento Humano apresenta alguns artigos que vão de encontro a este campo, por exemplo, o estudo de Lima, Alcantara, Almeida e Alves (2006) que analisa as experiências de violência intra-familiar entre adolescentes em conflito com a lei.

perspectiva clínica e o método de intervenção psicológica focal, com grupos de adolescentes em conflito com a lei, buscando minimizar comportamentos de ansiedade e estado depressivo diante da situação de internamento.

Na Antropologia cultural, tal como apresenta Muss (1974), a adolescência vem sendo tratada desde a década de 1920 a partir do interesse sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes de sociedades consideradas “primitivas”. Os textos de Mead (1952), Erickson (1959) e Benedict (1954), debruçaram-se desde 1950 sobre a cartografia variada da organização das atividades e dos modos de comportamento, considerados desejáveis ou não, de acordo com o nível de idade em grupos étnicos e sociedades em crise. Os rituais de passagem destacaram-se como elementos importantes na análise do campo da antropologia cultural sobre a fase de transição entre a infância e a vida adulta.

O importante neste texto, mais do que apresentar um grande número de perspectivas sobre a adolescência, é considerar a existência de inúmeras possibilidades de construção de um objeto de pesquisa a partir da categoria social “adolescente” e, ainda, a partir do recorte social destes, como aqueles “em conflito com a lei”.

Embora as perspectivas fisiológicas e da psicologia clínica existam, este trabalho opta por uma perspectiva geográfica capaz de explorar o campo das interações sociais envolvido nas espacialidades vivenciadas por estas pessoas.

Entendida como construção social, a adolescência tem como marcas principais a ideia de juventude e a de definição de papéis, pois é encarada na maioria das vezes como período de transição. Quanto a este aspecto, Abramo (1997) aponta o seguinte:

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos.(p. 29)

A autora entende que esta concepção tem uma problematização moral, apresentando frequentemente uma representação da juventude como sinônimo de “problema”. A adolescência, deste modo, é muitas vezes associada à anomia⁷, ou à disfunção diante das oportunidades de integração social, ou ainda, ao risco em relação a adoção de papéis adultos. Abramo (1997) defende a necessidade de superar a perspectiva do “problema” e integrar ao processo de elaboração de políticas públicas, os adolescentes

⁷ Adorno apresenta o termo anomia como: “erosão da lei e da ordem, cujo principal indicador é a atual incapacidade do Estado de cuidar da segurança dos cidadãos e de proteger-lhes os bens.” (ADORNO, 1996, p 9).

e suas aspirações.

Esta visão se aproxima da exposta por Dayrell (2003), em sua afirmação de que a perspectiva que entende a juventude como transitoriedade tende a encará-la em sua negatividade, pois o jovem, ou o adolescente, seriam representados como uma pessoa que *“ainda não chegou a ser”*. Este autor sugere a construção de uma noção de juventude sob a perspectiva da diversidade, encarando-a como:

ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. (DAYRELL, 2003, p. 41-42).

A partir de revisão da literatura da geografia sobre as crianças e a juventude, Hopkins (2007) observa que a idade é uma construção espacialmente variável. Segundo o autor, esse aspecto é pouco considerado pelo conhecimento hegemônico da geografia, que constantemente invisibiliza ou silencia crianças e adolescentes em seu campo de análise. Hopkins considera surpreendente o fato de que a condição entre a infância e a vida adulta tenha recebido mínima atenção pelos(as) geógrafos(as). Ao citar Wyn e Branco (1997) o autor demonstra que a idade constitui-se em conceito referente a uma realidade biológica, mas, cujos significados são atribuídos através de processos histórico-culturais. Em tais processos, como afirma Hopkins (2007), existem referências espaciais importantíssimas e, que as pessoas podem ativamente, criar ou resistir de modo particular as representações da idade através da utilização do espaço e lugar.

No período colonial brasileiro, por exemplo, já havia hábitos de abandono de crianças, que acabavam enjeitadas em instituições filantrópicas de caridade. A esfera de regulação da época, que adotava a perspectiva da metrópole portuguesa, já se preocupava com o tratamento destas pessoas diante da mendicância, vagabundagem e vícios que implicariam correção. Conforme expõe Adorno (2002, p. 47): *“Devia-se evitar o tanto quanto possível a deriva – quase certa, assim se acreditava – para a delinquência e para o crime.”*

O compromisso posterior, de modernização econômica e social, no início do Brasil como República, foi marcado pela introdução de uma série de dispositivos de controle social. Segundo Adorno (2002), foi neste contexto que as crianças e adolescentes pobres

foram convertidas em “menores”:

seres tutelados, reduzidos e dependentes das iniciativas da sociedade adultocêntrica no campo do pátrio poder, da assistência filantrópica e do controle social, princípio que viria ser concretizado com a edição do Código de Menores (1927). Mais do que repressão aos vícios constituídos em torno da mendicância, da vagabundagem, dos pequenos delitos, tratava-se agora de recuperar o “menor” para a vida adulta digna, fundada na aceitação de um lugar na ordem social, determinado pela sociedade de trabalho que se edificava no Brasil. (p. 48).

O autor também lembra que não era periférico no código de 1927 a contenção da delinquência, pelo contrário, figurava-se esta no recurso de restrição à liberdade até mesmo em situações de menor gravidade. Por outro lado, este recurso estava sempre integrado a visão do Estado sobre proteção ao “menor”, assim como, aos seus métodos corretivos, educativos e profissionalizantes.

Conforme aponta Silva (2007), o Código de Menores de 1927 demonstrava distinção de classe, voltado às crianças pobres que se enquadravam em qualquer tipo de infração ou situação considerada irregular. Não havia distinção entre “menores” que eram vítimas de abuso e maus tratos e àqueles acusados de infração no antigo código. Pois preconizava como medida preventiva, que crianças abandonadas fossem submetidas a internação juntamente com adolescentes que cometiam quaisquer tipos de delito. Segundo Silva:

A tônica predominante dessa “Legislação Menorista era corretiva, isto é, fazia-se necessário educar, disciplinar, física, moral e civicamente as crianças oriundas de famílias pobres, rotuladas como “desajustadas”, ou da “orfandade”. O Código instituía, deste modo uma perspectiva individualizante do problema relacionado aos filhos dos pobres: a situação de dependência não decorria de fatores estruturais, mas do acidente da orfandade e da incompetência de famílias privadas; portanto, culpabilizava-se de forma quase que exclusiva a “deseestrutura familiar”. (p. 21).

Mais tarde, considerando que a questão relativa aos “menores” era de segurança nacional e subordinada a Escola Superior de Guerra, foi criada em 1964 a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM).

A ação de controle da delinquência operacionalizada por esta Fundação, no período dos governos militares, relacionava-se com o objetivo político de contenção dos movimentos de revolta - e que envolveu muitos jovens da época - frequentemente associados estrategicamente à questão penal.

A FUNABEM tratou da questão dos adolescentes que cometiam delito até 1979, quando foi redigido novo Código de “Menores”. Este novo código incumbia aos juízes o poder de impor as medidas cabíveis face as varias situações de irregularidade dos jovens.

Tais situações seguem abaixo conforme apresentadas na dissertação de Silva (2007, p. 24):

I - Privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente em razão de: a) Falta, ação ou omissão dos pais ou responsável; b) Manifesta impossibilidade dos pais ou responsáveis de provê-las; II - Vítima de maus-tratos ou castigos imoderados, impostos pelos pais ou responsável; III – Em perigo moral, devido a: a) Encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes; b) Exploração em atividade contrária aos bons costumes; IV - Privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável; V - Com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária; VI - Autor de infração penal.

Tais preceitos, segundo a autora, ainda preservaram teor de preconceito e de conservadorismo, tendo em vista que relacionavam problemas comuns da desigualdade social a situações de irregularidade. Neste sentido, o novo Código de Menores permitia que as famílias pobres e a míngua, sofressem intervenção judicial devido às carências também sentidas pela prole. O novo código persistiu na velha manutenção da culpa à pobreza através da correção dirigida aos filhos adolescentes.

A Constituição de 1988 configurou-se como resultado de um contexto de intensas lutas sociais dos movimentos populares e de partidos progressistas e de esquerda. Concomitantemente, ela contribuiu no redesenho da política de proteção e de atendimento as crianças e adolescentes brasileiros. A perspectiva anterior, enfim, necessitava ser superada com a “democratização” do país. As políticas meramente punitivas, de controle social, baseadas em cárcere público e voltadas principalmente às crianças e adolescentes pobres, não dariam conta do cumprimento das metas de desenvolvimento relacionadas com o respeito aos direitos humanos, algo já em voga no referido contexto.

A superação da concepção institucional punitiva pela adoção da perspectiva socioeducativa materializou-se, enfim, na regulamentação da Lei nº 8. 069, de 13 de julho de 1990. Esta lei revogou o Código de Menores de 1979 e deu origem ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Este estatuto passou a considerar como adolescentes o grupo de pessoas que corresponde a faixa etária entre 12 e 18 anos completos de idade. Institui que estas pessoas são portadoras de direitos sociais de proteção integral e, por isso, alvos de políticas públicas socioeducativas.

O ECA pode ser encarado como dispositivo central na construção social contemporânea do adolescente no Brasil. Este dispositivo herdou algumas das premissas

político-disciplinares presentes nos códigos e valores sociais vigentes em contextos anteriores, se entender que a socioeducação não deixou de ser um dispositivo corretivo face às características estruturais que possibilitam o ato infracional.

Por outro lado, o Estatuto deu um passo à transformação qualitativa no tratamento aos adolescentes em conflito com a lei. A começar pela própria nomenclatura que transforma a insígnia de “menor infrator” para “adolescente em conflito com a lei”, tendo como objetivo desconstruir o mecanismo linguístico que estigmatizava e inferiorizava adolescentes através da interiorização dos adjetivos “menor” e “infrator”. Nos códigos anteriores ao ECA, todas as vivências dos adolescentes em conflito com a lei poderiam confundir-se com o contexto específico que influenciou em registro policial.

Embora o ECA tenha representado uma transformação na concepção sobre os adolescentes, é nítida a polêmica em torno de sua aplicação. Em artigo do Núcleo de Estudos sobre a Violência⁸, Adorno, Bordini e Lima (1999) apresentam dois lados opostos sobre tal polêmica. Segundo os autores, de um lado, existem argumentos de defesa do ECA como dispositivo eficaz à proteção e ao controle social. Por outro lado, o Estatuto é considerado como instrumento inaplicável ao contexto brasileiro, haja visto, que contribuiria para o ingresso de adolescentes na vida do crime devido a branda penalidade que sugere. Assim, de acordo com a segunda visão, os adolescentes em conflito com lei, incidem ou reincidem na criminalidade por causa dos próprios preceitos fundados no ECA, que “pouco” punem os jovens autores de violência.

A polêmica apresentada pelo NEV tem a ver com o hiato entre o que é preconizado no ECA e a realidade cotidiana dos adolescentes brasileiros. Este hiato gerou, e ainda gera, inúmeras tentativas de aproximação entre as políticas de proteção e socioeducação e o cotidiano de comunidades que convivem com o fenômeno da ilegalidade e da violência.

Um dispositivo recente de articulação e descentralização das políticas públicas referendadas a partir do ECA é o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Este sistema foi regulamentado em 2006 pelo governo federal visando preencher a lacuna entre o que é preconizado pelo Estatuto, a realidade cotidiana de crianças e adolescentes do país e, a rede institucional voltada ao seu atendimento.

O SINASE tem como objetivo organizar o processo de transformação da

⁸ O NEV é um Núcleo de Apoio a Pesquisa da Universidade de São Paulo (USP). Atua no “desenvolvimento de projetos de pesquisa, cursos de extensão e atividades voltadas à promoção e proteção dos direitos humanos.” Também contribui a denúncia de várias violações aos direitos humanos. Acessado em 21 de outubro de 2009: http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=3&Itemid=3.

concepção do tratamento dado à população infanto juvenil que comete atos infracionais, promovendo uma articulação entre diversos agentes em contextos espaciais diferenciados. O sistema regionaliza programas de privação de liberdade com o intuito de garantir aos adolescentes em conflito com lei uma convivência em família e comunitária, assim como, ambiciona respeitar as especificidades culturais vinculadas a este grupo.

Além de criar diretrizes para a implementação de políticas socioeducativas, o sistema constitui uma lógica comum em termos operacionais, conceituais e estratégico-políticos, priorizando a municipalização dos programas de meio aberto, e estes, passam a ser submetidos pela articulação de políticas intersetoriais numa escala local. Enfim, o SINASE propõe a instituição de uma rede de apoio nas comunidades integrada com órgãos federais e estaduais.

Para o funcionamento do SINASE existe a demanda de articulação dos três níveis de governo e o estabelecimento de uma relação intersetorial envolvendo várias áreas ligadas à elaboração e execução de políticas públicas. Deste modo, apresenta-se como um sistema de complexo funcionamento e, sobretudo, que depende do envolvimento em diferentes escalas.

Segundo o Levantamento Estatístico da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente⁹ apresentado no Caderno do SINASE de 2006¹⁰, cerca de 39.578 adolescentes brasileiros faziam parte do sistema socioeducativo neste mesmo ano. Deste total, 70% respondiam judicialmente ou cumpriam medidas em meio aberto.¹¹

O SINASE também apresentou que entre os adolescentes que cumpriam medida socioeducativa no Brasil: 90% eram do sexo masculino; 78,7% deles oriundos de famílias sem renda ou possuindo até dois salários mínimos; além disso, 85,6% foram categorizados como usuários de drogas.

Na distribuição regional do total de adolescentes presentes no sistema socioeducativo brasileiro, segundo o mesmo levantamento apresentado pela referida subsecretaria, a Região Sul (PR, SC, RS) obtinha 16% dos envolvidos, ficando somente atrás da Região Sudeste (MG, SP, ES, RJ) que obteve 55% de acordo com o período pesquisado.

9 Esta Subsecretaria pertence a Secretaria Especial de Direitos Humanos que apresentou informações do levantamento Murad, 2004.

10 O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, SINASE é apresentado em um Caderno publicado pela CONANDA, que é o Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes com o apoio da UNICEF. Este caderno evidencia dados importantes sobre os adolescentes em conflito com a lei no Brasil referentes ao início do século XXI.

11 Liberdade assistida e prestação de serviço comunitário.

Conforme documento disponível através da Secretaria Especial de Direitos Humanos¹², destaca-se o crescimento de 28% no número de atos infracionais realizados no Brasil durante o período de 2000 a 2006. O documento evidencia que entre os envolvidos, 96,32% são do sexo masculino. Além disso, apresenta o relato da subsecretária Carmen Oliveira (2008, p.2), no qual, ela afirma: *“a maioria dos internos é proveniente de famílias com baixa renda, o que evidencia a tendência à criminalização da miséria, ao invés de maiores investimentos nas políticas públicas voltadas à adolescência.”*.

No Paraná, alguns dados podem ser obtidos a partir dos Cadernos do Instituto de Ação Social do Paraná (IASP). Segundo o Caderno de 2006 deste instituto, dentre os adolescentes que cumpriam medidas de internação, o sexo masculino representava aproximadamente 90% dos envolvidos no estado. Além disso, o texto do IASP ressalta que o envolvimento mais comum está entre adolescentes de famílias de baixa renda e moradores de periferias urbanas.

O Levantamento Nacional de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei de 2008, ressalta que o estado do Paraná está no *Top dez* dos estados com maior população de internos. Em relação ao total de adolescentes brasileiros que cumprem medidas privativas de liberdade (em internação, internação provisória e semiliberdade) o estado aparece no levantamento com 6% (939 pessoas), sendo que a grande maioria concentra-se em estados da região sudeste. Quanto a categoria sexo, o levantamento apresenta o mesmo aspecto do cenário nacional: entre os adolescentes que cumprem tais medidas, no Paraná, 93,5% são do sexo masculino.

Em escala municipal existem poucas ações articuladas ao SINASE, com exceção do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PEMSE). Entretanto, a retórica sobre segurança pública e a vulnerabilidade dos adolescentes aparece em alguns discursos oficiais como algo a ser resolvido através do desenvolvimento social. Sendo assim, é de fundamental importância identificar informações acerca dos adolescentes em conflito com a lei em escala local.

A cidade de Ponta Grossa, localizada no segundo planalto paranaense, na região conhecida como Campos Gerais, e cujo processo de urbanização gerou a formação de periferias pobres em torno dos espigões de seu relevo, também é palco da atuação dos adolescentes em conflito com a lei.

12 Documento acessado através do buscador google, e nomeado com os seguintes caracteres: [PDF] [090122 levantamento 2008](#).

A fragmentação do tecido social e o nível de qualidade de vida de áreas distantes do centro ou nos fundos de vale que estão próximos ao centro da cidade, formam alguns dos elementos espaciais que instituem a vulnerabilidade para os atos infracionais entre os adolescentes do sexo masculino, tal como defendido por Chimin (2009).

Embora não tenham sido contemplados os dados sobre a participação da cidade em meio as informações institucionais numa escala estadual, Ponta Grossa tem mostrado um aumento significativo no número de atos infracionais cometidos nos últimos anos. Isso ocorre devido à situação de vulnerabilidade em que se encontram muitos adolescentes habitantes das periferias pobres.

De acordo com o Censo de 2000, existe uma grande concentração de crianças e adolescentes nas áreas periféricas da cidade, assim como, estas são áreas que mais sofrem com as carências em infra-estrutura e serviços no espaço urbano. Além disso, as periferias de Ponta Grossa são as áreas que apresentam maior concentração da população com renda até dois salários mínimos¹³, o que indica a existência de níveis de pobreza mais elevados do que nas áreas centrais ou de alta valorização fundiária. Logo, coincidindo com as periferias pobres de Ponta Grossa, estão as moradias de grande parte dos adolescentes em conflito com a lei.

¹³ O que pode ser observado na Figura 1 que representa a distribuição das pessoas responsáveis por domicílio em Ponta Grossa que possuem renda até dois salários mínimos.

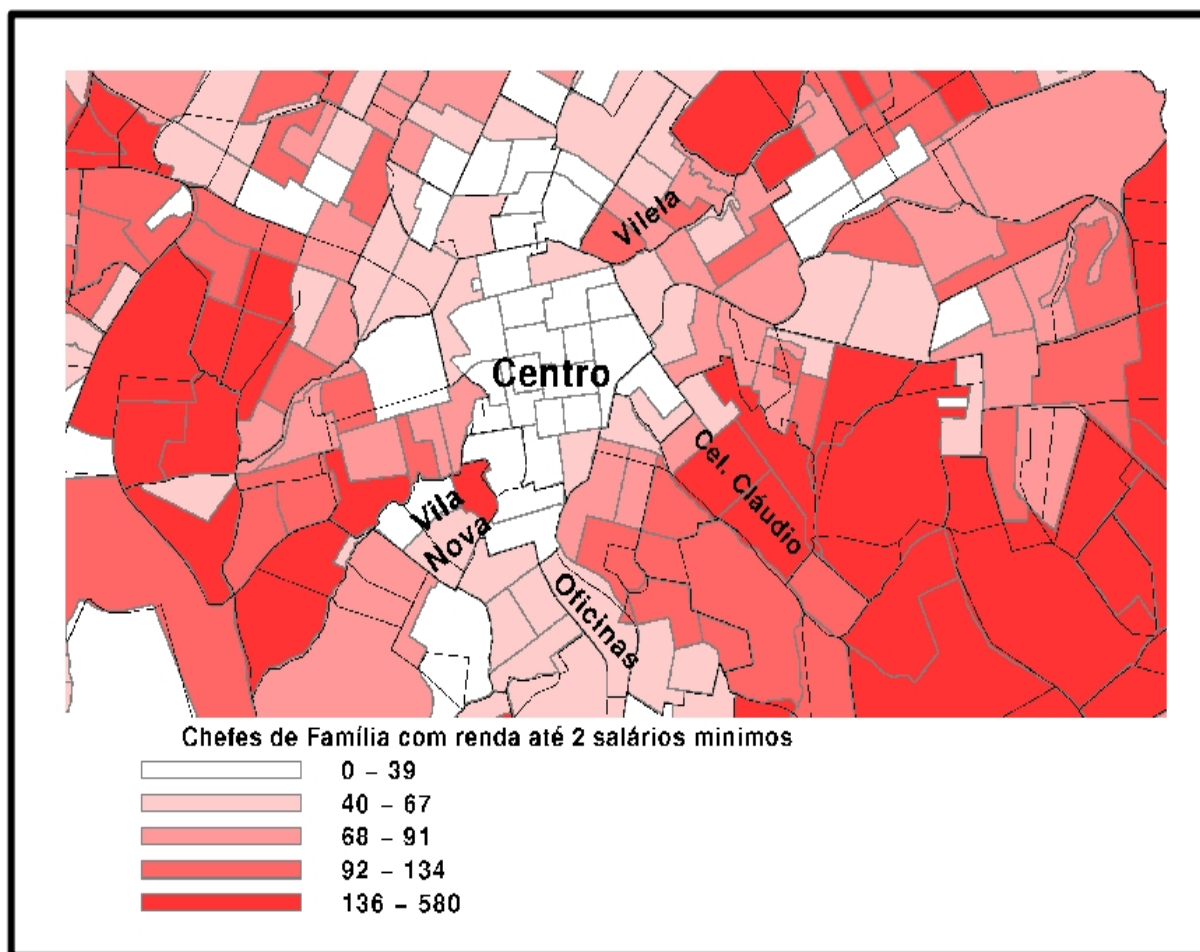


Figura 2 – Relação entre a renda dos chefes de família e áreas de moradia dos entrevistados.
Fonte: IBGE (CENSO, 2000). Organização: GETE, 2009.

De acordo com levantamento realizado pelo Programa Municipal de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PEMSE) de Ponta Grossa, 82% dos adolescentes atendidos são moradores das periferias pobres da cidade, sendo que 30% deles, reincidem ao ato infracional, o que indica maior vulnerabilidade presente nestas áreas. Outro aspecto destacado pelo PEMSE, é que 90% destes adolescentes pertencem ao sexo masculino.

Os dados da instituição jurídica, que promovem a constituição social da pessoa enquanto adolescente em conflito com a lei, evidenciam o perfil de uma vivência de espaços de periferias pobres, assim como demonstrara a dissertação de Chimin (2009).

De acordo com levantamento sobre os registros circunstanciados da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil realizado pelo GETE¹⁴, há um crescimento ascendente de aproximadamente 50% dos atos infracionais cometidos por adolescentes na cidade entre os anos de 2005 a 2007. Entre 1551 adolescentes registrados na referida

¹⁴ O levantamento realizado pelo Grupo de Estudos Territoriais envolveu um universo de 1075 processos registrados na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos entre os anos de 2005 e 2007.

Delegacia, 85% são do sexo masculino.

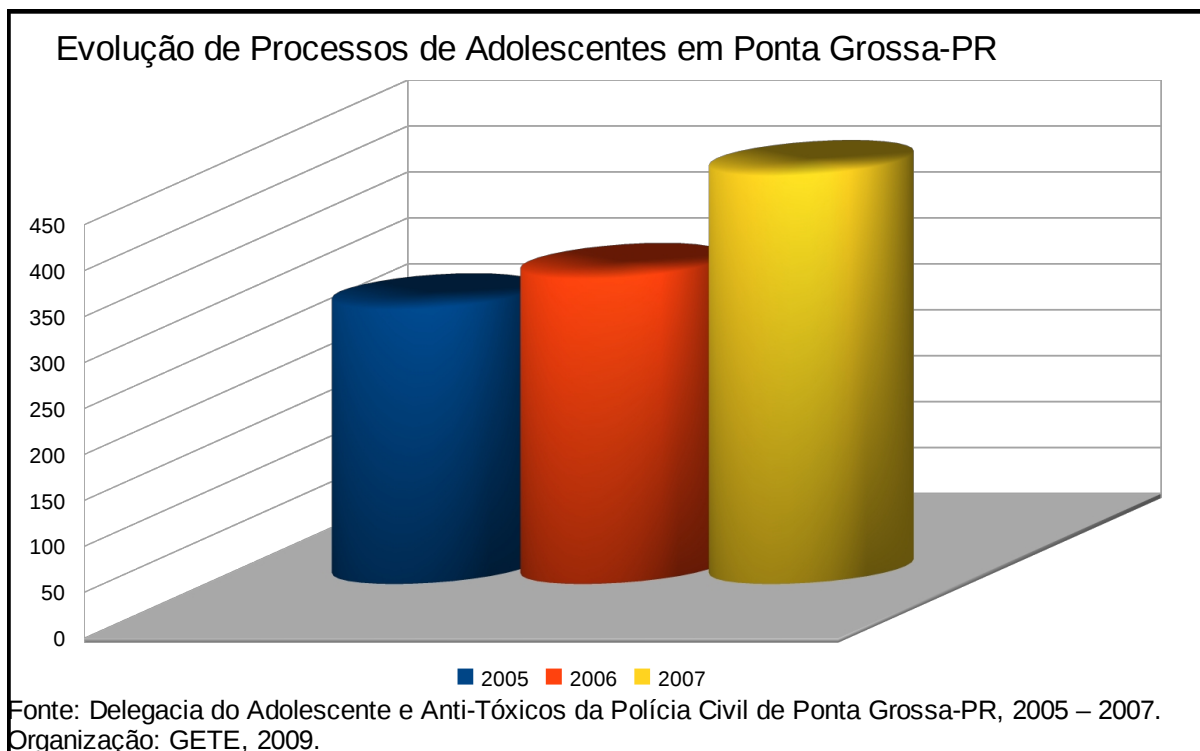


Gráfico 1 – Crescimento dos atos infracionais em Ponta Grossa – PR, 2005-2007.

A configuração do grupo majoritário em torno do sexo masculino é um elemento fundamental para compreender a configuração do grupo que se diferencia da ação feminina, fenômeno este analisado por Budny (2009). Sua monografia, apresenta o perfil das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei em Ponta Grossa diante de uma configuração de menor participação, mas que endossa a necessidade em evidenciar a diversidade de comportamentos e tipos de delitos cometidos pelos adolescentes no espaço urbano e sua relação com o gênero.

Uma peculiaridade em relação à participação feminina evidenciada por Budny (2009), é que a maior intensidade de infrações ocorre depois dos quatorze anos de idade e geralmente constituem-se em atos de agressão, vias de fato e lesão corporal, desconstruindo o imaginário social relacionado a um padrão de mulher dócil, fraca e delicada. Já as infrações relacionadas ao tráfico de drogas, homicídio e porte de armas, são apresentadas no mesmo estudo, como menos representativas no universo feminino do que no masculino.

Há portanto, um componente social na vivência destas pessoas, em seus papéis masculinos e femininos, que configuram sociabilidades e ações diferenciadas. A

observação de atos infracionais diferenciados e que envolvem adolescentes dos sexos masculino e feminino na cidade de Ponta Grossa contribuiu na delimitação do recorte social desta investigação em torno dos adolescentes do sexo masculino. Isso ocorreu devido às características dos atos cometidos pelos adolescentes homens que demonstram a relação entre a formação de grupos e a apropriação espacial, ambos os fenômenos constituindo-se como reflexo das experiências cotidianas de alguns adolescentes das periferias pobres.

O levantamento realizado sobre os registros da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos de Ponta Grossa demonstram o mesmo aspecto dos contextos nacional e estadual: 97,13% dos envolvidos são moradores de áreas precárias em serviço e infraestrutura e, ainda, apresentam baixos índices de renda.

Em relação a estes elementos espaciais, Chimin (2009) evidencia que o espaço compõe os atos infracionais, tendo em vista, que as periferias pobres possuem uma grande concentração de adolescentes classificados como adolescentes em conflito com a lei. Esta verificação do autor é acompanhada da ideia de que determinadas espacialidades promovem profundas vulnerabilidades ao ato infracional, em específico, as periferias pobres.

Outros elementos espaciais relacionados aos adolescentes em conflito com a lei, referem-se aos diferentes tipos de atos infracionais cometidos pelo espaço urbano.

A diversidade de atos infracionais e sua complexidade espacial mobilizou a reflexão no Grupo de Estudos Territoriais e a construção de um modelo de análise sobre padrões dos atos relacionados com áreas específicas da cidade. Duas referências espaciais compõem este modelo: as áreas de moradia e vizinhança nas periferias e; as áreas centrais da cidade.

Assim, constatamos que atos infracionais como furto simples, furto qualificado¹⁵, roubo¹⁶, assalto, ato libidinoso, estupro e perturbação da tranquilidade ocorreram com maior frequência nas áreas de moradia e de vizinhança dos adolescentes. Por outro lado,

15 De acordo com o art. 155, § 4º e incisos do Código Penal Brasileiro, o furto qualificado é aquele em que ocorre uma, ou mais, das seguintes situações: 1) destruição ou rompimento de obstáculo para a subtração do objeto; 2) emprego de chave falsa; 3) mediante concurso de duas ou mais pessoas. O furto qualificado envolve contextos em que o agente utiliza métodos astuciosos à execução do delito. Portanto é o método que qualifica o furto. Por conseguinte, o furto simples não ocorre nenhuma das situações (http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp157a160.htm; Acessado em 12 de fevereiro de 2009).

16 Tal qual descreve o Art. 157 do Código Penal Brasileiro, roubo significa: *Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de qualquer resistência.* (http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp157a160.htm); Acessado em 12 de fevereiro de 2009).

atos infracionais do tipo agressão, vias de fato, lesão corporal e tráfico de substâncias entorpecentes ou tóxicas, ocorreram em sua maioria, nas áreas centrais da cidade.

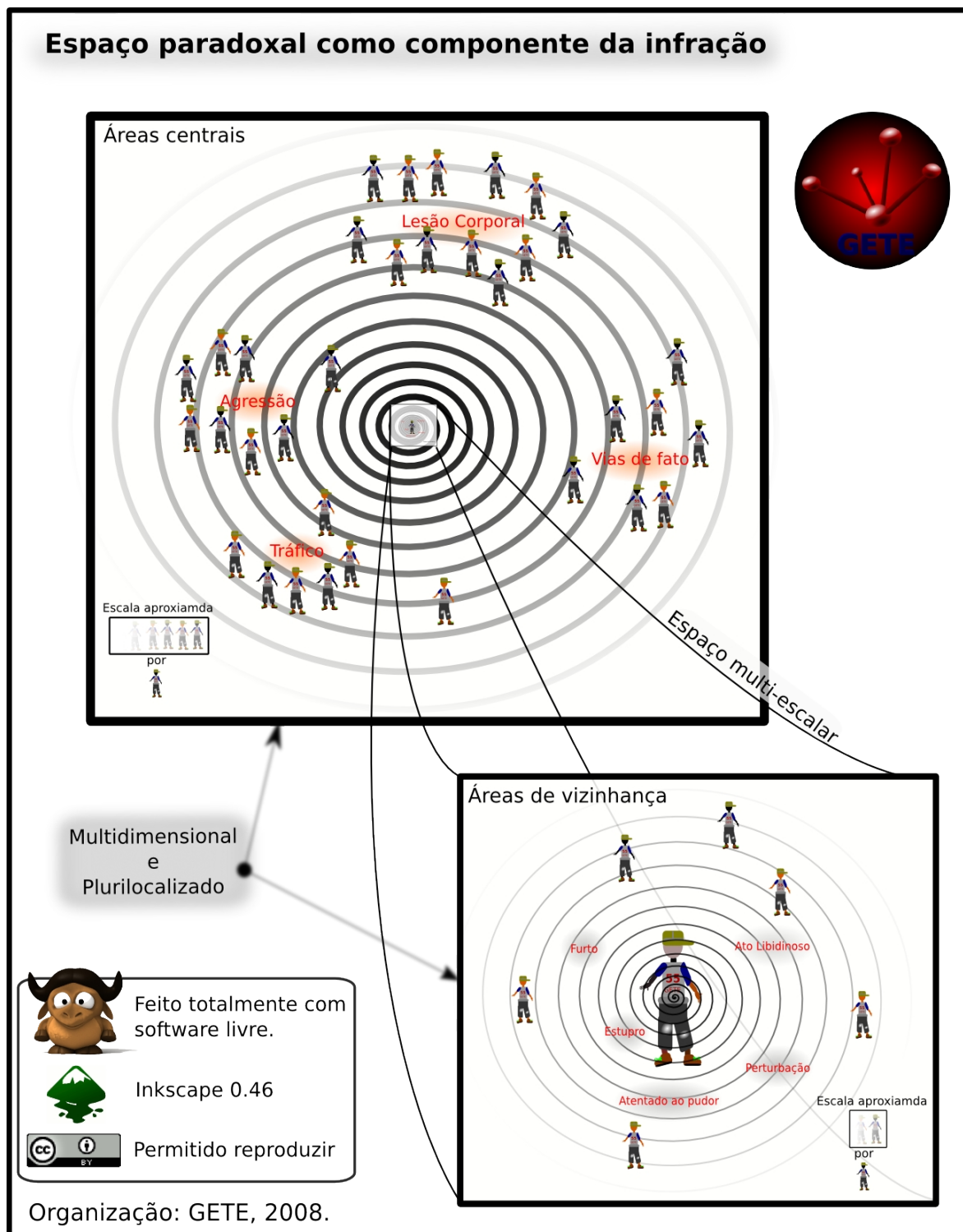
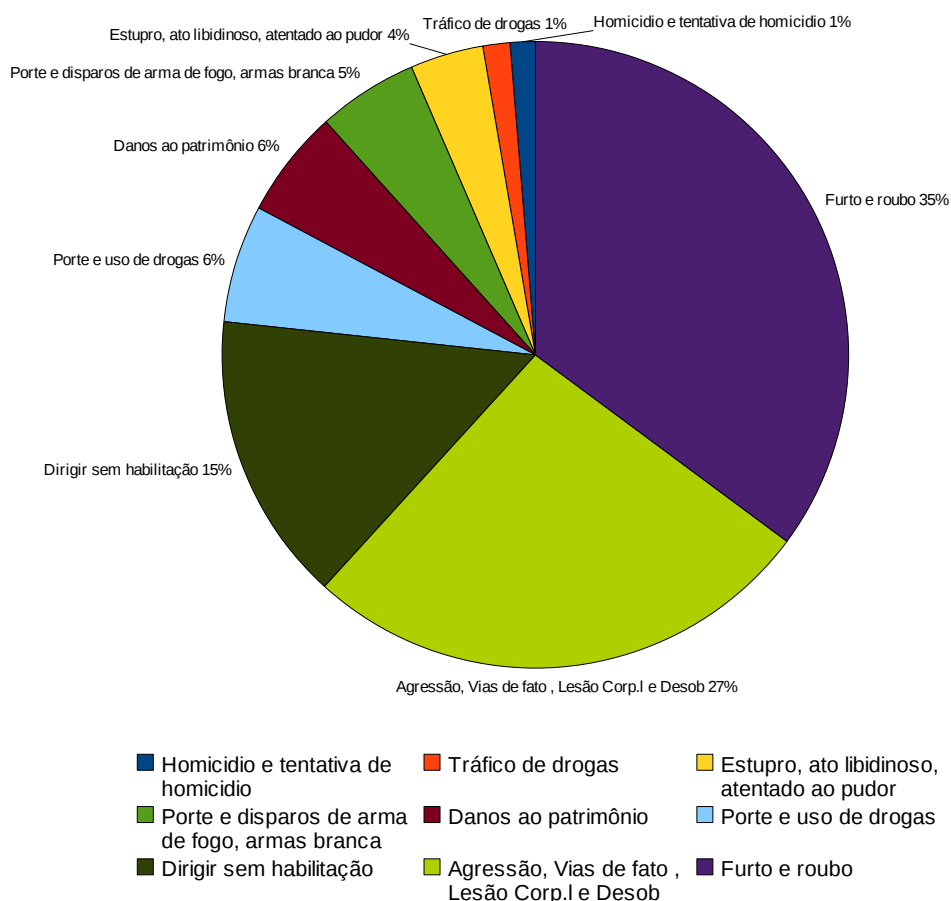


Figura 3 – Padrões espaciais dos atos infracionais dos adolescentes em Ponta Grossa - PR

A observação de padrões espaciais relacionados com as áreas de moradia,

vizinhança e áreas centrais da cidade influenciaram na opção de realizar um recorte de atos infracionais significativos em relação à formação de grupos e a apropriação espacial.

Tipos de atos infracionais cometidos por adolescentes em Ponta Grossa - PR entre 2005 e 2007



Fonte: Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa-PR, 2005 – 2007.
Organização: GETE, 2009.

Gráfico 2 – Tipificação dos atos infracionais cometidos adolescentes em Ponta Grossa - PR

A categoria de atos infracionais que apresenta agressão, vias de fato, lesão corporal e desobediência é representativa entre os adolescentes do sexo masculino, com um percentual de 27% do total dos atos registrados. Se levarmos em conta somente os atos de agressão, vias de fato e lesão corporal, que correspondem a 15% do total, pode-se verificar que 28% deles também ocorrem na área central da cidade. No entanto, os autores destes atos infracionais são procedentes de áreas da periferia pobre de Ponta

Grossa (em 99% dos casos).

Em 85% destes atos, há o envolvimento de grupos de três ou mais adolescentes e que indicam relações de conflito envolvendo grupos de diferentes vilas das periferias pobres. Em termo de declaração concedida por um adolescente registrado na polícia como autor de lesão corporal envolvendo dois grupos de vilas distintas, este fenômeno pode ser melhor identificado:

estava voltando da matinê da *Magic*¹⁷ junto com seus colegas quando encontraram uns meninos da Vila Vilela. que não gostaram do grupo do declarante; que então começaram a atirar pedras, sendo que foram revidadas pelo grupo do declarante; que saíram correndo; Afirma o declarante que estavam indo embora em bastante pessoas, porque se andarem em poucos apanham dos piás¹⁸ da *Vilela* que sempre 'catam um por um' quando estão sozinhos. **Termo de declaração nº 085/05, registrado em 22/05/05.**

Denominados de “termos de declaração e reelaborados por escrivães, o conteúdo discursivo reconstrói, através de interpretações, diversas situações em que os atos infracionais são cometidos. A análise deste conteúdo evidencia que há quatro pontos principais de concentração de moradia de adolescentes envolvidos em atos infracionais que foram realizados em grupo: o primeiro corresponde às vilas Oficinas e Oficinas Taques; o segundo refere-se a vila Vilela; o terceiro às vilas Rio Branco e Coronel Cláudio e; a área referente à Vila Nova¹⁹. Apesar de pouco expressiva entre os registros da polícia, a presença de grupos organizados comumente denominados de gangues nas periferias pobres da cidade, as vilas citadas são reconhecidas para os adolescentes como importantes referências espaciais de identificação de agrupamentos voltados ao conflito entre gangues rivais. Os grupos constroem simbolicamente uma auto-imagem de superioridade, diante dos membros de outras vilas, legitimada a partir de seus atos infracionais.

Este fenômeno pode ser percebido a partir do breve trecho de um termo de declaração, registrado em 06 de novembro de 2007 (página 6), o qual apresenta a transcrição do depoimento de um adolescente suspeito de ser integrante de uma “gangue”: *“que o declarante acha que os “piás da Vilela” estão querendo “dominar a vila Coronel Cláudio.”*. Outros aspectos relacionados a gangues foram evidenciados em entrevistas realizadas com os adolescentes no Bairro Oficinas, Coronel Cláudio e Vilela. No bairro de Oficinas, adolescentes de diversas vilas promovem uma associação a qual denominam de

17 Danceteria localizada no centro da cidade de Ponta Grossa.

18 Sinônimo de menino, utilizado corriqueiramente em linguagem coloquial no Paraná.

19 Estas áreas podem ser identificadas, como os quatro pontos de maior concentração destes atos, a partir da observação da figura 2 que apresenta dois cartogramas. Tais cartogramas foram confeccionados com o uso da metodologia de *Kernel*, que identifica pontos quentes de concentração de fenômenos espaciais.

Zona Sul, uma organização para o conflito com outros grupos da cidade. Segundo trecho de entrevista de campo, um adolescente contabiliza a origem dos aderentes da “*galera da Zona Sul*”: “*Tem muitas vezes que se une uma galera, quando tem os ferveo aí, a Zona Sul em peso né: Sta Marta, Sta Maria, Vila Cipa, Vila Mayer, Vila Rica, Burrinho, Sabina, Maria Otilia, Vila Curitiba*” (...). Em outros relatos e em conversas com os adolescentes da chamada *Zona Sul* percebe-se que há um conjunto ainda maior de vilas, que segundo os adolescentes, fazem ou já fizeram parte deste mesmo grupo organizado. Esta dimensão, será melhor explorada no terceiro capítulo deste estudo. Mas desde já, é importante considerar que adolescentes destas vilas eventualmente entram em conflito, redefinindo-se assim a configuração do “Comando” da *Zona Sul*.

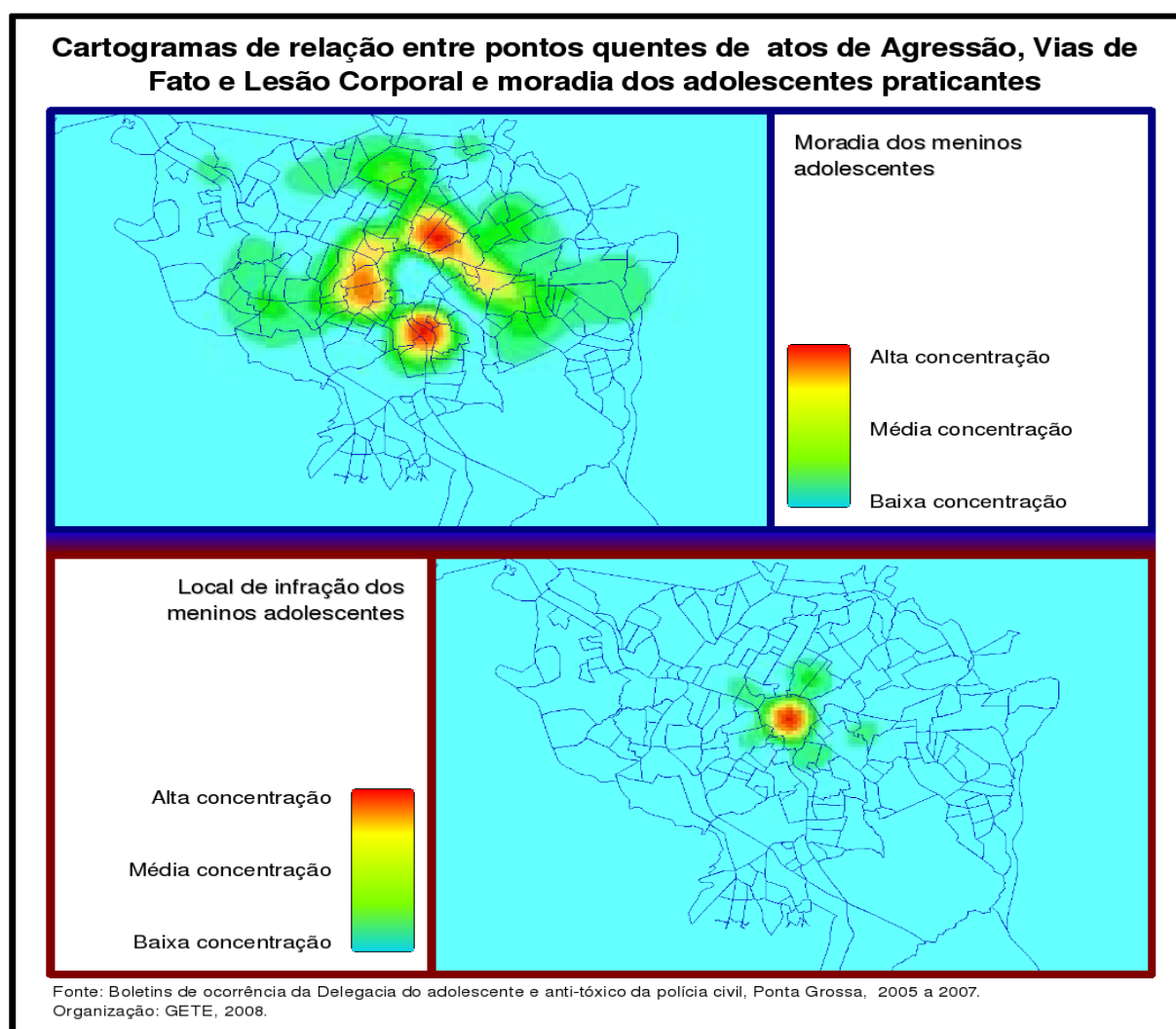


Figura 4 – Lesão, vias de fato, lesão corporal: relação entre áreas de concentração de moradia dos adolescentes e de realização destes atos infracionais.

Dentre os tipos de atos infracionais que figuram como os mais frequentes, segundo o

levantamento realizado na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos, estão o roubo e assalto, o furto simples e o furto qualificado. Estes atos somam 31% do total, se agrupados numa mesma categoria. Esta categoria aparece difusa entre às áreas de vizinhança dos adolescentes por toda a periferia. Entretanto, a maior concentração referente a esta categoria, apresenta-se na área central da cidade. A maior parte dos autores destas infrações, contudo, são habitantes das periferias pobres.

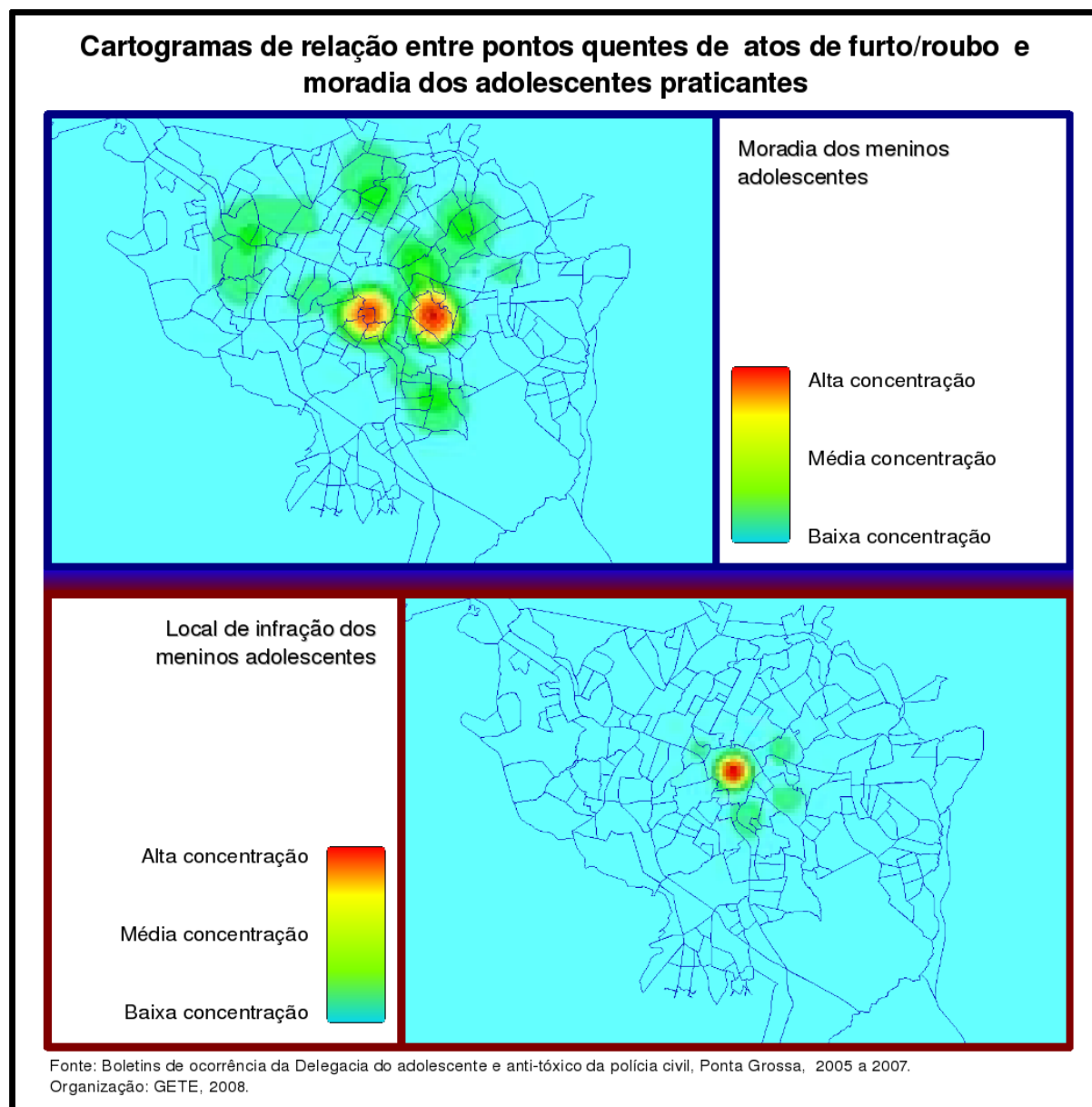


Figura 5 – furto simples, qualificado e roubo: relação entre áreas de concentração de moradia dos adolescentes e de realização destes atos infracionais.

O fato das áreas de periferia não aparecerem no mapa, não significa que não hajam atos de furtos e roubos ali, mas que o fenômeno é difuso e não concentrado. De acordo

com o levantamento realizado, 86% dos atos agrupados entre furtos e roubos foram cometidos em áreas periféricas. Como é percebido, estes atos infracionais formam uma categoria representativa, com a maior quantidade de atos cometidos por adolescentes do sexo masculino no período estudado. Entre o total de atos desta categoria podem ser identificadas diferentes motivações, geralmente relacionadas ao desejo de consumo.

Ir à *lan-houses*, jogar vídeo game em locadoras de jogos, comprar roupas, ajudar em casa com provisões alimentícias, com a compra da energia (gás de cozinha) e pagamentos de contas domésticas, são apenas algumas das fontes de necessidade e desejo de consumo e, ao mesmo tempo, a consequência do ato infracional. Estas motivações estão presentes em 34% dos atos desta categoria.

Em outros 22%²⁰, a principal motivação está representada pelo desejo de consumo de substâncias ilícitas, sejam entorpecentes ou tóxicas. São muitos os registros da polícia pesquisados, em que aparece o uso do *crack*²¹ como principal motivação aos atos infracionais em questão²². Este dado é surpreendente, se considerarmos que esta motivação sobrepõe-se as demais já descritas, se separadas uma a uma. Abaixo, segue trecho de um termo de declaração que dá evidência à relação entre o ato infracional e o consumo de *crack*:

Que realmente o declarante confessa que furtou o cobertor, mas não lembra quando fez isto; Que confirma que já fez muitos furtos, e que outros ladrões da vila, cometiam os crimes para comprar pedra da M. F., a qual trocava "pedra" (*crack*) por toca Cds, roupas, e tudo o que mais tivesse valor, sendo que M.F. está presa na 13ªSDP por tráfico; Que não está estudando, não trabalha, mora com sua genitora, que tem o hábito de fumar e beber.

Uma característica marcante é que dentre o total de atos envolvendo a categoria furtos/roubo/assalto, 92% foram cometidos em grupo, o que indica uma associação neste tipo de delito. Tal associação está muitas vezes vinculada a um tipo específico de consumo. No seguinte trecho de texto, presente em termo de declaração concedida por um dos adolescentes envolvidos num ato de furto qualificado, é possível perceber a associação entre autores e a divisão do ganho que posteriormente seria revertido em pedras de *crack*:

diz que realmente praticou este delito na companhia de seu amigo X.; Que para

20 44% dos atos infracionais de furto, furto qualificado, roubo e assalto não demonstram qual foi a motivação.

21 Esta substância tóxica é resultante da mistura entre cocaína e bicarbonato de sódio.

22 Para exemplificar, nos registros da polícia, alguns boletins de ocorrência são acompanhados de declarações do tipo: "*Que o declarante afirma que jamais faria estas coisas se não estivesse sob o efeito de drogas.*" (termo de declaração registrado na página 6, em 04 de julho de 2005).

entrar na casa arrombaram uma janela e furtaram várias coisas, em especial uma televisão e aparelhos eletrônicos; Que levaram estes objetos até o Jd. Monte Carlo e esconderam em um campo, sendo que já estava combinado que o N. (...) que é cego de um olho, passaria no referido mato, pegaria os objetos, os venderia e repassaria parte do dinheiro para o declarante e X; Que N. pegou os referidos objetos e depois deu a importância de R\$750,00 (setecentos e cinquenta) reais para o declarante dividir com X. (Termo declaração registrado em 22/12/2005, p. 4).

Em 52% dos atos infracionais da mesma categoria, aparecem como autores, adolescentes já registrados como usuários de substâncias ou como dependentes químicos reincidentes. Este aspecto ressalta que é maior a participação de adolescentes dependentes químicos em atos de furto simples e qualificado e roubo e, estes atos constituem-se como de maior intensidade no período pesquisado.

O ato infracional do tipo porte/uso de substâncias ilícitas, variam entre a utilização de *crack*, “cola”, *tinner*, maconha e cocaína. O uso de *crack* predomina no número de apreensões, está presente em 92% dos atos referentes a esta categoria. A concentração das apreensões se apresenta em áreas centrais da cidade, entretanto os autores deste tipo de infração aparecem também como moradores das periferias.

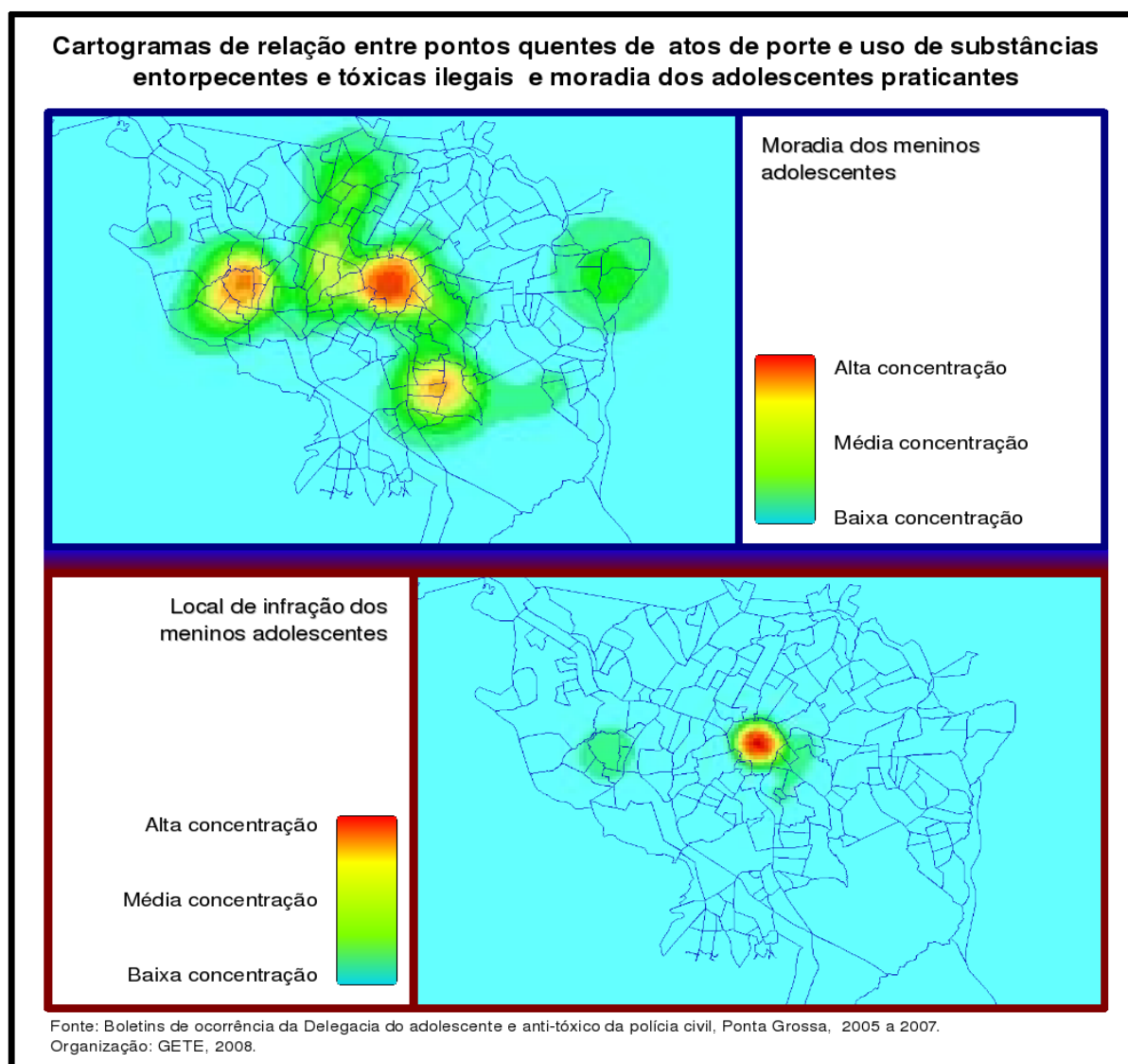


Figura 6 – porte/uso de substâncias ilícitas: relação entre áreas de concentração de moradia dos adolescentes e de realização destes atos infracionais.

Vale ressaltar que 15% dos atos infracionais cometidos durante os anos de 2005, 2006 e 2007, são referentes a “direção sem habilitação” e apresentam muitas vezes como autores, os adolescentes de áreas precárias em infraestrutura urbana ou de renda baixa. Estes atos, apesar de se sobreporem a área de moradia de adolescentes pobres, foram algumas vezes relatados pelos entrevistados como um crime que é mais cometido por “playboys”²³ da cidade, ou seja, por adolescentes de maior poder de consumo.

Este trabalho está concentrado na análise dos inquéritos com maior representatividade e que demonstram a relação entre categorias de atos infracionais e

²³ Os adolescentes entrevistados no processo de pesquisa chamam de “playboys” os jovens que possuem mais poder de consumo e que são de famílias mais abastadas socialmente.

redes de relações territorializadas. Ao mesmo tempo, é importante considerar as estruturas sociais vinculadas ao desejo de consumo que estão envolvidos no complexo jogo da vida cotidiana dos adolescentes das periferias pobres, onde suas ações ziguezagueiam a margem entre a legalidade e a ilegalidade.

Na maior parte dos atos infracionais analisados, o desejo de consumo é central, seja voltado a sobrevivência familiar, seja fruto de dependência física, como é o caso do envolvimento com drogas. Neste cenário complexo, grupos com diferentes modos de identificação elaboram estratégias distintas, tal como a associação para o furto, para porte e uso de substâncias, a organização de grupos para o conflito, entre outras. É justamente este cenário, o recorte espacial da análise aqui empreendida.

As áreas significativas em relação ao estabelecimento destas práticas espaciais correspondem às vilas Coronel Cláudio, Vila Nova, Vilela e Oficinas. Nestas áreas, observa-se a relação entre o ato infracional e uma rede articulada entre agentes, tais como receptadores de objetos furtados, atravessadores de substâncias ilícitas, traficantes, para organização de furtos em grupo e, à organização de grupos para o conflito e diferentes modos de apropriação espacial.

A relação entre a categoria relacionada aos atos de furtos e roubos com o uso de substâncias ilícitas é importante para evidenciar que os grupos de adolescentes estão articulados entre diferentes categorias de atos infracionais. Por exemplo, o mesmo adolescente, que pode incidir no ato infracional de uso de substância ilícita, posteriormente, pode reincidir em atos infracionais da categoria furtos e roubos em outros contextos espaciais e temporais, nos quais sua dependência pode ser mais latente.

A espacialidade constitui-se num importante elemento no estabelecimento de relações de poder no contexto do ato infracional e na formação de grupos que o cometem. Além disso, os adolescentes entrevistados, demonstram envolvimento em conflitos entre grupos no centro da cidade, o que evidencia a busca eventual pelo sentido de superioridade de um grupo diante de adolescentes de outras vilas. Ocorrendo, em alguns casos, o que pode ser interpretado como a ostentação do ato infracional como símbolo de superioridade²⁴.

24 Algo parecido com o que já observara na adolescência, na vila em que morei na periferia de Curitiba, adolescentes e jovens da Vila São João, cantavam: “São João só dá ladrão”. Usavam isso como forma de amedrontar os adolescentes que faziam parte da TNG, uma associação entre adolescentes da Vila Tinguí. Em Ponta Grossa, alguns adolescentes com quem convivi no processo investigativo, ostentam insígnias de Primeiro Comando Coronel, com frases do tipo “Coronel comanda”. O que também aparece em relatos de adolescentes da Vila Nova, Oficinas, Vilela e Coronel Cláudio, é a comparação entre seus feitos e aqueles dos demais, segundo eles, alguns grupos praticam mais 157 (roubo), em que os integrantes devem estar “maquinados” (na posse de arma de fogo) quando necessário. Tais feitos fazem

Estes aspectos destacados, justificam o recorte realizado sobre as diferentes categorias de atos infracionais. Além disso, é justificada a opção pelo recorte espacial realizado para o trabalho de campo sobre as áreas de maior concentração de adolescentes envolvidos nestes atos.

O perfil dos adolescentes em conflito com a lei analisados por este trabalho está relacionado aos habitantes das periferias pobres da cidade e que, em sua maioria, estão situados, de acordo com os registros da Delegacia do Adolescente, como infratores dentro das seguintes categorias: furtos, roubo e assalto; uso/porte de substância e; agressão, vias de fato e lesão corporal. Conforme o levantamento realizado, as áreas identificadas como de maior concentração de autores destes atos correspondem as quatro vilas selecionadas.

Os atos de tráfico de drogas apresentaram-se em poucos registros, de acordo com o período pesquisado, no entanto, convém salientar que os atos selecionados como mais relevantes nesta pesquisa, encontram-se a ele relacionados quando se observa com atenção a relação entre furtos e roubos e o uso de substâncias ilícitas.

Outro aspecto que deve ser destacado é o fato de que vários adolescentes desta pesquisa realizaram atos de diferentes categorias, e assim, o perfil se apresenta na interconexão de práticas variadas, o que implica problematizar os padrões espaciais definidos pelo modelo de análise. Mas para isso, é necessário maior aproximação com o grupo focal em seu cotidiano, dimensão que será contemplada na seção seguinte.

Por hora, vale sistematizar as principais informações obtidas no levantamento de dados do grupo social, que é concebido socialmente como adolescente em conflito com a lei, em três elementos fundantes da constituição do grupo em relação ao modelo de análise construído: a) os adolescentes são em sua maioria habitantes das periferias pobres da cidade; b) na maior parte dos casos os atos são cometidos por adolescentes do sexo masculino e; c) a maior parte dos atos são realizados em grupo.

A caracterização das pessoas investigadas neste trabalho é decorrente da classificação social intermediada pelo Estado, contudo o ato infracional não reduz a pessoa a ele, e isso ultrapassa o nível de investigação sobre a esfera institucional.

Destarte, é relevante considerar neste estudo que o fenômeno investigado vai além

parte de um conjunto de histórias sobre a ilegalidade, que muitas vezes acompanham referências importantes para alguns adolescentes desta pesquisa. Estas referências são vinculadas a uma espécie de romantização do bandido, da sua possibilidade em satisfazer o desejo de consumo ou de exercer poder sobre o outro, em organizações criminosas, entre elas o PCC (Primeiro Comando da Capital) e CV (Comando Vermelho) que em Ponta Grossa se transforma para alguns em “PCC da Coronel e “Comando Vilela”.

do ato infracional em si. Pois, em realidade, o adolescente envolvido com a ilegalidade é ativo na constituição de inúmeras vivências e em sua própria constituição identitária. Este aspecto é importante para a diferenciação da classificação social e as variadas dimensões sociais e espacialidades que compõem a existência do grupo investigado.

Estes adolescentes compõem um conjunto crescente de pessoas que optam por caminhos que lhes são disponíveis diante da desigualdade, que muitas vezes, contribui à inserção na vida infracional. Neste sentido, pode-se dizer que há uma estrutura injusta e dialética que envolve pessoas que, ao mesmo tempo em que são promotores, são vítimas da violência, tal como evidenciado por Adorno (1996).

O referido autor encara os adolescentes em conflito com a lei como pessoas que não são “nem anjos nem demônios”. Muitas vezes, os adolescentes pobres estão em maior vulnerabilidade e cometem o mesmo ato dos adolescentes ricos, mas são incapazes de acessar seus mecanismos de defesa jurídica.

Esta vulnerabilidade cria um perfil específico de adolescente em conflito com a lei, se considerarmos que as leis estão mais voltadas ao controle social dos setores mais pobres da sociedade²⁵. Pode-se afirmar que grupos sociais com maior capacidade de ações preventivas ou de mitigação por parte da família, demoram ou nem chegam a submeter-se a classificação de adolescente em conflito com a lei ou às medidas socioeducativas.

Mesmo assim, a escolha dos jovens das periferias está relacionada a suas espacialidades e as redes de relações sociais que se estabelecem pelo cotidiano. Em consonância com o argumento de Zaluar (1990), Adorno (1996) enfatiza que a entrada dos jovens na ilegalidade está relacionada a inserção deles em redes de sociabilidades informais que são mais comuns e de maior prestígio nas áreas periféricas das cidades brasileiras. Um exemplo disso é o ingresso de adolescentes pobres no tráfico como meio de exercer poder de diferentes modos, sendo um deles, o consumo e a conquista de dinheiro que, a priori, se considera fácil.

25 Quanto a este argumento, basta refletir sobre o direito penal a partir de dois crimes distintos: o sequestro e o trabalho escravo. No primeiro, geralmente bandidos que em situação de pobreza incidem na criminalidade e constroem suas práticas ao longo do tempo, e no envolvimento em sequestro, mantém cativa uma pessoa rica em troca de um resgate. A pena para o sequestrador, é nitidamente maior que no caso do trabalho escravo. Neste, geralmente é a pessoa rica, que além de criar um sistema de aliciamento e estelionato trabalhista, mantém cativa a pessoa pobre que necessita de emprego. No primeiro caso, trata-se de um resgate financeiro, no segundo, de um resgate pago com trabalho não remunerado. Em ambos os casos o não cumprimento das exigências impostas pelo criminoso pode provocar lesões ou até a própria morte. Este fenômeno chega ao ponto de ricos fazendeiros que cultivaram o trabalho escravo cumprirem penas do tipo doações de cesta básica ou serviço comunitário. Ao contrário, aos sequestradores, a justiça lhes garante anos de cadeia.

Como um meio de exercer poder diante da sociedade que lhe posiciona em situação de vulnerabilidade e alvo de correção, tal como disserta Chimin (2009), o adolescente da periferia pobre pode viver um processo de transição entre a situação de legalidade e a de ilegalidade com maior frequência dos que os de classes mais abastadas. Adorno (1996) observa que as redes de sociabilidade em que são capturados os jovens pobres, proporciona integrá-los a sociedade de consumo e a afirmar sua identidade:

É justamente nesse processo de transição social, no qual novas agências de socialização ainda não se configuraram, que o crime organizado, em especial o narcotráfico captura os jovens moradores dos conjuntos habitacionais populares ou das favelas encravadas nos morros cariocas. E os captura não como reação a um mundo social de injustiças e de degradação moral, sequer como alternativa ao estreitamento das oportunidades oferecidas pelo mercado formal de trabalho. Porém, por meio dos atrativos oferecidos pela sociedade de consumo e pelas possibilidades de afirmação de uma identidade masculina associada à honra e à virilidade, modos concretos de inserção e de localização sociais em uma era caracterizada pelo cercamento e cerceamento das opções de escolha pessoal. (ADORNO, 1996, p. 91-92).

Esta discussão leva a compreensão de que os atos infracionais também se constituem como resposta ao contexto desigual do capitalismo, como reação à punição que o modo de vida capitalista impõe com a impossibilidade de satisfação do desejo de consumo e da manutenção da qualidade de vida para todas as pessoas.

Por outro lado, através da instituição de um contrato social, o Estado classifica essas pessoas em função de suas obrigações sociais e direitos que se expressam em instituições jurídicas. Logo, um adolescente comum se converte em “adolescente em conflito com a lei”, quando em situação de vulnerabilidade social não expressa compatibilidade com tais instituições. O cotidiano em que os atos infracionais se originam é composto de um espaço complexo e incapaz de ser apreendido totalmente a partir das concepções e instituições formais.

Portanto é de fundamental importância, para compreender a questão norteadora desta investigação que envolve a existência espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei, considerar suas vivências espaciais em relação com as estruturas sociais.

Deste modo, é possível interpretar que o elemento central na construção social da figura do adolescente em conflito com lei, apesar de toda a complexidade relacionada ao contexto espaço-temporal de suas vivências, é o fato de que: através do espaço, e em algum momento da adolescência, ele estabelece contato com o Estado e suas instituições

formais, principalmente a Polícia e seu sistema de registros, quando age em conflito com a lei. Esta relação, no entanto, é mediada pelo espaço.

Em outras palavras, a construção social do adolescente em conflito com a lei se processa no preenchimento de um “boletim de ocorrência”, mas vai além dele. A realidade concreta deste contexto está relacionada a uma complexa rede social, de acontecimentos e fenômenos específicos envolvendo as pessoas registradas em juízo e os espaços de vivência cotidiana.

O contexto do ato infracional, está também vinculado a redes simbólicas e as tensões entre diferentes significações imaginárias, tal como ensina Castoriadis (1982). Como é percebido, através deste autor, a funcionalidade do registro policial, também conhece e deve conhecer o simbólico na vida social, representando-o. É assim que o imaginário social institui e institui-se a partir da representação sobre o adolescente, e de sua adequação ou não com as normas político-disciplinares, que neste caso, são representadas pelo ECA e SINASE e reproduzidas através de discursos hegemônicos.

A partir dos argumentos evidenciados em torno do fenômeno social investigado, a seção seguinte buscará problematizar o contexto da pesquisa de campo e o encontro com o grupo focal.

2 - A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E OS DESAFIOS DA INVESTIGAÇÃO DE SUAS VIVÊNCIAS ESPACIAIS COTIDIANAS.

As ideias estabelecidas sobre o fenômeno social em questão e a construção do objeto científico fazem parte de um processo de escolhas teóricas e metodológicas resultantes do diálogo entre ambos, e que produzem simultaneamente a compreensão do fenômeno e o enriquecimento do campo científico em que se opera a pergunta de partida. No caso desta investigação, a questão norteadora “Como se institui a existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR?”, implica a mediação e interpretação conceitual e a reflexão em torno do trabalho de campo que busca explorar as escalas espaciais das experiências do grupo investigado.

Os conceitos estruturantes que balizaram a posição investigativa foram: adolescentes em conflito com a lei, gênero e espaços apropriados por tais sujeitos. Tais conceitos foram sendo definidos a partir de uma reflexão em torno das posições tomadas na relação entre pesquisador e grupos pesquisados.

A relação entre o pesquisador e as pessoas pesquisadas é tema de difícil reflexão

e argumentação. Além disso, configura-se como pouco usual entre os trabalhos da geografia brasileira. De acordo com a análise realizada sobre periódicos *Qualis A* da geografia, que foram publicados entre os anos de 1978 a 2005, é mais comum observarmos textos que tratam de grupos sociais a partir da interpretação de um sujeito genérico²⁶. Sem dúvida, na história da produção científica da geografia humana, o homem universal foi se constituindo como sujeito e tópico mais interessante aos pesquisadores.

Outro aspecto a ser destacado na análise realizada no processo da pesquisa é que predomina na produção científica brasileira a perspectiva de estudos sobre grupos humanos a partir da interpretação unívoca do pesquisador, restando pouco espaço à voz das pessoas pesquisadas.

Tais dificuldades em relação aos estudos sobre grupos específicos da sociedade brasileira acompanham a ausência de textos que problematizam a relação entre os(as) pesquisadores(as) e as pessoas investigadas. O texto de Silva (2009), traz pela primeira vez ao palco da geografia brasileira a questão da posicionalidade e reflexibilidade no processo investigativo apontando uma agenda de estudos que tente preencher esta lacuna.

Seu texto, intitulado *Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica* destaca os problemas e os desafios da reflexão sobre a posição do(a) pesquisador(a) em relação com o grupo investigado e, configura-se como uma importante contribuição no terreno da geografia brasileira. Inspirada nos trabalhos de Gillian Rose e Larry Knopp, a geógrafa brasileira problematiza sua posição em relação aos conhecimentos situados das pessoas que analisa. O recorte social selecionado pela autora são as pessoas que sobrevivem através da atividade da prostituição em situação de imigrantes ilegais, em Madrid, na Espanha.

Utilizando de sua experiência pessoal na pesquisa de campo, Silva (2009) elenca os principais desafios de sua investigação em locais destinados à prostituição. Nestes locais a reflexão sobre sua posicionalidade foi fundamental na constituição de informações sobre o cotidiano e os saberes/poderes das pessoas pesquisadas. Ambas as pessoas da relação, pesquisadora e pesquisadas, evidenciaram ocupar posicionalidades distintas, e portanto, conhecimentos situados. Outra observação importante é que a relação estabelecida com o grupo focal também interfere no modo como a geógrafa construiu sua performance de pesquisadora no campo e em como opera sua questão de

²⁶ Quanto a este argumento, ver artigo publicado na Revista Ateliê Geográfico: SILVA, CHIMIN, PERACETTA e ROSSI. Geografia e Gênero no Brasil: uma análise da feminização do campo científico. IN: Revista eletrônica *Ateliê Geográfico*. Goiânia-GO, v. 3, n. 7, set/2009, p.38-62.

partida.

Os resultados destacados pela autora sobre as experiências do trabalho de campo são fundamentais ao entendimento de que a corporalidade e posicionalidade são percebidas, interpretadas e representadas, tanto pelas pessoas pesquisadas, quanto pelas demais pessoas com as quais se relaciona no processo. Uma das principais lições a serem extraídas de seus relatos é resumida pela própria autora da seguinte forma:

Contemplar a posicionalidade e a reflexibilidade no processo investigativo exige um pensar da(o) cientista sobre os outros, mas também sobre si mesma(o). Os relatos que apresentei anteriormente evidenciam que minha corporalidade não era invisível no campo de pesquisa, e contemplá-la pode ser bastante produtivo. Knopp (2007), ao provocar a geografia com seu argumento de contemplar a experiência corporal de quem pesquisa, suas emoções, desejos e percepções, alude ao fato de que o(a) sujeito(a) que pesquisa, mesmo contra sua própria vontade, é percebido(a) pelas pessoas pesquisadas e que as relações desencadeadas no ato investigativo permeiam a interpretação dos espaços que podemos construir como geógrafos(as). (SILVA, 2009, p. 107)

O texto de Rose (1997) sob o título *Situating knowledges, positionality, reflexivities and other tactics* explorara esta questão, destacando a compreensão de que todo conhecimento é um conhecimento situado e depende fundamentalmente das pessoas que o produzem.

Rose enfatiza que a reflexibilidade se constitui em dispositivo de situar os conhecimentos e de evitar uma suposta neutralidade e universalidade dos pressupostos científicos. A autora debate este ponto a partir do campo das Geografias Feministas, contudo, a adoção do que ela chama de metodologias reflexivas, é válida à quaisquer estudos que assumem uma postura crítica.

A posicionalidade, tal qual evidencia Rose (1997), explorando o debate no campo das geografias feministas, influencia no modo como os pesquisadores interpretam seus dados. Assim, a posição de elocução geográfica influencia a forma como o objeto é constituído, sendo fundamental na produção do conhecimento. Entretanto, este conhecimento científico, não é o único. E quando a questão científica implica explorar as inter-relações de determinado grupo faz-se necessário considerar o conhecimento elaborado por ele, o senso comum e o cotidiano. O que está em jogo não é somente a posição de pesquisador, há também a posição do pesquisado. Esta distinção é importante, haja visto, que a posição do locutor demonstra que o conhecimento é situado e dependente de sua posição.

Conhecer algo relacionado aos adolescentes em conflito com a lei, no caso deste trabalho, envolve a reflexão sobre a experiência do pesquisador em sua relação com o grupo estudado. Assim, esta seção segue com a contribuição das sistematizações

presentes em meu diário, em forma de notas de campo. Este diário contempla um conjunto de relatos sobre algumas das experiências que tive com o objeto de estudo e o grupo pesquisado.

O maior desafio deste trabalho, sem dúvida, foi adentrar o universo cotidiano de adolescentes registrados como em conflito com a lei nas Vilas Coronel Cláudio, Vila Nova, Vilela e Oficinas. A aproximação realizada com o grupo revelou a importância da reflexibilidade e da posicionalidade do pesquisador para analisar o contexto de produção de um discurso e um vocabulário muito complexos. A reflexão sobre os desafios do trabalho de campo contribuiu para situar meu conhecimento durante o processo investigativo na relação com as pessoas investigadas. Assim como contribuiu na problematização de conceitos e categorias investigativas.

Para isso, foram importantes as gravações realizadas durante o trabalho que, apesar de parecer coisa de “detetive”, marcaram algumas das impressões imediatas sobre as diferentes espacialidades envolvidas no campo. Tais gravações também contribuíram para a reflexão posterior sobre alguns sentimentos e emoções que tive a cada passo que dava nas áreas de maior concentração do grupo focal.

Deve ser destacado, que as notas de campo formam um número reduzido de informações diante das variadas experiências com o objeto de estudo e com os adolescentes durante dois anos de pesquisa.

A área central foi o foco inicial do trabalho exploratório e revelou a presença de muitos adolescentes das periferias ocupando os espaços públicos para a realização das mais diversas atividades. Contudo, vale destacar que o trabalho exploratório inicial ocorreu de modo inusitado através das ocasiões em que caminhava pelo centro em atividades corriqueiras, tais como ir ao banco, universidade e áreas de lazer e diversão em locais de maior concentração de bares noturnos, ou ainda, em apresentações musicais e artísticas em praças centrais. O trabalho exploratório inicial não foi sistematizado através das notas de campo, entretanto, sua importância não deve ser descartada, haja visto, que serviu para “quebrar o gelo” e à formação da *persona* a qual fui me constituindo ao longo de minha trajetória de pesquisa.

No ano de 2007, ainda na fase de realização do projeto a ser apresentado no processo de seleção do Programa de Mestrado, tive contato com adolescentes nas proximidades do Campus Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O simples caminhar pelas ruas foi o que me colocou em contato com adolescentes que “cuidam de

carros”²⁷ ou que pedem esmolas no semáforo em frente a praça Santos Andrade. Conheci dois adolescentes muito novos, com apenas doze anos de idade e que afirmavam pedir dinheiro aos transeuntes com o objetivo de consumir substâncias como cola de sapateiro, álcool, maconha ou *crack*. Os adolescentes contavam vantagens sobre o fato de usarem todos os tipos de substâncias ilícitas, que já eram “homens” e este fato dava eles total liberdade, até para roubar e matar.

As conversas que tive com estes adolescentes anunciavam a existência de um mundo de dificuldades socioeconômicas e de relação com as drogas e o vício, algo que segundo eles, conheceram através de suas trajetórias pessoais relacionadas com a família. Os adolescentes afirmavam ter experimentado pela primeira vez o álcool, a maconha e o *crack* ainda quando tinham oito anos de idade e que estas substâncias foram-lhes oferecidas pelos próprios pais. Estes relatos me surpreenderam, pois enquanto pesquisador que observa o fenômeno como *outsider*, estas situações estavam muito longe do que já tinha observado quando adolescente morador de uma periferia pobre, muito menos, como geógrafo.

Outro aspecto observado no campo exploratório, foi o contato com adolescentes²⁸ da Vila Coronel Cláudio que diziam em alto e bom som que “a Coronel comanda!” e se vangloriavam dos feitos dos “malucos”²⁹ de sua “quebrada”³⁰ quando em conflito com adolescentes de outras vilas, entre elas, a Vilela e Oficinas.

Um fato interessante ocorreu na volta de uma de minhas viagens de trabalho. Observei ao lado do Campus Central da UEPG um adolescente de treze anos que tranquilamente separava em suas mãos uma pequena quantidade de maconha³¹. O adolescente me perguntou se eu teria como ajudá-lo fornecendo-lhe o que ele chamou de “leda”³², um pedaço de papel utilizado para a manufatura do cigarro de maconha. Rasguei um pedaço de papel de meu caderno de campo e dei ao adolescente, começamos a conversar enquanto ele tragava. Disse-me que era chamado de *Doidão* e que morava na periferia da zona norte da cidade. Além disso, afirmou ele, que se perguntasse a qualquer

27 “Cuidar de carro” é a expressão utilizada para designar um tipo de serviço informal realizado por muitos adolescentes em locais centrais ou onde se apresenta alta rotatividade de veículos em estacionamentos públicos. Eles observam os carros estacionados para que ninguém os roubem. Contudo, muitos motoristas reclamam por carros avariados devido o não pagamento deste tipo de serviço prestado.

28 Os adolescentes investigados aparecem neste trabalho com nomes fictícios.

29 Durante o campo, refleti sobre o termo “maluco” considerando-o como a pessoa adepta do que os adolescentes chamam de “vida louca” (Esta expressão será analisada adiante).

30 O termo “Quebrada” pode ser compreendido como o local onde os adolescentes moram ou passam maior parte do tempo na periferia.

31 Ele estava fazendo o que os adolescentes chamam de “dechavar”, fragmentando a substância maconha que é vendida em quantidades compactadas.

32 É chamado de “leda” ou “seda” o papel utilizado para enrolar o cigarro de maconha.

“cara” no centro da cidade sobre o *Doidão*, todos saberiam dizer onde este se encontrava. Naquele contexto, propus ao adolescente a realização de uma entrevista, pois contou-me que tivera inúmeras passagens pela delegacia do adolescente por uso/porte de maconha e tráfico. Este fato observado, fez-me refletir sobre a posicionalidade do adolescente, que experienciava diferentes espaços da cidade através da atividade de atravessador de maconha. Esta substância, deslocava-se da periferia ao centro para a venda e consumo. Esta era a espacialidade de *Doidão* constituída através do movimento da droga.

A investigação empírica exploratória realizada neste trabalho resultou na indexação de outro componente à análise em questão: o adolescente em conflito com a lei passa a não ser mais concebido como um sujeito social da investigação, mas como pessoa em relação com o investigador. Esta indexação é resultante das reações dos adolescentes durante o trabalho de campo exploratório, diante das abordagens de um pesquisador interessado em interpretar um fenômeno social.

Assim, comecei a me policiar em relação às atitudes que seriam tomadas no trabalho de campo futuro, observava que os adolescentes com quem conversei não falavam o que eu esperava e, em algumas vezes, tiveram receio de contar suas experiências, ficando pouco a vontade com minha presença.

No início do ano de 2008, iniciei aproximação com adolescentes da vila Oficinas, numa área próxima da casa onde residia. Considerei que seria mais fácil começar a pesquisa de campo numa das praças desta vila em que tinha contato com adolescentes jogando futebol. O interesse pela pesquisa fez com que me aproximasse ainda mais do grupo com o qual me organizava para a prática esportiva.

Passei a participar de seus rituais de final de semana, tal como no sábado a noite quando os mesmos reuniam-se para confraternizar depois do jogo. Foram nestes momentos que descobri que muitos deles tinham envolvimento com grupos organizados para o conflito com adolescentes de outras vilas, que de acordo com eles, formariam as gangues da Vila Coronel Cláudio e Vilela. Também tomei conhecimento das vezes que alguns deles foram submetidos ao registro policial. Os principais motivos do contato destes adolescentes com a Polícia, pareciam relacionar as atividades de furto e o uso/porte de substâncias ilícitas.

A aproximação com os adolescentes da vila Oficinas, fez-me refletir sobre a necessidade de sistematizar em texto as experiências que tinha com o grupo. Abaixo seguem trechos das notas de campo, escritas a partir de meu convívio com estes adolescentes:

Hoje a noite, procurei mais uma vez pelos adolescentes com os quais tenho contato numa das praças da Vila Oficinas. Há algum tempo, menos de um ano, tenho frequentado a praça para 'jogar bola'. Em tais oportunidades, conheci adolescentes das Vilas Cipa, Vila Mayer e Oficinas que me disseram já ter "passagens pela polícia". Minha experiência como pesquisador em relação com este grupo é ainda embrionária. Contudo, o olhar de geógrafo tem parte nas minhas experiências com o grupo quando a bola não está necessariamente rolando, na formação dos times ou depois do jogo. No último sábado, após o bate-bola, fui convidado por eles para acompanhá-los na compra de uma garrafa de *vodka* e dois litros de refrigerante. Ingenuamente, contribuí com o que eles chamam de *intera*³³, mas acabei indo embora antes do retorno daqueles que foram comprar a bebida. Hoje, resolvi ficar e observá-los depois do jogo. Nesta oportunidade, pude conversar mais com quatro jogadores, adolescentes que eu já conhecia, conversava, mas não compartilhava de suas angústias, nem buscava entender suas visões sobre o mundo. Estar na praça hoje, colocou-me mais próximo disso. Neste dia, souberam que além de professor, sou um geógrafo. Quando me perguntaram o que eu estudava, após minha resposta, um deles exclamou: *'Então você tá no lugar certo mano! Aqui tá cheio de cara bandido!'* Nossa conversa tornou-se um baú cheio de histórias sobre o cotidiano da criminalidade e, principalmente, do que eles argumentaram ser a 'vida louca'. Esta representação de suas vidas, descritas como 'louca', foi o que mais me impressionou neste trabalho de campo. O tom de orgulho acompanhado de suas palavras sobre o que a 'vida' representava para eles, parece demonstrar um pouco do que é o cotidiano em seus dias de semana, quando os mesmos sujeitos também se encontram nos mesmos locais e para os mesmos fins recreativos. A rua e os espaços de convívio produzidos por eles, neste caso a praça, parecem constituir-se em encontro de valores, códigos simbólicos, enfim, de trajetórias distintas. Estas, se cruzam no estabelecimento da afetividade mediada pelo uso do álcool e da droga e também pelo futebol, na constituição de uma espécie de espaço afetivo, um lugar. O uso constante de vários tipos de substâncias ilícitas, segundo os adolescentes com quem conversei hoje, é o que denominam como a 'nova'³⁴, palavra que ironiza o fato deles se encontrarem cotidianamente para o consumo de drogas. A utilização de substâncias ilícitas que presenciei neste dia (álcool, maconha e mais tarde o *crack*) são justificadas pelos adolescentes por uma espécie de código de conduta relacionado a 'vida louca'. Segundo eles, esta vida também é 'breve', tal qual já compôs Lobão e Bernardo Vilhena. Desta forma, os adolescentes parecem justificar a adoção do que consideram como loucura. Para eles, a cada dia, uma 'nova' experiência concretiza-se através de 'velhos' hábitos. Os adolescentes parecem construir uma rotina inspirada num determinado estilo de transgressão relacionado com a embriagues. O campo de hoje registra que a experiência em participar da 'intera', além de ser considerado crime (um adulto se associa aos adolescentes para a compra e uso de álcool), tenciona minha posição de pesquisador e reconfigura o modo como penso em organizar a pesquisa, o roteiro de entrevista e sua aplicação. Há um grande desafio nesta aproximação: possibilitar que a reflexão sobre minha posição diante deste grupo seja proveitosa. A pesquisa, enquanto uma versão parcial da existência espacial destes sujeitos, deve revelar a interpretação vinculada a minha experiência investigativa no campo, contemplando as vozes dos adolescentes em conflito com a lei. Estas, são profundamente marcadas por um vocabulário complexo e por representações sobre a vida cotidiana. **Nota de Campo, 17 de maio de 2008.**

Após o campo evidenciado acima, adotei como estratégia organizar o próximo em dias de semana com o intuito de testar a motivação dos adolescentes em empenhar-se

33 Este termo é muito utilizado pelos adolescentes e refere-se ao ato de compartilhar, cada qual, com um pouco de dinheiro para a compra de algo, geralmente bebida alcoólica e outros tipos de drogas.

34 Foi comum ouvir os adolescentes falando sobre a "nova", quando os adolescentes repetiam práticas já conhecidas de forma irônica.

com outras atividades que não fossem o futebol, o uso de drogas e o álcool. Preocupavam-me as dificuldades com a dispersão dos adolescentes com quem conversei na última ocasião, devido à embriagues e o estado alterado que ficaram após o uso de maconha³⁵ e de *crack*³⁶.

No trabalho de campo seguinte, minha estratégia confirmou que a rotina de muitos adolescentes bem parecia com a confraria do final de semana. Todas as noites em que estive na praça, em frente ao terminal de ônibus ou em diversas esquinas das vilas *Cipa* e *Mayer*, todos os locais compunham cenários semelhantes. Muitos adolescentes foram observados em plena atividade relacionada ao uso e tráfico de drogas, uso de álcool e até na elaboração de estratégias para o “adianto”³⁷, que segundo eles, pode ser compreendido como sinônimo de furto ou a qualquer modo ilegal de obter dinheiro, ou ainda, a partir do escambo.

Muitos adolescentes foram observados e abordados em meio a esquinas, esperando pelo atravessamento de alguma substância tóxica ou do encontro para a “intéra”. Mesmo assim, a maioria deles afirmavam trabalhar de modo informal, na atividade de “chapa” ou na de “servente”³⁸. Algumas vezes, observei adolescentes que estavam escondidos, fugiam de uma espécie de sentinela camuflado: o carro da polícia, que passa a noite com os faróis apagados por vielas e logradouros de favelas e em muitas ruas de cascalho.

Ao mesmo tempo em que me sentia próximo dos adolescentes, percebia que isso não representava que estava mais perto de realizar entrevistas. Procurava informações de adolescentes centrais em relação ao grupo organizado e denominado como Comando Zona Sul, notadamente, aqueles que representam grande participação no conjunto de atos infracionais cometidos no período entre 2005 e 2007, principalmente em casos de lesão corporal, vias de fato e agressão.

Quando estabeleci contato com alguns destes adolescentes, mostraram-se

35 Esta substância foi utilizada abertamente no local onde nos encontrávamos, como se os adolescentes fumassem cigarro.

36 Três adolescentes retiraram-se da praça para consumir esta substância, disseram ter ido na casa de um “maluco” e dividiram duas pedras de crack entre quatro adolescentes. No momento em que saíram, estavam em conflito pela proporção que seria destinada a cada um, segundo um deles a divisão da substância não estava de acordo com a quantia em dinheiro investida por cada um (“intéra”).

37 Palavra utilizada pelos adolescentes que refere-se a tirar vantagem, sair lucrando, seja em alguma troca, negociação ou em furtos. Isto é, refere-se a como o adolescente faz para conseguir dinheiro ou vantagem em alguma troca, sair no lucro.

38 “Chapa” é nome dado aos trabalhadores informais que prestam serviços à caminhoneiros e transportadoras como carregadores de sacas e cargas de todo tipo. Na cidade de Ponta Grossa, há vários “pontos de chapa”, onde estes trabalhadores oferecem seus serviços em vias estruturais ou próximo das rodovias. “Servente” é a denominação de trabalhadores informais que prestam serviços aos mestres de obras da construção civil, são os “serventes de pedreiro”.

dispostos a tomar a mistura conhecida como “tubão”³⁹ ou para a elaboração de alguma estratégia para efetivar o consumo de maconha ou *crack*. Este cenário, causou-me angústia, estava diante de adolescentes que pareciam não observar outra perspectiva que não fosse a da “vida louca”. Contudo, os adolescentes entrevistados mostraram-me como não estava preparado para tratar de alguns assuntos, como por exemplo, a dependência química do *crack*. Antes do trabalho de campo, não tinha a dimensão dos fenômenos provocados através da economia da droga no cotidiano das pessoas. Abaixo segue uma das primeiras notas de campo que escrevi, depois de uma ocasião em que estava na frente de minha casa prestes a ir à universidade.

Nesta manhã, saía de casa quando fui abordado por um adolescente de aproximadamente doze anos de idade. Ele me perguntou se gostaria que me prestasse o serviço de cortar a grama do terreno. Eu disse que tinha uma máquina e que de vez em quando eu mesmo a aparava. Então ele pediu-me uns trocados, pois tinha a necessidade de comprar comida para sua mãe. Este mesmo adolescente me abordara semanas antes, pedindo moedas para completar o dinheiro que pagaria uma “sambiquira”⁴⁰ no açougue. Percebi desde a primeira vez, que o adolescente apresentava as pontas dos dedos polegar e indicador escuros e amarelados, como se tivessem queimados, ao mesmo tempo que sua palma da mão parecia esverdeada. Eram na verdade, marcas do *crack*! A boca do menino apresentava dentes bem amarelados e escuros, como se tivessem em fase inicial de apodrecimento. Os pés descalços e a presença de um outro adolescente sentado na esquina, fitando o movimento da rua, chamavam atenção. Os adolescentes aparentavam um estado de impaciência. Desconfiado, perguntei ao adolescente que me abordou se, ao invés de moedas, não aceitaria uma pedra de *crack*. Ele negou, dizendo que precisava do dinheiro. Inventei uma história dizendo que eu tinha a ‘pedra’⁴¹ e que poderia dar-lhe se fosse do interesse do garoto. Então, rapidamente, o adolescente balançou a cabeça positivamente. O rosto marcado pela carência foi substituído pelo sorriso acompanhado de um tímido riso de festejo. Uma pequena demonstração da alegria efêmera vinculada a possibilidade do uso do *crack* que é sentida pelo usuário. Comecei a rir junto com o garoto e terminei meu riso dizendo-lhe que, na realidade, não tinha a pedra e que só contei tal ‘lorota’ a ele pra saber o real motivo de sua abordagem. Envergonhado, mas ainda confuso, o adolescente me perguntou mais duas vezes se eu tinha ou não a droga. O sorriso foi trocado pela cara de insatisfação e que depois deu lugar ao nervosismo e a agressividade que acompanharam as palavras hostis que seguiam em direção ao ‘cara mentiroso’, eu. O outro adolescente veio em nossa direção. Ele parecia calmo, entretanto, ao ouvir as palavras de seu amigo, disse-me: ‘*Tá pensando que nós samo uma comédia mano!*’⁴². Respondi que não e, falei a eles que se acalmassem, tinha feito apenas uma brincadeira. Realmente eu parecia não saber que brincava com uma coisa séria, com a dependência alheia. Os adolescentes se foram, o que ficou comigo foi a autocrítica. Não deveria mentir ao adolescente, deveria ter sido humilde

39 “Tubão” é um dos nomes dados ao *drink* preparado com a mistura entre refrigerante e alguma aguardente alcoólica, tal como a *vodka*, a *cachaça*, ou a *pinga*. O “tubão” também é chamado pelos adolescentes investigados de “tubo”, “tinguá”, “cuba” no caso da utilização de refrigerante de “cola”, “veneno”, “goró”, “gole”, etc.

40 De acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa esta palavra é sinônimo de uropígio ou titela da galinha. “Sambiquira” também pode ser compreendida como a “cloaca” do frango.

41 O *crack* também é popularmente chamado de “pedra” ou “brita”.

42 Durante o trabalho de campo, em algumas ocasiões em que o pesquisador fez alguma brincadeira que os adolescentes não gostaram, muitos deles realizaram a mesma pergunta: “*Tá achando que eu sou uma comédia?*”

e não brincar com o sofrimento dele, nem testá-lo apenas pra ter certeza se era usuário. Contudo, algumas marcas corporais dizem um pouco sobre a epidemia do *crack* nas periferias pobres, não só da cidade que moro, mas de muitas outras. A disseminação desta substância tóxica é acompanhada das situações de mendicância em semáforos, das disputas por pontos em que muitos adolescentes cuidam de carros estacionados, dos furtos e roubos relacionados ao seu uso, e até, do próprio crescimento da participação da economia da droga no sistema financeiro depois da lavagem de dinheiro. Esta experiência de hoje diz mais um pouco sobre a situação de muitos jovens brasileiros. Diz sobre um contexto em que as perspectivas limitadas e a dependência física caminham, lado a lado, rumo à autodestruição. A presente nota, não é motivada apenas pelo equívoco da enganação que promovi e que agora rejeito. Não tem nada a ver com rechaço aos pedintes e prestadores de serviços domésticos. Portanto, é independente de preconceito e da moral construída hegemonicamente sobre o 'viciado' ou aqueles que pedem dinheiro ou serviço na porta de casa. É enfim, um atestado de descontentamento e reflexo de uma pergunta de fundo: É disso (*crack*) que realmente os jovens precisam? Eles precisam, antes de tudo, de uma educação pública de qualidade, de seus pais empregados, de diversão, de arte, de uma perspectiva de futuro, de uma vida digna e de possibilidades de realizar outras escolhas. **Nota de Campo, 26 de maio de 2008.**

Ao passo que o trabalho de campo fazia-me aprofundar cada vez mais na observação do grupo focal, de seus rituais e códigos compartilhados em locais de referência e encontro, o fenômeno investigado parecia aumentar em dimensão. A complexidade do objeto de estudo envolvia o tempo que eu dedicava ao convívio com o grupo e o pouco tempo que eles dedicavam para contemplar as categorias de análise até então estabelecidas no meu roteiro de entrevista e fomentadas a partir de reflexão teórica. Por outro lado, o período de convivência com adolescentes da *Zona Sul* foi fundamental para que eu entendesse melhor como eles vivenciam o cotidiano das ruas e das “quebradas” e, para que eu buscasse um entendimento sobre o fenômeno a partir do que eles dizem e como dizem.

A experiência que tive ao presenciar um pouco da rotina destes adolescentes demonstrou a complexidade da existência espacial do grupo. Abaixo, segue um trecho do diário de campo, que relata uma “correria” realizada durante minha convivência com um dos adolescentes centrais em relação à Zona Sul:

Em frente ao terminal de ônibus, eram aproximadamente 22h quando encontrei *Penadinho*⁴³, que logo me pediu um cigarro. Conversamos por mais de vinte minutos até que um carro (em boas condições e que aparentava ser zero quilômetro) encostou do outro lado da rua. O adolescente foi até o motorista com quem teve uma rápida conversa. Ao voltar, *Penadinho* disse que faria uma 'correria'⁴⁴, que iria até a 'quebrada' e logo voltaria. Neste momento, perguntei a ele se poderia acompanhá-lo. Lá estava eu, no meio de uma 'correria'. A 'quebrada' era longe, e o 'canal bem mocado'⁴⁵, como bem disse *Penadinho*, que ainda afirmou que o 'carinha'

43 Este nome é fictício, foi dado por mim ao adolescente devido a semelhança com personagem dos quadrinhos de Maurício de Souza.

44 “Correria”, “corres” ou “corrêra” são termos utilizados para designar o deslocamento para comprar substâncias ilícitas para os adolescentes investigados, tais como a maconha, crack, álcool e cigarro.

45 “Mocado” é o termo utilizado pelos adolescentes como sinônimo da palavra “escondido”.

do carro não o levou até lá, ou, até mais perto, por que ficou 'cabreiro'⁴⁶. A correria deu continuidade a nossa conversa, contudo, Penadinho parecia impaciente, andava rápido ao passar pelos obstáculos que são as 'costelas de vaca' das ruas íngremes. A caminhada causava cansaço e aumentava a sensação de que estávamos indo, literalmente, cada vez mais fundo ao encontro do tráfico de *crack*. Abaixo do nível da Rodovia, escondido, encontrava-se o 'canal'⁴⁷ em que *Penadinho* afirmou ter trocado uma 'pistola 380' por cento e oitenta reais e mais vinte e quatro pedras de *crack*. Segundo ele, não tinha vontade de desfazer-se de seu 'cano com pente', ele estava 'cantando bem'. No entanto, disse que a 'fissura' era maior que seu desejo de portar a pistola. Para ele, a arma estaria condenada, assim como estava seu tio, preso no 'Cadeião' por causa de homicídio (realizado com a arma que depois foi enterrada) e do 'movimento' de droga que gerenciava numa das vilas da Zona Sul. Ao desenterrar a arma, *Penadinho* disse que cumpria uma promessa ao tio: esconder, 'o mais escondido que fosse' a arma do crime. E foi justamente isso, que *Penadinho* acreditou ter feito: desapareceu com a pistola. Fumou as vinte e quatro pedras de *crack* e, em seguida, indo ao mesmo 'canal', comprou mais algumas gramas da substância no valor de cento e oitenta reais. Segundo ele: '*No mesmo dia queimei o cento e oitenta conto, depois que acabou aquelas pedra que eu peguei do N.*' Hoje, *Penadinho* contou-me sobre esta experiência como se fosse algo bem incomum se comparado com o que realizava naquele momento: a 'correria'. Sua rotina era marcada pela atividade de atravessador em quase todo tempo. Havia gente encostando o carro, a bicicleta, ou, encostando-se em algum lugar. Todos na espera de *Penadinho*, que seguia veloz em direção ao 'canal', à manutenção do seu vício e dos outros. Era justamente através do confisco de algumas gramas encomendadas por terceiros que *Penadinho* mais satisfazia sua dependência. Coube ao geógrafo, neste dia, apenas acompanhar *Penadinho*, um pouco de sua rotina corrida e tentar descobrir um pouco mais sobre o tortuoso caminho da 'correria'. **Nota de Campo, terça-feira, 29 de abril de 2008.**

Apesar de ter estabelecido um contato frequente com *Penadinho*, não consegui realizar entrevista com ele, pois, segundo alguns dos adolescentes de Oficinas, estaria *Penadinho* "*internado na pedra*"⁴⁸ a mais de uma semana. Meu contato com ele ficou cada vez menos frequente, devido a sua ínfima aparição nos locais que costumava frequentar. Para encontrá-lo, era necessário andar por longos, difíceis e perigosos caminhos, justamente próximo dos "canais" onde o *crack* é vendido em pelo menos três vilas diferentes.

Realizei entrevistas com outros três adolescentes de Oficinas: *Gorpo*, *Spun* e *Anísio*. Estes adolescentes pareciam compartilhar de certa respeitabilidade do grupo e, sendo respeitado por eles, tornei-me conhecido de alguns adolescentes da chamada Zona Sul. Os três adolescentes sabiam ao certo quais vilas faziam parte de sua "banca"⁴⁹ e da Zona Sul como um todo organizado. Contavam histórias de conflitos com gangues da Coronel Cláudio e Vilela e dos êxitos da Zona Sul em várias das brigas. Ao mesmo tempo, pareciam

46 "Cabreiro", de acordo com os adolescentes, quer dizer, "com medo" ou "desconfiado".

47 Este termo é utilizado para nomear o local onde ocorre a venda de substâncias entorpecentes e tóxicas. "Banca", "movimento" e "boca" são outras designações a este local.

48 Os adolescentes usam esta expressão para falar sobre pessoas que estão há vários dias consumindo o *crack*.

49 Além de sinônimo de "canal" ou "boca de fumo" a palavra "Banca" também é muitas vezes utilizada para referir ao espaço apropriado em grupo pelos adolescentes investigados.

tornar o tempo de convivência no grupo um fator de coesão. Numa oportunidade, fui convidado por eles para resolver uma “bronca”⁵⁰ com um homem que tinha denunciado a atividade de atravessador de *Gorpo* aos policiais. Segundo *Anísio*, o desafeto de seu amigo encontrava-se num dos bares da famosa “Curva do Diabo”⁵¹. Nesta oportunidade, *Spun* considerou que seria fácil dar um corretivo no sujeito, juntando somente os adolescentes da vila Mayer, da vila Cipa e alguns outros adolescentes que se encontravam na praça naquele momento. Outra vez, quando de uma desavença que provocou uma garrafada na cabeça e um braço quebrado de *Spun*, quando este encontrava-se num bar da Avenida Benjamin Constante no centro da cidade, elaboravam mais uma estratégia de resolver a questão juntando alguns membros da Zona Sul.

Noutra de minhas conversas com estes adolescentes, *Gorpo* perguntou-me o que seriam os “Nazi”⁵². contei a ele que conheci dois estudantes da universidade que tinham como costume provocar brigas em alguns bares. Numa das brigas observadas, mais de cinco homens reconhecidos como “neonazistas” espancaram um jovem da periferia quando este reagiu a provocação de um homem branco, alto e careca, portando uma corrente e uma arma branca. *Gorpo* disse-me que seu irmão também fora espancado no centro pelos “Nazi” e que seria vingado. Mais uma vez, buscavam os três adolescentes da Zona Sul, elaborar uma estratégia para resolver a questão do espancamento. O plano deles também tinha como objetivo: *“vamos mostrar quem é que manda no centro de verdade pra esses playboy”*. Para tal, *Gorpo* traçou um itinerário que surpreenderia seus opositores por todos os lados na área em que os “Nazi” costumavam confraternizar nos finais de semana.

Em três oportunidades, fui convidado à acompanhá-los na resolução do que chamam de “treta”, isto é, do conflito com grupos rivais. Fiquei receoso em ir, e não fui, mas pude acompanhar os comentários posteriores. Recheados com golpes de pau, arremesso de pedras e até do que eles denominam como “pipoco” (o disparo com arma de fogo), as histórias contadas pelos adolescentes reforçavam o sentimento de orgulho e lealdade em relação à “banca” da qual faziam parte. Os relatos dos adolescentes envolviam um grande número de personagens, contados em dezenas e até centenas entre aqueles identificados com a Zona Sul.

O processo investigativo implicou a aproximação com adolescentes em conflito com a

50 Segundo os adolescentes entrevistados, “bronca” significa resolução de um problema, desavença ou conflito.

51 Assim é chamada a tradicional esquina da Vila Oficinas, no entroncamento entre a Avenida Visconde de Mauá e a Rua Capitão Goes de Moraes.

52 Assim foram chamados por *Gorpo*, os jovens identificados com o Nacional Socialismo e a doutrina nazista na cidade de Ponta Grossa.

lei e centrais aos seus grupos de identificação em outras vilas de interesse observativo: Coronel Cláudio, Vila Nova e Vilela. Depois de contemplar as informações relacionadas com as categorias de análise do roteiro de entrevista na Zona Sul, o objetivo posterior foi o de testar o modelo construído a partir de novas abordagens. Assim, dirigi-me à outros universos de observação do fenômeno investigado.

O centro da cidade, a partir dos relatos dos adolescentes da Zona Sul, demonstrava-se como a área onde é mais frequente o encontro com jovens de grupos rivais e residentes em outras vilas. A partir desta informação, procurei locais de referência para o encontro entre adolescentes das áreas já denominadas no centro da cidade. Contudo, para o pesquisador, o ambiente caótico do centro comercial, marcado pelo movimento incessante de pessoas, era também um obstáculo. Além de uma área de conflito entre grupos, o centro também configurou-se como algo além de um local de encontro, um local de passagem em que a tensão entre grupos distintos ocorrem em contextos específicos. Abaixo seguem duas notas de campo que demonstram um pouco da dificuldade em estabelecer contato com adolescentes em conflito com a lei no centro da cidade:

Hoje realizei um campo no Parque Ambiental localizado no centro da cidade. O Parque apresentava uma grande densidade de pessoas que ali realizavam atividades esportivas e de lazer, como voley, basquete, *skate*, crianças se divertiam em brinquedos do parque na companhia de seus pais, etc.. Num primeiro momento optei por observar a presença de grupos de adolescentes que não estavam realizando estes tipos de atividades e que estivessem dispostos a conversar. Ao caminhar pelo parque observei a presença de grupos com características estéticas diversas, como os denominados 'emos'⁵³, os possíveis moradores de rua prostrados ao sol, catadores de recicláveis e vendedores ambulantes. Nenhum destes grupos, apresentava-se semelhante a estética dos adolescentes do local de referência observado na Zona Sul, exceto o grupo dos *skatistas*. Troquei poucas palavras com dois adolescentes da Coronel Cláudio que pelo parque passeavam empunhando uma garrafa de refrigerante com conteúdo alcoólico. Eles me disseram que aquela 'banca' era deles e que era só aparecer no Parque se eu quisesse fazer alguma 'jogada'⁵⁴. **Nota de campo, 19 de novembro de 2008.**

A Praça Barão do Rio Branco foi o local do campo realizado hoje. A praça estava calma, com a presença de grupos de pessoas mais idosas a papear no posto leste da rosa dos ventos que é inscrita na calçada central. Havia também a presença de vendedores ambulantes, catadores de recicláveis, de uma dezena de crianças brincando no parquinho. Já próximo ao monumento de Tiradentes, apresentavam-se dois jovens 'emos' sentados num banco a conversar. Próximo ao Ponto Azul, dois

53 De acordo com o Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo>, acessado em 11 de janeiro de 2010): “**Emo** ou **Emocore** (abreviação do inglês emotional hardcore) é um gênero de música derivado do *hardcore punk*. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário *punk* de *Whashington, DC* que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual.” São chamado de emos pessoas identificadas com este estilo musical.

54 A palavra “jogada” é muito utilizada na periferia ponta-grossense para referir-se a alguma negociação ou troca.

jovens, vestidos com roupas largas, batiam com pequenos galhos a água do chafariz de modo a espantar os girinos. De outro lado, em outro monumento, sentavam-se dois jovens segurando suas bicicletas modelo *free-style*. Três pessoas adultas saíam da área superior da edificação do *Ponto Azul* e relaxaram num dos bancos da praça junto aos jovens que estavam no chafariz. Nesta oportunidade, conversei com eles e disseram-me apenas que todos eram adultos e que já tinham 'pregado cana'⁵⁵. Nesta praça, não consegui estabelecer os contatos que esperava, os adolescentes da Vilela (na fase exploratória do campo no centro da cidade, tive contato com adolescentes da Vilela, nas proximidades da Santa Casa, campus central da UEPG e na referida praça). Só consegui conversar com adolescentes da Vila Marina e Jardim Boa Vista, que afirmaram que estavam somente dando um "balão"⁵⁶ pelo centro. **Nota de Campo, Sexta-feira, tarde de 24 de janeiro.**

Apesar de inúmeras tentativas de estabelecer contato com outros grupos no centro da cidade demonstrarem-se frustradas, persisti na ideia de percorrer o mesmo caminho que levava os adolescentes da Zona Sul ao encontro de adolescentes da Coronel Cláudio e Vilela. No entanto, este objetivo não envolvia promover graves conflitos.

Novamente fui ao Parque Ambiental, que durante a noite é menos movimentado. Lá conversei com duas pessoas que tinha observado na visita anterior àquela área, e que aqui serão chamados de *Molotov* e *Dentinho*. Estava sentando e acendi um cigarro enquanto eles se aproximaram, foi quando *Molotov* perguntou: 'tem um cigarro pra me jogar?'. Eu os cumprimentei e dei a ele um cigarro. *Dentinho* também aceitou enquanto me oferecia um gole de sua garrafa de 'tubão'. *Molotov* afirmava várias vezes que estavam ali 'na rotina da vida louca', 'tomando um tubo' e 'dando um rolê'. Perguntei de onde eram: 'lá da Coronel, tá ligado?' exclamou ele. A ele não fiz mais questionamentos, apenas o observei tomando mais da bebida, conversando sem propósito. Foi uma conversa de mais ou menos meia hora enquanto sorviam o 'tubo'. Logo, estavam falando sobre o que faziam da vida e as frases de ambos eram muito semelhantes: 'Só na rotina'⁵⁷, 'fumá uns, gole sempre, na correria da vida louca'. Eles me perguntaram o que eu fazia e respondi que era estudante, fazia mestrado em geografia. Depois disso eles se surpreenderam pelo fato de um 'cara mestre' ficar na praça 'trocando umas ideias com eles'. De forma alguma eles me reconheceram como um cientista num primeiro momento. Reconheço que eu não confirmava a representação de cientista que eles elaboravam. Reconheço também, que mais do que apenas estar em contato com o grupo, participava de alguns de seus rituais. Optei por não ficar perguntando nada a eles, apenas realizava comentários a partir da conversa. Esta, girava em torno do cotidiano dos dois, tal como: '*aquele carinha tá me devendo uma pedra*'⁵⁸(...) e assim *Dentinho* contava um evento em que ele tinha dado uma 'intéria' para alguém comprar uma 'pedra' (crack) e este sumiu; Ou quando *Molotov* falava da namorada do mesmo sujeito, que ela estava flertando com ele, e que isso o deixava com receio em vista de que o namorado '*é viciado e vai saber*', '*aquela mina tava de treta com ele e eu fiquei cabreiro*'(...). A comunicação interpessoal no campo tem sido fundamental. A conversa se estendeu sobre fatos corriqueiros do cotidiano da periferia, mas que neste trabalho acaba tornando-se foco de atenção principal. Os dois conversavam comigo sobre voltar a estudar e perguntavam como era a universidade, da 'galera louca que tem'(...). Eu disse várias coisas. Em seguida me perguntaram sobre os trabalhos que tinha que fazer, se eram difíceis. Falei sobre a experiência de pesquisa na graduação realizada na Vila Nova. Um deles um pouco depois disse:

55 A expressão "pegar cana" quer dizer: cumprir pena em algum presídio.

56 Para a maioria dos adolescentes entrevistados na pesquisa "dar um balão" significa "passear", "dar uma volta". Semelhante a esta expressão é "dar um rolê" que parece ter o mesmo significado.

57 Foi comum ouvir os adolescentes falarem a palavra "rotina", logicamente, para referir-se ao seu cotidiano. Contudo, a palavra parece ter para eles um sentido de repetição de práticas e costumes.

58 Geralmente, os adolescentes utilizam a expressão "deve uma pedra" para afirmar que alguém está o devendo, seja dinheiro, drogas ou favores.

'Massa! Então dá pra estudar a quebrada também! Que louco cara!'. Em seguida, falei a eles que já tinha realizado a pesquisa na Vila Nova, mas que agora também pesquisava outras 'quebradas'. Perguntaram-me se a pesquisa era sobre rio também. Aí respondi o seguinte: 'Não cara! Agora eu estudo a realidade dos malucos, que por um motivo ou outro, acabam 'rodando' em BO com os home!'⁵⁹ A partir daí, eles disseram que onde moram tem muitas das pessoas que eu pesquisava. De acordo com Molotov: 'Mas ó, lá na vila você tem que ir então! Lá na nossa quebrada é foda, tem a pivetagem que róba, tá na 'brita' e fica de 'patifaria'. Eu mesmo, já sou de maior, mas caí de bobeira por causa de um celular.' Dentinho disse: 'Por causa de treta com a Vilela, quase fui com os gambé! Démo um cacete'⁶⁰ uma vez num cara aqui, rolou até 'naifada' nas costa do cara, não fui eu mas, tava na pira de espancar o maluco, embolei no bicudo! Os home chegaram, não me carregaram nem nada. Daí o maluco do piá saiu correndo, o-lôco' (...) 'Da outra vez me levaram (...) mas foi por roubar a casa ali perto da minha. Tava na fissura'⁶¹ pra fumar uma 'brita', aí caí no BO'⁶², marcada'⁶³! E eu sou adolescente também!' **Nota de campo, quarta-feira, 27 de maio de 2009.**

Nesta ocasião, pude conhecer o adolescente *Dentinho* que morava na vila Coronel Cláudio. Passei a encontrá-lo em alguns lugares do centro da cidade, tais como o Parque Ambiental e em frente ao *shopping* que fica bem próximo, local em que costumava “cuidar de carros”. Quando ele me perguntava em dúvida sobre o que eu fazia andando junto com ele, eu apenas pedia que me deixasse acompanhar um pouco de sua rotina. E ela não estava somente relacionada com o centro da cidade. Num de nossos encontros, pude iniciar a convivência em sua “quebrada”, na vila Coronel Cláudio:

(...) *Dentinho* estava acompanhado de outro adolescente. Ambos pareciam não estar dispostos a conversar naquele momento. O adolescente que acompanhava *Dentinho* estava apreensivo, parecia sofrer de uma abstinência inicial relacionada ao uso de crack. Parecia com pressa em sair dali. *Dentinho* me perguntou: 'E aí truta? Susse Geógrafo?'. Bateram em minha mão e em seguida trocamos socos com as mãos fechadas uns dos outros, um cumprimento comum entre muitos adolescentes das periferias. *Dentinho* disse que iam fazer um 'corres'. Perguntei onde seria. Ele falou: 'se marcar vai rolar de tomar um gole na sequência'. Eu desconfiava que eles iriam realizar a 'correria' em direção ao consumo do crack, mas resolvi não perguntar nada, até que o adolescente *Cascão*, que estava junto neste dia, disse que tinha adiantado apenas dez reais (R\$10,00) e demonstrava preocupação e desconfiança em relação a minha pessoa, ele não sabia se teria que dividir o uso comigo e não me conhecia. Acabei acalmando-o dizendo que era pra não se preocupar com o dinheiro e que eu não ia usar. Seguíamos até a “quebrada”, mais especificamente, em direção ao 'canal' onde comprariam o tóxico. Resolvi ir com eles mais um pouco, até que encontramos mais três adolescentes sentados em uma esquina escondida pela mata ciliar do fundo do vale. *Cascão* e *Dentinho* me

59 “Cair” significa: ser detido ou preso em cárcere público. “Os Home” é a expressão que nomeia os policiais, que também podem ser chamados de “ratos”, “naira” e “gambé”.

60 “Dar um cacete” é a expressão utilizada pelo adolescente para dizer que espancaram a pessoa. O ato de “bater” e “espancar” também podem ser chamado pelos adolescentes como “cochar”. Na Zona Sul é comum a expressão “cochar de pancada” quando alguém bate ou espanca uma pessoa. Outras expressões neste mesmo sentido e que também são utilizadas pelos adolescentes são “dar uma camaçada de pau” ou “dar uma tutuca de pau”, esta última é de apropriação do vocabulário do presídio municipal.

61 Este termo utilizado pelos adolescentes é muito compartilhado entre usuários de substâncias ilícitas para descrever o estado de abstinência psicológica e física resultado da dependência.

62 A expressão “cair no BO” refere-se ao preenchimento de um boletim de ocorrência.

63 O verbo 'marcar' é utilizado pelos adolescentes como sinônimo de “vacilar”.

apresentaram e foram até o 'canal', a mais ou menos duas quadras de distância. A partir daí fiquei com este grupo até eles voltarem depois de uns vinte minutos. Neste período, os adolescentes que conversei estavam mais interessados em 'me multar' (perguntando se eu tinha um 'cincão' ou um 'déizão' pra mobilizar um 'corres').⁶⁴ Respondi a eles que eu estava 'quebrado'.⁶⁵ Mesmo assim, as tentativas pra ver se eu tinha dinheiro, se repetiram diversas vezes, como também a seguinte frase: '*você tem sorte de não caí no buraco dos maluco errado*', e depois riam enquanto sorviam o vermute. Eu apenas disse que era de 'quebrada' também. Quando os dois adolescentes voltaram, foram interpelados pelos outros que reivindicaram uma 'intêra' de Cascão. Ele disse para um deles: '*não dá nada, me quebrou naquela cena lá de baixo eu te dou uma bola*' (trago). A partir daí, seguimos até uma outra esquina, já bem inclinada por se tratar de uma área de fundo de vale. Sentamos na esquina enquanto Cascão retirou uma latinha de alumínio do bolso e me pediu um cigarro. Enquanto isso, Piolho retirou uma 'marica'⁶⁶ de sua meia. Em nenhum momento me ofereceram a droga. Apenas pediam pra que eu depositasse cinzas de cigarro dentro de uma caixa de fósforo vazia que no chão se encontrava. Dentinho e Cascão dividiram a lata, enquanto um minúsculo fragmento da substância foi doada a Piolho. Esta ínfima quantidade da droga foi depositada sobre as cinzas de cigarro depositadas em sua marica. Em seguida, Piolho raspou o pó da substância grudado no papel alumínio⁶⁷ que a enrolava. Ele também depositava este pó sobre as cinzas. Depois de acabarem com a substância, Cascão e Piolho começaram a remexer o chão da esquina como se estivessem procurando pequenos fragmentos espalhados da droga. Estes fragmentos não existiam. Piolho, depois de revirar um pouco de terra da esquina, voltou a perguntar se eu tinha 'cincão' pra 'jogar na mão' dele, me 'multava' mais uma vez. E o adolescente insistia nisso enquanto tratava de cortar a lata que pegou de Cascão na procura de qualquer resto da 'pedra'. Dentinho tentava atenuar a situação querendo acalmar Piolho. Nesta situação, enquanto Dentinho conversava com ele, soube que o 'adianto' de dez reais foi realizado na venda de um celular furtado por Cascão. Conversei com eles mais alguns minutos e decidi ir embora. Enquanto me despedia, Dentinho dizia que era só eu aparecer por ali que faríamos a entrevista combinada. Neste momento, Piolho dizia nervoso que era pra dar a ele 'meu celular', que não teria negócio com o Cascão e pedia o tal aparelho como se tivesse me tomando de assalto. Ele estava confuso com a conversa que eu levava com Cascão. Frases sem sentido e a expressão do nervosismo era de um sujeito extremamente furioso que via num desconhecido a possibilidade de intimidar e reivindicar algum de seus objetos, neste caso, um celular que eu nem carregava. Eu disse ao adolescente que não carregava celular comigo. Enquanto isso, Dentinho e Cascão tentavam convencer-lhe de que eu estava ali "de boa"⁶⁸ e que era pra ele parar de 'patifaria'. Disseram-me que esta era a 'pira' de Piolho sempre que fumava. As últimas palavras deste adolescente foram direcionadas a mim repetidas vezes: '*Você não tá ligado qual que é a cena maluco!*', '*Você não tá ligado na qual é do bagulho!*' (...) A agregação dos adolescentes em torno do consumo de álcool e substâncias tóxicas, é cotidiana. Este processo não é livre de conflitos. Entretanto é impressionante a capacidade em mediar conflitos no grupo dividida entre Dentinho e Cascão. Os dois adolescentes de 16 anos, tratavam Piolho e os outros como a 'pivetagem', como aqueles que estragam a 'cena'⁶⁹. Mesmo consumindo o tóxico neste dia, os adolescentes afirmavam que a 'pedra' já não era mais um problema para eles, que já 'caíram' algumas vezes e que agora estavam 'de boa'. Dentinho dizia hoje que geralmente é assim, '*quando os cara são menor, fazem um monte de cagada, parece que é só pra cair a casa, mas vai vendo que é foda cair, vai ficando esperto pra fazer o troço certo*'. Quanto ao que é 'certo',

64 Para os adolescentes multar significa pedir contribuição em dinheiro à alguém.

65 A palavra "quebrado serve para referir-se a pessoa que está sem dinheiro.

66 "Marica" é o nome dado ao cachimbo artesanal utilizado para o consumo do crack.

67 Geralmente a "pedra de crack" é vendida embalada em papel alumínio, que às vezes, é utilizado pelos usuários para fumar numa "marica".

68 A expressão "de boa" ou "de boas" significa "estar numa boa", "tranquilo", sem "arrumar encrenca" ou fazer algo considerado como errado de acordo com cada "cena".

69 O termo "cena" para os adolescentes pode ser compreendida como "contexto".

perguntei como seria. E ele disse-me: '*cena bem de boa, rolando o movimento*⁷⁰ (...) *só paga quem deve, sem pirar com os burgue*⁷¹ *por causa de nada*'. Mesmo indo onde muitas pessoas consideram como a 'boca do lixo' ao lado destes adolescentes, minha posicionalidade e o fato de eu não contribuir na compra e uso da droga, me fazia um *outsider*. Alguém, segundo *Piolho*, incapaz de compreender seu real contexto. Minha posicionalidade criou uma tensão em torno das práticas específicas do grupo observado neste campo. Por outro lado, o campo também evidenciou que já não sou o mesmo enquanto pesquisador. A exploração do objeto me levou a uma convivência que passou pelo futebol, pela conversa descompromissada, pela observação em confraternizações alcoólicas, e até há algumas 'rodas de crack', além das áreas mais escondidas das periferias pobres. Certamente, se eu fosse visto por alguém 'conhecido' em algumas destas ocasiões, não seria tomado por pesquisador. Estaria mais para um 'drogado', um 'maluco' ou um 'bandido', mais um homem da 'vida louca'. E se talvez, neste trabalho de campo, no momento em que os adolescentes consumiam o *crack*, ou próximo ao 'canal', a polícia participasse da mesma 'cena', provavelmente eu também seria tratado como alguém em conflito com a lei. **Nota de campo, 12 de julho de 2009.**

Mesmo com dificuldades para realizar o trabalho de campo na vila Coronel Cláudio devido a minha presença não ser muito bem aceita por *Piolho* e mais alguns de seus amigos, convivi uma semana com os adolescentes que conheci na vila e entrevistei *Dentinho* e *Cascão*. A presença de adolescentes muito jovens em relação com eles, que já estão quase atingindo a maioridade, fez-me perceber que a idade e a geração se constituem em elementos importantes na posicionalidade dos adolescentes nos seus grupos de identificação. Os mais velhos demonstravam-se como aqueles que, detentores de maior conhecimento sobre a rotina da "quebrada", seriam mais capazes de gerenciar um movimento de drogas e outras atividades ilegais, tais como roubos e furto qualificado. De acordo com *Dentinho* e *Cascão* estas práticas podem ser realizadas de modo "certo", se forem seguidos os valores e códigos compartilhados entre bandidos que aderem ao Primeiro Comando da Capital (PCC)⁷² e se o roubo ou furto for dirigido contra aqueles que consideram como burgueses. Tal como os adolescentes afirmaram, esta facção criminosa estaria realizando um movimento de revolta ao sistema de exploração através do incentivo a criminalidade. Além disso, os dois adolescentes disseram constituir um grupo organizado denominado como Primeiro Comando Coronel (com sigla homônima: PCC)⁷³. Isto demonstra a apropriação de alguns critérios de operacionalização de práticas ilícitas. O vocabulário discursivo dos adolescentes da área investigada também demonstrava a

70 "Movimento" também significa para os adolescentes entrevistados a movimentação de dinheiro realizada pelo tráfico de drogas.

71 Alguns adolescentes das periferias de Ponta Grossa referem-se a pessoas da burguesia como "burgue" ou "burguesada".

72 O PCC é uma facção criminosa comandada por bandidos que atuam dentro e fora dos presídios em várias cidades do Brasil, não somente nas capitais.

73 A apropriação da sigla PCC por um grupo local não ocorre somente na vila Coronel Cláudio. Dois dos adolescentes entrevistados na Zona Sul afirmam que há vários PCC pela cidade, o que está demonstrado em alguns muros através das pichações PCC do Primeiro Comando da Cipa, e PCG, do Primeiro Comando Guaíra, ambas vilas da Zona Sul.

relação do grupo com a facção, e muitas vezes, confundia-se com o vocabulário difundido em alguns presídios. O copo foi muitas vezes chamado de “caneca” e a cueca de “coruja”. O chão de “praia” e eu (pesquisador) de “truta”⁷⁴.

Quanto aos adolescentes menores, que segundo *Dentinho* e *Cascão*, constituem o que denominam como “pivotagem”⁷⁵. Pude entrevistar um adolescente morador de rua que disse passar a maior parte do tempo deslocando-se entre o centro da cidade e a vila Coronel Cláudio. Abaixo segue relato da tarde em que conheci o garoto:

Estávamos, eu, *Dentinho* e *Cascão*, quando durante a tarde apareceu um menino que os dois chamaram de '*D-Menor*'. Era um menino em completos doze anos de idade, estava com pressa e contava vantagem por 'passar'⁷⁶ uma 'tia' no centro da cidade. Disse que policiais detiveram-no, mas quando entregou os objetos roubados liberaram-no. *D-Menor* continuou sua história dizendo que logo após sair de perto dos policiais conseguiu 'passar' um celular de um playboy nas proximidades do *shopping*. Indicando com os dedos, com marcas de queimado e a mão em estado de reação química, *D-Menor* informou sobre alguns de seus planos para aquela tarde: '*vou ver se pego uma 'brita' e já desço dando uma olhada ali nos barraco pra depois ir passando*'⁷⁷. Tentei convencê-lo para que voltasse outra hora. Ele disse que depois do 'corres', subiria novamente. **Nota de campo, 15 de julho de 2009.**

Encontrei-me oito vezes mais com *D-Menor*, na maioria destas ocasiões, ele estava descalço e maltrapilho. Apesar de menor em relação à *Dentinho* e *Cascão*, *D-Menor* cumpria um importante papel, era um importante observador e dominava um conjunto variado de conhecimentos sobre a rua. Repassava algumas informações aos adolescentes já maiores para que formatassem uma tática para o furto, ou, relatava sobre os lugares onde era possível comprar o *crack*⁷⁸. Além disso, dizia ele aos “maiores”, que alguns adolescentes da Vilela estariam à procura de *Dentinho* para tratar de uma briga mal resolvida. Esta briga provocou duas facadas neste adolescente, uma no braço e outra nas costas. Segundo *D-Menor*, a “*gangue da Vilela já sabe que eu faço correria junto com vocês ali na quebrada e que é pra eu ficar de boas ali, pra não passar nada ali, que não é pra eu fazer nenhum adianto!*”. Este foi o recado a *D-Menor* que, às vezes, buscava droga para *Dentinho*, *Cascão* e outros adolescentes na Vilela, uma área pouco acessada devido a antigas rixas. Este movimento de *D-Menor* era acompanhado de sua atividade de furtar as

74 “Truta” quer dizer novato, segundo o vocabulário carcerário.

75 Variação do adjetivo pivete que designa homem jovem, garoto, piá, moleque ou menino.

76 O termo “passar” pode ser compreendido de duas maneiras: como sinônimo de vender, e no caso do relato de *D-Menor*, quer dizer roubar ou furtar.

77 Entendi que *D-Menor*, ao mesmo tempo em que ia comprar o crack observava quais casas seriam mais fáceis furtar, atos que seriam realizados “na sequência”.

78 Como toda atividade comercial ilegal, os locais onde elas ocorrem estão em constante mudança devido a fiscalização da investigação policial. Além disso, no caso da participação de *D-Menor* no grupo observado, ele dava conselhos sobre onde era melhor comprar a droga de acordo com o custo-benefício.

casas que considerasse mais fácil após pedir esmolas, estes pedidos compunham uma tática de observação para o furto planejado. *D-Menor*, parecia raciocinar em conflito com a lei. A medida que percorria a extensão do espaço urbano no entorno do centro da cidade, ele observava em cada quilômetro percorrido, várias possibilidades de realizar sua vontade pessoal de consumir o *crack*.

D-Menor ajudou muito à realização do trabalho de campo, deu-me dicas sobre os principais locais de referência dos adolescentes da Vilela e foi comigo até três deles apresentando-me à muitos adolescentes desta vila. Na Vila Nova apresentou-me Zeca, um dos principais autores de infrações observados em registros policiais no período analisado. *D-Menor*, que vive na rua, permitiu que eu o acompanhasse nas “correrias” que realizou nestas duas vilas. Este adolescente, que recebeu um apelido diminutivo porque ainda é pequeno, ao meu ver, já é um grande conhecedor do movimento das ruas e contribuiu com seu conhecimento para que eu estabelecesse contato com alguns adolescentes que buscava entrevistar. Além disso, para que eu percebesse como a rua, além de passagem e morada, é um espaço complexo, percebido, vivido e apropriado de forma multivariada.

Na Vila Nova segui meu trabalho de campo, frequentando esta vila por duas semanas. Estabeleci contatos com adolescentes e com pessoas maiores de idade que, desempregadas, ou recém saídas do presídio, deram muitas dicas sobre o contexto daquela “quebrada” e sobre a vida das pessoas mais jovens que lá vivem. Um contexto marcado por inúmeras carências em infraestrutura, em políticas públicas e ambientais e de emergência de condições econômicas favoráveis. Para muitos moradores da Vila Nova, é o contexto de desigualdade e de falta de perspectivas de futuro para os jovens que influencia na opção em fazer de seu cotidiano uma viagem intensa pelo mundo da ilegalidade. Os moradores com quem conversei nesta vila pareciam compreender o fenômeno a partir de um mesmo ditado: “*Quando a piazada*⁷⁹ *não tem o que fazer, vai fumar, usar drogas e roubar*”. A explicação mais comum para o ingresso dos jovens desta área na vida ilícita, entre as pessoas com quem conversei, aparenta um consenso: a pobreza e a falta de alternativas em superá-la empurra os adolescentes à situação de conflito com a lei. Todavia, alguns moradores desta vila também afirmaram que se não fosse a droga, o contexto dos jovens deste fundo de vale seria um pouco “menos pior”.

Depois de ser apresentado por *D-Menor*, encontrei-me novamente com Zeca em meio a uma de suas 'correrias' enquanto eu me deslocava em direção à Vila Nova. Ele tentava vender um telefone celular próximo a um bar boêmio da Vila Estrela.

79 Uma das formas com que os adolescentes entrevistados se referem ao coletivo de “piás”, isto é, meninos.

Encontrei com ele pelo menos três vezes no mesmo dia. Em todas as ocasiões conversamos e ele mostrava-se apressado. Em todas elas, pedi a ele que me deixasse acompanhar sua rotina. Ele constantemente pedia-me uma quantidade de dinheiro, ou, para que comprasse um celular, um cobertor e uma 'jaca' (jaqueta de couro). Além disso, ele me disse que teria ouvido falar de um cara que tava entrevistando os 'maluco da quebrada'. Zeca havia conversado com *Gorpo* e outros adolescentes da *Zona Sul* e estes teriam contado sobre meu trabalho. No entanto, Zeca dispôs-se a dar entrevista somente se eu lhe pagasse uma certa quantia em dinheiro. Eu resisti a ter que pagar pra realizar o trabalho de campo, considerando que a riqueza das informações coletadas seria maior se a entrevista fosse voluntária. Foi nesta perspectiva que passei a frequentar diariamente a Vila Nova, conversando com moradores, trabalhadores noturnos ou desempregados que se prostravam cotidianamente na escadaria daquele fundo de vale. A negativa de Zeca, mostrou-me a dificuldade em realizar o trabalho de campo nesta vila. Contudo, esta não é a primeira vez que encaro o desafio de dialogar com adolescentes apressados para a realização de algum 'adianto' ou 'correria'. Mesmo depois de argumentar com Zeca que tinha realizado entrevistas com adolescentes da Coronel Cláudio e *Zona Sul*, este adolescente era reticente e negava-se em conversar por muito tempo e a dar informações. Em alguns momentos tentou me intimidar dizendo que se eu não lhe desse algum dinheiro minha situação se complicaria na vila, nas palavras dele: *'você não vai mais andar de boa aqui na quebrada'*. Restava-me retornar outro dia e andar por outras áreas da vila em busca de outros contatos. **Nota de campo, 21 de julho de 2009.**

Depois de mais duas idas à Vila Nova, não consegui conversar com Zeca. Procurei este adolescente outras vezes correndo o risco de encontrá-lo sem pressa e livre da "fissura", um estado emocional em que a pessoa sente a abstinência física do *crack*. Mas o Zeca parecia ter sumido.

Hoje, usei como estratégia ir até a Vila Nova e perguntar por Zeca à outros adolescentes buscando identificar aqueles que são mais próximos dele. Neste dia, *Neco* foi por mim abordado. Perguntei a ele se poderia me ajudar, pois procurava Zeca, conhecido por adolescentes da Zona Sul e Coronel Cláudio como um 'carinha' que já tinha traficado e com inúmeras passagens pelo SAS e SENSE. Recebi como resposta de *Neco* que Zeca teria ido para São Paulo depois que *'caiu com os home'* pela última vez. Logo me perguntou qual seria o assunto a tratar com ele. Me apresentei como pesquisador que realizava um trabalho sobre os 'maluco da quebrada' e que conhecia Zeca. *Neco* disse também ter várias passagens pela Delegacia do Adolescente e que esteve internado três vezes no SAS e duas no SENSE. Ele contou ainda, que agora estava 'de boa', prestando serviço comunitário no Hospital da Criança como pena alternativa. O que chamou atenção na conversa com *Neco*, foram as constantes vezes em que abordou estar 'fora da vida louca', que a 'pedra' só trazia desgraças e que só de vez em quando toma uns 'gole' e que sob o efeito da 'pedra' ficava muitos dias e noites 'a fio', na 'correria' e na realização de 'adiantos' pra conseguir fumar. No início de nossa conversa, o adolescente se dirigia a rua do Instituto de Educação. Resolvi acompanhá-lo num caminho que se estendeu até o prédio histórico 26 de Outubro (que atualmente abriga a sede do SOS, Serviço de Obras Sociais). Fomos da Vila Nova até o centro, andando rápido, ziguezagueando as ruas e conversando sobre as experiências de furtos, roubos e de uso de *crack* vividas pelo adolescente. Falamos basicamente sobre a rotina da 'vida louca', experimentada por *Neco* desde os onze anos de idade até seis meses atrás, já com dezessete anos de idade. Os relatos do adolescente foram diversos: ele falou sobre a diferença entre o SAS e o SENSE; e contou histórias ligadas a seus próximos, como o irmão *Zóio* (o qual ele afirmou que também estaria 'de boa', trabalhando e próximo de ser pai) e outro irmão seu, o qual disse encontrar-se preso. Parecia lhe assustar a ideia de também ir para o 'Cadeião', pois logo fará dezoito anos de idade. O adolescente contou da relação com os socioeducadores

das instituições, que segundo ele, estariam fazendo o trabalho deles e que isso deve ser respeitado, mas que se algumas das posturas assumidas por estes profissionais nas instituições, se repetissem fora dela, *'aí é outra história, o cara pode ser o que for, não tem peito de aço'*. Senti que a ligação com o irmão mais velho e seu argumento de que *'o futuro de bandido ou é na cadeia ou no cemitério'* o afastavam da ideia de fumar mais uma 'pedra'. Ele ainda falou que pra seguir a vida de bandido igual aos bandidos da sua vila, *'só maquinado (armado), os cara só andam maquinado, por isso que não rola de maluco de outras quebrada vir querer se alugar com os cara daqui'*. Segundo ele, como está em constante recuperação, uma única 'maldita' (pedra de crack) o poderia levar a mesma rotina do passado: roubar-fumar-voltar a roubar e acabar 'caindo' (ser preso) novamente. Neco deixava claro que sua velha rotina o deixou cansado! O adolescente ainda declarou seu gosto por grupos de Rap como *Racionais Mc's* e *Facção Central* e também pela dança *Break*. Relatou que próximo a sua vila, quando não tem que prestar serviço comunitário, participa do Projeto Atitude que, de acordo com ele, alguns adolescentes da vila estariam participando e que até estavam se afastando do consumo desenfreado do crack. Neco, neste dia, ia em direção ao SOS ajudar sua tia carregando o 'Sacolão', que acredito, seja doação, parte de alguma política compensatória do Poder Público Municipal. Foi em frente a esta instituição que combinei com ele encontrarmos-nos outro dia. O adolescente não se mostrou incomodado com o pedido que fiz para participar um pouco de sua rotina. **Nota de Campo, 24 de julho de 2009.**

A rotina de Neco era de trabalho no Hospital da Criança como medida a ser cumprida em liberdade. O resto do tempo, o adolescente passava na difícil procura “do que fazer”, haja visto que havia pouco tempo desde sua desintoxicação. Ele pensava em continuar seus estudos e conseguir trabalho, ao mesmo tempo em que, resistia fortemente a vontade de consumir o crack. Passei a acreditar que minha presença na Vila Nova faria alguma diferença quanto a este aspecto depois de começar a acompanhar a rotina do adolescente. Assim, não teria tempo para pensar em voltar ao consumo do crack, pois o mesmo sentia-se envergonhado em sair procurar Zeca ou outro amigo com que pudesse compartilhar da droga.

A experiência que tive com Neco e outros adolescentes da Vila Nova superaram o conflito que tive com Zeca em relação a entrevistas, este adolescente já passava a participar das conversas. Neco contou-me que mentiu sobre Zeca ter viajado para São Paulo porque não me conhecia e que ele não era “cagueta”⁸⁰. Isto evidenciava que eu ganhava um pouco mais da confiança do grupo. O contato com quatro adolescentes⁸¹ de sua vila, fez-me frequentar assiduamente suas escadarias. Conheci muitos moradores, locais de venda de crack e maconha e, um pouco do cotidiano dos adolescentes que habitam o fundo de vale. Até o momento da minha aproximação, tive contato com informações dos adolescentes entrevistados através dos registros policiais. Agora, a versão deles era observada através da pobreza, de sua luta cotidiana pela sobrevivência e

⁸⁰ “Cagueta” é a forma utilizada para referir-se a “alcaguete”, “delator” ou “dedo-duro”. Entre os adolescentes entrevistados, também é comum a apropriação do termo X9, palavra apropriada aos presídios e que tem o mesmo significado.

⁸¹ Neste trabalho, os quatro adolescentes recebem os apelidos de Zeca, Neco, Bagaço e Carepa.

resistência diante do vício.

Estava a procura de *Neco*. Na casa de sua tia, fui informado que ele estava 'lá pra baixo', na casa dele. Segui abaixo pela escadaria da vila em direção à casa indicada como sendo de *Neco*. As ruas da Vila Nova se mostravam ocupadas por crianças soltando 'pipas', passavam o caminhão de lixo e o de gás. A rotina da vila era comum a de outras vezes em que ali estive: em algumas esquinas, encontravam-se homens de meia idade, adolescentes e crianças a conversar. A cena evidenciava um pouco do cotidiano da Vila em dias de semana. O bar, com balcão quase alcançando a rua, estava vazio enquanto era higienizado por uma senhora e uma moça. Mais abaixo da escadaria, fui abordado por um sujeito vestido com roupas velhas e sujas e que aparentava embriagues. Pediu-me um cigarro, mas ao tentar responder sobre onde seria a casa de *Neco*, não dizia coisa com coisa, foi difícil para que eu conseguisse acender o cigarro para ele enquanto ele relutava para não despencar sobre o chão. A cena quase se repetiu na quadra seguinte: o mesmo pedido de cigarro, mas com a mão trêmula de outro sujeito apontando a casa de *Neco*. Quando bati palmas, uma senhora disse que lá não era casa do adolescente, que ela era sua mãe, mas que ele dividia de 'meia parede' uma 'meia água' com seu irmão *Zóio*. Ela perguntou sobre o que se tratava e afirmou que era difícil convencer o filho a cumprir o serviço comunitário, repetindo diversas vezes: '*piá difícil viu, ele e o irmão, Deus-o-livre com esses piá*'. Continuamos a conversar por pelo menos dez minutos. *Neco* tinha mais cinco irmãos e sua mãe sofria com as atitudes dos mais velhos, inclusive arcando com as despesas do primogênito encarcerado. A 'meia água' habitada por *Neco* e *Zóio*, era de madeira antiga e com tinta desgastada. Ao lado do que parecia ser a cozinha, havia uma construção pequenina de alvenaria que aparentava ser o banheiro. A casa estava aberta, mas não havia ninguém em seu interior. Na mesma rua, na frente de outro bar com balcão próximo ao asfalto, três adolescentes perguntavam-me se era de interesse negociar um cobertor, uma 'tela' (TV) e um aparelho DVD por uma bagatela de trinta reais. Ao revelar minha identidade de pesquisador, após alguns minutos de conversa, os adolescentes dispersaram na procura de 'negócio' para os objetos que portavam. Como não encontrara *Neco* em sua casa, resolvi caminhar pela vila. Algumas pessoas disseram que ele estaria próximo ao Arroio do Padre, mas enquanto isso, observei o movimento de muitos jovens pelas ruas. Nas margens do Arroio identifiquei o que aparentava ser um dos locais destinados ao uso de *crack*, havia latas de cerveja, vazias e queimadas sobre o chão num afloramento de rocha em que se destacavam as pichações: 'Vida Loca', 'Vila Nova Comanda' e CVN (Comando Vila Nova). **Nota de Campo, 25 de julho de 2009.**

No logradouro atrás do Colégio Instituto de Educação segui Vila Nova abaixo procurando *Zeca* e *Neco*. Já próximo ao conjunto habitacional Vila Nova II, avistei há aproximadamente duzentos metros, várias pessoas sentadas sob a sombra de um Ipê. Resolvi seguir em direção ao grupo. Eram na verdade, pessoas mais velhas, homens e mulheres compartilhando uma garrafa de plástico de uma cachaça barata. Com cuidado, perguntei se tinham avistado *Zeca* ou *Neco*. Tais pessoas me trataram de modo receoso, dizendo que não conheciam os 'caras', me pediram dinheiro repetidas vezes, era o famoso modo de multar desconhecidos, comum entre alcoólatras e viciados. Foi assim que encontrei *Zeca*, passeando pelos locais mais periféricos da Vila Nova, no nível baixo da ladeira próxima da margem do Arroio do Padre. Conversei com ele por meia hora, até que *Neco* apareceu. Este adolescente pediu para que o ajudasse na 'intêra' para um 'tubão'. Na rua que ladeia o Parque, sentamos próximo a uma árvore, marcada por vários tiros disparados pelos adolescentes e, segundo eles, também pelos bandidos da vila. Sentados lá, observamos a chegada de *Bagaço* e depois, *Carepa* (irmão de um famoso bandido da Vila Nova e que atualmente está encarcerado devido a um homicídio). Conversei com *Neco*, *Zeca* e *Bagaço* durante toda a tarde. *Carepa* teve uma breve passagem pelo local. Além do fato de que a conversa com os adolescentes foi gravada, o que provocou tensão entre a minha presença foi a chegada de *Carepa*. Quando ele apareceu pela rua, os adolescentes o apresentaram de longe como '*Polaquinho*' e que era pra cuidar do gravador, pois senão: '*ele já pega de você*'. Foi esta a primeira

ação de *Carepa* quando sentou na roda onde estávamos, perguntou do MP3 e pediu pra ver. Eu disse que estávamos fazendo uma entrevista e que não tinha como ele pegar naquele momento, que eu o deixaria ver depois do fim da entrevista. Por algumas vezes, ele disse em tom de brincadeira que queria levá-lo e brincou comigo como se tivesse me tomando de assalto. Os outros adolescentes ficaram do modo como estavam, conversando. *Carepa* juntava-se a nós. O adolescente ficou pouco tempo, contou algumas de suas histórias e chamou a atenção de todos. *Carepa* contava que sua mãe se encontrava presa, assim como seu irmão, que era uma das pessoas responsáveis pelo sustento da casa. Que em sua pequena casa estavam vivendo ele e uma de suas irmãs mais velhas. Esta, segundo o adolescente, não estava preocupada com as necessidades, tanto da casa e dele, como da mãe e do irmão que estão na cadeia. Sua irmã, estaria apenas interessada em fumar 'pedra'. *Carepa* contou das dificuldades que está passando com tudo isso, sem saber do que seus familiares necessitam dentro da prisão e, ainda, sem saber o que fazer com sua irmã. Disse que ela já vendeu tudo que havia na casa e, que numa das últimas ocasiões, teria quebrado vários dos móveis porque não tinha pedra pra fumar, nem dinheiro pra comprar, nem nada pra vender. Perguntei ao *Carepa* o que ele estava fazendo pra viver. Nas condições em que ele vivia, uma das saídas escolhidas pelo adolescente até mesmo proporcionou uma cicatriz na sobrancelha, que segundo ele, é fruto de um disparo com arma de fogo efetuado por um policial. *Carepa* está contando com a ajuda de alguns vizinhos e parentes, mas a partir do que ele mesmo disse, o que mais faz nesta situação: 'é roubar!' **Nota de Campo, 27 de julho de 2009.**

As entrevistas realizadas com os adolescentes da Vila Nova foram muito produtivas. Observei que muitos adolescentes da vila, que antes viviam “internados na pedra” e envolvidos em atos de furto, pareciam combater sua dependência através da participação de um projeto social, da própria conscientização de algumas famílias e da valorização da vida através da arte e conhecimento. Eu conseguia contemplar as categorias de análise sem ter que realizar perguntas.

A convivência com o grupo focal na Vila Nova, Coronel Cláudio e Zona Sul também revelou que a partir da reflexão sobre minha posicionalidade diante do grupo, estabelecida através da comunicação interpessoal e baseada na humilde e simples conversa, permite ao pesquisador, abandonar a prancheta e a enumeração de questionamentos, o roteiro prévio de entrevistas estava na cabeça. Assim, as categorias de análise simplesmente surgiam no decorrer do diálogo e do tempo de convivência com cada grupo. Fosse diferente, havia o risco de ter maiores dificuldades em obter informações, se for considerado que o grupo já passou por muitos interrogatórios formais à polícia.

Um aspecto que precisa ter visibilidade é a reflexão sobre a interpretação dos próprios adolescentes quanto a minha presença. A maior parte dos entrevistados parecia interpretar e representar minha posição como um sujeito que tem interesse em compreender a “vida louca dos malucos da quebrada”. Esta representação reforçou a necessidade de refletir sobre a minha posição de pesquisador, pois não queria subvertê-la

e passar a ser representado como um sujeito com perfil parecido com o de policiais ou de assistentes sociais que participam do controle social e de programas de proteção aos adolescentes em conflito com a lei.

Ao longo do processo, o vocabulário que passei a utilizar pela fala, foi se confundindo com o dos adolescentes. Comecei a ler revistas, *blogs* e artigos que tratavam de *Rap*⁸² e da história do movimento *Hip Hop*, assim como conhecer o significados de gírias comuns entre os adolescentes das periferias e dos presídios brasileiros. Os adolescentes demonstram um vasto conhecimento sobre este universo. A medida que buscava conhecer mais sobre o cotidiano dos adolescentes e a relação com seus referenciais simbólicos, algo que começou no trabalho com adolescentes da Zona Sul, eu mudava o modo como era observado por eles. Contudo, este processo tem altos e baixos.

Minha posição de pesquisador, algumas vezes, era interpretada como a do sujeito “que conhece bastante coisas”, tal como destacou num dos trabalhos de campo o Anísio da Zona Sul. Refletindo sobre isso, entendo que minha procura em conhecer mais sobre os referenciais simbólicos dos adolescentes era realizada através de outros “canais” e que este problema era causado pela desigualdade de acesso à informação. Muitos adolescentes têm pouco acesso a conteúdos que estão presentes na internet⁸³, filmes que não passam na TV ou não são de maior “saída” no mercado pirata, livros que discutem o *Hip Hop* e contam sua história, discos de grupos de *rap* internacionais da década de oitenta e noventa, entre outros.

A partir das minhas passagens pela Zona Sul, Vila Nova e Coronel Cláudio, observei que a existência espacial destes adolescentes e as dificuldades experienciadas por eles na periferia podem ser interpretadas geograficamente em sua relação com a dependência química, com os atos de agressão e vias de fato em grupo, com os furtos e roubos e lealdade em relação ao grupo de convivência. Observava até o momento, que os adolescentes entrevistados estabeleciam mais relação com o tráfico através da posição de atravessadores e consumidores. Contudo, as informações que obtive com os adolescentes até então entrevistados, apontavam para a presença de outros que chefiavam uma “banca”, isto é, gerenciavam uma “boca de *crack*” em outro universo de

82 Estilo musical originário da periferia e que passei a ouvir com mais frequência.

83 Muitos adolescentes, mesmo tendo acesso a internet através da popularização das lan-houses, os adolescentes são limitados a realizar *downloads* de filmes, músicas *e-books*, etc., devido ao dinheiro que gastam a cada hora que permanecem neste tipo de estabelecimento. Além disso, mesmo conhecendo algo da cena musical produzida na “periferia”, tal como o *funk* e o *rap*, alguns adolescentes não desenvolvem interesse constante e cada vez maior por várias coisas, devido a dependência do crack, que causa dispersão, “consome com o dinheiro e a mente do maluco”, tal como dito por Zeca da Vila Nova.

observação.

Comecei a investigar a vila Vilela com a ajuda de *D-Menor*, que me pôs em contato com duas pessoas as quais ele afirmou serem os “chefes da banca”⁸⁴. *Boneco* e *Galego*, ambos com dezesseis anos de idade, atuavam como atravessadores de *crack* no centro da cidade. Eles afirmaram pertencer ao Comando Vilela, grupo organizado na vila, o qual eles diziam que comandava a “banca do centro”.

Na “quebrada” onde mantinham um “movimento” de droga, ou o “gerenciamento da banca”, percorri áreas, as quais, *Boneco* e *Galego* diziam-me para não ir: “*Lá em baixo a gente não garante nada do que vai rolar, é nossa banca, mas os maluco apavoram qualquer um que é novo na quebrada*”.⁸⁵

Desta forma, decidi concentrar minha observação inicial em áreas “permitidas” por estes adolescentes. Nestas áreas, em repetidas três abordagens, não consegui estabelecer um diálogo favorável no sentido de encontrar *Boneco* e *Galego*, assim como outros membros do Comando Vilela. Nestas abordagens, os adolescentes pareciam repetir o mesmo aviso, um deles disse: “*Não vá descer lá pra baixo que a banca dos maluco lá é foda! É cheio de neguinho querendo 'passar' todo mundo pra pegar uma brita.*”⁸⁶

Percebi que, assim como a ida em locais próximos de “canais” de *crack* na vila Coronel Cláudio, minha posição poderia ser interpretada como a de um intruso. Após outras várias abordagens, durante dois dias seguidos, optei por entrar na área restrita. Esta intromissão, no início de minha aproximação, não foi bem aceita haja visto os olhares de um adulto que parecia desaprovar minha presença. Além dele, mesmo os adolescentes apresentados a mim por *D-Menor*, pareceram não estar a vontade comigo.

Hoje, iniciei o trabalho de Campo na Vilela com a decisão de correr o risco em 'descer lá em baixo', na área que considerei proibida por *Boneco* e *Galego*. É o sexto dia de pesquisa de campo na vila. Nos três primeiros, frequentei os mesmos locais apontados por *D-Menor* como de maior concentração de adolescentes que já tiveram passagens pela Delegacia, isto é, com aqueles que já 'caíram com os home'. Durante os três últimos dias de trabalho de campo, encontrei muita dificuldade em estabelecer contatos e a coisa mais comum reafirmava o aviso de *Boneco* e *Galego* de que seria perigoso 'descer lá pra baixo', passei a frequentar os pequenos bares da vila e conversar com quase todo mundo que ali parasse. É estranho escrever esta experiência, mas este aviso repetido parece ter despertado ainda mais minha curiosidade em relação àquele espaço, assim como os relatos contados no balcão de um bar. Logo de cara, já em direção ao fundo do vale do

84 “Chefe da banca” é um dos nomes dados ao líder de uma quadrilha de traficantes, podem ser considerados como sinônimos de “chefe”, segundo os adolescentes, os termos “patrão”, “dono”, “rei da quebrada”.

85 Transcrição de gravação presente no Diário de Campo, dia 17 de julho de 2009.

86 Transcrição de gravação presente no Diário de Campo, 1 de agosto de 2009.

arroio Pilão de Pedra, fui abordado pelo primeiro adolescente a me multar. Ele pedia cinco reais. Fui andando em direção a uma 'meia-água' construída de improviso com pedaços de madeira de 'forro', ripas e sarrafos. Em frente desta casa, encontravam-se dois jovens. Um deles era *Galego*, que inicialmente estranhou minha presença, mas logo sorriu dizendo que não esperava que eu aparecesse na "quebrada". Em meio aos nossos cumprimentos, a mãe dele, que estava encostada na porta da casa, falava muito alto com o adolescente. Dizia que era melhor ele sumir dali e procurar o que fazer. Galego respondia a mãe dizendo que tinha acabado de chegar. O outro jovem que estava ali era o irmão de Galego e que logo saiu dizendo que ia para o centro. Em plena tarde de terça-feira, Galego não havia dormido desde o domingo. Ao sair da frente de sua casa, ainda escutávamos sua mãe, que agora gritava: *'filho vagabundo senão é pra trazer coisa pra casa, tem que ser preso memo, daí vai tá bão'*. Ela ainda gritou dirigindo-se a mim: *"agora, tem que prender também esses 'playboyzinho' que vem aqui encher o cú de pedra! Você não tem mãe não piá? O teu tamanho vagabundo! É você memo 'Gadeia', é você memo!"* Seguimos em direção a uma pequena casa. Nesta, um pessegueiro fazia sombra à cinco adolescentes e quatro crianças. Este percurso parece ter sido acompanhado por várias pessoas que olhavam pelas janelas dos barracos. Todos os adolescentes e crianças me cumprimentaram. Um adulto que estava no interior do terreno balançava a cabeça numa espécie de desaprovação em relação a minha presença. Presumo que este homem saiu de bicicleta encarando-me como forma de intimidação. Enquanto isso, *Boneco* apareceu e começamos todos a conversar. Eu demorei a entender todas as coisas que me falavam as quatro crianças que estavam no local. Dois meninos pareciam brincar numa disputa por uma lata vazia de cerveja, que provavelmente serviria ao uso do *crack*. Os outros dois, que estavam mais próximos, exalavam o cheiro da sacolinha contendo cola, na manga da blusa surrada de um, e no bolso do outro. Um deles pedia esmolas nas casas, o segundo mendigava em semáforos, os outros dois, diziam cuidar de carros no centro. Nenhum deles está na escola e esperam parar de fumar o *crack* e passar a vendê-lo. Segundo um deles, isto *'é mais arrego'*, segundo outro, *'é mais vantagem e você sai no lucro, a gente vem direto buscar 'parada' pra uma galera lá do centro.'* A atenção dada pelos meninos não foi compartilhada pelos adolescentes maiores que falaram pouco comigo, inclusive *Galego*. Os outros dois que estavam junto dele me encaravam como um verdadeiro intruso. Perguntei a eles se poderia voltar outro dia pra 'trocar umas ideias', *Boneco* disse: *'Mas a gente nem sabe, vai que você é P2?'*⁸⁷ *Se não é, então! A galera vem aqui pegar a parada e vaza!'* Respondi *Boneco* dizendo que geralmente os P2 chegavam procurando comprar drogas, de modo a descobrirem os locais em que funcionam as 'bocas' e, que ele já deveria conhecer o jeito deles se aproximarem. Falei que era pesquisador e que já tinha realizado entrevistas e conversado, durante três meses de convivência, com *'maluco das bancas da Coronel, Vila Nova e Zona Sul'*. Ainda disse que já tinha passado por várias quebradas e que em todas elas, a Vilela foi respeitada como um dos maiores comandos da cidade e que por isso era uma área interessante ao meu estudo. Os meus argumentos pareceram convencer *Boneco* e os outros, que passaram a perguntar mais sobre a pesquisa e esqueceram um pouco da desconfiança sobre minha suposta identidade secreta. Despedi-me destes adolescentes com a autorização de *Galego*, *Boneco* e o outro, que recebe o apelido de *Caçula*, para voltar outro dia. O campo realizado hoje parece ter superado o problema da área restrita. O que mais chama atenção é a linguagem estabelecida pelos grupos. Ela varia de um grupo para outro, mantém algumas palavras, inserem-se outras utilizadas em alguns presídios ou em áreas dominadas pelo tráfico de drogas, mas sempre se apresentam novas palavras diante do conjunto de gírias já observados. O jeito de falar de cada vila se parece e, ao mesmo tempo, diferencia-se do conjunto de gírias e palavras já observadas. **Nota de campo, 04 de agosto de 2009.**

Passei a frequentar a Vilela todos os dias gravando muitas conversas que tinha com

⁸⁷ Assim é chamada a seção de inteligência da polícia militar, que atua no levantamento de informações úteis para a compreensão de um crime, e escreve informes que contribuem para elucidação deste, geralmente fazem levantamentos de áreas em que há a presença de traficantes e outros tipos de quadrilhas, inclusive ações irregulares no interior da própria PM.

os adolescentes debaixo do pessegueiro. Observei estacionar muitos carros, motos, um caminhão de gás e até uma pessoa conhecida e que ficou envergonhada pelo encontro inoportuno. Era a pé que chegava a maior parte dos consumidores.

Em frente a Casa, como é aqui chamada a residência utilizada para o tráfico, conversei com *Boneco* e *Galego* a tarde inteira de hoje. Estávamos sentados num tronco apropriado como banco e eles reparavam no estado das pessoas que por ali passavam. Eu tentei contar quantas pessoas chegavam e saíam rapidamente, mas desisti. Foram dois aparelhos de DVD negociados na esquina com um primo de *Boneco*, um *toca CD* de automóvel com o vizinho da frente. Estes objetos eram trazidos, cada um por adolescentes diferentes. Os meninos de outro dia também marcaram sua presença, mas logo foram expulsos da frente da Casa. *Caçula* os proibiu de fumar o *crack* ali. Neste período em que conversei com eles, chamaram a atenção as 'correrias' de um adolescente, que aqui recebe o apelido de *Juca*. Ele chegou pela primeira vez durante a tarde segurando sua própria camiseta. Ele queria vendê-la ou negociá-la por uma pedra de *crack*. *Galego* e *Boneco*, mostravam-se interessados pelas roupas 'de marca' deste adolescente. Além da camiseta, foram negociados o par de tênis e calça. Como ele saiu dali? Emprestou uma bermuda velha de *Caçula* e seguiu descalço. Depois de mais ou menos uma hora, o adolescente retornou, trazia um celular e uma sacola de mercado. Queria trocar tudo por *crack*. Ele perguntou a *Caçula*: *'Lembra que eu vim aqui e fiquei de trazer a berma depois? Tem como eu entregar outra hora? Me passa um bagulho pelo celula e as compra?'* *Caçula* então pediu a ele que entrasse na Casa. Em poucos minutos, o adolescente foi embora apressado, enquanto *Caçula* abria uma garrafa de refrigerante e segurava o pacote de salgadinhos que tirou da sacola. O traficante adolescente sorriu para nós dizendo: *'eu aposto um pacote desse, que ele volta daqui a uma hora! (risos) Só que eu falei pra ele que nem pense em ficar com a minha berma, não interessa se já tá detonada, trato é trato.'* A sacola de compras trazida pelo adolescente, era resultado de um desses tratos, pois o adolescente não tinha mais dinheiro e disse a *Caçula* que compraria, com o cartão de banco subtraído de sua mãe, algo que pudesse trocar. *Caçula* preferiu um refrigerante e um pacote de salgadinhos. Conversando com os três, eu entendi que a Casa, era moradia do irmão mais velho de *Caçula* e mais outro homem. Seu irmão atualmente está preso por tráfico. Segundo *Caçula*, ele assumiu a boca do irmão e os *piás* (*Galego* e *Boneco*) deveriam estar no centro *'comandando a banca lá'*. No entanto, *Galego* e *Boneco*, diziam que a 'cena' lá no centro estava complicada, pois houve troca de tiros num confronto com PCC da Coronel devido a uma desavença. Segundo *Boneco*: *'tá sujo ficar lá no centro por causa da última troca de pipoco, é melhor dar um tempo aqui na quebrada. Até a poeira baixar maluco (...)'* *Aqui mesmo tá foda, ali pra baixo já tem outros maluco que passam o bagulho, mas é cada um na sua, aqui na vila não tem enrosco, é cada um com seu movimento, tá ligado?'* Descobri hoje que a pessoa que me encarou na primeira vez em que estive ali, era quem passava a droga para os adolescentes venderem e, isso quer dizer, que tive sorte dele apenas me encarar. Outro aspecto observado no campo de hoje, foi que *Galego* e *Boneco* vangloriavam-se contando algumas das vezes que fizeram 157 (assaltos a mão armada) e divertiam-se ao ostentar e brincar com uma arma terreno adentro. *Boneco* empunhava a arma fazendo pose e falando palavras agressivas ao vento. Para ele e *Galego*, tudo não passava de uma brincadeira. Contudo, fiquei nervoso neste momento, haja visto que os dois tinham acabado de fumar mais um cigarro de maconha. *Galego* dizia que *'quando é de verdade, que daí tem bala, o sangue sobe maluco, você se sente, tá ligado? Não tem pra ninguém mano!'* Fora deste esquisito ambiente de diversão, *Caçula* concentrava-se todo o tempo no 'movimento' da Casa. E o adolescente da 'berma' emprestada, finalmente retornava ao local, após duas horas e meia, quando começou a anoitecer. O relato de hoje, parece resumir o que observei durante três dias em frente da Casa. Esta era a famosa 'cena', que segundo eles, tinha duração até o momento em que não tinha mais 'parada' pra 'passar'. O 'movimento', mais conhecido como tráfico de drogas, mostra-se determinante na postura adotada pelos

personagens da 'cena', na realização das trocas, e na sustentação de posições de poder nas relações entre os adolescentes traficantes e seus clientes. **Notas de campo, 8 de agosto de 2009.**

Depois de mais três dias convivendo com o grupo, sentia-me como se estivesse frequentando a frente daquela casa por mais tempo. Talvez tenham sentido algo parecido, *Caçula*, *Galego* e *Boneco* quando me convidaram para entrar. Foram vários dias buscando contato com os adolescentes da Vilela e, poder frequentar a Casa, para o trabalho de campo, constituía-se como um desafio superado.

Não posso dizer se fui aceito pelo grupo, mas fui convidado a entrar na Casa. Esta, que no início de minha aproximação com o grupo, parecia inacessível. Seu interior apresentava paredes extremamente sujas e o chão repleto de pontas de cigarro e latas de cerveja queimadas pelo uso do *crack*. Havia um sofá com diversos buracos de queimado. Não vi como eram os outros cômodos, com exceção do banheiro, inutilizável por quem não fosse acostumado com sujeiras de todos os tipos: as paredes eram rebocadas por restos de fezes, além de muito lixo jogado ao chão e o terrível cheiro de urina. Todo o interior da Casa cheirava mal. Um homem visivelmente embriagado foi-me apresentado como sendo o dono. Ele logo sentou num dos cantos da sala. Segurava um pequeno balde contendo uma refeição toda misturada a qual passou a ingerir. A 'cena' dentro da sala parecia um retrato surreal composto de sujeira e restos, o lixo e o vômito ressecados no chão, e a comida que escorria do balde durante a refeição. Enquanto isso, eu e os adolescentes continuávamos a conversar. Eles me disseram que José, o dono da casa, permitiu que continuassem com o 'movimento' na Casa logo após a prisão do antigo 'patrão'. A condição proposta por José para a utilização do local, de acordo com *Caçula*, era a seguinte: *'Ele deixa a cena corrê de boa se nós der pinga quando ele pede.'* Todos pareciam sair ganhando com tal situação. Apesar de os adolescentes fumarem cigarros de maconha em intensidade semelhante a de um fumante inveterado de cigarros de nicotina, *Galego* e *Boneco* não se interessavam pelo *crack*. Segundo eles seu interesse por esta droga estava relacionado ao lucro que obtinham com a venda ilegal no centro da cidade. Os dois adolescentes andam bem vestidos, com jaquetas e tênis caros. *Boneco* tem até dente de ouro, um estilo herdado do pai. *Caçula*, é bem diferente, vende e usa o *crack*, perde-se na contagem dos maços de dinheiro que eram depositados numa lata embaixo do sofá. Observei dois maços, e não posso apresentar nenhuma estimativa da quantidade do lucro de sua atividade, mas o bolo de dinheiro era imenso. O fato de *Caçula* fumar a substância que vende fazia parecer que ele estava atento ao movimento da rua e concentrado no tráfico, mas seu comportamento é, na verdade, de um usuário comum que sente os efeitos da substância tóxica e que olha desconfiado para todos os lados. Descobri o que *Caçula* tanto fazia no interior da Casa e por que se veste mal em comparação aos outros, mesmo tendo contato com muito dinheiro. Sua maior preocupação, afinal, era usar a droga e não vendê-la e lucrar. *Galego* e *Boneco*, entretanto, parecem tranquilos diante do vício de seu parceiro. *Galego* disse o seguinte: *'é ele que tá perdendo dinheiro e não eu, eu tô ganhando, nem sou burro de me internar nisso aí (...) eu já tive minhas época de se internar, eu já tive, também sei qual é que é!'* *Caçula* era prova de que a resistência de *Galego* em relação ao uso do crack não é compartilhada por todos as pessoas que tem contato com a substância, muito pelo contrário. *Boneco* disse que também já experimentou e foi dependente, mas afirmou o seguinte: *'ah mano, se eu for ficar na 'nóia', aí a casa cai maluco! Não dá pra ficar internado só fumando, lá no centro ainda, eu penso em ganhar dinheiro, ganhar uma moral com as mina, tá ligado? Ó, ontem eu fumei aqui na Casa, só que hoje eu tô bem de boa.'* *Boneco* defendeu seu argumento a favor do lucro dizendo que este foi o principal ensinamento do irmão de *Caçula* e que era uma pena que o irmão mais novo não tenha relevado isso. Mais tarde, *Boneco* disse em particular que *Caçula* tava estragando o movimento deles e que assim logo iria 'cair'. *Caçula*

estava fumando pedras demais e isso atrapalhava os negócios, pois logo quando faltava a substância, conforme o depoimento de *Boneco*, '*ele sai bem louco no 157 e corre num monte de quebrada (...) Não tá nem aí se os maluco de outra quebrada querem o couro dele! Vai passando os burgue e corre nos canal pra pegar mais pedra.*' *Boneco* falou também que, por isso, quando eles vão até a Casa, ficam mais para o lado de fora, pois se caso a polícia chegar eles podem fugir com mais facilidade e '*não dá flagrante*', assim, somente *Caçula* assume o BO⁸⁸. Ao que pareceu, a pretensão de *Boneco* parece constituir em assumir futuramente a 'boca' e dividir os lucros e responsabilidades com *Galego*. Desta forma eles parecem enxergar-se, num futuro próximo, ocupando uma posição de poder mais elevada em sua 'banca'. **Nota de Campo, 12 de agosto de 2009.**

Os adolescentes entrevistados da Vilela direcionavam seu discurso aos “negócios”, falando sobre drogas e do gerenciamento de sua “banca”. Falavam mais sobre a quantidade de dinheiro que tinham acesso e dos períodos de crise na falta da droga. De acordo com o que contaram, em alguns momentos, não havendo drogas para traficar, estes adolescentes empenham-se em realizar assaltos a mão armada. Em relação aos conflitos com outras vilas, os adolescentes da Vilela disseram não se envolver. O que contraria o discurso dos adolescentes já entrevistados na Zona Sul e na vila Coronel Cláudio, que apontaram inúmeras vezes que na Vilela havia uma gangue com a qual já estabeleceram vários conflitos e que teria muito “respeito” no centro da cidade. Os adolescentes entrevistados anteriormente, até mencionaram os nomes *Boneco* e *Galego* como os adolescentes que participavam das brigas e, ainda, que estavam sempre “maquinados”. Ao longo do tempo percebi, a partir de uma conversa com *Galego*, que as participações em brigas com adolescentes de outras vilas no centro da cidade eram ocultadas por que os três adolescentes são acusados de cometer tentativas de homicídios em duas ocasiões.

Há ainda um aspecto da relação entre pesquisador e grupos sociais pesquisados a ser esclarecido. Houve imenso esforço de minha parte na apropriação de um vocabulário próprio do grupo e de compreensão dos termos usuais. Essa prática foi sendo desenvolvida durante o trabalho e as transcrições, que realizo, dos depoimentos mantém o vocabulário original pautado na linguagem coloquial.

A reflexibilidade da relação estabelecida com os grupos que investiguei trouxe duas vantagens fundamentais na estruturação do presente trabalho. A primeira delas foi a de conceber minha produção científica como uma versão de realidade que se construiu conjuntamente com o grupo de adolescentes e que acabei fazendo parte do fenômeno que estudava. A outra vantagem foi a de poder confrontar meus pressupostos teóricos

⁸⁸ Quando o ato infracional é realizado em grupo, nem sempre todos os participantes são detidos, ou por força do acaso, ou devido à confissão de apenas um dos envolvidos, como é o mais comum. Esta tática dos adolescentes é falada a partir da expressão “assumir o BO”.

com a realidade empírica investigada e construir de forma sustentada os caminhos estruturantes da pesquisa em torno do gênero, na perspectiva da construção das masculinidades e dos espaços apropriados por práticas cotidianas de adolescentes em conflito com a lei.

Se a sociedade brasileira construiu socialmente a figura dos adolescentes em conflito com a lei, há também uma versão desta realidade que se particulariza na existência espacial desses sujeitos, em suas vivências como seres do sexo masculino, moradores de periferias pobres e praticantes de atos infracionais. A minha busca em compreender como se institui a existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa torna possível construir a visibilidade de uma geografia oculta, invisível, mas que faz parte de nossa realidade sócio-espacial.

O próximo capítulo sistematiza a análise da relação entre a construção identitária do ser homem adolescente em espaços de periferia e suas relações espaciais, evidenciando suas posições de poder e a construção de masculinidades periféricas relacionadas com os atos infracionais.

CAPÍTULO II

ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E GÊNERO – ESPACIALIDADES COMPLEXAS E SUBVERSÕES DE MASCULINIDADES

Este capítulo se destina a discutir os conceitos fundantes desta pesquisa, bem como o posicionamento teórico e suas justificativas na abordagem do fenômeno investigado a partir do contexto de Ponta Grossa – PR.

A questão central deste trabalho está assentada sobre a existência espacial cotidiana dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei. A discussão do capítulo anterior, explorando a construção do objeto de pesquisa, demonstrou a presença de três elementos fundantes da constituição do grupo investigado.

Os adolescentes em conflito com a lei são majoritariamente classificados como do sexo masculino. A maior parte dos envolvidos em registros policiais são oriundos das periferias pobres da cidade. E por último, em sua maioria, agem em grupo.

No entanto, suas práticas são articuladas e negociadas através das várias escalas de relações que estabelecem pelo espaço urbano. A partir do padrão hegemônico, fruto da observação sobre os envolvidos com atos infracionais, as complexas formas de apropriação espacial surgem como mais um eixo de discussão teórica que contribui à problematização da relação entre o universo empírico observado e a dimensão conceitual.

Os elementos encontrados no trabalho de campo, na experiência com o grupo focal, evidenciam que a pessoa investigada configura-se como jovem da periferia pobre, do sexo masculino e que pode agir em articulação com uma complexa rede espacialmente situada. Assim, é relevante a questão da posicionalidade das pessoas investigadas, seus contextos espaciais e grupais. Esta posicionalidade é interpretada como variável e vinculada as relações de poder.

O presente capítulo está organizado em duas seções. Primeiramente, exploro a relação entre as masculinidades periféricas e as espacialidades cotidianas dos adolescentes em conflito com a lei. Já a segunda seção, incide sobre a interseccionalidade experienciada pelo grupo focal como importante elemento da problematização sobre a dinâmica da interação social em espacialidades complexas.

1 – ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI, MASCULINIDADES PERIFÉRICAS E ESPACIALIDADES COTIDIANAS

Como foi destacado no capítulo anterior, a observação sobre o fenômeno a partir da relação entre a construção social do adolescente em conflito com a lei e as práticas inerentes ao processo de sua classificação social evidencia três eixos de discussão conceitual: ato infracional, espacialidades e masculinidades.

Desta forma, a reflexão sobre os conceitos está vinculada às transformações, recuos e avanços no processo de investigação e convivência com o grupo focal. E na medida em que a questão de partida deste trabalho, estabelecida sobre a existência espacial dos adolescentes homens em conflito com a lei, elevou a pluralidade de ângulos passíveis de observação, seria incoerente interpretar o fenômeno como distante da ideia de complexidade. A discussão conceitual, neste sentido, mais do que sistematizar um conjunto de ideias sobre os conceitos, busca apresentar uma interpretação alternativa que tem como pano de fundo a relação entre o sujeito pesquisador e pessoas pesquisadas, as diferentes vozes e posicionalidades em jogo.

O conceito de masculinidades é interpretado como um dos elementos que compõem a existência cotidiana destes adolescentes e implica considerar a diversidade de modos que, como homens, os adolescentes estabelecem relações com o espaço. Este elemento evidencia-se como vetor não apenas de diferenciação, mas da visibilidade da interação entre o eu e o outro, de diversas performances corporais, sexualidades e assim por diante.

A configuração de posições distintas, o exercício do poder, ou a resistência a ele, foram observados, no processo de investigação empírica, sob o ponto de vista da interação entre pessoas que formam grupos hegemonicamente masculinos de adolescentes em conflito com a lei. Como já foi explicitado, a relação entre o sexo masculino e ato infracional se expressa de modo mais imediato na observação de dados e impressões quantitativas, onde a categoria sexo masculino predomina. Contudo, a natureza desta relação está imbricada ao modo como as práticas espaciais cotidianas se desenrolam. E num conjunto variado de práticas, as referências espaciais são importantes elementos de sua sustentação ou contestação. Entre estas referências, podemos encontrar a adesão de alguns adolescentes de diferentes vilas em torno das gangues Zona Sul, Zona Leste, Zona Oeste e Zona Norte, que se configuram como importantes

elementos da existência cotidiana dos investigados e representam elos de coesão ou conflito entre os grupos de adolescentes das periferias pobres de Ponta Grossa.

Ainda se tratando de um conjunto diverso de práticas, pode-se observar que as performances e as próprias representações elaboradas sobre a experiência dos adolescentes como homens e o modo como compartilham valores e códigos simbólicos, tanto reforçam dispositivos de coesão grupal em determinadas espacialidades, quanto abastecem um modelo periférico de masculinidade.

Simultaneamente, a observação sobre a vivência espacial cotidiana do grupo investigado demonstra a articulação entre múltiplos fragmentos do espaço urbano, tais como: a rua, a esquina, a frente da casa, em baixo da árvore, na beira da “linha”⁸⁹, a praça do bairro ou do centro da cidade, os “fervos”⁹⁰, o “som”, dentro de algum “terminal”⁹¹, a “banca”, a “quebrada”, etc..

Sem dúvida, não há como inferir limites diante da observação de diferentes espacialidades envolvidas na construção do objeto de pesquisa e em relação com as práticas cotidianas do grupo investigado. Escolher uma destas espacialidades não possibilitaria explorar questões que envolvem a diversidade e a complexidade da existência espacial. Contudo, alguns referenciais desta complexidade podem ser destacados, na medida em que dão visibilidade aos processos sócio-espaciais, tal como a relação entre masculinidade, ato infracional e apropriação espacial.

Não obstante, temas vinculados a esta relação são pouco usuais na geografia, sendo o grupo focal aqui analisado também pouco estudado no âmbito de nosso campo de produção científica.

Chimin (2009) identifica que a abordagem de gênero sob o aspecto das masculinidades é ainda pouco explorada na geografia brasileira. Com base em levantamento de informações sobre o tema nos periódicos científicos brasileiros, pode ser afirmado que abordagens referentes as masculinidades e suas relações espaciais fazem parte um fenômeno científico recente e que requer ainda esforço para o seu desenvolvimento.

Em relação aos trabalhos que envolvem o grupo dos adolescentes em conflito com a lei, tal como observado por Chimin, sequer existe a relação entre estes sujeitos e os trabalhos observados no recorte temporal dos anos de 1978 a 2008.⁹²

89 Linha férrea.

90 A palavra fervo, para os adolescentes, serve de sinônimo de confraternização, aglomeração, festas e baladas. As danceteria são denominadas por eles como 'som'.

91 Terminal de Transporte Coletivo.

92 A base de dados explorada por este geógrafo já foi informada neste trabalho e refere-se aos artigos

Diante da invisibilidade do tema e do grupo estudado na geografia brasileira, encontra-se apoio teórico e metodológico em trabalhos de Silva (2008; 2009), Ornat (2009), Nabozny (2009) e S. Silva (2009). Estes estudos demonstram a provocação de uma crescente permeabilidade às investigações de gênero na geografia brasileira e servem de ponto de apoio vinculado ao campo das geografias feministas e da emergência de saberes não hegemônicos, tais como os que são elaborados por mulheres, adolescentes, homossexuais, etc. Além disso, estes estudos contribuem na difusão desta temática a partir de universidades deslocadas do eixo de maior produtividade de pesquisas e artigos da geografia.

Contudo, mesmo no campo de difusão e debates envolvendo os estudos que relacionam a categoria analítica de gênero ao espaço, os estudos de masculinidade exibem baixo nível de aceitação e de problematização, compondo um tema que não tem chamado a atenção de grande parte dos geógrafos(as) brasileiros(as).

Uma tentativa de divulgação do desenvolvimento da abordagem de gênero no campo científico da geografia é realizada por Silva (2009), que cita vários trabalhos sobre as masculinidades, argumentando que apesar da invisibilidade nacional, o tema é difundido desde a década de 1990 pela geografia anglófona.

Com o intuito de realizar um ensaio teórico-metodológico a partir da utilização do gênero sob a perspectiva das masculinidades na cultura brasileira, Rossi e Chimin (2009) analisam a produção de masculinidades periféricas e o espaço urbano de Ponta Grossa através da reflexão sobre os elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei.

A dissertação de Chimin (2009) interpreta a relação entre a reiteração de atos infracionais entre os adolescentes do sexo masculino e o espaço geográfico. Para este autor, o espaço compõe a condição de vulnerabilidade de muitos adolescentes das periferias que, diante de opções limitadas em relação ao direito a cidade, são impossibilitados de exercer o padrão hegemônico de masculinidade. A investigação de Chimin evidencia a forte relação entre a realidade espacial deste grupo, marcada por carências diversas e o exercício de uma masculinidade periférica.

A utilização do termo masculinidade periférica é uma forma de expressar a posição conceitual adotada por esta pesquisa com relação ao gênero. O gênero não existe de forma essencialística e, portanto, a masculinidade, como uma identidade de gênero, também não. Contudo, há um ideal socialmente construído que cria os parâmetros da boa

conduta a ser seguida por pessoas consideradas do sexo masculino. Assim, o exercício da masculinidade não segue um padrão universal, mas é desenvolvido no tempo/espaço. Portanto, a sociedade classifica formas de masculinidades que são organizadas hierarquicamente como sendo melhores ou piores. O grupo social estudado, adolescentes em conflito com a lei, constitui espaços em que o exercício da masculinidade tem se chocado com o ideal dominante em vários aspectos. Neste sentido, é considerado um padrão periférico ao ideal socialmente construído como aceito.

Os esforços brasileiros, embora tenham seu mérito acadêmico, científico e político, ainda são incipientes, motivo pelo qual, as discussões que se seguem estão pautadas em uma produção anglófona, embora ela seja tomada aqui como ponto de partida para a compreensão da realidade brasileira, evitando fazer simples transposições conceituais.

Deve ser reconhecido que o conhecimento produzido sobre a pluralidade de masculinidades na produção do espaço geográfico acompanhou o movimento, de transformações teórico-metodológicas da geografia cultural, fortemente associado com o desenvolvimento das geografias feministas. Ambos os subcampos enfatizam a importância da observação das relações de poder que são subjacentes aos fenômenos identificados na discussão que intersecta o espaço, identidades, gênero e sexualidades.

O movimento da nova geografia cultural, como observa McDowell (1995), têm assinalado que os significados hegemônicos são passíveis de subversão, podem ser contestados e desconstruídos e que o próprio conhecimento geográfico é temporário, contestável e ocupa um terreno de intensas disputas.

Segundo Silva (2009) as perspectivas das geografias feministas contribuíram em debates epistemológicos e nas elaborações de propostas metodológicas no campo do saber geográfico, fortalecendo diálogos e alianças com a geografia cultural renovada. O estabelecimento de relações próximas com movimentos sociais e propostas interdisciplinares provenientes do movimento feminista, na academia e na pesquisa científica, contribuíram posteriormente à difusão de estudos interessados nas masculinidades.

Oberhauser *et al.* (2003) identifica que na emergência dos estudos de gênero na geografia, ainda no início da década de 1970, enfocava-se prioritariamente o universo feminino a partir das perspectivas empiricista e quantitativa. Tal enfoque estava fundamentado na ação política das geógrafas feministas que lutavam por construir a visibilidade das feminilidades e configurou-se como um importante crítica direcionada ao positivismo, ao privilégio dado a objetividade e aos “homens”, o recorte social mais aceito

e concebido hegemonicamente como universal.

As lutas das geógrafas feministas e a opção por adotar as mulheres como foco dos estudos de gênero estavam fundamentadas no argumento geral da invisibilidade feminina no discurso geográfico. Segundo elas, este discurso esteve centrado na perspectiva masculina presente na ciência e em seus métodos de análise, que explícita ou implicitamente, contribuía para a ocultação de muitas formas de opressão.

A noção do movimento político-científico das geografias feministas que pautaram sua agenda de pesquisas privilegiando as feminilidades gerou uma inibição dos estudos das masculinidades já que o movimento entendia que as masculinidades estavam devidamente representadas pela perspectiva hegemônica da geografia. Tais concepções acabaram por negligenciar dois aspectos fundamentais e interdependentes. O primeiro é que, assim como as feminilidades, existem múltiplas masculinidades. O segundo, é que nem todas as masculinidades fazem parte do discurso hegemônico. Além disso, há ainda o aspecto da abordagem teórico-metodológica que é construída pelo pesquisador. Dependendo de suas escolhas e de sua posição no campo de saber/poder instituídos, pode-se evidenciar as especificidades e singularidades que a perspectiva científica hegemônica considerou como universal.

Oberhauser *et al.* (2003) contribui à contextualização do processo de emergência dos estudos das masculinidades afirmando que, a partir das tradições surgidas durante a década de 1990, o eixo de investigação das geografias feministas se distancia do enfoque prioritário sobre as mulheres. Ao incorporar a política da diferença e da diversidade sexual e a influência do pós-estruturalismo e de teorias pós-colonialistas, as geografias feministas passaram a compreender o gênero como um processo de construção/desconstrução em contextos temporais e espaciais diferenciados e marcados por relações de poder. Assim, o subcampo passa a observar as feminilidades e as masculinidades enquanto identidades culturais específicas, multi-escalares e relacionadas a distintos comportamentos espaciais.

Jackson (2005) compartilha do mesmo argumento destacando que as teorias pós-estruturalistas são fundamentais à crítica diante da insistência teórica em compreender o gênero como uma categoria unificada. Assim, no contexto da relação entre a geografia feminista e a geografia cultural renovada, elaboram-se inúmeras críticas ao modelo dualista e bipolar da concepção sobre o gênero num campo de relações dividido entre homens e mulheres.

A interpretação das relações de gênero, da relação entre corpo e identidades e da

relação entre espaço e sexualidades desenvolveu-se nas geografias feministas com a incorporação do desafio em superar modelos dicotômicos de análise.

A oposição bipolar entre o feminino e o masculino empobreceu as possibilidades de análise e tomou por universal a representação social das masculinidades consideradas, de modo simplista, como se todas as vivências masculinas pudessem ser hegemônicas e representadas pelo inabalável poder masculino da sociedade patriarcal capitalista.

A perspectiva crítica sobre o patriarcado e a dominação masculina é fortemente influenciada por Bourdieu (1998) que problematizou a naturalização das diferenças entre os corpos masculinos e femininos considerando as ambiguidades estruturais, os códigos simbólicos e as divisões objetivas que contribuem à formação de um sistema de oposição subjetivo (diferença visível de caracteres considerados como masculinos e outros femininos). Nas palavras do autor:

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob formas de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (BOURDIEU, 1998, p. 20)

Este autor partiu de um estudo empírico sobre a relação de dominação empreendida pelos homens de uma comunidade de camponeses da Cabília, os berberes. O modelo construído pelo sociólogo sobre a dominação masculina infere a utilização do falo como elemento mobilizado em rituais e em modos sutis de comportamento. Assim a educação dos homens desenvolver-se-ia de acordo com certos limites que dividem os papéis sociais de homem e mulher e que constantemente reproduzem o modelo de dominação masculina na composição de seus hábitos.

A perspectiva deste teórico foi duramente criticada pelos movimentos feministas contrários a visão vitimista e derrotista sobre as relações de gênero. O modelo de dominação masculina de Bourdieu, observado como reducionista por estar assentado na relação entre dominantes e dominados, era incapaz de compreender as fissuras nas relações de poder, que por sua vez, possibilitam a desconstrução da ordem instituída através dos papéis sociais. Entre as principais críticas neste sentido, destacam-se os textos de Badinter (2005) e Butler (2003).

A perspectiva de Foucault (1988) sobre o poder foi importante para estabelecer a

crítica da visão dualista do gênero. Este teórico concebe o poder como exercido em meio a um feixe de relações, nas quais não há uma posição de dominante e outra de dominado, mas a produção de constantes tensões. Estas reconfiguram o campo de relações possibilitando tanto a legitimação, quanto a contestação e a resistência em relação a padrões hegemônicos de práticas e significados instituídos socialmente.

Segundo as proposições deste teórico é possível entender que os grupos sociais elaboram estratégias de resistência a uma estrutura ou aos padrões, modelos e normas hegemônicas. Neste sentido o próprio modo como os corpos de homens e mulheres são (re)significados, através de tensões e conflitos, envolvendo o conjunto de normas e o conjunto de práticas que as transgridem.

Robert Connell (1995), é uma importante referência na discussão e categorização sobre as masculinidades. Este autor desenvolve a ideia de masculinidade hegemônica como representação também instituída através de relações fálicas de poder, ou seja, envolvendo o campo de relações entre os sujeitos significados como corporalmente masculinos. Hopkins e Noble (2009) apontam Connell como principal influência na formatação de um quadro conceitual da análise das masculinidades situado no período descrito como “*cultural turn*”, e que a contribuição do referido autor foi teorizar de modo convincente a pluralidade de masculinidades. Esta teorização deu ênfase para as relações de poder e à formação de uma tipologia das masculinidades envolvidas em relações de gênero, nas quais, a masculinidade não é apenas definida em relação à feminilidade. Conforme teoria de Connell (1995), a masculinidade também se define a partir da concorrência entre masculinidades que se estruturam nas relações de dominação como: *subordinadas, cúmplices ou marginais*. Sendo que estas três categorias podem definir-se em termos de classe, raça, sexualidade e assim por diante.

De acordo com Connell (1995) é possível falar numa masculinidade hegemônica como resultante da configuração das relações de poder que posicionam os sujeitos em relação ao gênero. Contudo, também deve-se considerar que a masculinidade hegemônica é constantemente tensionada no campo de relações entre os sujeitos. Este aspecto é fundamental para a realização da crítica ao modelo de masculinidade hegemônica fundado por Connell. Segundo Hopkins e Noble (2009), algumas críticas são direcionadas ao reducionismo de um sistema analítico baseado na estrutura tipológica de masculinidades identificadas através da observação de uma série de atributos e características. Contudo, segundo os autores, o estudo sobre a complexidade envolvendo as dimensões espaciais da masculinidade requer mais do que a enumeração de

caracteres e da consideração de um jogo simples e direto de significados.

Tal qual apontado por Van Hoven e Hörschelmann (2005) faz-se necessário considerar que as masculinidades se constituem num complexo amálgama de práticas, valores e significados envolvendo lugares e contextos situados.

Nesta pesquisa são identificados elementos identitários relacionados aos adolescentes que os colocam em posição central diante de seu grupo dependendo do modo como atuam nos diferentes cenários do espaço urbano.

O modo como as pessoas exercitam suas performances diante de diferentes escalas temporais, espaciais e grupais se configura como interesse de muitos trabalhos que aderem ao subcampo das geografias feministas. Ao encarar o gênero, como produzido através da performatividade, muitas(os) geógrafas(os) feministas contribuem para a problematização de vários conceitos da geografia e na difusão de categorias de análise. A discussão sobre gênero e performatividade realizada por Butler (2003) evidencia-se como possibilidade de subversão das próprias performances geográficas, como também apresenta Rose (1996).

As geografias feministas ao deslocarem o privilégio aos temas relativos às mulheres contribuiu para a discussão sobre o papel da visão masculinista na produção do conhecimento geográfico. Entretanto, o que possibilita a maior incidência de outras abordagens para além das feminilidades é a incorporação da ideia do gênero performático, desenvolvida por Butler (2003), que considera o gênero enquanto representação construída reiteradamente a partir de atos estilizados e performances dos sujeitos em diferentes contextos espaço-temporais.

De acordo com Butler não existe uma linearidade entre sexo, gênero e desejo e, este fator é fundamental para a desconstrução da ideia de uma masculinidade universal vinculada ao fato de o homem simplesmente ter um pênis e este ser elemento de percepção cognitiva e instituinte de um sistema de dominação ligado ao padrão hegemônico do ser homem. A incorporação pelas geografias feministas da ideia de gênero performático concebida por Butler é fundamental à abertura de outras possibilidades de estudos para além das feminilidades e dos sistemas de opressão pautados no patriarcado.

Assim a difusão de estudos sobre masculinidades e identidades masculinas não está em estágio inicial, em realidade, há preciosas análises que produzem uma abertura aos estudos das particularidades que assumem as representações de masculinidades em tempos e espaços variados. Estes estudos podem ser observados como adotando duas

escalas específicas de análise. A primeira corresponde a discussão da hegemonia da perspectiva masculinista na produção do conhecimento geográfico, como se observa nos textos de Rose (1993;1996) e Berg (1994) sobre o universo da investigação dos geógrafos e suas práticas de pesquisa baseadas numa perspectiva dicotômica das relações de gênero.

A segunda escala de análise está vinculada a observação de diferentes modelos de masculinidade a partir das experiências cotidianas dos sujeitos pesquisados e representações. Esta escala apresenta-se em inúmeros estudos publicados, também a partir do início da década de 1990 e está relacionada ao espaço vivido pelas pessoas observadas no processo investigativo, assim como na exibição de padrões espacialmente diferenciados de masculinidade e identidades masculinas.

É importante ressaltar que a maior parte dos estudos sobre as masculinidades aliam as duas escalas de análise e elaboram tanto a crítica, à lógica binária presente nas práticas e discursos científicos da geografia, como a análise de grupos e a instituição de suas identidades e sua relação com o espaço. Aí está a dimensão política e científica, vinculada a temática em tela, que evidencia um desafio em pensar a complexidade entre as diferenças espaço-temporais e de performances das pessoas representadas como seres masculinos, que ocupam posições específicas e conhecimentos situados, conforme demonstrado por Rose (1997).

Massey (1995) aponta que o pensamento dualista em relação ao gênero e a sexualidade conduz à construção de opostos, à construção social da heterossexualidade obrigatória e à redução das possibilidades de relações entre as pessoas. Como é observado, esta autora também compartilha da crítica a visão masculinista e dualista presente na geografia. Todavia, o estudo de Massey (1995) tem como principal objeto compreender a construção de masculinidades como elemento ativo na relação entre espaço, subjetividade e instituição de identidades masculinas entre trabalhadores da indústria de alta tecnologia. De acordo com a autora, os postos de trabalho oferecidos neste setor de produção capitalista exigem uma prática diferenciada do modelo de masculinidade hegemônica, vinculado a produção industrial fordista anterior, que se processaria através da força de trabalho num estágio inferior de super-especialização e de flexibilidade.

Jackson (1991), compartilha da mesma crítica e observa que a naturalização da linearidade entre sexo, gênero e desejo e das noções dicotômicas e pré-discursivas sobre o gênero, configuravam-se como obstáculo ao desenvolvimento da temática das

sexualidades na geografia. Seu artigo intitulado *The Cultural Politics of Masculinity: Towards a Social Geography*, expõe uma importante agenda política e acadêmica que introduz a noção de política cultural da masculinidade. Participando do campo interdisciplinar trilhado pelos estudos culturais, durante a reformulação da geografia cultural, o referido texto é reconhecido como a primeira publicação que aborda o tema da masculinidade na disciplina. O texto de Jackson é considerado um marco desta temática demonstrando como ideal político e acadêmico restabelecer o equilíbrio de poder entre homens e mulheres.

Outro aspecto importante, presente na perspectiva da política cultural, é que Jackson adota a mediação entre modelos de análise psicanalíticos e sociológicos na observação de complementaridades e antagonismos em relação ao ponto de vista social hegemônico sobre o ser homem. As fontes de sua análise são discursos e imagens publicitárias presentes em revistas *life style* masculinas de língua inglesa. A abordagem privilegiada pelo autor concebe os significados como construídos e negociados num complexo jogo, em que as relações de subordinação e opressão se definem, porém preservando a possibilidade de contestação e resistência.

Para Jackson (1991), há uma pluralidade de culturas subordinadas face aos padrões uniformes e unitários de masculinidade. As correlações de força ligadas à manutenção ou à diferença em relação a certos padrões evidenciam uma pluralidade cultural e identitária relacionada a modelos de masculinidade específicos. O autor sugere, afinal, que há uma pluralidade de masculinidades vinculadas a diferentes contextos sócio-espaciais.

Num instigante documento, publicado no periódico *Progress in Human Geography* Longhurst (2000), relata que a geografia cultural e social, assim como as geografias feministas são áreas chaves em que provavelmente há um maior volume de trabalhos realizados sobre as masculinidades na geografia. É também nestes subcampos que se elaboram interpretações sobre os modos como as práticas culturais das pessoas e seus grupos (em espaços e temporalidades específicas), revelam, desafiam, conjugam, ou reforçam padrões e normas culturais.

Longhurst ainda aponta diversos estudos que problematizam a identidade masculina hegemônica representada pelos meios de comunicação e entretenimento na Nova Zelândia. E ainda considera que o volume e amplitude de investigações sobre o tema indicam que as masculinidades continuam sendo um foco de análise das geografias feministas, das geografias social e cultural, assim como àqueles geógrafos interessados

em sexualidades. O texto de Longhurst é um importante relatório sobre a trajetória de estudos sobre as identidades masculinas, masculinidades e homens na geografia. A leitura de trabalhos que desenvolvem esse tema, para a autora, demonstra que há possibilidades de extensão do alcance da temática em transversalidade com a geografia urbana, planejamento urbano, e entre os mais variados ramos da geografia.

A emergente produção geográfica sobre as masculinidades, tal qual evidenciado em edição especial da revista *Social and Cultural Geography* de novembro de 2009, está vinculada aos desafios teórico-metodológicos de se estudar as dimensões espaciais da masculinidade e que assumem uma diversidade de temas e problemáticas. Por exemplo, Meth & McClymont (2009) problematizam a posicionalidade e reflexibilidade no processo investigativo com a adoção de múltiplas metodologias qualitativas de análise. No mesmo sentido, Noble (2009) explora a questão da interseccionalidade para além da consideração de grandes categorias sociais, mas a partir da análise qualitativa das formas e modo vivenciais.

Por outro lado, os textos de Atherton (2009) e o de Evers (2009), exploram a questões sobre o corpo, corporalidade e performance a partir de grupos específicos, respectivamente militares e surfistas. Os dois trabalhos, se comparados, dão uma amostra da variação das masculinidades a partir das espacialidades. Enquanto que, no caso dos militares as performances masculinas aparecem mais identificadas a representação de um “corpo rígido”, no segundo caso, os surfistas elaboram performances mais identificadas com a construção social da sensualidade.

Longhurst (2000), considera que os estudos das masculinidades e identidades masculinas não estão fora do mapa da geografia, entretanto o ato de problematizá-los se estabelece como um desafio às geografias feministas.

No contexto do presente trabalho, o tema escolhido representa um desafio a própria geografia cultural brasileira, cuja produção demonstra que ele compõe um olvidado universo temático. Este desafio contempla a necessidade de reinterpretção dos estudos das masculinidades e identidades masculinas de acordo com o contexto de produção das geografias feministas no país e o das pessoas que compõem o grupo focal deste estudo.

Diante de uma crescente, mas ainda incipiente, produção sobre masculinidades e identidades masculinas pelo saber geográfico, é necessário construir um diálogo entre a produção das geógrafas feministas e o contexto brasileiro da instituição dos adolescentes em conflito com a lei e suas vivências espaciais cotidianas, o que implica considerar um

contexto de desigualdade e vulnerabilidade social.

É neste sentido que as vivências espaciais do grupo investigado podem ser consideradas como meio ao exercício de masculinidades periféricas. Contudo, há de ser considerado que à elaboração de uma questão geográfica implica entender que todas as vivências possíveis estão vinculadas a diferentes dimensões e escalas espaciais. Assim, a espacialidade configura-se como um vetor de diferenciação das masculinidades, contestando-se a ideia de uma masculinidade universalizada. Em outras palavras, a masculinidade hegemônica pode ser compreendida como uma representação que frequentemente pode ser legitimada e fortalecida, embora seja passível de contestação, subversão e reconstrução, na medida em que as performances corporais e identitárias nem sempre assumem a mesma forma e posição em diferentes espacialidades.

Considerando a produção relacionada as masculinidades e identidades masculinas, neste trabalho é defendida a ideia que os adolescentes do sexo masculino em conflito com lei constroem suas identidades mobilizando elementos que subvertem o modelo ideal de masculinidade, daí a opção pelo termo masculinidade periférica.

As representações hegemônicas da masculinidade dizem respeito a determinados grupos sociais que possuem o poder de projetar seus símbolos e significados. Tais representações constituem o discurso da sociedade hetero-normativa que exerce sua pressão, sobre grupos não hegemônicos, querendo produzir homens padronizados pelo poder instituído. A partir deste ponto de vista, a sociedade da dominação masculina exerceria seu poder implacável sobre seres que não exercem o papel social preconizado socialmente.

Para exemplificar, podemos citar os *gays* do sexo masculino que possuem um desejo transgressor da ordem heterossexual e por isso são muitas vezes repudiados e marginalizados. O grupo eleito para esta pesquisa, os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei, como moradores de periferias pobres, formam um outro exemplo. Ao mesmo tempo em que são pressionados socialmente em seu cotidiano pela representação hegemônica, que articula as figuras do homem forte, responsável, racional e provedor, se veem incapazes de corresponder ao papel instituído em sua completude já que a sociedade não lhes oferece as condições econômicas e sociais para isso. Eles vivem masculinidades periféricas, se apropriam de elementos hegemônicos como a força bruta e o desejo de consumo por exemplo, mas subvertem a masculinidade hegemônica a partir de suas vivências concretas, entre elas o delito, o vício, entre outros modos de contestação ou de demonstração de força e honra.

Sendo assim, as masculinidades devem ser analisadas a partir de contextos espaciais e temporais específicos e o fato de que há masculinidades hegemônicas não esgota a possibilidade de novas abordagens das masculinidades, a partir de universos não hegemônicos e que sofrem a pressão das representações sociais do gênero masculino instituído pelo poder dos grupos centrais.

Os relatos das pessoas analisadas por esta pesquisa questionam a performance de alguns adolescentes em relação à representação de uma masculinidade hegemônica. Há falas dos adolescentes que exemplificam um pouco esta questão: *“o cara foi macho pra fazer aquilo”*, *“o cara não é macho o suficiente pra vir encarar uma bronca aqui na nossa área”*, ou ainda, *“disse que, se ele fosse macho de verdade, ele largaria a faca e vinha no braço”*. Evocações da palavra 'macho', por exemplo, aparecem em 4 contextos discursivos, sempre relacionada a virilidade e a coragem, elementos que compõem a representação da masculinidade hegemônica. Ao mesmo tempo em que estes relatos evidenciam determinados elementos relacionados a esta masculinidade alguns outros não aparecem, tais como a figura do homem como provedor, trabalhador e responsável. Pelo contrário, estas características parecem organizar-se num sistema de oposição diante de práticas transgressoras, tais como os atos infracionais cometidos pelos investigados.

Para melhor interpretar a relação entre o cotidiano dos adolescentes em conflito com a lei e as formas de subversão da masculinidade hegemônica é necessário recorrer a análise do conteúdo presente no discurso dos adolescentes em entrevistas em profundidade. Para isso, optou-se neste trabalho pela análise de frequência de evocações relacionadas ao contexto dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei, utilizando para tanto a metodologia de análise de conteúdo apresentada por Bardin (1977).

A análise sobre a construção das masculinidades, por não se ater a concepção essencialista e fundada na questão do sexo ou do falo, requer uma observação sistemática sobre o conteúdo discursivo, buscando descobrir o que há por trás da fala. Isto é, a partir do que ficara implícito no discurso, estabelecer relações entre as representações simbólicas elaboradas pelos adolescentes em conflito com a lei na condição de homens.

Para a compreensão do discurso emitido pelos adolescentes que participaram da pesquisa foram construídos dois eixos fundamentais de categorias discursivas. O primeiro refere-se a definição de “ser homem” e, o segundo, “o que caracteriza ser homem no contexto espaço temporal” desses adolescentes. É claro que ambas as categorias

discursivas estão inter-relacionadas, contudo apresentam especificidades a serem desvendadas.

Do total de 393 evocações que expressam a definição “ser um homem” apresentam-se as seguintes evocações: “cara” - 60,3%; “maluco” - 23,4 %; “piá”/“pivete” - 5,5%; “mano”/“camarada” - 3%; “hóme”/“gambé” - 3,0%; “playboy”/“burguês” - 2,5%; “nóia”/“fissurado” - 0,7% e “homem” - 0,5 (Ver Gráfico 3).

O exercício realizado nesta pesquisa foi de observar os contextos das frases para identificar representações de homens que fazem parte de um mesmo grupo de adolescentes em conflito com a lei, assim como, de seus outros. Estes podem ser os policiais, vizinhos e adolescentes de outras vilas. Além disso as denominações utilizadas pelos locutores aparecem em muitos contextos discursivos como vícios de linguagem em situações em que o adolescente dirigia-se ao pesquisador⁹³. Tais vícios de linguagem, como “né cara”, “né mano” e “né maluco” não fazem parte das evocações aqui analisadas.

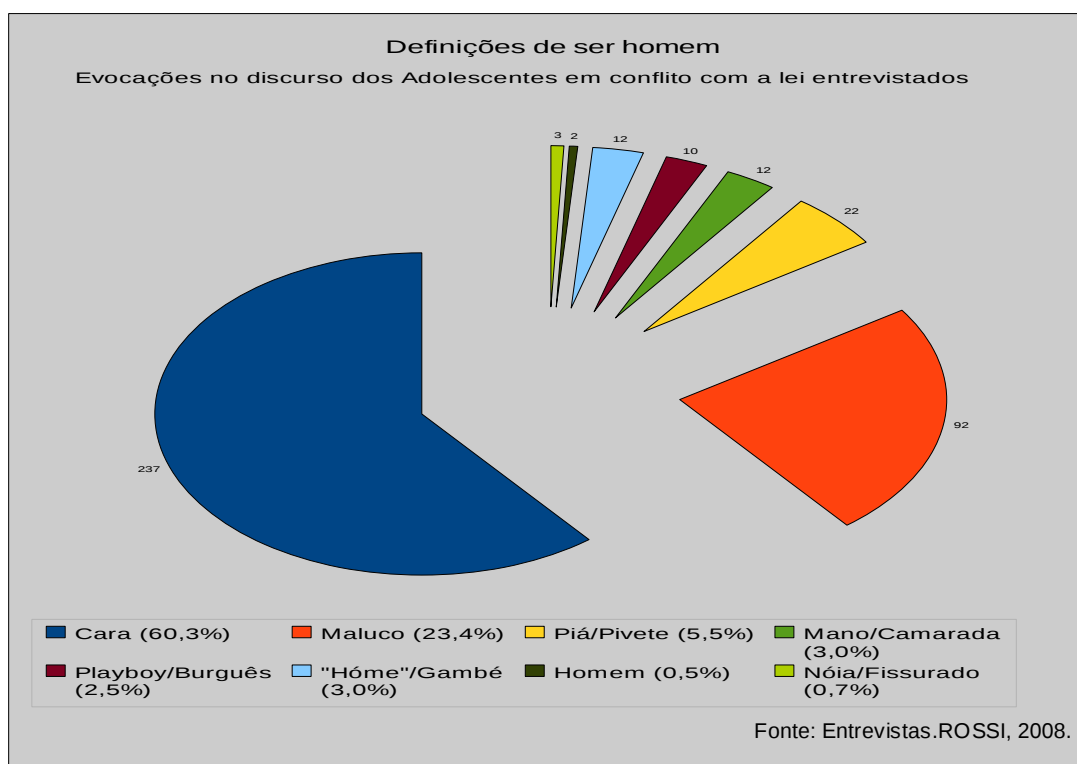


Gráfico 3 – Evocações que remetem a definição de “ser homem”.

⁹³ Na fala dos adolescentes, é comum que as afirmações apareçam com as seguintes expressões: “né cara!”, “né maluco”, “né mano”. Ou seja, aparecem como vícios de linguagem que acompanham afirmações e são utilizadas na conversa para dirigir-se a pessoa a quem fala. Por exemplo: “Ah, eu não vou né cara!”, “Rola uma rivalidade entre uma vila e outra né cara!”, “Conheço altos cara de vila aí né maluco!”, “todo mundo conhece a gente ali, aqui é perto né mano!”

Como termo mais utilizado pelos adolescentes, a palavra “cara”⁹⁴ aparece com maior frequência⁹⁵ para se referir aos vizinhos e, em sua maior parte, aos adolescentes de outras vilas (55% das evocações). Do total das evocações da palavra “cara”, 45% estão relacionadas a experiências de conflito entre grupos rivais, de agressividade e violência.

E é os 'cara' da Vilela! Os 'cara' vieram me 'tirar'⁹⁶! **Bagaço**.

Acertei uma na boca de um 'cara' assim! (...) Uma vez eu quase quebrei os dente de um 'cara' na garrafada! **D-Menor**.

Tinha 'cara' deles que ficava jogando pedra! Tinha um monte de 'cara' deles maquinado também, carregando cano na cinta! Os 'cara' da Vilela vem jogando pedra, já os 'cara' da Zona Sul não, os 'cara' vem na mão mesmo! **Dentinho**.

No 'som' você conhece altos 'cara' de Coronel(...) **Neco**.

E foi por causa dessas treta que os 'cara' mataram meu mano, tá ligado? O 'cara' deu um tiro na boca dele! **Cascão**.

Apenas um dos adolescentes utiliza com maior frequência o termo para referir-se ao seu grupo e as pessoas de seu espaço de vizinhança, o que ressalta a visibilidade do termo 'cara' como referência a pessoas que não compartilham dos mesmos códigos, valores e padrões de comportamento. Portanto, entre os adolescentes entrevistados é mais comum a referência à pessoa do sexo masculino pela utilização da palavra 'cara', quando a mesma é estranha ao seu espaço vivido.

Por outro lado, os termos 'maluco', 'maluquinho', 'malucada' e 'louco', que representam 23,4% das evocações referentes a definição de ser homem, é utilizado com maior frequência (53%) para referir-se aos adolescentes do mesmo grupo ou da mesma 'quebrada', ou seja, identificados através de relações afetivas, ao seu lugar. Este termo está relacionado a descrições da coesão dos grupos a partir do uso de álcool, de outras drogas (38%), assim como, em relação com características da lealdade valorizada pelo grupo e representada a partir da reprodução da “vida louca” e dos dispositivos de obtenção de drogas como a “correria” e a “intêra”, e ainda, na lealdade em relação aos conflitos com outros grupos⁹⁷.

94 Além da evocação de 'cara' em vícios de linguagem, a palavra também aparece em expressões do tipo: “Faz uma cara” e; “Ficar de cara”. A primeira exprime tempo, como se algo não acontecesse desde há muito tempo e tem relação com a memória individual ou coletiva. A segunda expressão refere-se ao estado psicoemocional de abstinência. Contudo, em relação ao modo como se referem a pessoas do sexo masculino, foram identificadas 82 evocações de 'cara'.

95 Apenas 20% das evocações da palavra 'cara' estão relacionadas aos adolescentes de um mesmo grupo, e justamente fazem parte do discurso de adolescentes que utilizam a palavra como vício de linguagem: “Pensei né cara: “deve tá vindo uns vinte né cara, deve tá vindo uns vinte.” A hora que eu vejo cara (...) Era uns cento e cinquenta cara! Tinha uns cara com a gente.”

96 'Tirar' aparece aqui com sentido de 'provocar'.

97 A característica lealdade em relação ao uso de drogas e aos conflitos entre grupos também é bastante

Quem te conhece, conhece e respeita pra não dar 'treta'. E o 'cara' que é de outra vila também, pra não 'tretar' com os 'maluco' aqui da vila né. **Gorpo.**

(...) parece que os 'cara' das vila querem aparecer mais, tipo quer bater nos 'maluco' da nossa vila. (...) Eu num sei, já tive altas 'cena' que tava no meio, com os 'maluco' daqui pra brigar com os cara da Cipa, Zona Sul, tá ligado? **Boneco.**

Só que isso só aumentava a treta porque daí os maluco aqui da vila é que compravam a minha bronca no centro. (...) A galera tudo vida louca, tão ali os 'maluco', se rolar uma treta nós encaramo, não importa quem (...) **Galego.**

Tem um 'maluquinho' aqui da 'quebrada', tipo, ele é nosso *brother*, mas tá internado na pedra. Se tipo, a gente for tomá um 'gole', o 'maluco' fica 'fissurado' e sai na 'correria'. **Carepa.**

Tudo mundo aqui nessa 'quebrada' me conhece. Sabe das nossa correria e da cena da nossa 'malucada'. **Boneco.**

Pois a gente por aí e tal (...) bebendo, fumando, pirando e fazendo merda, entrando em casa, roubando, só andando com os 'maluco' da vila aí (...) **Anísio.**

Gole daí, nossa, sempre é com os 'maluco' né, junta os 'maluco' da quebrada aí e: Nossa! **Dentinho.**

(...) nós fomo tomando um tubão, bem 'louco' todo mundo, fumando um baseado. **Cascão.**

“Maluco”, portanto, faz referência ao lugar e a pessoa do sexo masculino que compartilha de laços afetivos, dos mesmos valores e códigos de dado grupo. Nas evocações⁹⁸ dos entrevistados, a palavra “maluco” está vinculada a relação estabelecida nos locais de referência, onde a pessoa compartilha dos mesmos espaços de vinhança e da dinâmica específica de seu grupo.

Embora a loucura constitua-se em objeto de complexa reflexão, a relação que ela estabelece com as masculinidades periféricas pode ser estabelecida através da observação sobre a não adequação ao que é considerado normal em termos da masculinidade hegemônica. Foucault (1972) faz uma análise da história da loucura destacando que a mesma: *“só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta.”* (p. 30). Neste sentido, as ilusões alimentadas pelos adolescentes em conflito com a lei são mediadas pela subversão da representação de um homem, hegemonicamente aceito no âmbito do convívio social como “normal”, isto é, que exerce performances vinculadas ao modelo de masculinidade hegemônica.

notada em anúncios em que aparecem as evocações “mano” e “camarada”, que representam 3% das evocações vinculadas a definições de ser homem.

98 46,7% das evocações de maluco estão relacionadas ao modo como os adolescentes se referem a adolescentes de outras vilas.

É neste sentido que os adolescentes em conflito com a lei entrevistados, através do reconhecimento de que seus grupos constituem-se de pessoas que se auto-identificam como “malucos”, podem construir uma representação de masculinidade que é periférica. A perspectiva de Foucault sobre a loucura também apresenta a estigmatização como elemento importante na classificação social dos loucos. No contexto dos adolescentes em conflito com a lei, a estigmatização ocorre através da classificação social dos adolescentes em conflito com a lei pelo fato serem popularmente reconhecidos como “drogados”, “maloqueiros” e outros adjetivos ligados aos comportamentos desviantes dos homens.

Após a identificação das formas linguísticas mais usuais de referência as pessoas do sexo masculino em relação com os adolescentes em conflito com a lei, é importante diferenciar dois dos modos que, a priori, poderiam ser identificados como os mais comuns de se referir a pessoa do sexo masculino entre as pessoas entrevistadas: “hóme” e “homem”.

O primeiro modo é utilizado para referir-se aos policiais e aparece com maior frequência (3% evocações de definição de ser homem) do que a segunda (0,5% destas evocações). O termo “hóme”, em 98% das evocações está relacionado a verbos do tipo: “pegar”, “catar”, “rodar”, “cair”, “prender”, “revistar”, “atirar”, “enquadrar” e que exprimem sujeição diante dos policiais⁹⁹. Alguns relatos melhor exemplificam os contextos em que a evocação “hóme” aparece:

O problema é os 'hóme' que vem sempre querendo 'enquadrar'¹⁰⁰;

E daí quando os 'hóme' 'acharam' nós, já chegaram 'desossando'¹⁰¹;

Aí, 'caí'¹⁰² com os 'hóme'!;

Os 'hóme' já me 'pegaram'(...) Os 'hóme' me 'cataram';

Fazendo fuga dos 'home', correndo dos 'hóme'.

Daí, os 'hóme' tavam na nossa 'cola'¹⁰³.

Apesar da diferenciação entre “hóme” e “homem” ser apenas didática, na maior parte das vezes, os adolescentes utilizam apenas a primeira pronúncia fonética, sendo

99 Como os exemplos dos 2% de evocações identificadas: “Os gambé vieram e, tipo, teve cara dos dois lado que foram encarar os 'hóme'.”

100 'Enquadrar' tem o mesmo sentido que revistar ou dar 'geral', esta última expressão muito comum para referir-se a 'revista policial'.

101 A frase tem o sentido de exprimir imposição de respeito ou violência.

102 'Cair com os hóme' significa ser apreendido por policiais.

103 Estar 'na cola' de alguém significa 'estar a procura' ou 'investigando'.

apresentada, em sua maioria, em relatos que envolvem contextos de relação com policiais e suas estratégias de controle, vigia e repressão (esta relação aparece em 98% das evocações de “hóme” ou “gambé”). Os verbos utilizados pelos adolescentes estão mais relacionados a submissão diante dos ‘hóme’. Neste sentido, o termo exprime uma relação de dominação ou centralidade dos policiais nas relações de poder com os adolescentes em conflito com a lei nos espaços de vizinhança e no centro da cidade. Embora o termo ‘hóme’ não esteja diretamente ligado ao modo como os adolescentes se reconhecem como “homens”, ou, ao modo como constroem suas masculinidades, é interessante observar que a palavra está relacionada ao exercício do poder.

Contudo, o termo “homem”, poucas vezes evocado pelos adolescentes, aparece em apenas dois contextos discursivos. No primeiro, para exprimir a especificidade em relação ao corpo biológico: *“Lá tem dois quarto e daí eu e meus irmão dividimo, é só homem.”* No segundo contexto, a palavra homem é evocada quando os adolescentes relatam suas experiências com armas de fogo:

Eu já dei altos tiros nessas. Sei lá né cara, a sensação que você tem na hora é que 'não dá nada' né cara! E se alguém te atravessar, azar! Você vai estourar mesmo né! O troço é do Diabo mesmo! O troço te cutuca e você não tem mais medo de ninguém, e não dá nada, você com um troço desse na cinta, você fica 'mais homem' do que os outros né cara. Não quer nem saber. **Galego.**

Tinha amor pelo canhão, era cromado, coisa mais linda que era. A sensação de você tá com ele na mão é de que você pode com 'qualquer um' cara! É verdade! **Boneco.**

Não tem nem 'praqueles' que se acham machão, tipo cheio de bomba, musculação e o caralho. Coitado! Ah o cara não peito de aço também! O cara pode ser o pá (estufou o peito), se chega alí, assim, se o cara vim e quer se achar o 'rei' da quebrada e vim, e te intimidar ali, o cara tem que, o cara não sabe que você pode tá com um bagulho, e você também nem vai saber se o cara tem, mas...depende de como que é a treta, o cara vem te 'tirar' ali e querer prevalecê pro teu lado você, se tiver você pá! **Gorpo.**

A análise psicanalítica de Nolasco (2001) sobre a masculinidade e a banalização da violência em sociedades contemporâneas ocidentais aponta para a relação histórica entre a masculinidade e o poder de causar dano. Neste sentido, é interessante observar que a palavra “homem” é utilizada quando o adolescente em conflito com a lei relata o momento em que busca igualar-se ao poder de causar dano e ocupar centralidade nas relações de poder, exaltando a superioridade diante de outros homens através do ato de portar uma pistola. Os dois últimos relatos seguem a mesma tendência discursiva de exaltação da superioridade, que pode ser identificada também através da utilização da palavra 'rei' como caracterização da pessoa do sexo masculino que busca centralidade

nas relações de poder.

A palavra “piá” ou “pivete”, presente em 5,5% das evocações sobre ser homem é muito utilizada no sul do Brasil para referir-se a criança, adolescente, ou jovem do sexo masculino. Esta palavra aparece no discurso dos adolescentes na diferenciação entre adolescentes maiores e menores e relacionada com a agressividade (77% das evocações de piá estão vinculadas a contextos de fala relacionados a brigas em grupo) e ao saber se defender (32% destas evocações).

Algumas vez, teve de uns piá maior me bater, mas piá pequeno se vem me tirar, pá. **D-Menor**;

(...) só que daí os piá mais novo começam a treta de volta né (...) **Cascão**.

Em outro contexto a palavra “piá” aparece relacionada aos dispositivos de reconstrução da memória individual e, portanto, está vinculada ao que o adolescente experienciou no passado: “*E isso é desde piá.*” (*Boneco*).

As expressões utilizadas para se referir ao ser homem, são sempre descritas por características de masculinidades que foram encontradas numa totalidade de 433 enunciações. Nestas, as definições de ser homem aparecem relacionadas com as seguintes características:

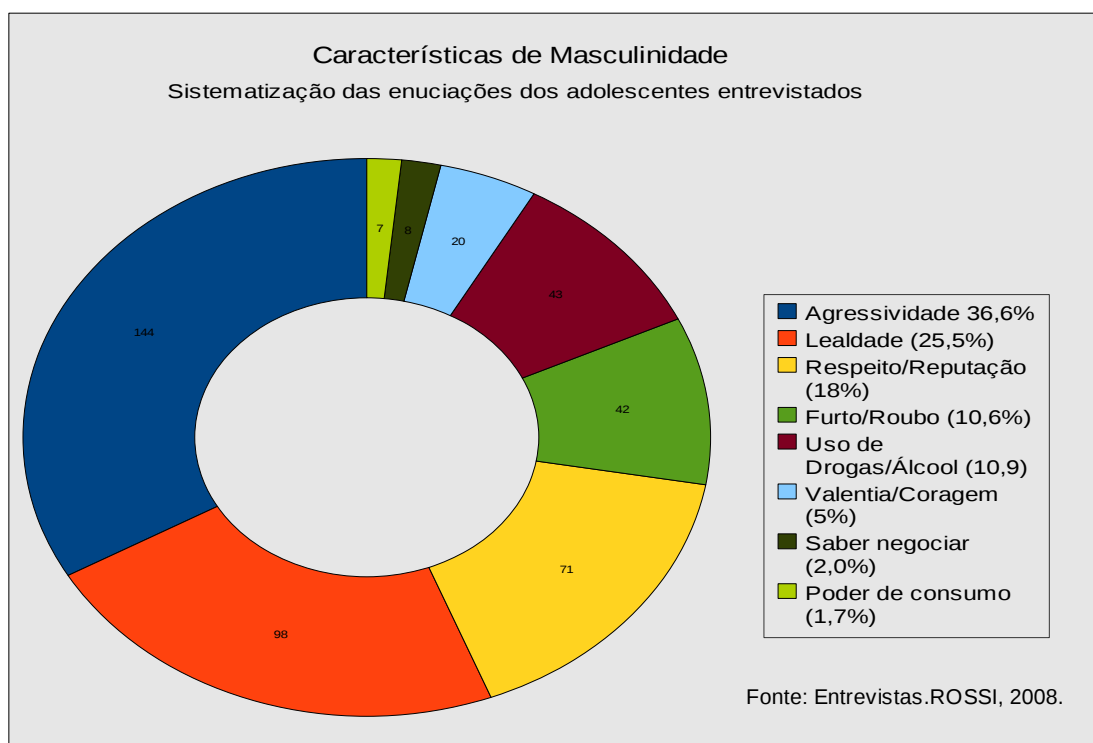


Gráfico 4 – Categorias discursivas que remetem as características de “ser homem”

A agressividade parece tomar conta de alguns dos relatos dos adolescentes entrevistados e aparece, muitas vezes, relacionada com a lealdade diante de seus pares e os dispositivos de obter dinheiro, respeito e reputação. Obviamente, estas características se apresentam no conteúdo discursivo dos sujeitos desta pesquisa como inter-relacionadas. Contudo, algumas especificidades em relação à agressividade evidenciada pelo discurso devem ser problematizadas.

Para um homem, a violência é uma possibilidade de resposta a demanda de desempenho de seu papel social. Ela é estimulada de diferentes formas durante a socialização dos meninos, tornando-se um elemento-chave à construção de um determinado tipo de subjetividade masculina. (NOLASCO, 2001, p.62).

A violência e agressividade como categorias discursivas presentes no contexto da fala dos adolescentes entrevistados demonstra a permanência de uma característica relacionada a masculinidade, assim como também se observa em elementos que caracterizam o ser homem como viril, enérgico, forte e ativo. Por outro lado, os adolescentes entrevistados mobilizam estes elementos em direção as práticas transgressoras regadas ao vício, ao conflito com a lei e aos dispositivos de promoção da violência. Deste modo, seu discurso evidencia a relação entre: agressividade, que está representada em 36,6 % das enunciações; furto/roubo, 10,6%; coragem e valentia, que somam 5%.

(...) quase mandei um pro inferno! Eu peguei um pedaço de pedra assim, meio pontudo, tá ligado? E só assim ó no cara. Pá, pá, pá! (encena o modo como bateu com o pedaço de pedra na cabeça do outro). Teve um dia que nós tava ali perto do terminal, e com 'cetra'¹⁰⁴ né, tinha um cara atrás de um ferro e eu só assim, tomara que o cara tire a pinha (cabeça) dali, esperei, quando ele tirou eu só "pá", mas acertou em cheio assim (risos). Daí o amigo nosso já chegou dando na nuca do cara e nós fomo já pisando em cima do cara e debulhando na 'bicuda'¹⁰⁵, coitado daquele piação (risos). Tiramo tudo do cara, deixamo só de coruja (cueca) na rua, foi bonito de ver! E os outros camarada dele correram tudo. Isso era do tempo que nós era mais pivete, agora eu to com quase dezoito anos e não rola mais entrar nesse tipo de treta né! Às vez nós apanhava, outras a gente batia, espancava e ganhava os cara, vendia tudo os pano que a gente ganhava, pra eu poder fumar né, ganhava a galera na noite e depois me internava na pedra. **Dentinho.**

Lh cara, ó, pra você ver (mostra a cicatriz de nas costas). O roubo que eu fiz! Levei uma naifada¹⁰⁶ bem aqui ó! O cara chegou por trás em mim e deu! Só que daí nessa que ele deu, grudou no osso! Na hora que ele deu, eu já fui com a de serrinha assim, daí puxei assim, daí caiu tudo a barrigada do cara assim. Daí eu caí por tentativa de homicídio. Caiu a barrigada do cara, quase morreu! O cara

104"Brinquedo" artesanal também conhecido como "bodoque" e "estilingue", feito com forquilhas de árvores e mangueirinhas de borracha com o intuito de lança pequenas pedras a longas distâncias.

105Chute dado com a ponta do pé.

106"Naifada" significa facada. Entre os adolescentes faca, facão ou canivete são chamados de "naifa", talvez uma variação do termo em inglês knife.

levou 72 pontos! E eu com a faca travada nas costas, o cara com a barriga aberta ali e eu com a faca cravada nas costas! **Zeca**.

A categoria discursiva que incide sobre o que caracteriza ser homem de acordo com contextos espaciais e temporais específicos, demonstra que alguns elementos da representação hegemônica de masculinidade estão mais presentes, enquanto outros não. A masculinidade hegemônica como representação de algo que, por exemplo, os adolescentes em conflito com a lei deveriam contemplar é associada muitas vezes a figura de um homem bom, trabalhador, responsável e provedor. Por outro lado, as pessoas aqui investigadas são muitas vezes consideradas sob o ponto de vista social hegemônico, como “maloqueiros”, “vagabundos”, “marginais” e “bandidos”. Entretanto, estas mesmas pessoas, em determinados contextos espaciais e temporais, mobilizam facetas identitárias que historicamente são associadas ao ser homem e estão identificadas com elementos identitários como o “ser forte”, “valente”, “corajoso”, que impõe respeito e que não leva desaforo para casa. A construção/reconstrução das masculinidades, portanto, é simultaneamente contraditória e complementar, envolve rupturas e continuidades, legitimação e subversão.

Dentre o total de categorias discursivas que correspondem aos contextos espaciais vinculados a evocações sobre o ser homem, a lealdade também configura-se como importante atributo. A lealdade tem endereço na interação social dos adolescentes em conflito com a lei e sua afirmação na convivência entre o grupo de pares. Na presente análise, diante da dificuldade em contemplar as expectativas dos vizinhos ou dos cidadãos ditos normais, os adolescentes demonstram que a lealdade resulta das experiências comuns de exclusão. Como elemento de coesão de um grupo, a lealdade representa um importante componente da interação social dos adolescentes entrevistados. Agarrar-se a determinado grupo, como forma de afirmação social, neste sentido, está relacionado a convivência em dados locais de referência, a certos códigos e valores instituídos. A lealdade, para o ser homem adolescente em conflito com a lei, está relacionada ao seu contexto de morador da periferia, em torno das estratégias de consumo, conflito e solidariedade. Esta característica aparece em 25,5% das enunciações vinculadas ao ser homem na perspectiva dos entrevistados.

No final de semana era tudo quanto é parte da vila, tudo quanto era canto, tinha os cara ali, fumando pedra, já rolava de juntar uma galera, nem todo mundo tinha ganhado um adianto, mas a galera tipo se ajudava na hora de fazer também! Senão rolasse assim, nós já cortava daí! **Zeca**.

Os cara era só na pedrada né, patifaria né, como é que vai confia nos cara né? Pra deixar baixo a coisa, tipo, de a gente ou eles dizer assim: “ó nós não queremos mais treta e pá”. (...) Por isso que a gente é fiel com a nossa quebrada e com a nossa malucada aqui. Se rola uma treta com um, e tá tudo nós assim, nossa senhora, tudo mundo tem que cair na pancada, depende da vez também, mas quase sempre, a treta de um é a treta dos outro. **Cascão**.

(...) os cara combinaram, a Zona Sul veio em peso, aí, mais de brincadeira nós fomo junto na treta. **Galego**.

(...) O cara, se ele quer ficar com nós aqui na quebrada, ele tem que dar 'intéra' pro gole, sempre, se não tiver, daí tem dia que quem tem mais grana ajuda mais, depois o outro quebra a nossa numa outra cena. Se ajudamo na hora do corres, da 'intéra' e não dá pra marcar¹⁰⁷, senão perde a moral. **Spun**.

No interior de um grupo, os adolescentes entrevistados demonstram que, o que também caracteriza ser homem, é o saber/fazer respeitar e ser respeitado, disso depende sua reputação e como é visto pelos outros. Reputação e respeito, aparecem em 18% das enunciações vinculadas a características do ser homem para os adolescentes entrevistados.

(...) eles vinham e aí rolava um apavoro, e eles ainda não curtiam ninguém, mas daí tipo queriam se fazer respeitar. (...) A gente aqui, não tem essa quem anda com nós respeita tudo mundo, mas nós sempre chegamo, botando uma presença pros outro cara, pra manter o respeito! E os cara de outra quebrada, tão ligado que nós samo assim, e respeita e, eles também. Mas cada um na sua cena, tá ligado? **Boneco**.

Outro elemento importante do que caracteriza este ser homem, o saber negociar, aparece em 2% das enunciações e está vinculado as formas de relacionar-se com adolescentes em locais de referência para o encontro e a realização da contribuição voluntária e solidária da “intéra” e/ou no deslocamento para a compra de determinadas substâncias ilícitas e os acordos a elas subjacentes.

(...) Nós levemo quinzão, e queria ver se o patrão fazia mais do bagulho pra nós! E daí eles deu vintão pelo nosso quinze, só que o quinze era da intéra, nós peguemo e dividimo entre nós. **Neco**.

(...) Que nem aquele dia, o cara fez o corres, mas quis chutar a cabeça, o cara nem aparece mais aqui, tem que fazer o troço certo, os maluco tão querendo o couro dele aqui. **Cascão**.

Deste modo, pode-se afirmar que as características de masculinidade apontadas pelos adolescentes e apresentadas como categorias discursivas compõem um modelo de masculinidade periférica, pelo fato de que existe a incapacidade de respeitar através de suas performances o modelo ideal de masculinidade preconizado. Em relação ao poder

¹⁰⁷“Marcar” pode exprimir “desapontar”, “decepcionar”.

de consumo, que representa 1,7% no conjunto destas categorias, geralmente este encontra-se relacionado aos dispositivos de reprodução da “vida louca”, ao consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas.

Ó saída de banco, cachorro louco mano (risos) (...) Era só eu chegando e encostando na nuca o canhão assim ó mano: “Vai, vai, vai (risos) de tirar pra fora do banco assim ó, e ganhar!” E era assim mesmo ó, desde os quatorze anos assim, de tirar um monte com isso, de ganhar assim, uns cinco barão! Uma vez foi treze barão mano, pra mais ainda! Mas nunca mais, ó cara! Ganhei, ganhei um monte com isso, mas não soube aproveitar! Só queria saber de derreter, derreter! Tá ligado? Foi isso que aconteceu comigo mano! Hoje em dia eu podia tá aí ó, de *astra* (carro), bem de boa, uma casona! **Dentinho.**

A relação de tensão entre a norma e as práticas transgressoras do grupo analisado, através da presente investigação, é observada na mobilização de alguns elementos e não outros, sendo que esta seleção ocorre respeitando as conveniências de contextos temporais, espaciais e grupais. Estes contextos evidenciam um processo permanente de reconfiguração de masculinidades, assim como das múltiplas espacialidades vinculadas a existência cotidiana do grupo focal.

Neste sentido, a noção de geograficidade apresentada por Dardel (*apud* HOLZER, 2001), que considera as experiências do *ser-no-mundo*, instiga o seguinte questionamento: será possível então, *ser-no-mundo* à revelia dos significados atribuídos aos seus corpos e aos papéis sociais atribuídos culturalmente aos diferentes grupos? Pois é também como homens que, os adolescentes desta pesquisa, desenvolvem suas vivências espaciais cotidianas. O discurso dos adolescentes demonstra que eles não se reconhecem como crianças, meninos, garotos ou adolescentes. Poucas evocações são identificadas com este sentido.

É justamente através do jogo tenso das relações entre os adolescentes, seus grupos, e destes com outros, que as masculinidades se instituem de modo complementar e contraditório, mas que reforçam uma representação periférica. É através deste mesmo jogo que podemos considerar as práticas dos adolescentes, seus códigos e valores específicos como componentes de múltiplas espacialidades.

As diferentes abordagens dos estudos sobre masculinidades contribuem a esta análise, na medida em que os atos infracionais na cidade de Ponta Grossa demonstram um volume relevante de práticas que envolvem grupos de adolescentes homens e habitantes das periferias pobres que desvirtuam o modelo hegemônico do *ser-no-mundo* como homem.

As práticas das pessoas desta investigação tencionam as normas e regras

instituídas socialmente, em termos do regime da lei e da própria construção social da masculinidade hegemônica, tal qual apontou Oliveira (2004), além disso, estão articuladas em redes de relações territorializadas. Em diferentes espacialidades, os adolescentes adotam performances também distintas que, por sua vez, indicam diferentes posições em relação não só com a masculinidade mas com outras categorias sociais, tais como adolescente em conflito com a lei, integrante de gangue, traficante, morador de periferia pobre, etc..

O contexto socioespacial dos homens jovens tem se constituído como elemento importante para a discussão do tema das masculinidades entre geógrafas(os) feministas, tal como é evidenciado em textos de McDowell (2000, 2003), Massey (1995) e Hopkins (2007).

Linda McDowell (2000, 2003) tem se dedicado a compreender a construção das masculinidades entre os jovens e sua relação com o contexto de intensas transformações econômicas e sociais das últimas décadas. A autora estabelece uma íntima relação entre a masculinidade, juventude, grupos identitários e suas relações com o mercado de trabalho. Esta autora chama atenção a dois aspectos fundamentais que contribuem à investigação do grupo analisado neste trabalho. O primeiro diz respeito a afirmação de que transformações da natureza das inter-relações entre gênero, trabalho e classe estão em curso e revelam desigualdades entre diferentes classes, nas quais, tanto os sujeitos femininos quanto os masculinos encontram seus padrões de vida ameaçados. McDowell (2000; 2003) também evidencia que o desemprego juvenil expõe claramente padrões espaciais de concentração, entre os quais, densidades de evasão escolar revelam a proliferação de um conjunto de jovens do sexo masculino não preparados às demandas do mercado de trabalho. O segundo aspecto importante, refere-se às práticas diferenciadas entre os jovens do sexo masculino e a instituição de identidades.

Os adolescentes entrevistados relatam o abandono da escola sem completar o ensino médio e a falta de perspectivas em relação ao mercado de trabalho.

Duvido que se eu chegasse numa loja ali no centro ó, com um carrão assim ó e falasse: 'To precisando de um trampo!' Você acha que os cara não iam me dar? Só de ver o carro mano? Os cara iam dizer assim ó: 'Não, tudo bem, pode tramar aí mano!' Você acha que não mano? Ou outra também, ia ali na Maxitango ali, os 'cara' iam me ver e ia pensar 'se marcar o maluco tá precisando de trampo pra pagar o carro' e pá: 'pode vir, pode vir, nós vamo te dar o trampo aí.' Sempre é assim cara, são tudo interesseiro! São tudo interesseiro! Vá lá mal arrumado pra você ver mano! Você entra dentro de um bagulho, de um comércio aí. Entre mal arrumado num comércio mano, pra você ver se você vai ter, tipo, como é que eu posso falar assim (...) Se os cara vão sentir orgulho de você? Cara, de você andar mal arrumado e chegar lá: 'ó, to precisando tramar aí.' Você acha que os cara vão

te chamar mano? Duvido! Jamais mano! **Dentinho.**

Esta dimensão da falta de perspectivas em relação ao mercado de trabalho, é um dos pilares da diferenciação entre os adolescentes e o ser homem denominado por eles como burguês ou *playboy*. 2,5% das definições de ser homem são representadas por estas duas palavras que aparecem sempre relacionadas ao contexto em que o adolescente, ou seu outro, dispõe de dinheiro, principalmente quando se trata de vítimas de furto ou roubo, ou vizinhos que desaprovam suas práticas de conflito com a lei.

Aqui ó, é só burguês cara! Aqui eu nem ligo né cara! A gente sai por aí faz uma cena e pá né cara! Quem me conhece bem (...) é aquele ali que tá pintando a casa dele alí dentro ó (aponta para um senhor que está pintando o muro de sua casa). Aquele ali ó, que tá de verde, de camisa ali. Aquele ali me conhece já, de rotina já! (...) Altos apavoro nessa vizinhança aí, os véio tudo burguês, carrão (...) E nós aqui, só na humildade e os cara vão fazer o quê, se os maluco vem aqui e fuma, eles vão fazer o quê? Chamar os hóme? Já tamo acostumado. Se amanhã ou depois, a gente faz um adianto ali, o burgue vai flagrar, mas vai fazer o que? Te acusar só. E não adianta, a gente vai continuar na nossa e o cara no contexto da burguesada dele. **Dentinho.**

McDowell (2003) sugere que o comportamento violento entre os jovens do sexo masculino pode ser concebido como uma das respostas à exclusão do mercado de trabalho. Isto é, empenhar-se em modos esporádicos de violência urbana para os homens jovens desfavorecidos se configura, para autora, como uma estratégia de resistência diante de um contexto social capitalista e profundamente desigual. Em relação ao último relato de *Dentinho*, exposto acima, a continuidade de seu discurso exemplifica uma reação diante das poucas perspectivas em relação ao mercado de trabalho:

Mas tipo, se eu tivesse um 'cano' (arma de fogo) agora, eu só ia chegar nos mesmo 'cara' que me negam de tramar (trabalhar) e não dão nenhuma chance de você 'se erguer', tá ligado? Assim, que apavoram com os pivete aí, não ia derrubar nem nada, mas ia apavorar, ia fazer uma cena nervosa! Porque eu não tenho aquele sangue frio, tá ligado? Que tem aqueles cara que tem aquele sangue venenoso, que chega na cara, né mano, e derruba mesmo né cara, dá pipoco (tiro) na cara né mano! **Dentinho.**

Contudo, como evidencia McDowell, os comportamentos e a marcação de determinados grupos de homens jovens como diferentes do padrão hegemônico, que relaciona o gênero ao papel social atribuído aos homens, podem reduzir ainda mais as possibilidades destes sujeitos ingressarem em postos de trabalho. A geógrafa também relaciona as práticas cotidianas dos jovens com limitadas opções às suas diferenciadas performances corporais. Para ela, os modos de vestir, estilos de cabelo, decoração corporal (tatuagens e *piercings*) e ostensivos modos "anti-sociais" e de criminalidade

estão entre as múltiplas reações à marginalização econômica e social. Nesse processo corpo e corporalidade aparecem como categorias de fundamental relevância, principalmente quando a aparência, as apresentações corporais e atitudes pessoais dos trabalhadores são também comercializadas como partes que integram um produto, isto é, a força de trabalho.

É importante considerar que o grupo focal deste estudo demonstra como alguns de seus elementos identitários a relação de oposição ao que é considerado por eles como o sujeito “burguês” ou “*playboy*” e, que também se auto identificam como trabalhadores e são frequentemente vistos entre os “pontos de chapa”¹⁰⁸ da cidade atuando informalmente como carregadores de sacas variadas ou como ajudantes na construção civil, como é o caso de seis adolescentes entre os entrevistados.

Se tipo, o cara chega aqui fazendo tipinho, bom moço e 'mala', e ele é *playboy*? Nós não se damo com *playboy*! Não rola né! Nós tudo dia se fudemo aí na quebrada, ou nas correria, 'adianto' de 155 e 157, às vez 'trampamo', tá ligado! Uns 'trampo' foda, tipo de 'serventão', carregar saca (...) Primeiro que os *playboy* nem vem aqui, se vem, tá fudido! Só quando a gente 'cruza' com um, ali em cima, no centrão. Também, depende da 'lata' do cara, se a gente tá em mais e não vai com a 'lata' dele, aí ele tá fudido memo! **Zeca.**

Além das experiências dos adolescentes relacionadas ao trabalho e a classe, o poder de consumo diferenciado deste grupo é outro ponto de conexão entre as masculinidades e o contexto desigual o qual vivem. Muitos adolescentes das cidades brasileiras envolvem-se com a criminalidade devido a limitada liberdade de consumo a eles conferida e isto choca-se com as estruturas sociais. Outro aspecto importante, que é destacado no texto de McDowell (2003) e que pode ser observado entre o grupo aqui estudado tem a ver com o imaginário e as perspectivas de futuro que diferem das de gerações anteriores, isto é melhor exemplificado através de relatos que apontam para uma situação diferenciada em relação aos pais de alguns adolescentes que chegaram a trabalhar por muito tempo num único posto de trabalho ou função. As perspectivas escassas de inserção no mercado de trabalho também contribuem à vivência espacial de masculinidades periféricas, e o que pareceria comum ao *ser-homem-no-mundo*, que é ocupar um posto de trabalho e conquistar a liberdade de consumo, não é percebido como algo palpável aos adolescentes investigados.

¹⁰⁸Locais de parada de homens adultos e adolescentes que esperam a possibilidade de trabalho informal, que geralmente se configuram como apoio ao trabalho com a carga transportada por caminhoneiros, na entrega de sacas e outras mercadorias em estabelecimentos comerciais diversos, tais como supermercados, empresas, na construção civil. Tais pontos de localização de trabalhadores informais também são requisitados pela construção civil, no agrupamento de “serventes” ou ajudantes desta atividade.

Outra contribuição importante no tocante aos estudos sobre a masculinidade como campo de relações, identificado a partir da co-existência entre diferentes elementos identitários, é empreendida por Hopkins (2007). Seu artigo, intitulado *Young people, masculinities, religion and race: new social geographies*, explora a ligação entre masculinidade, idade, raça, classe e religião. Ao estudar grupos de jovens muçulmanos, o autor afirma que códigos e valores religiosos, de classe, raça e idade são importantes à inteligibilidade sobre as formas de naturalização e subversão de performances masculinas entre os jovens.

A concepção debatida por Hopkins (2007) ajuda a compreender como os homens jovens transformam e manipulam suas performances masculinas a partir da idade e valores específicos de um grupo. Estas performances, de acordo com o autor, revelam a importância do papel do espaço e lugar para as experiências que relacionam idade, gênero, raça e religião.

A reflexão sobre os estudos que envolvem a categoria de idade é vital no contexto de identificação e relação conflituosa entre os adolescentes desta pesquisa, haja visto a presença das palavras “piá” e “pivete” entre as evocações que definem o ser homem, e são vinculadas a diferentes sistemas de opressão estruturados entre os adolescentes em conflito com a lei. Os adolescentes mais novos, algumas vezes, adotam estratégias no sentido de fugir dos conflitos com adolescentes maiores esperando o momento para reagir diante de antigos opressores. O relato de *D-Menor* exemplifica um pouco a relação entre idade e conflitos entre os adolescentes em conflito com a lei:

Uma vez eu fui fazer uma cena de 'mula'¹⁰⁹, aí me pegaram em quatro cara lá e me deram um pau! Lá é 'embassado' mesmo! Mas um eu catei! Um eu catei! Só que eu deixo baixo né mano, quanto mais eu surrar um, eu apanho de mais e nunca mais vou conseguir me prevalecer! Então eu pego e deixo os cara, deixe que me tirem né mano! Mas logo, logo (...) Tem que deixar os cara tirar, tudo bem (...) Logo, logo, eles vão ver que eu to lá em cima, aí eu vou chegar nos cara assim ó, e os cara vão vir querer me tirar e daí eu só falo ó: “Daí, agora tire então!” Na hora que eles vem me tirar eu coloco o canhão na cara deles! (risos). Daí os cara vão se mijar na minha frente! (risos). Ah, quando eu tiver um revólver eu já vou sair louco por aí, passando esses cara que são maior e que me tiram, assaltando, aí vai ser louco o bagulho! Quando eu tiver maior um pouco vou sair pela cidade afora, vou comprar um cano e vou apavorar tudo mundo! **D-Menor**.

Ao longo de suas trajetórias de vida muitos adolescentes construíram modelos referenciais de masculinidade, tal qual o caso de um entrevistado que relata espelhar-se na figura de um irmão mais velho, como é apresentado abaixo:

109'Mula' é a denominação da pessoa que transporta uma elevada quantidade de drogas, que a caracteriza como traficante.

Tipo, o meu irmão, tem muita gente que fala e não curte, mas nem sabe que (...) O maluco já foi patrão, tá ligado? Lá em casa era só festa quando ele 'tava na rua', não tava no Cadeião. E se ele tivesse 'na rua' ia ser assim de novo. Eu sempre via que ele trazia as 'parada' pra dentro do barraco e nós tudo se 'arregava'¹¹⁰ daí. Tipo, ele sempre me deu altos 'bagulho', me mostrou bastante coisa, tipo, hoje eu não ia consegui me virar nos 'adianto' se não fosse vendo ele, tá ligado? **Carepa.**

Também serve como exemplo o fato de que muitos adolescentes diferenciam ações de acordo com idade ou geração quando afirmam que muitos dos conflitos territoriais dos adolescentes da cidade são resultado da ação de adolescentes mais jovens, algumas vezes referenciados por eles como a “pivetagem”. O relato de *Dentinho* utiliza a palavra “piá” e a definição de estar pivete como “pivetagem” com sentido pejorativo e de menosprezo.

Nós andava com uns foguete de doze tiro tá ligado? Nós chegava ali na 'Magiqueira' (Casa Noturna) e apavorava, treta com pedrada aí pra baixo também com os cara da Vilela, que de vez em quando morre a treta, mas sempre tem a 'pivetagem' que continua né, os piá de bosta, que são menor, tá ligado? Eles que ficam se provocando e puxando as treta tudo de novo. Nós já tamo ligado que a cena nossa já é outra. É fazer o troço certo, dá pra ser bandido sem querer, tipo, ficar batendo nos cara e arrumando 'sarna pra se coçar'. **Dentinho.**

Além disso, alguns adolescentes demonstram reduzir as infrações quando se aproximam da maioridade, entendendo algumas vezes que a “*vida de bandido só pode ter dois destinos: a cadeia ou o cemitério*” (*Gorpo*). Dois adolescentes entrevistados apresentam um pouco mais sobre este aspecto:

Só que eu parei né mano, tô quase com dezoito, já caí lá no Pitangui, fiquei uma 'cara' fazendo serviço comunitário, daqui a pouco, se eu continuasse pirando, logo eu ia tá no Cadeião, tá ligado. Aí de ter irmão que tá lá, eu sei que é o inferno, tá ligado? Num rola de ficar aí, pra baixo e pra cima, você cai com os hóme, aí fodeu, vai preso memo! Ficar em 'cana' é foda maluco! Você nem tá ligado qual que é, mas eu sei! **Neco.**

Graças a Deus né mano! Já faz o que, uns dois mês que nunca mais se envolvemo nessa né, foi bem depois que o nosso camarada foi morto na frente da casa dele com dois pipoco na boca. Larguemo mão disso né. O contexto é louco mano! O processo é lento, mas o bagulho é muito louco! E se pá, se você fica nessa, daqui a pouco, ou 'te fazem', te matam ou vai em cana, né mano! **Dentinho.**

Como é observado nos trabalhos de McDowell (2000;2003), Massey (1995) e Hopkins (2007), ao analisar o contexto das experiências masculinas, é possível estabelecer a interconexão entre diferentes categorias sociais na compreensão sobre o espaço e as relações de poder instituídas através dele. No cotidiano, as vivências das

¹¹⁰Para os adolescentes entrevistados, “se arregar” significa “sair na vantagem” ou “no lucro”, “se dar bem”.

peças analisadas pela presente investigação, a partir das múltiplas espacialidades, tais como a rua, as esquinas e demais “quebradas”, evidencia-se a relação entre diferentes categorias sociais, como a masculinidade, idade, classe, entre outras. O eixo de discussão das masculinidades, portanto, apresenta-se como um dos referenciais diante da complexidade espacial cotidiana dos adolescentes onde, realmente, suas experiências estão relacionadas também a outras categorias sociais.

As características de masculinidade que apresentam elementos do contexto espacial e temporal das experiências dos adolescentes, também envolvem a relação com outras facetas identitárias, entre elas, a idade, a classe e a trajetória na ilegalidade.

O eixo de discussão considerado na análise desta seção apresentou-se, deste modo, como bulbo ou tubérculo que, observado em profundidade, indica à pluralidade da existência espacial. Através desta pluralidade é possível conectar aspectos da diferença entre os grupos estudados e destes em relação aos grupos hegemônicos, assim como suas especificidades relacionadas com seus espaços de vivência, o que justifica observar uma constelação de conceitos e categorias sociais em relação.

2 – INTERSECCIONALIDADE E ESPACIALIDADES COMPLEXAS – A VIVÊNCIA COTIDIANA DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI.

A diversidade observada sobre as vivências espaciais dos adolescentes em conflito com a lei contribui a vislumbrar o espaço na perspectiva desconstrutivista de Massey (2008), para a qual, o mesmo é interação, entrelaçamento e interconexão de múltiplas trajetórias.

A linha de abordagem que vem sendo defendida por autores como Silva (2007;2009), Ornat (2009), Nabozny (2009) e Chimin (2009), considera que as identidades de gênero se constroem reiteradamente através de atos estilizados que ultrapassam, ou não, a tênue linha entre um padrão hegemônico sobre o gênero e a sexualidade. Nestes trabalhos a ideia de performatividade contribui ao entendimento sobre identidades complexas, na medida que explora o sujeito a partir de sua realidade pluri-local e multi-dimensional.

Entretanto, o complexo universo no qual se desenvolvem as experiências cotidianas do grupo aqui estudado revela que os adolescentes em conflito com a lei não podem ser balizados somente pela categorização de agentes transgressores em relação às leis vigentes e relacionadas aos padrões hegemônicos de convívio social. Tampouco

homogeneizados sobre a categoria de adolescentes num processo de transição à vida adulta, ou ainda, constituindo apenas um gênero masculino.

A reflexibilidade como dispositivo utilizado para situar os diferentes conhecimentos no processo de investigação científica é aqui selecionada como importante elemento norteador. Este processo é mediatizado pela ideia de posição que, para Rose (1997), indica o tipo de poder que permite determinados tipos de conhecimentos. Assim sendo, o conhecimento produzido sobre os grupos focais selecionados nas investigações pode ser reorientado ao contemplar diferentes vozes. Para Rose (1997) e também a partir do estudo de Silva (2009), o processo reflexivo da pesquisa desconstrói a falsa neutralidade e a pretensa universalidade do conhecimento científico sobre a existência cotidiana dos grupos. Neste sentido, portanto, é necessário explorar o cotidiano dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei, em Ponta Grossa, de modo a reinterpretar a construção de modelos de análise sobre interseccionalidade e espacialidades complexas a partir da realidade brasileira e de grupos que subvertem a ordem instituída socialmente.

A problemática que envolve a relação entre as espacialidades dos adolescentes em conflito com a lei, de suas práticas cotidianas, sugere pensar as masculinidades e o espaço de forma relacional.

Em editorial da publicação especial da revista *Social & Cultural Geography*, Hopkins e Noble (2009) destacam o caráter estratégico das articulações e negociações das masculinidades considerando o vasto leque de formas e significados situacionais que estão vinculados a categorias de classe, etnia, idade, raça, etc.. Os autores apontam, como uma das possibilidades de se interpretar a relação entre espaço e masculinidades, a observação sobre a interseccionalidade e as relações entre identidades situadas. Esta possibilidade de interpretação reconhece que as experiências dos homens não são totalmente compreendidas em sua complexidade através de conceitualizações unificadas em torno do gênero, etnia, e assim categoristicamente.

O editorial apresentado por Hopkins e Noble (2009) destaca experiências investigativas ligadas a esta proposta teórico-metodológica entre os artigos presentes na edição da revista e que servem de ponto de apoio a aproximação conceitual realizada pelo presente estudo e que envolve a reflexão a partir de conceitos como posicionalidade, reflexibilidade e interseccionalidade.

Gill Valentine (2007) aponta uma linha de raciocínio a partir do conceito de interseccionalidade. Para a autora, este conceito se constitui como dispositivo de análise da relação entre diferentes elementos identitários e o espaço. Sua reflexão incide sobre a

teorização da relação de diferentes categorias sociais, tais como o gênero, raça, sexualidade, entre outras. Estimando a importância do espaço e em considerar os processos de constituição do sujeito. A autora realiza importantes questionamentos sobre como o conceito de interseccionalidade poder ser utilizado na geografia. Podendo ser utilizado não só para compreender as interconexões do gênero em relação a outras identidades, mas no mapeamento de geometrias de opressão.

Valentine (2007) aponta a importância da preocupação de geógrafas feministas negras em descentrar a figura da mulher branca, ocidental, heterossexual e da classe média de sua posição privilegiada no desenvolvimento da proposta teórico-metodológica do conceito de interseccionalidade. Conforme substantiva a autora, esta tentativa de pluralização do feminismo na geografia com relação às identidades de gênero, classe e raça, marcou um passo importante das geografias feministas na compreensão de processos de constituição de sujeitos através do espaço.

Por outro lado, Valentine (2007) chama atenção ao fato de que raramente as categorias sociais gênero, classe, raça e idade, são utilizadas em interconexão, havendo assim, maior incidência da eleição de uma delas como categoria central. O conceito de interseccionalidade, desta maneira, tem sido pouco difundido entre as geografias feministas, conforme destaca a autora. De todo modo, segundo Valentine, o conceito tem se mostrado um dispositivo fundamental de captura do reconhecimento de que a diversidade não está situada em espaços entre identidades, mas através do espaço.

Silva (2009) elabora uma importante contribuição à geografia cultural brasileira ao incorporar e explorar o conceito de interseccionalidade na análise sobre a prática da prostituição realizada por mulheres brasileiras na Espanha. O trabalho desta autora demonstra que as prostitutas brasileiras experienciam simultaneamente facetas identitárias localizadas entre as categorias sociais de gênero, sexualidade, nacionalidade e classe. Segundo a geógrafa, as prostitutas brasileiras acionam códigos simbólicos diferenciados de acordo com diferentes espacialidades vinculadas a sua existência cotidiana. O texto de Silva instiga a utilização do conceito de interseccionalidade na geografia brasileira como instrumento explicativo de identidades interseccionadas e complexas, que constantemente são redefinidas conforme escalas espaciais/territoriais específicas.

Valentine (2003) e Silva (2009) enfatizam que as geometrias da opressão, relacionadas a interseccionalidade experienciada pelas pessoas na prática cotidiana, podem ser exemplificadas a partir das posições diferenciadas que elas ocupam em

relação a distintos sistemas de opressão que, por sua vez, estão relacionados a facetas identitárias e espacialidades específicas.

Assim um adolescente em conflito com a lei morador de uma periferia pobre pode ocupar posição de marginalidade em relação a um grupo de adolescentes de maior poder aquisitivo e, em relação ao sistema de opressão vinculado a esfera do consumo. Entretanto, pode ocupar posição de centralidade em relação a esta esfera quando, após tomar de assalto o mesmo grupo de adolescentes, utiliza os objetos furtados como dispositivo para a satisfação do consumo próprio. Desta forma o que caracteriza o ser homem é o contexto específico de sua vivência cotidiana, no qual diferentes elementos identitários podem estar presentes.

Em relação à categoria idade, observada a partir da relação entre as pessoas desta pesquisa, e principalmente entre os adolescentes identificados como “piás” ou “pivetes”, observa-se a partir da convivência com o grupo que muitos adolescentes pouco resistem ao poder exercido por adolescentes mais velhos. Neste sistema, esperam igualar-se em atributos como a força bruta e imposição de respeito, buscam uma espécie de igualdade de condições que se estabelece ao longo do tempo de convivência entre os grupos. Ao mesmo tempo, estes mesmos adolescentes podem investir de modo agressivo, em direção a outros adolescentes ainda mais jovens, acionando um código simbólico que outrora o oprimia.

(...) tem muito cara grande que vem, tipo, querer se prevalecer né mano, vê você ali e pensa que não é de nada, o cú deles mesmo! na hora que eles menos esperam eu chego e apavoro quem for mano. (...) Algumas vezes teve de uns piá maior me bater, mas piá pequeno se vem me tirar pá...eu já empeloto com eles né (...)
D-Menor.

A influência de Butler sobre o conceito de interseccionalidade é aspecto levantado por Valentine (2007) e Silva (2009) na consideração de que apesar de que as categorias sociais de gênero, classe e idade possam ser objeto de reflexão realizada em separado, os sujeitos experienciam-nas simultaneamente em sua vida cotidiana.

A aproximação com o grupo focal deste estudo possibilitou observar esta seleção de facetas identitárias (interseccionalidade) e desafiaram minha posição de pesquisador pelo tencionamento produzido a partir de minha posicionalidade em relação ao grupo analisado. Ademais, o gênero performático tal qual elucidam Butler (2003) e Rose (1993), como item que problematiza a relação entre espaço e gênero, funda-se sobre o argumento de que as mais variadas coisas não se preservam fixas nem estáveis, mas emergem de práticas distintas e mutáveis. Neste sentido, a aproximação com o grupo

focal possibilitou vários tipos de tensão envolvendo posições diferenciadas e conhecimentos situados no processo de investigação empírica no desenrolar da rotina dos entrevistados.

Sem a vivência espacial concreta com o grupo focal seria difícil observar a multidimensionalidade relacionada as categorias sociais de classe, gênero, e idade e, ainda, o ato infracional.

O estudo de caso e a aproximação com o grupo estudado são enfatizados no texto de Valentine (2007) como um modo de olhar voltado para o múltiplo e ao complexo, sobre a maneira como os grupos se identificam ou não com outros, sobre o modo como os diferentes contextos evidenciam determinadas facetas identitárias como mais marcantes do que outras e, que em outros contextos, são simplesmente negligenciadas. O conceito de interseccionalidade identifica, portanto, as possíveis performances centradas em uma ou mais facetas identitárias que podem abalar ou interditar a mobilização de outras. Esta dimensão é observada de modo interessante em texto de Silva (2009) que explora a relação entre a pesquisadora e seu grupo focal no trabalho de campo realizado em áreas de prostituição.

A complexidade relacionada a vivência da interseccionalidade contribui, afinal, conforme ilustra Valentine (2007), com a reflexão sobre a relação entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado interferindo de modo positivo, sem promover a ocultação de facetas identitárias nem favorecendo apenas a legitimação de geometrias da opressão instituídas através do espaço urbano.

Como fora observado, os adolescentes desta pesquisa podem mobilizar facetas identitárias diferenciadas e esse aspecto interfere na posição que ocupam em certas correlações de forças e espacialidades. Deste modo, os adolescentes não estão necessariamente fora de uma ou outra espacialidade quando estabelecem relação com outros grupos identitários que se apropriam do espaço urbano. Pelo contrário, são ativos no processo de subversão de determinadas espacialidades através das performances desenvolvidas em cada configuração, pelo modo como instituem sua apropriação. Neste processo, ocupam posição de centralidade ou marginalidade em relação ao grupo que exerce poder.

Para exemplificar o modo como a interseccionalidade pode ser representada através da experiência dos adolescentes em conflito com a lei, grupo focal desta pesquisa, vale a pena relembrar o contexto de alguns adolescentes observados durante o trabalho de campo e já apresentados na seção dois do capítulo anterior.

D-Menor, adolescente que morava na rua e tinha como principais práticas cotidianas os delitos, descritos como furto simples e qualificado e uso/porte de substâncias ilícitas, num contexto de elaboração de estratégias para o furto, acionava um de seus atributos identitários relacionado ao fato dele se apresentar como morador de rua, o que instigava o ato solidário. Noutro contexto, as informações obtidas como “criança de rua que pede esmola”, tornava-se conhecimento relacionado ao furto sorrateiro e era acionado como uma faceta identitária ligada a situação de conflito com a lei.

E quanto eles mais vê que é menor, quanto menor o cara é, acho que mais moeda eles dão! Por que eles vê né, vê que é moleque né, pensam que tá querendo alguma coisa, um doce, alguma parada pra comer. E daí eles vão lançando, vão lançando (...) Tipo quando eu to descendo lá pra baixo, pela rua aqui ô, eles vão me lançando moeda, rango¹¹¹. E eu só vou flagrando né mano, as casas. Depois eu só subo e vou 'passando'¹¹² geral' nas que eu vi né! Dos vizinho daqui, num sei se já se ligaram porque tem gente que vê demais, mas eu vou 'passando'. **D-Menor.**

Ainda, *D-Menor* apresentava-se como homem, nem pior, nem melhor que os adolescentes mais velhos e entre outros adultos. À medida que *D-Menor* realizava suas “correrias” por várias “quebradas” da cidade, ele redefinia o modo como se apresentava, reforçando um de seus elementos identitários, ao mesmo tempo em que ocultava outros. Se este adolescente era visto por algumas senhoras “donas de casa” como pedinte, ao qual ofereciam restos de comida, para os seus amigos mais velhos, era um informante, importante atravessador de substâncias ilícitas e de informações para a realização de furtos.

Daí quando eu vejo que é mais foda 'passar' a casa, aí nós se juntamo pra fazer o adianto! Eu flagro a cena e falo pros outro maluco como é que dá pra gente passa e tal. Um fica só cuidando, outro pula o muro, daí vai passando os bagulho pra quem tá pra fora do 'barraco' (...) Os maluco aí da vila já tão ligado como é que fazemo sempre! **D-Menor.**

As experiências de *Penadinho* evidenciam outro exemplo. O adolescente cumpria uma dupla e simultânea jornada, como atravessador e usuário de substância tóxica. No contexto de seu local de referência de encontro com outros usuários, apresentava-se como traficante, dizendo que mantinha uma “firma” e que ali fazia um “*movimento nervoso*”, conquistando cada vez mais clientes com a venda de pequenas quantidades de drogas como maconha e *crack*. No entanto, através da “correria” realizada até o “canal”,

¹¹¹'Rango' significa 'comida'.

¹¹²O verbo 'passar' é utilizado por vários adolescentes em conflito com a lei e tem o sentido de 'roubar', 'furtar'.

onde as drogas são vendidas em volume maior, *Penadinho* se apresentava apenas na posição de mais um cliente. Contudo, de acordo com seus relatos, na vila de seu tio, que segundo ele “era o patrão dali”, *Penadinho* obtinha vantagens em relação ao uso e porte de drogas, armas e inserção no tráfico. Atualmente, tal qual ele relatou, diz que “se ergueu”, inclusive ocupando posição de gerente: “os *maluco* trabalham na quebrada, *alí pra mim*”. Certamente a fluidez na projeção de seus modos de comportamento compõe a sua trajetória entre diversas posicionalidades, até ocupar a de traficante.

E em se tratando dos processos de identificação com seus espaços de vivência, os adolescentes desta pesquisa evidenciaram que em determinados momentos, quando em grupo, se apresentam como integrantes da Zona Sul ou Zona Leste. Ao passo que, em outros momentos, quando individualmente adentram outros espaços, onde alguma das organizações são centrais nas relações de poder, não exacerbam a faceta identitária relacionada a estes grupos, pelo contrário, ocultam-na como um dispositivo de segurança e autodefesa.

(...) Mas também a gente anda em bastante gente é melhor, claro, se rola uma treta, se ajudamo (...) E não tem pra ninguém, aqui é Zona Sul mano! (...) Mas se, tipo, se o *maluco* tá sozinho na rua, aí já é diferente, você anda mais cabreiro. Vai que alguém te flagra? E quer se prevalecer por causa da tua galera? Tem vez que é bom nem ser flagrado pelos cara! **Gorpo**.

Os locais de referência para o encontro entre os jovens aqui investigados, também demonstram um pouco da variação em torno de vários elementos identitários. Exemplificando, quando os adolescentes investigados se reuniam numa praça, esquina ou qualquer outro espaço público, os mesmos tendiam a acionar a faceta identitária do “*maluco*” relacionada a imagem de uma pessoa adepta da “vida louca” e, menos facetas vinculadas ao fato de que os mesmos adolescentes são “filhos”, “trabalhadores”, etc.

Você vai ficar em casa fazendo o que *maluco*! Pra tua mãe ficar 'tretando'? Aí, a galera já sai pra rua! Já vê os cara fumando cigarro, cheirando cola! E é assim que daí você começa, tá ligado? Daí todo mundo fuma um 'brown'¹¹³ e você fuma também! Tem uns que já tão na 'nóia'¹¹⁴ e na correria de pedra e os *maluco* se embalam! (...) Tudo mundo é praticamente alcoólatra aqui na rua! É cara! Tudo mundo bebe direto aqui, tá ligado? (...) Os *maluco* se acostumam a fazer o que a galera faz, vê toda a galera na mesma rotina, porque não tem o que fazer! (...) Tem até o jeito de andar dos mano que já é diferente! Não só as roupa, tipo o jeito de andar assim, devagarzão, bem sossegado! Tem mãe e pai, e os *burgue*, tá ligado? Tem gente que não quer ver isso! **Galego**.

113O termo 'brown', assim como 'beck', 'baseado' e 'verde' aparecem no discurso dos adolescentes entrevistados como sinônimos de 'maconha'.

114O termo 'nóia' é utilizado pelos adolescentes entrevistados para referir-se a pessoa adicta, dependente de crack ou cocaína.

Já em relação ao ato infracional, este também pode ser considerado como um das facetas identitárias acionadas através da vivência da interseccionalidade pelos territórios. Quando em contextos de diálogo sobre as experiências com a ilegalidade, os adolescentes demonstraram obter um conhecimento adquirido e acumulado sobre as estratégias de furto qualificado e roubo a mão armada. Isto demonstrou que alguns dos entrevistados criam em determinados contextos uma espécie de auto imagem relacionada a valorização do que consideram a “arte do crime” entre seus grupos. Sem dúvida, o contato com o sistema policial gera seres experientes em modos de negociação e fuga dos dispositivos de controle. Em variados contextos espaciais o contato com policiais é frequente e mobiliza variações no comportamento dos adolescentes que vivenciam a rua. Este elemento, o ato infracional, compõe a interseccionalidade vivenciada pelos adolescentes em conflito com a lei através das várias formas de apropriação espacial. Além disso, constitui-se através de um processo de aprendizado, no qual, os adolescentes em conflito com a lei, em interação social, constroem um conhecimento relacionado à caracterização de seu grupo e que pode vir a ser utilizado em determinados contextos. O relato abaixo exemplifica um pouco deste processo:

Quando eu não to com a galera aqui, eu to ali fazendo algum adianto, passando uns 'bagulho' na avenida, em qualquer lugar. E isso é desde piá. Antes eu ia pra pedir dinheiro mesmo, não tenho vergonha de dizer. Ficava no sinal, tá ligado (...) Mas daí já fui vendo né cara, enquanto os cachorro late é a caravana que passa, né maluco? Fui aprendendo com os cara maior aqui da vila né. Pegava umas bolsa, altas vezes de dá 'cachorro louco' nas mulher perto dos banco! (...) Corria dos gambé!¹¹⁵ (...) Celular, a cada semana eu tinha o mais 'tesão', só que vendia né. O que vem rápido, ia rápido também, com tudo, é os ferve, as pira de maluco de pegar e torrar grana fumando e tomando gole. **Boneco**.

A partir destes exemplos, pode-se afirmar que a vivência da interseccionalidade reposiciona a pessoa em determinadas configurações espaciais em relações de poder. Deste modo, as práticas cotidianas das pessoas analisadas nesta pesquisa são interpretadas como múltiplas e relacionadas a diferentes espacialidades.

Rose(1993) elabora uma importante contribuição a este horizonte de problematização teórica na difusão de sua perspectiva de espaço paradoxal. Há dois diferentes aspectos da perspectiva defendida por esta geógrafa que são fundamentais para a presente investigação.

O primeiro diz respeito ao argumento desta autora sobre a não conveniência em observar os sujeitos pesquisados a partir de uma categoria homogeneizante, tal qual é a

¹¹⁵O termo 'gambé' refere-se a 'policial', assim como 'hóme', 'rato', 'naira'.

do adolescente do sexo masculino. As práticas dos sujeitos de minha investigação, a partir da perspectiva apontada pela autora, não são apenas reproduzidas, mas, são em realidade, interdependentes dos elementos que influenciam suas performances em contextos espaciais, temporais e grupais diferenciados.

A ideia de multidimensionalidade, apresentada por Rose (1993) indica que os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei experienciam de modo simultâneo múltiplos elementos identitários em sua realidade cotidiana. Esta ideia mantém forte aproximação com a utilização do conceito de interseccionalidade explorado em estudos das geografias feministas e sobre masculinidades. Já a ideia de pluri-localização, também apresentada por Rose, diz respeito a mobilidade e transitoriedade entre configurações espaciais específicas, indicando a possibilidade de se ocupar posições de centralidade ou marginalidade em diferentes configurações espaciais.

Neste sentido, é possível observar, na análise aqui empreendida, a existência de importantes referências espaciais compondo o conjunto diverso de experiências cotidianas dos adolescentes pesquisados. A casa, a escola, os espaços de vizinhança e para o encontro entre iguais, outras vilas e o centro da cidade podem demonstrar o complexo jogo em que os adolescentes em conflito com a lei ocupam diferentes posicionalidades.

As características de masculinidade evidenciadas no discurso dos adolescentes, como a agressividade, lealdade, reputação e respeito, uso de drogas, etc., aparecem, deste modo, como situacionais e relacionadas a variados sistemas de opressão, que definem diferentes posicionalidades em múltiplas espacialidades.

Entre as experiências dos adolescentes, vinculadas as distintas espacialidades, foram destacados diferentes espaços numa totalidade de 469 evocações, donde é possível extrair as seguintes categorias discursivas: escala das experiências em casa, que representam 2,1% das evocações; escala das experiências no espaço escolar, que somam 3,1%; escala das experiências no espaço de vizinhança, com 40%; das experiências em outras vilas, que corresponde a 19,1% e; a escala das experiências no centro da cidade, com 32,4% das evocações.

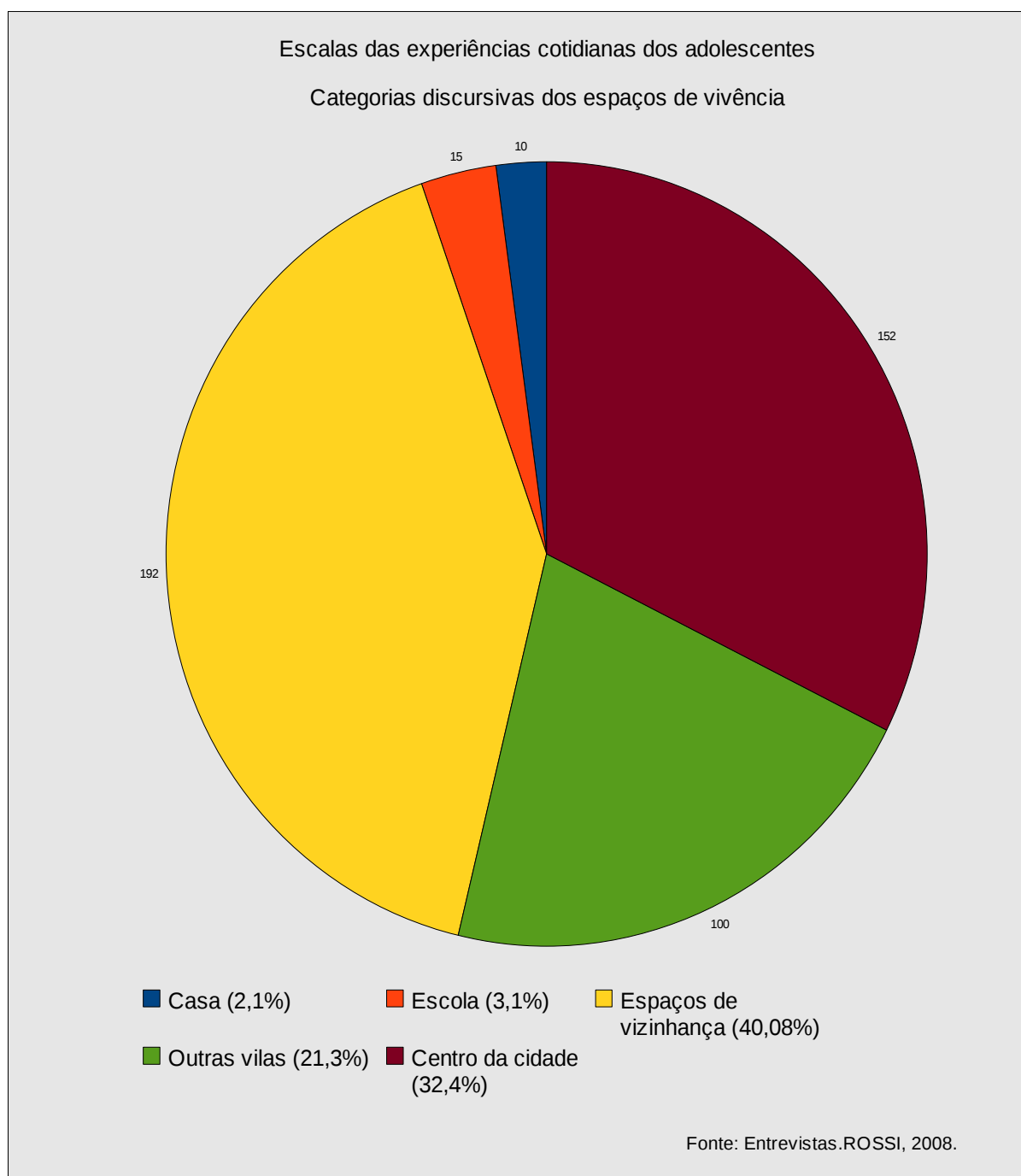


Gráfico 5 – Categorias discursivas – escalas das experiências cotidianas

A análise do conteúdo discursivo obtido em entrevistas com os adolescentes em conflito com a lei apontam para outras categorias, que envolvem o espaço e as relações sociais e de poder. Cabe considerar que, portanto, o que caracteriza o ser homem para os adolescentes entrevistados é interdependente da posição que ele ocupa em diferentes espacialidades.

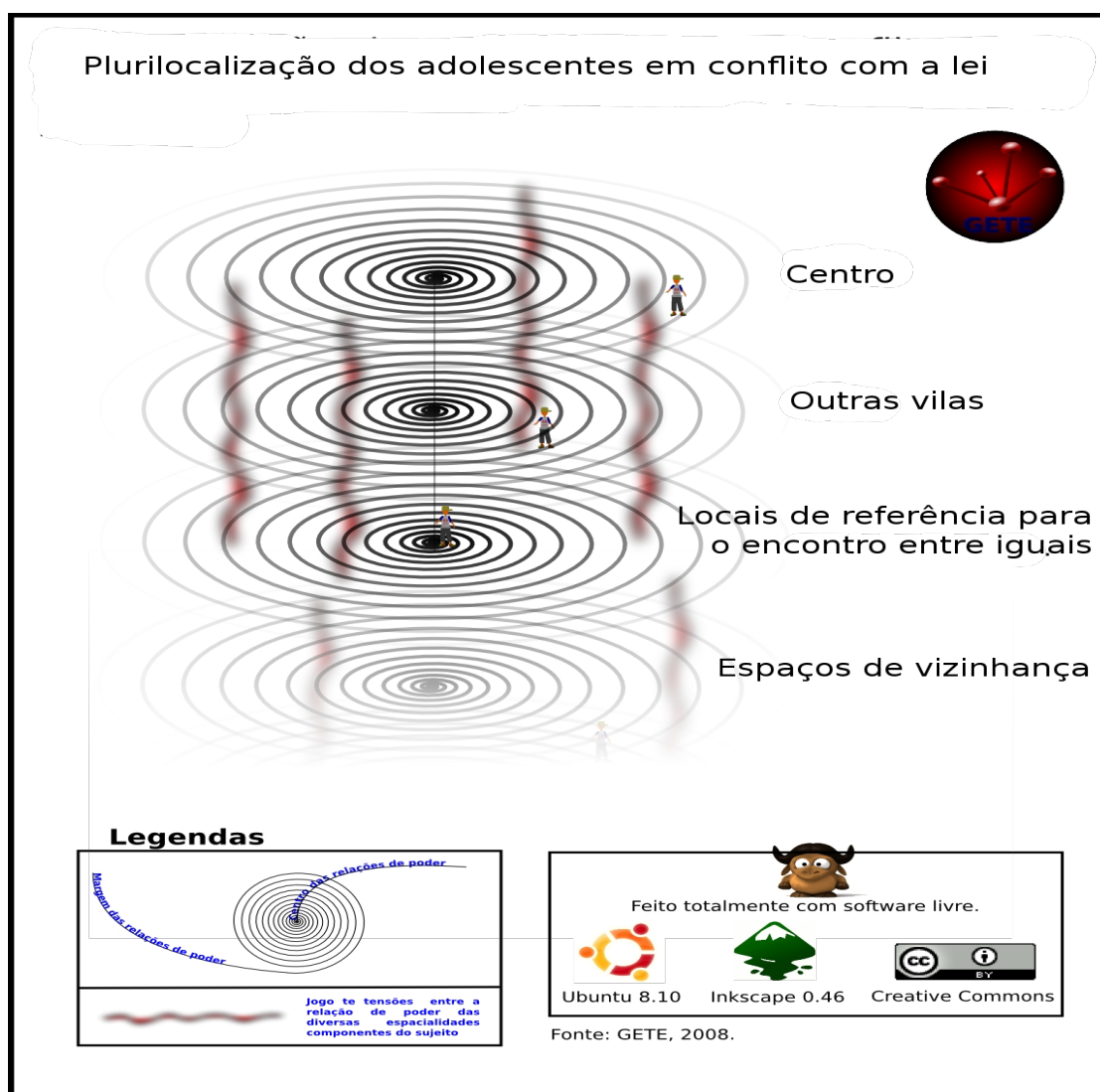


Figura 7 – Exemplos de posições diferenciadas entre escalas de experiências

Na espacialidade da casa os adolescentes elaboram um conhecimento sobre os dispositivos de controle utilizados por seus responsáveis e assumem determinados comportamentos diante de conselhos e da relação com figuras específicas (pai, mãe, irmãos). As referências centrais da espacialidade casa, estão relacionadas com as categorias discursivas: controle/conselho, aversão, passividade e cumplicidade.

A figura da mãe está presente como referencia central em todos os relatos dos adolescentes, e está relacionada a ela em 38% das evocações sobre a escala de análise relacionada as experiências em casa. Não obstante, ela aparece de diferentes formas. Ora, como agente de controle e aconselhamento sobre práticas que venham a subverter o modelo de adolescente que vive na legalidade e em conformidade com os preceitos familiares de obediência. Outrora, a figura da mãe é evidenciada como aquela que,

mesmo tendo aversão às práticas dos filhos, aceita o convívio com eles, dá conselhos ou os delata em função da repetição de práticas ilícitas, podendo até colocá-los para fora de casa.

Alguns exemplos que correspondem aos dispositivos de controle, aconselhamento e aversão podem ser extraídos do que fora enunciado pelos adolescentes entrevistados:

Antes tinha de minha mãe não querer que eu saísse, isso aí às vezes sempre tem. De eu ficar sempre na rua, minha sempre vem e (...) De não querer que eu saísse (...) Isso rolava mais por causa das 'pira', de droga, coisarada (...) Me seguindo, às vezes, ela vem atrás de mim (...) Que nem ontem né, uma cinco horas da madrugada, tava 'feio na fita'¹¹⁶, dormindo lá na casa de um maluco, e ela veio (...) Ah, fica preocupada, assim, pra sair quatro hora da manhã pra vir atrás da gente (...) De se preocupá e perguntar as coisas (...) **Gorpo**;

Tipo minha mãe nem sabia de nada das 'cena', porque eu saia escondido pra assaltar, até que pegaram eu e um primo nosso. 'Quando caiu minha casa'¹¹⁷, minha mãe 'ficou no veneno'¹¹⁸. Lá na 'minha'¹¹⁹ nós moramo em cinco, eu, minhas irmã e minha mãe. Agora nós moramo em cinco, mas antes nós morava em nove. Lá em casa é embaçado cara, se tipo, minha mãe fica sabendo das 'cena', 'já fode o meu lado'. Esses dias ela disse que ia entregar a gente por causa de deixar coisa em casa né, tipo ela achou umas 29 bucha de pedra lá e ficou louca (...) **Boneco**.

Os dispositivos de controle, tal como a cobrança familiar pela legalidade e conformidade com os códigos de convívio social e aqueles que são próprios do espaço privado da casa, conduzem o adolescente em conflito com a lei a posição de marginal nesta escala. Geralmente, as referências centrais da casa (mães em sua maior parte¹²⁰) enfatizam a negação ao uso de álcool e outras drogas a partir do argumento sobre seus efeitos danosos para as pessoas que a consomem. Por outro lado, em outras espacialidades, no espaço público e suas distintas apropriações, os adolescentes podem sentir-se a vontade para experimentar alguma droga como iniciativa que busca a aceitação em determinado grupo, ou que venha contemplar um aspecto da masculinidade de seu grupo: o uso constante de álcool e outras drogas. Podem também, aprender a sentir os efeitos da substância ilícita e acreditar que ela lhes faz bem, o que contraria o conselho originado no ambiente familiar. Deste embate, frequentemente, o adolescente se torna alvo de preocupação da família, o que para ele pode significar ser alvo de "implicação": *"Lá em casa mora os meu irmão menor e minha mãe, era foda ainda mais*

116A expressão 'feio na fita' pode ser compreendida como 'em péssimo estado', ou estado lastimável de embriagues.

117A frase do adolescente varia da expressão 'cair a casa' que significa ser pego, preso ou ser descoberto quanto a atos considerados inaceitáveis.

118'Ficar no veneno' pode ser compreendido como ficar nervosa, brava.

119Muitos adolescentes referem-se a suas casas através do artigo possessivo 'minha'.

120Todos os adolescentes entrevistados apontam como referência central do espaço da casa e na família, a figura materna.

porque tudo mundo vinha de querer 'tirar'¹²¹ quando eu tava alí, tá ligado?" (Bagaço). Por outro lado, em virtude da implicação para a família, ocorrem registros de boletins de ocorrência por iniciativa dos próprios responsáveis pelos adolescentes.

Entre os relatos que evocam a palavra mãe como referência central de sua família, poucos fazem alusão a experiências em que esta figura aparece como ponto de apoio para uma transformação qualitativa das práticas dos adolescentes na legalidade, ou ainda, como uma pessoa que sofreu durante a trajetória destes adolescentes na ilegalidade. Poucos elementos discursivos indicam esta dimensão e estão presentes no relato de apenas um dos adolescentes entrevistados:

Ah minha mãe 'ficava de cara'¹²², quase morria porque (...) imagine, eu voltava só de vez em quando, tudo fodido de sujo (...) às vezes nem voltava né, de cada cinco dias às vezes, às vezes mais, na hora a gente nem sabe quanto que é, mas acaba voltando, tomava banho, a véia até ajeitava umas roupas melhor pra pôr (...) Teve vez que eu, meu irmão, voltava e já ia catando as panela pra levar, não dava nem tempo de nada quase, a casa era uma passagem (...) Foi por causa dessas que até fomo morar em outro barraco, só nós (...) Minha mãe nem queria que nós chegasse lá 'na dela'¹²³, só se fosse pra ficar de boa e num ir mais atrás do 'negócio', tipo ela sabia que nós saía roubar. Os vizinhos, os 'hóme', todo mundo sabe, e aí você vai dizer o que pra véia, ela fica de cara, mas também não tiro a razão, ó, pense, ó, não sou só eu que tava nessa. **Neco**.

As posturas da referencia central na casa, que de modo quase unanime¹²⁴ se constitui pela figura da mãe, são diferenciadas e não indicam um simples perfil, senão elementos de um processo em que o adolescente insere-se e constrói uma trajetória na ilegalidade e que, por sua vez, geram efeitos sobre a vida de seus familiares e responsáveis. Neste sentido, o relato acima exemplifica um processo que, num momento, pôde evidenciar a ajuda da mãe na tentativa de alimentar, vestir e aconselhar os filhos. Noutro, evidenciou a marginalização observada no ato da saída dos adolescentes da casa como outra implicação para a família diante dos furtos realizados na própria casa.

Outro aspecto presente nos relatos dos adolescentes entrevistados é a passividade da mãe em relação ao uso de algumas substâncias:

121O verbo coloquial 'tirar' apresenta-se como sinônimo de 'tirar sarro', zombar, ou pode apresentar o sentido de provocar, importunar.

122A expressão 'ficar de cara' aparece neste relato como insatisfação, nervosismo, 'ficar chateada'. Contudo, a mesma expressão aparece em outros contextos como 'estado sem os efeitos de alguma substância entorpecente ou tóxica'.

123Entenda-se 'na dela' como 'na casa dela'.

124Um dos adolescentes entrevistados relata que escolheu não ter casa: *'Eu nem tenho casa (...) eu moro na rua (...) já faz um ano (...) A minha mãe tá lá pro estado de São Paulo (...) Eu que vim de lá pra cá (...) Eu tava indo pra praia (...) enjoiei de andar e parei (...) daí fiquei por aí (...) Minha casa é a rua! Tá ligado?'*. **D-Menor**.

Eu fico sossegado lá na minha 'baia'¹²⁵, num vou falar nada, tipo (...) Pego um 'deizão de beck'¹²⁶ (...) me tranco no meu quarto (...) 'bólo um beck'¹²⁷ e pá (...) Saio fumá pá (...) Tá ligado? (...) Fumo no meu quarto, ou às vezes fumo na sala porque a minha mãe já sabe já (...) tá ligado? Minha mãe libera pá (...) Ela (...) Ela fala bem assim pra mim: "Ô! Melhor você no beck aí pá, do que você aí (...) ficar fumando essas "brita" aí pá né cara! Que só leva você a desgraça né cara (...) Leva você pro inferno (...) pá (...) Tá ligado? (...) Eu fumo 'pedra' mas (...) não é lá em casa. **Dentinho.**

A passividade em relação ao uso de substâncias ilícitas na espacialidade da casa, como a maconha, aparece no discurso de três dos adolescentes. O relato de um destes adolescentes demonstra que a passividade pode contribuir como alavanca de novos atos infracionais:

Mas de maconha a mãe não tá nem aí, ela pensa que é pra nós fumar e ela prefere isso do que fumar pedra e vender, só que ela nem sabe que é pra 'jogo'¹²⁸. **Galego.**

Deste modo, a passividade se estabelece em relação ao ato infracional. Em outras ocasiões, esta passividade pode estar conectada aos diversos tipos de reação que muitas mães encontram num contexto de dificuldades econômicas e de convivência sentidas pela família. Assim, o ato infracional dos adolescentes é concebido em alguns contextos familiares como uma estratégia de sobrevivência:

Nossa, minha mãe ficava de cara, mas eu respeitava, tinha os irmão meu, mas meus irmão eu já espanquei tudo, tem um irmão meu que tá preso que as vezes tirava bujão de casa, comida, levava de tudo pra fumar! E eu espancava, e olhe que meu irmão tem 22 anos. Ade, eu, nunca fui assim, que nem os maluco aí, de pegar os 'bagulho'¹²⁹ de casa, sempre 'ponhei'. Quando eu robava sempre dava dinheiro pra minha velha. Tinha vez que eu ajudava bastante, teve uma vez que eu ganhei um adianto comprei um bujão e dois 'sacolão' (cesta básica) ainda! Só que eu não fumava o bagulho, só vendia, daí meu irmão foi lá e chutou e eu tive que espancar de novo (...) Tipo eu só vendia, só vendia (...) Nossa, e dava pra levantar uma grana e ainda fumava ainda, mas não era viciado, só passava o 'bagulho'¹³⁰. E depois que se embalei memo daí já era né (...) Mais ainda sempre quando eu roubava eu ajudava, ajudava até (...) A maioria das pedra que eu fumava era em casa, chegava em casa, já vendia algum bagulho, já dava dinheiro pra minha 'véia' já. **Zeca.**

Geralmente, quando se trata de adolescentes em conflito com a lei e seus contextos de vida, o tema desestruturação familiar é acolhido como um dos principais motivos à inserção de adolescentes na vida ilícita. Todavia, deve ser considerado que a própria

125'Baia', é uma palavra utilizada pelos adolescentes pra referir-se a casa.

126A expressão 'deizão de beck' se refere a quantidade de maconha correspondente ao valor de dez reais.

127A expressão 'bólo um beck' é uma variação de 'bolar um beck' que significa produzir artesanalmente um cigarro de maconha (também chamada por beck).

128O termo 'jogo' significa para os adolescentes troca, negociação, escambo, venda.

129O termo 'bagulho' pode aparecer em muitos discursos dos adolescentes entrevistados como sinônimo de droga ou qualquer objeto.

130Neste caso 'bagulho' significa crack.

espacialidade da casa pode encontrar na vida criminosa um modo de sustentação.

Se as estruturas sociais que podem conectar as pessoas ao mercado de trabalho e a melhores opções de renda não ocupam alguns espaços de pobreza, outras estruturas periféricas se organizam em torno de estratégias de sustento da casa a partir de atos infracionais. Neste sentido, não há somente a passividade diante da ilegalidade como postura da família, mas a reação de “cumplicidade” encontrada diante de um contexto de exclusão.

Quanto a este aspecto, é possível afirmar que os adolescentes em conflito com a lei, além de ocuparem posições marginais devido a aversão da família para com seus atos, podem ocupar posições centrais no espaço privado da casa, quando esta não vislumbra outras opções de sustentação.

O ato infracional, deste modo, é concebido em alguns relatos como necessidade, como reação e estratégia, que além de garantir um convívio familiar a partir da cumplicidade, pode elevar a posição do sujeito que o comete, dotando-o de responsabilidade.

Tudo meus irmão já foram preso, e um tá preso ainda! Tá puxando um homicídio. Já é alguns homicídio, já matou uns cara aí (risos) O bagulho é doido! (risos) Quando a minha mãe tava na rua, aí eu tinha que ajudar em casa, sempre roubei, tá ligado? Agora, quando minha mãe tava na “rua” era uma coisa, eu levava os 'bagulho' pra casa, depois de que vendia eu ajudava, mas quando minha mãe tava na “rua”! E agora que minha mãe não tá na 'rua'¹³¹ eu não levo nada! Das coisa que eu levo ali em casa, minha irmã fuma tudo! Guria do caralho, é uma parasita do caralho! Minha irmã não tem dinheiro nem pra levar comida no cadeião lá! A menina só quer tirar só! Eu se não fosse a 'Maria da Penha' eu já tinha matado ela! Teve uma vez que eu quase matei ela! Por causa que ela é movida a 'pedra' rapaz! Vá ver se ela tá limpando a casa lá! Se ela não tem pedra ela não tá fazendo porra nenhuma até conseguir, daí ela fuma, é isso que ela faz! Minha mãe tá presa, minha mãe tá presa! Meu irmão tá preso! Meu cunhado tá preso! Mora só eu e minha irmã, porque a minha cunhada, aquela 'nóia' da minha irmã tretou, minha cunhada tava ali pra levar alimento pro meu irmão. Ela tocou minha cunhada ali de casa. Daí o que faz (...) Eu fui ali e dei um conselho pra ela: 'Largue mão de ficar tirando coisa de dentro de casa!' (...) Pra ajudar em casa eu róbo (...) Daí róbo, quando eu to na injúria, eu saio, vou lá pra cima e róbo! Quando não to, eu saio e pesco, saio e 'pesco' algum 'trampo' ali pra cima. Tem que fazer de tudo, minha mãe tem uma hérnia, uma rendidura no estomago né, e daí não tem como ajudar ela lá, passando nervosismo lá dentro né, vai que tá passando fome lá dentro (...).

Carepa.

De acordo com o relato de Carepa, ele mesmo identifica-se como uma das principais referencias de sua casa, haja visto que não vê possibilidade de contar com sua irmã, e os outros familiares estão presos ou não convivem com ele. Conforme foi dito por dois populares de sua vila, a vizinhança estaria dando “*uma força*” a ele, o ajudando com

^{131A} expressão 'estar na rua', no contexto da fala de Carepa, exprime “estar fora do presídio”, em liberdade.

provisões alimentares, ele almoçando na casa de um e jantando na de outro. Enquanto isso, Carepa relata que os atos infracionais são algumas das estratégias que ele mobiliza para contribuir para que seus familiares tenham uma boa convivência no presídio.

Muitos relatos ainda podem exprimir experiências negativas com a casa e a família:

Ah é foda né, meus 'véio' 'ficam em cima'¹³² (...) Tipo, mora eu, meu pai, minha mãe e meu irmão. E meu pai bebe tá ligado?...Ele é viciado em gole, cigarro e essas coisas, sabe? (...) E isso influencia também né (...) Antes eu não tinha muita treta com a minha 'véia', quando era mais novo, agora (...) Tem dia que você sai e não volta né (...) Fica três dias na rua e chega, tá feio o negócio (...) Esses dia rolou bem assim (...) Pois a gente por aí e tal (...) bebendo, fumando, pirando e fazendo merda, entrando em casa, roubando, só andando com os maluco da vila aí (...) Ninguém da família é satisfeito com isso. **Anísio.**

Se na casa os adolescentes são marginais, ou, através de um processo que passa pela passividade e cumplicidade, podem ocupar posições de centralidade, fora dela, as experiências são reguladas por outras regras.

Podem ser considerados marginais quando também estão fora de casa, pelos vizinhos, pelos agentes de instituições como a polícia e a escola. Ou, pelo contrário, são centrais em seu grupo de amigos da escola e no espaço de vizinhança.

Como os adolescentes vivenciam espacialidades que extrapolam os limites da casa, podem ocupar posições de centralidade ou marginalidade de acordo com a interação no interior de determinado grupo ou entre grupos distintos.

As proposições dos adolescentes sobre as relações que estabeleceram com o espaço escolar apresentam algumas experiências vinculadas ao descompasso com a sua política disciplinar. Em todos os relatos dos adolescentes sobre suas experiências na escola, a indisciplina, a agressividade e o desrespeito entre os colegas da mesma escola, fenômeno conhecido como *bulling*, aparecem como constantes.

não fazia nada na sala de aula (risos)...Só queria sabê de brigá, pagá dos outros e vê o que que dava (...) só pra dá uns pé-do-vi-do (...) **Anísio;**

Ah, só vexame...eu queria apavorar na sala (risos) (...) pagá dos outros (...) Daí nós ia daquele jeito pra aula (...) **Spun.**

No espaço escolar, as práticas são reguladas pela relação entre os agentes institucionais do estado, pais e alunos. Tais dispositivos de controle de práticas, como as descritas acima, se chocam com as práticas comuns dos adolescentes em seus espaços de vivência fora da escola.

¹³² A expressão 'ficar em cima' tem denotação de 'vigiar', 'observar cuidadosamente', 'acompanhar', 'controlar'.

Um dia nós cheguelo lá e a orientadora falou: 'que que vocês chegam todo dia junto?', e não sei o quê (...) De chegar junto, ela já perguntava: 'Vocês combinam?', e não sei o quê (...) E nós, todo dia fumava, pelo menos, um baseado antes de entrar na escola. **Anísio.**

Fiz até a quinta série, num terminei (...) ia pra escola só com chute (...) tomava gole na hora do recreio (...) Daí entrava (...) pulava o muro e ia tomá gole com a 'muierada' e com a rapaziada e, rolava sempre de ir uma galera na praça, ou, ia pra outras 'quebrada', curtir! (...) Eles enxergavam, e falavam um monte, mas eu não dava bola pras ideia (...). **Cascão.**

Os profissionais de educação em contato com estes adolescentes buscam informar os pais sobre determinadas ocorrências no interior da escola e que são consideradas inadequadas ao espaço escolar. Estes profissionais aparecem, em onze das entrevistas, como pessoas que não aceitam as práticas dos adolescentes. Os entrevistados demonstram compartilhar o sentimento de que na escola estão marginalizados.

Se parece impossível ocupar centralidade a partir do que deveria ser mais valorizado na escola, o conhecimento, muitos alunos buscam centralidade e valorização de sua imagem a partir de grupos de amizade e afinidades. Seus discursos, ao mesmo tempo em que evidenciam a posição marginal em relação à instituição escolar, dão margem para as linhas de fuga que os adolescentes em conflito com a lei constroem no espaço escolar: a complexa interação entre alunos e os modos de apropriação deste espaço. O relato de *D-Menor* também descreve este aspecto da simultaneidade de interação entre distintos agentes envolvidos com a escola:

Faz uma cara que não sei o que é isso! (Risos) Num gostava muito de estudar (...) Ficava lá, já vinham querendo mandar na gente, e eu daquele tipo (...) ah saí vazado maluco (...) E se dava bem né cara, com os outros mano de lá (...) Os cara considerava eu (...) a maioria era tudo meus amigo, o resto era tudo burgue (...) Quando eu começava a fazer bagunça, os professor já se injuriava comigo! (...) Já levei altas puxada de cabelo de diretora já! Tá ligado? (...). **D-Menor.**

A maioria dos adolescentes entrevistados, se veem na relação com os profissionais de educação como ocupando uma posição marginal ou em oposição. Por outro lado, em relação aos grupos que podem constituir-se pelo espaço escolar, os adolescentes podem ocupar posição central, criando laços de lealdade, em contextos em que suas práticas são valorizadas por dado grupo. As relações de afinidade e amizade na escola, muitas vezes reconstroem valores que estão mais vinculados a outras espacialidades. A construção de valores relacionados com a disciplina, por exemplo, instituem um verdadeiro choque entre agentes, cada um, situado em posição diferenciada. Os valores compartilhados entre determinados alunos, por sua vez, constitui-se como elemento de coesão aos grupos. E se

a escola pode apresentar a diversidade de grupos, os conflitos aparecem no seu interior, ou entorno, pelo contato que há entre alunos e pessoas de diferentes trajetórias e que dão vazão a agressividade, um elemento que caracteriza o ser homem no contexto de relação com outros grupos na escola, e fora dela.

Tens uns colégio que são meio 'embassadinho'¹³³. Cada um com uma galerinha ali né. E a gente andava junto pra poder coxar na pancada se precisasse. Ah, às vezes foi bem 'embassado', sempre rolava umas treta 'embassada', sempre tinha um movimento, dos hóme, e piá que descia (...) coxava alguém, mas arrebeitava na pancada, levavam até embora às vezes, deixava na frente do barraco (...) Na escola sempre tinha uns ou outro que a gente não gostava e que não gostavam da gente (...) E os cara da Coronel às vezes vinha aí. Era os cara da Coronel, Vila Nova, é que às vezes quando tinha festa na escola, assim, eles vinham e aí rolava um apavoro, e eles ainda não curtiavam ninguém, mas daí tipo queriam se fazer respeitar. Às vezes vinham no tempo de aula também, na saída. Tipo, quando era de um de nós lá, ia pro centro e eles catavam. Um de nós ia pro centro e eles catavam um de nós aqui da vila, quando ia pro centro eles iam lá e 'coxavam' o cara na pancada, roubavam, e é por isso que 'rolava' essas treta, por que quando eles vinham pra cá, era a mesma coisa, nós acabava com os cara, aí ficava nessa, de cobrar a bronca. Tinha vez que nós subia lá no centro só pra brigar. E nós sempre entrava numas dessas com altas galera, Coronel Claudio, Vilela, Rio Branco, altas vila, Barreto, Olarias, quem aparecesse, isso não tinha de escolher também com quem brigar. A gente mesmo fazia alguma coisa só pra 'coxar' algum cara. Mas isso não era só de envolver a escola, envolvia tudo, não era só galera de escola. **Gorpo**.

O complexo espaço escolar demonstra-se, a partir do relato dos adolescentes desta pesquisa, como área em que podem ocupar distintas posições de acordo com o contexto espacial e temporal da interação entre diversos grupos. Inclusive grupos que, mesmo sem trabalhar, estudar na escola, ou que tenham relação de parentesco com alunos. Tais como adolescentes de outras vilas que eventualmente buscam o resgate da honra de seu grupo, ou a resolução de uma determinada desavença e até mesmo o prazer de brigar nas proximidades de algumas escolas. Enfim, pessoas que preferem frequentar estas proximidades como lutadores¹³⁴.

Apenas dois entrevistados relatam ter chegado ao ensino médio. Em sua maioria, os adolescentes entrevistados, demonstram ter parado de estudar ainda no ensino fundamental. Apenas um deles relata que ainda está estudando. O fato de fazerem parte do índice de evasão escolar, ressalta mais um dos problemas vinculados à sua sócio-educação.

Os discursos de todos os adolescentes evidenciam um processo de perda de

¹³³Este termo apresenta-se como variação diminutiva de 'embassado', que para os adolescentes é sinônimo de 'complicado', 'arriscado'.

¹³⁴Segundo provérbio japonês: "*Lutador é aquele que briga só pelo prazer de brigar. O homem justo é aquele que briga porque é necessário*". Uma reflexão mais atida sobre a relação entre o provérbio e as experiências dos adolescentes em conflito com a lei, tanto na escola, quanto em outras espacialidades, indaga sobre a posicionalidade e a construção de uma masculinidade periférica, diferente da imagem ideal de "*homem justo*".

estímulo aos estudos, isso devido também, a supervalorização de outros interesses. Este processo pode ser descrito da seguinte forma: o aluno, através de práticas indisciplinadas, brigas, etc., é repreendido inúmeras vezes no espaço escolar. Ou seja, ocorrem tensões entre as práticas dos adolescentes em conflito com a lei e os agentes institucionais pelo cumprimento de suas tarefas. Esta tensão pode contribuir para a falta de estímulo dos adolescentes em frequentar a escola, haja visto, que também compartilham de outros interesses em sua vida cotidiana, tais como usar substâncias ilícitas e relacionar-se com amigos que já abandonaram a escola. Soma-se a isso o fato de que muitas famílias não imprimem uma cobrança e um acompanhamento sobre os estudos e comportamentos dos filhos.

Outro aspecto interessante da relação conflituosa entre os adolescentes em conflito com a lei e a escola é que nem sempre conseguem conciliar a frequência na escola com os atos infracionais. Dois adolescentes relatam que foram expulsos de instituições escolares em função de furtos realizados que tiveram como vítimas os seus colegas de escola:

Eu parei na sétima, eu to com dezessete anos e meio e to querendo voltar a estudar, tá ligado? Na época que eu comecei eu mais gazeava aula pra fumar o bagulho. Depois que eu viquei mesmo, apreendi a roubar, eu nunca mais fui (...) Não, tipo assim, na escola ninguém sabia das presepada, ninguém sabia que eu usava, eles não sabiam que eu usava (...) Nós também não falava né (...) Mas a vida é assim né cara! Não sei nem porque foram inventar a 'pedra' né cara! Chegou uma época que eu cheguei até a roubar os aluno, lá na escola né mano! Aham! Não perdoava nem os camarada da minha sala! Uma vez um piá me tirou lá, disse que ia me catar lá fora. Na hora que nós saímo lá fora, eu ergui o cara no chute, tomei a jaqueta dele, o celular dele, daí ainda fumei o celular do piação! Daí depois que eu parei mesmo de estudar, eu ia todo dia na frente ali da escola, ali ganhava um monte de celular! Ah, na escola eles começaram a falar daí, a diretora vinha assim, querer falar e dá de dedo! Daí saí né cara! E nunca mais fui, depois de se expulso né cara! **Zeca.**

Não só os furtos realizados na escola, ou o uso de substâncias ilícitas no interior dela, podem colocar os adolescentes fora da mesma, mas o interesse por outras práticas que estão fora do currículo educacional. Como é o exemplo do tráfico de drogas:

Mas eu ainda nem fui muita na escola, eu sai, comecei a vender droga e nem fui mais, daí acabou com a vontade de estudar. A gente fica mais interessado em ganhar dinheiro né. **Boneco.**

Outro adolescente revela a mesma tendência do discurso acima, destacando as oportunidades de ganho econômico pessoal que obteve através do tráfico de drogas, mais um dos motivadores da evasão escolar. Contudo, este adolescente tenta conciliar as atividades de estudo e tráfico com o objetivo de amenizar a desconfiança de sua mãe sobre este ato infracional:

Eu to estudando ainda, to na quinta série, reprovei quatro anos já, mas tamo lá né. Eu faço os dois, passo uns 'bagulho' (droga) e vou pra escola, faço os dois. O foda é que você fica visado, que nem eu, eu não fico passando na escola, tem até os cara da escola que vem aqui na vila, mas a caguetagem é foda. Aí você acaba caindo por causa de gente da escola. Não dá pra misturar as coisa né, depois fica tua fama de tá fazendo tráfico. Na escola a piazada sabe, os cara mais da vida louca sabem que é só chegar e rola fazer um 'jogo' (ver nota), mas sei-lá, dá medo de continuar indo pra escola, é medo de 'cair' né cara! Já 'rodei'¹³⁵ um monte de vez e não foi na escola. Vou mais pra não ter encheção de saco lá em casa e tipo, porque minha mãe nem sabe, daí ela pensa que tá tudo bem: eu to indo pra escola! **Galego.**

Observa-se assim que, frequentando a escola, o adolescente pode criar estratégias diante da desconfiança familiar e até dos próprios profissionais de educação.

Deduz-se então que no espaço escolar o adolescente em conflito com a lei pode ser marginalizado pela própria instituição, quando esta não dá conta de mantê-lo inserido no processo ensino-aprendizagem. Simultaneamente, estes adolescentes podem sentir-se valorizados em relação ao grupo de amigos e nas relações que estabelecem com outros grupos, podendo ocupar posição de centralidade. Logo, é mais fácil ao adolescente em conflito com a lei ocupar posição central em relação a algum grupo interno e/ou externo à escola, a partir de outras práticas, que não são aquelas identificadas como as de um estudante em formação cidadã e intelectual ideal, como é preconizado no aparelho institucional escolar.

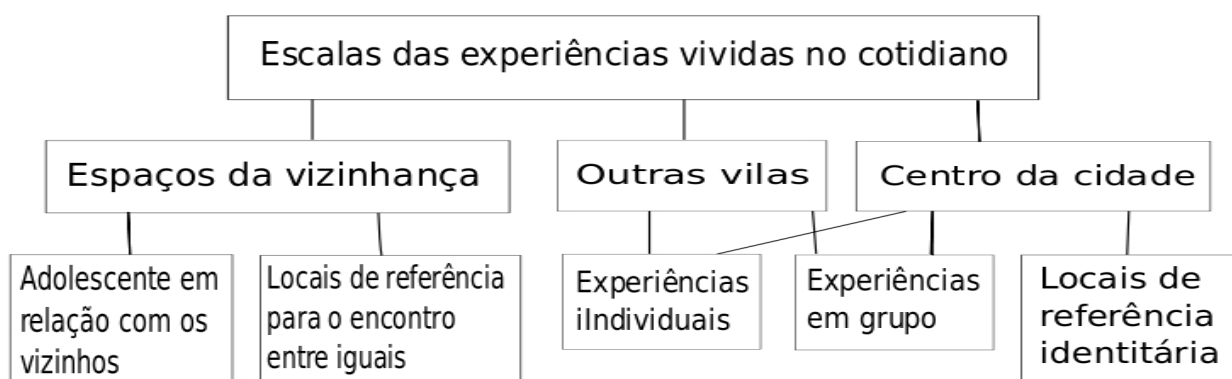


Figura 8 – Outras categorias discursivas relacionadas as escalas de experiências.

Em relação às experiências vividas em espaços de vizinhança, os adolescentes estruturam seu discurso em duas categorias fundamentais: “o adolescente em relação com os vizinhos”(19,1% das evocações) e “locais de referência para o encontro entre iguais”(21,7% das evocações). O paradoxo entre marginalidade e centralidade pode ser

¹³⁵'Cair' ou 'rodar', para os entrevistados, são verbos que indicam ser descoberto, preso, pêgo.

observado a partir das distintas relações que estabelecem com os vizinhos e seus grupos de amigos.

Para os adolescentes, seus vizinhos os têm como marginais, maloqueiros, drogados ou bandidos. Proposições que indicam esta tendência aparecem no discurso de oito adolescentes entrevistados. O relato que se segue ilustra o perfil de relações estabelecidas entre os adolescentes e a vizinhança:

(...) sempre tinha também os vizinho, pescoço, que ficavam olhando do vidro pra gente, a gente passava eles ficavam de bico lá, e a gente já (...) falava se eles iam ficar cuidando muito a gente. Os vizinho me odeiam, dizem: “é um drogado, vagabundo, maloqueiro”, os vizinho falam “maconheiro, ladrão”. **Gorpo.**

O relato de outro adolescente também caracteriza os vizinhos como agentes de controle das práticas ilegais, delatores, ou como ele mesmo diz, “*caguetas*”¹³⁶.

Tudo mundo aqui nessa quebrada me conhece. Sabe das 'correria' e da 'cena' da nossa 'malucada'. Tem sempre uns 'cagueta', mas aqueles que já moram perto da nossa casa nem ligam pra nada. Me caguetaram uma vez, quando eu tava na casa da minha tia. Não sei quem que foi, mas com certeza era aqui da vila. Foi que chamaram os 'hóme', eu tava na casa da minha tia, quando me pegaram com umas pedra. **Boneco.**

Todavia, há relatos que consideram alguns aspectos positivos da relação com os vizinhos no discurso de dois dos entrevistados:

Mas essa vila é sossegada, tem muita gente boa que não se incomoda com a vida dos outros, que não liga, aqui, tipo assim, a Vila aqui tem fama cara, de ser uma vila ruim. Mas isso eu te garanto, e só fama isso, a Vila aqui, essa vila, é uma das melhor vila de se morar aí, é essa Vila cara. Quem vende droga, vende lá na favela e não incomoda ninguém e não se incomoda com ninguém! Aqui não rola treta aí de traficante querendo dar tiro nos outros, querendo matar os outros por aqui, isso não rola aqui. Aqui é bem sossegado mesmo. E o pessoal aqui é tudo unido. Os que vendem droga é unido com a comunidade e tudo mundo daqui e ninguém se incomoda com ninguém. Só que tem uns cagueta, sempre tem uns. **Galego.**

Ninguém mexe com nós e daí ninguém mexe com eles! Tipo: Deus deu a vida pra cada um cuidar da sua né mano! É só não se intrometer na vida da gente, ninguém se intromete na deles né cara! **Bagaço.**

Estes aspectos positivos da relação com os vizinhos foram enunciados pelos adolescentes num contexto em que relatavam algumas regras e códigos compartilhados por moradores comuns e aqueles que são envolvidos com a criminalidade. Entretanto, ao que a observação de campo indica, não há muitos confrontos entre os adolescentes em conflito com a lei e seus vizinhos, senão a estigmatização do grupo focal desta pesquisa,

¹³⁶“cagueta” apresenta-se como termo coloquial do adjetivo “alcagueta”, o qual define a pessoa que “delata”, que é “dedo-duro”, ou que denuncia.

embora alguns casos de dano ao patrimônio privado, perturbação da tranquilidade e ofensas sejam observados dentro do conjunto de atos infracionais na cidade¹³⁷. Além disso, mesmo na consideração de aspectos positivos da relação entre adolescentes em conflito com a lei e seus vizinhos, de acordo com *Galego*: “*sempre tem uns cagueta!*” Assim o vizinho pode ocupar posição central na relação em função do poder exercido da denúncia que pode ou não resultar num flagrante.

A conveniência considerada por Mayol (1996), como um conjunto de regras estabelecidas num bairro, pode ser melhor observada a partir de uma ética na relação entre os cidadãos comuns de uma vila e aqueles que são considerados “malacos” ou “bandidos”. Por outro lado, esta conveniência pode também estar relacionada ao sentimento de medo e insegurança compartilhado pelos vizinhos, entretanto, esta dimensão não aparece no discurso dos adolescentes e trata-se aqui de uma simples indução.¹³⁸

Os espaços de vizinhança, como palco do primeiro contato com o espaço público para os adolescentes da periferia, são apropriados por relações de poder e marcados pelas práticas transgressoras e os dispositivos de controle, aspectos estes que marcam os relatos dos adolescentes entrevistados.

(...) a maioria é 'burguezada' (...) E tipo (...) Enxergam, tá ligado? (...) Mas pra mim que se foda tá ligado (...) eu saio ali na frente (...) e fumo mesmo cara (...) se tiver alguém pra falar é ou minha mãe ou meu pai, tá ligado? De querer me proibi tá ligado... Se for pra me encher tem que ser minha mãe ou meu pai (...) Mas aqui ó cara, eu vou falar uma real pra você ó: Aqui ó, é só burguês cara! Aqui eu nem ligo né cara! A gente sai por aí faz uma cena e pá né cara! Quem me conhece bem é aquele ali que tá pintando a casa dele ali dentro, ó:¹³⁹ Aquele ali ó, que tá de verde, de camisa ali. Aquele ali me conhece já, de rotina já! Rotina muito louca mano! Louco, louco, louco mesmo! Ih cara! Os vizinho vem ali e vê você sentado na frente da casa dele, você sendo usuário, só na vida louca! (risos) Mas você não dependendo deles né cara! Você vai ali pode até tá fumando 'um' ali na frente né cara. Os vizinho enxergam, eles enxergam mesmo! Daí tem os cara que querem chamar a PM, querem chamar a polícia e tudo, tá ligado? Só que tipo sei lá mano! Se os cara chegar ali vão ver que nós somos usuário né cara! Não vão poder dizer se a gente é traficante né cara! Se não tiver com muito 'em cima'¹⁴⁰. Daí o que os cara vão ter que fazer com nós né? Tudo bem, claro: eles vão ter só que levar uma ideia e caminhar fora né mano! Então é bom nem eles vir né mano? Mas não

137Estes atos infracionais que tem como vítimas os vizinhos dos adolescentes em conflito com a lei não chegam a 1% dos atos cometidos entre os anos de 2005 a 2007.

138Quanto a este aspecto seria necessário realizar uma pesquisa cujo grupo focal estaria delimitado por um conjunto de moradores que sentem os efeitos da criminalidade violenta, e podem compartilhar, ou não, os sentimentos de medo e insegurança diante dos atos infracionais cometidos pelos adolescentes. Obviamente, um objeto de pesquisa diferente do proposto na presente investigação.

139No referido momento da entrevista, o adolescente aponta o dedo para um senhor que está pintando o muro de uma casa do outro lado da rua.

140A expressão 'em cima' designa porte de substância ilícita. Foi comum observar no campo que o momento em que as viaturas da polícia apareciam era acompanhado da pergunta de algum dos adolescentes: “*tá com alguma coisa 'em cima'?*”.

é mano? Eles não tem como fazer nada! E pra isso não tem parada certa, é tudo quanto é parte dessa vila, do centro. Tem altas rotina aí né mano. Tem altas rotina aí. Moro aqui ó, moro aqui, pá. Às vez acordo ali por umas dez e meia da manhã, pá. Daí saio fora, bolo um “beck”. Saio fumar e caminho. Pra mim a rotina que eu vou mesmo, na vida louca, e se marcar né cara, vou ali, tá ligado, já que eu moro aqui mesmo né. Vou na feira, vou na Usina do Conhecimento, sei lá cara, aonde eu achar assim que, tipo (...) Vou na passarela ali. Só que quando eu saía pra fazer uma correria, pra tipo, fumar uma pedra, daí eu saio sozinho mesmo! Gole daí, nossa, sempre é com os maluco né, junta os maluco da quebrada aí e nossa! **Dentinho.**

A categoria analisada evidencia que os adolescentes entrevistados estabelecem, através de suas práticas cotidianas, relações de tensão com outras pessoas em seus espaços de vizinhança. No entanto, esta tensão não impede que cotidianamente mobilizem táticas de transgressão diante do ato de vigiar exercido pelos vizinhos, nem impede o acesso aos diferentes espaços de sociabilidades.

Se em relação aos vizinhos os adolescentes ocupam a margem da configuração das relações de poder, em relação ao seu grupo, a posicionalidade dependerá do modo como eles se comportam diante de adolescentes que compartilham do mesmo sentimento de estigmatização. A implicação das experiências com os vizinhos, neste sentido, pode reforçar a coesão de grupos que encontram valorização de suas experiências entre aqueles que também veem-se como hostilizados pela vizinhança. A habilidade no trato das práticas transgressoras, desta forma, interfere na posicionalidade dos adolescentes na configuração das relações de poder em seu grupo.

Os “locais de referência para o encontro entre iguais” são relatados com entusiasmo e até mesmo num certo tom de orgulho. Se a oposição se estabelece entre adolescentes e vizinhos, é nestes pequenos redutos de encontro entre iguais que se estabelecem práticas cotidianas que são reconhecidas e valoradas positivamente pelos adolescentes, tais como compartilhar bebidas alcoólicas, cigarros e drogas ilícitas, como a maconha e o *crack*. E é entre estas práticas que compartilham desejos, amores, raivas e disputas:

Tem lugar aqui que é cabuloso, mas da galera mesmo, que nós sempre tamo na cena é as esquina aí da rua, qualquer lugar pros maluco parar, fumar 'um', fazer correria atrás de “brita”, não tem pra nós, tamo em tudo quanto é lugar daqui. A rotina é de sempre: sair e se encontrar com os outros maluco! De tomar uns 'tubo' é sempre, hoje só nós tomemo quantos conhaque? (risos) Acho que foi uns três litrão! **Cascão;**

Tem a esquina aqui, alí que a gente fica mais, quando não tamo sempre aqui na frente da “Casa”. Mas o lugar mesmo da gente se encontrar é na esquina mesmo, daí já rola um tubo, rola uma intera, rola um baseado né. **Galego;**

Mas aqui é tudo dia né, a cena de: passando pra hora do almoço, sempre na saída da escola né, venho no terminal, fumo um brown, olho as gatinha, vazo embora almoçar. Almocei, voltamo, lá por duas hora, quando daí não tem que trampar, se

cruzamo na praça e sempre rola de fazer correria de brown, gole, não pode faltar né (...) pedra (...) também (...) Tipo nós não samo daqueles que andam com os cara que não conhece muito bem, maioria dos cara aqui que andam com nós aqui, é nós aqui, os piá, que é a gente que a gente conhece de anos já (...) nós sabemo qual que é quando os cara fazem alguma, conhecemo já da correria os cara. E é difícil rolar treta entre nós, se bem que às vezes rola umas, umas desavença assim, mas nada a ver, depois a gente sempre se acerta. Nunca tamo ali de cara, nunca tamo ali sem usar uma droga, nunca sem tomar um gole, nunca sem fumar um cigarro, nunca sem usar nada. Sempre na vida loca! **Gorpo.**

Gorpo denomina como “corréra”, e que também é denominado por outros adolescentes como “corres” ou “correria”, o movimento realizado a partir dos espaços de vizinhança e dos locais de referência para a obtenção de substâncias ilícitas e para a efetivação de estratégias para o consumo das mesmas. Já a mobilização da chamada “intéra”¹⁴¹, significa reunir quantias em dinheiro de dois ou mais adolescentes para o consumo do álcool ou de substâncias entorpecentes ou tóxicas. Ambos os termos, “correria” e “intéra” representam o movimento que emerge no cotidiano dos adolescentes entrevistados desde os espaços de vizinhança. “Correria” e “intéra” representam contratos que implicam lealdade num contexto em que estão envolvidos o dinheiro e o desejo de consumo.

A partir da convivência com o grupo focal, é possível afirmar que ocupam centralidade, na configuração da escala das experiências em espaços de vizinhança, aqueles que em determinados contextos obtêm maiores recursos à “intéra”¹⁴², que sabem encontrar os locais de venda ilegal das substâncias e assim realizar o “corres”¹⁴³, assim como, àqueles que destas substâncias fazem mais uso. Isto é, os adolescentes centrais em relação aos grupos em seus espaços de vizinhança são aqueles que reforçam, a partir de suas práticas transgressoras, o estilo de vida comum representado pela ideia de uma “vida louca”.

Contraditoriamente, as práticas cotidianas que posicionam os adolescentes em conflito com a lei na margem da configuração das relações de poder entre eles e seus vizinhos são aquelas que possibilitam que os mesmos ocupem centralidade em relação ao seu grupo em dada configuração espacial de relação entre pares.

¹⁴¹Este termo pode ser compreendido melhor se for considerada a palavra inteiro. Se não há todo o dinheiro para a compra de determinada mercadoria, ocorre a 'intéra' como forma de as pessoas contribuírem para ter todo o dinheiro (inteiro) referente ao valor da mercadoria.

¹⁴²Na observação de grupos na vila Coronel Cláudio e em Oficinas pude conferir algumas situações em que, após a correria, os adolescentes que não tinham contribuído com a 'intéra', ou que contribuíram com poucos recursos, ficavam com menores quantidades da substância e isso ocasionava conflito entre os usuários de *crack*, inclusive, com o adolescente que não contribuiu, por exemplo, podendo ser excluído da 'roda' dos usuários.

¹⁴³Nem todos os adolescentes observados demonstravam disposição em realizar uma 'correria', isto em função de vários fatores, tais como dívidas, desavenças com pessoas das proximidades do 'canal', pelo fato de não saberem a localização dos traficantes, etc.

Pode-se afirmar que os códigos e valores específicos dos grupos orientam práticas e influenciam na sua instituição identitária relacionada ao contexto dos adolescentes das periferias pobres e em conflito com a lei. As práticas e performances exercitadas por eles subvertem a identidade hegemônica masculina, pois a desagregação do tecido social não disponibiliza os recursos suficientes para consumo ao qual está relacionada. Algumas das estratégias para o consumo envolvem outros tipos de atos infracionais, tais como furtos, roubos, tráfico e porte de substâncias. Este conjunto de práticas será melhor analisado no próximo capítulo.

Os locais de referência para o encontro entre iguais, isto é, para o encontro de adolescentes de uma vila que compartilham códigos e valores específicos são também acessados por adolescentes de outras vilas, e este aspecto é fundamental para estabelecer a relação entre a “escala das experiências em espaços de vizinhança” e a escala das “experiências em outras vilas”. Pois ao conhecerem adolescentes de outras vilas, ocorre a formação de laços e adesões, constituindo uma das possibilidades de exercer o saber/poder de entrar em inúmeras vilas, seja individual ou coletivamente. Estes são fatores que facilitam a prática do “corres”, da “intéra”, assim como podem ser identificados como graus de adesão entre o conjunto de adolescentes de vilas próximas, como pode ser representado pelas denominações “Zona Sul”, “Zona Leste” que, em determinados contextos, agregam adolescentes e os posicionam numa espécie de arena de disputas.

Entretanto não são todos os adolescentes que acessam determinadas vilas. Isso devido à possibilidade de reconhecimento ou identificação deles enquanto parte de um grupo específico ou que participara de conflitos. Assim, tem-se um exemplo do potencial de tensão da pluri-localização cotidiana dos adolescentes da pesquisa.

Estes fatores são melhor compreendidos ao observar a escala espacial de análise das “experiências vividas em outras vilas” e que é marcada por duas categorias discursivas: as “experiências individuais”, que representam 78% das evocações e, as “experiências em grupos”, que somam 22%.

As experiências individuais são resgatadas pela “habilidade” de saber “entrar e sair” de espaços que não são reconhecidos como seus, ao mesmo tempo, no mapeamento mental de vilas “amigáveis” e “inimigas”, e de “táticas de alianças” com adolescentes que são de outras vilas.

As experiências individuais demonstram dois aspectos importantes para compreender a relação entre a vivência da interseccionalidade em múltiplas

espacialidades. Quando os adolescentes acessam outras vilas individualmente demonstram, a partir do discurso, que a interação entre adolescentes da cidade pode banir ou permitir a passagem de acordo com determinadas regras de conduta que são mobilizadas a partir do comportamento diferenciado e de acordo com os contextos espaciais, temporais e grupais.

Três dos adolescentes entrevistados relatam que podem ter experiências em outras vilas da cidade, desde que seja exercido o poder/saber de entrar e sair, fundado no conhecimento e respeito para com a dinâmica específica de cada espacialidade, aos códigos estabelecidos pelos seus integrantes, ou pelo contrário, pelo sentido de superioridade compartilhado por adolescentes de uma mesma vila.

Ih, não dá nada, eu vô em tudo quanto é vila, nas mais perto eu vô mais né, tipo Cipa, não tem crise. E daí de conhecer os outros cara, de correr e é de boa. É só saber entrar e sair. **Gorpo.**

Vô em tudo quanto é parte, tudo quanto é vila. Não me envolvo muito com essas treta de vila, a galera tudo me conhece, de tudo quanto é vila, eu entro e saio 'de boa', é só conhecer os cara. **Anísio.**

Nós andamos pra todo lado aí, Nova Rússia, Cipa (...) E olhe que a gente tem treta com a Cipa ainda né mano! Mas nós vamo em tudo cara, vamo em tudo mano, vamo tudo praquela lado! Eu, quando eu chego lá, eu sou o primeiro que os 'cara' vem 'ver qual que é', se rolar uma rotina lá, é nós! Nossa! Eu vou em tudo quanto é lugar mano! Vou na Cipa, vou na Rio Branco, nós dominamo aqui ó, é Coronel! Vou na Belém, vou na Vila Nova, na Vilela. Nossa! Eu vou em tudo quanto é lugar mano, não tem essa de não ir nas outra vila, nas outra quebrada. **Dentinho.**

A “correria”, mais uma vez, aparece como elemento de contato entre diferentes grupos de adolescentes em conflito com a lei a partir da relação que estabelecem com o tráfico de drogas. Os adolescentes demonstram, a partir de seus relatos, que é mais comum acessarem outras vilas no movimento entre seus espaços de vizinhança até traficantes localizados em vilas vizinhas ou até distantes.

Só os que são mais fissurado por pedra que, quando tá sem aqui, eles vão em outras quebrada, mas é muito difícil. **Galego.**

Das vezes que foi de ir em outras quebrada, só pra pegar pedra! E a maioria das vezes ainda eu fui de taxi, tá ligado? Santo Antônio, Parque Auto Estrada, Coronel, Vilela (...) Mas pra pegar pedra! Pra curtir assim, nas outra vila, assim, nunca fui! Ah, porque antigamente só fumava pedra né! Agora nem nada eu to fazendo, mas nem vou! **Zeca.**

Ah, nem vou! Só vou pra pegar droga se for! Ou se for pra fazer adiantado, daí tem um monte de vila que nós vai: Estrela, Oficinas, Jardim América, nossa! Tipo Coronel Cláudio eu nem vou! **Neco.**

Ocorrem frequentes mudanças das áreas em que estão localizados os “canais” de

droga e traficantes e, assim, nem sempre é possível obter substâncias ilícitas nos espaços de vizinhança. Deste modo, temporariamente sem a possibilidade de realizarem “correria” nos espaços de vizinhança, alguns dos adolescentes entrevistados adotam como estratégia embrenhar-se em diferentes vilas buscando satisfazer o desejo de consumo oriundo da adicção¹⁴⁴.

Nos espaços de vizinhança, os adolescentes demonstram que podem comprar substâncias ilícitas com maior facilidade, podendo inclusive obter créditos com traficantes o que, muitas vezes, contribui ao endividamento¹⁴⁵ que, por sua vez, resulta na necessidade de adentrar outras vilas onde os “canais” continuam com o seu “movimento”.

Tipo, teve uma época que eu tava internado, bem louco, só andava fissurado atrás do bagulho. Sem 'trampar'¹⁴⁶, 'fritando pedra'¹⁴⁷ o dia inteiro, só na vida louca, eu (silêncio) fiquei devendo umas pedra pro patrão alí de baixo. Daí era 'sujo' ir lá né! Eu (silêncio) tipo (silêncio) vi que o patrão já tava na minha cola pra me cobrar (...) eu ia tudo dia quase pra pedir pra ele me fazer uma 'carinha'¹⁴⁸! (...) Daí, num tinha como né! Tinha que ir em outras quebrada pra pegar o bagulho, senão eu nem saía daqui da quebrada pra ir, assim, na loucura! **Cascão**.

Assim, os adolescentes demonstram realizar a “correria” em seus espaços de vizinhança com maior facilidade, devido à proximidade e também pelo crédito adquirido com traficantes vizinhos¹⁴⁹. Nesta configuração, a faceta identitária acionada está vinculada ao fato de que o adolescente é, além de cliente, morador da mesma vila e isso pode influenciar num consumo mais assíduo e vantajoso.

Por outro lado, na “escala das experiências em outras vilas”, quando a “correria” é

144De acordo com material divulgado pelo grupo de ajuda *Narcóticos Anônimos*, adicto é a pessoa que tem sua vida controlada pelas drogas. Adicção portanto é o estado em que a dependência química é mais contundente diante do conjunto de práticas cotidianas.

145Conforme relato de um adolescente da Zona Sul, este soube de um acontecimento em que um adicto foi até o traficante depois de ter vendido tudo o que podia (inclusive objetos de sua própria casa, portas, janelas, fios elétricos, vaso sanitário, etc.). Não tendo o que mais vender para a satisfação de sua adicção, ofereceu-se como moeda de troca. Propôs ao traficante que ligasse para os seus pais e dissesse que se eles não levassem o dinheiro que o filho devia, mais o referente a quantidade que gostaria de consumir na ocasião, o adicto estaria morto em menos de 24 horas. O adolescente também tomou conhecimento de soube de outros acontecimentos em que traficantes teriam assassinado seus devedores após propostas parecidas: “teve outra vez que fiquei de cara, eles fizeram o maluco” (‘fazer’ pode ser compreendido como ‘dar cabo do sujeito’, ‘matar’, ‘assassinar’).

146‘Trampar’ pode ser considerado como sinônimo coloquial do verbo ‘trabalhar’, assim como ‘trampo’ é para ‘trabalho’.

147‘Fritando uma pedra’ tem o mesmo sentido que ‘fumando um crack’.

148O termo ‘carinha’ aparece no discurso do adolescente com o mesmo sentido de ‘pequena quantidade’.

149Outro aspecto relacionado as vantagens da correria realizada na própria vila é descrita por Zeca, na definição do que ele denomina ‘anistia’. Para alguns usuários de crack a ‘anistia’ representa o que o ‘chorinho’ representa ao alcoólatra no pedido de uma dose de alguma bebida num bar. Isto é, o traficante destina uma quantidade um pouco acima do que fora negociado com o cliente como forma de cortesia e tática de conquista e crescimento do mercado consumidor. Desta forma, os adolescentes usuários de crack também podem acessar determinadas espacialidades e não outras, devido não apenas às vantagens relacionadas ao preço da substância (que é variável), mas pela cortesia oferecida por este ou aquele traficante.

realizada, o adolescente desconhecido do traficante pode ser alvo de desconfiança, ou até mesmo, estopim de conflito com outros adolescentes, que podem considerá-lo intruso, ou ainda, podem tomá-lo de assalto e/ou exigir dele uma certa quantidade da droga como uma espécie de pedágio ou multa:

Tem lugar que é foda também, cê chega pra pegar um 'bagulho', aí vem os maluco de lá, quer te multar, já quer (...) exigir pedágio, tá ligado? E se não der os cara te 'coxam'¹⁵⁰, ou te 'chutam'! Tem vila que é 'sujo'¹⁵¹ ir por causa disso, Ouro Verde, tá ligado? Aqui na Coronel não fazem comigo, mas é porque eu conheço os maluco, mas nós fazemo com os outro. **D-Menor.**

A fala de *D-Menor* exemplifica que, em determinadas espacialidades, o adolescente pode ocupar, ora uma posição de autor, ora a de vítima, destacando diferentes padrões de comportamento. Numa espacialidade em que o adolescente está apenas de passagem, na “correria” em “outra vila”, pode ele ser oprimido. Em outra situação, em que a espacialidade constitui uma configuração de relações de poder em que o adolescente sente-se seguro, pode ele ocupar a posição de opressor.

Além da relação com o tráfico de drogas, *Neco* e *D-Menor* também evidenciam que as experiências em outras vilas ocorrem na realização de outros atos infracionais:

Ou se for pra fazer adianto, daí tem um monte de vila que nós vai: Estrela, Oficinas, Jardim América, nossa! **Neco.**

Eu vou pra tudo lado aí! Andar eu ando por tudo quanto é vila. Onde eu puder 'passar de boas', que eu vejo que tá mais fácil eu vou mesmo! Eu vou em tudo quanto é parte só de cuido e pra roubar! **D-Menor.**

Este aspecto é interessante já que a maior parte dos atos infracionais dos tipos furto qualificado e simples e o roubo, são realizados em vilas em que os adolescentes não habitam. Assim, o ato infracional configura-se, para alguns adolescentes entrevistados, como umas das principais experiências em outras vilas.

Além disso, o ato infracional realizado em outras vilas constitui-se como estratégia de escapar do controle, da vigia, denúncia e hostilidade promovidos pelos vizinhos. Desconhecidos, a dificuldade em serem alvos de denúncia e flagrante é maior. Outro aspecto relevante é que adolescentes de algumas vilas respeitam determinadas regras quanto a proibição de furtos no próprio espaço de vizinhança e, assim, são compelidos a cometer atos infracionais em outras vilas.

Ladrão, o ladrão que mora na Vilela, ele não rouba na Vilela, ele respeita, ele não

¹⁵⁰O termo 'coxar' aparece como sinônimo de 'bater' e; o termo 'chutar' tem o sentido de 'roubar'.

¹⁵¹A expressão 'é sujo' ou 'tá sujo' significa para os adolescentes uma situação complicada ou arriscada para cometer algum ato infracional, tal como o tráfico e porte de drogas, ou ainda, furtos.

rouba na vila. **Galego.**

Fico mais aqui na vila, só pra roubar que não né! É sujo 'passar' as casa aqui! (...)Tudo mundo fica sabendo né, daí (...) O negócio é ir pra outra parte. Pra depois os cara, os cara não vem na tua cola né! E o que que vai roubar aqui também? O Ladrão da vila, não rouba na vila, se roubar a gente 'coxa' na pancada também! É sacanagem. **Bagaço.**

Neste sentido, pode-se afirmar que os adolescentes adotam padrões comportamentais diferenciados de acordo com a dinâmica própria de cada espacialidade. O conhecimento sobre estas dinâmicas contribui para que as performances dos adolescentes posicione-os, também de modo diferenciado, em cada configuração das relações de poder. Nos espaços de vizinhança adquirem uma posição marginal, em relação aos vizinhos a partir de práticas transgressoras, ao mesmo tempo em que, na mesma espacialidade, podem ocupar posição central através destas mesmas práticas. Logo, as práticas valoradas pelo grupo nos espaços de vizinhança podem não ser bem aceitas em outras vilas. Pois, os adolescentes que as acessam, mesmo não ocupando centralidade, podem agir de acordo com o que seria reprovado e contestado por seus vizinhos, com menor receio em serem considerados marginais ou bandidos. Temos assim um exemplo da interseccionalidade, pois a faceta identitária relacionada com o ato de furtar ou assaltar é acionada, o que ocorre com menor frequência em espaços de vizinhança, onde é mais comum a faceta vinculada ao homem que experiencia a “vida louca”.

Individualmente, os adolescentes em conflito com a lei ocupam posições de marginalidade com maior frequência em outras vilas. A experiência individual dos adolescentes em outras vilas está relacionada a característica valentia/coragem, assim como o saber negociar e a agressividade. Este aspecto pode ser melhor esclarecido quando nove dos adolescentes entrevistados identificam vilas as quais não adentram e os respectivos motivos de tal inibição. Abaixo seguem alguns exemplos:

Só não vou mesmo lá praqueles lado do Boa Vista! Senão os cara me catam lá! Treta né, os cara vem querer tirar eu já fico na minha né mano, não vou apanhar dos caras, aí eu nem vou pra lá. Dívida, ainda bem que eu não tenho! Muita tiração lá, muita tiração! **D-Menor;**

Tipo Coronel Cláudio eu nem vou! Ah, eu não vou lá por causa que tem treta né mano! Eu não tenho nada ver (...) Eu nem tenho treta com ninguém lá, mas nem curto ir, tá ligado? E não conheço ninguém lá também, vou fazer o que lá? **Neco;**

Eu não vou em alguns lugar aí por causa de treta também, se for lá, falar que é da Vila Nova (...) Os cara pegam né! **Zeca.**

Devido a antigas rixas, alguns dos adolescentes, tendo ou não participação nas

mesmas, não se ariscam em acessar outras vilas em que possam ser reconhecidos como adolescentes da Vila Nova, Zona Sul, e assim por diante. Contudo, há aqueles que corajosamente se ariscam mesmo podendo ser identificados como membro de um grupo rival:

Eu tenho lugar que eu já não posso ir! Se tipo eu for eu já tenho que ir maquinado¹⁵²! Pra me garantir né mano! E tem altos lugar, tipo Vilela, Cipa, Castanheira, Cachoeirinha, aquelas banda ali (...) Rio Branco aqui em baixo, também não rola de ir se não tiver maquinado! Vila Nova, lá eu só vou se for de dia e se tiver maquinado mesmo! Treta né mano! Treta das antiga né mano! Umas briga de gangue muito louca né! **Cascão.**

Uma das estratégias utilizadas pelos adolescentes em conflito com a lei diante da possibilidade de ir à outras vilas e ser reconhecido como integrante de um grupo rival, constitui-se em porte de arma de fogo. Esta estratégia aparece como reação agressiva diante de grupos rivais, ou como forma de *“negociar na vantagem”* no contexto de deslocamento entre vilas. Por outro, no caso inverso, quando um adolescente que mora na vila que é acessada por uma pessoa de um grupo rival, ele pode apoiar-se na mesma estratégia em seu grupo. Tal como é representado a partir do relato de um adolescente: *“Mas também não tem ninguém deles pra vir aqui né, os bandido aqui tudo (...) tipo anda com o 'cano' na mão, 'maquinado', os cara também tem medo!”*. (Bagaço).

É possível interpretar que, através de porte de arma de fogo, os adolescentes também podem adotar um padrão comportamental diferenciado em determinada espacialidade, buscando com isso desestabilizar as relações de poder e impor respeito.

Se for considerada a escala de análise das experiências em outras vilas, as práticas dos adolescentes em conflito com a lei podem ser interpretadas como variadas, podendo estar relacionadas com atos infracionais, ou não, tal como pode ser reconhecido através da fala de Spun: *Minha vó mora ali na Encopa, mas nunca rolou nada, tipo ela mora na frente do ponto de ônibus, aí quando eu vou lá, é rápido, os cara de lá nem me flagra, tá ligado? Mas senão (...)*.

Coletivamente, os adolescentes demonstram acessar outras vilas a partir de conflitos entre grupos de adolescentes rivais ou que ocasionalmente tenham se originado entre uns e outros membros destes grupos. Este aspecto, vinculado as experiências em outras vilas, faz parte da segunda categoria discursiva extraída dos relatos dos adolescentes em conflito com a lei.

As experiências em grupo são resgatadas pela cumplicidade e o resgate da “honra”

152O termo 'maquinado' ou a expressão 'com o cano na mão' tem o mesmo sentido: porte de arma de fogo.

do grupo ou ainda de alguém do grupo. Silva (2007) adota a honra em seu trabalho como sendo um processo relacional, regida por um princípio individual e outro coletivo. Ou seja, a honra do adolescente ou de seu grupo depende de sua capacidade de reconhecer e compartilhar os valores morais estabelecidos, que determina por exemplo, quem “marcou”:

Já rolou de a gente ir em outra vila pra cobrar um bronca¹⁵³, isso rola, mas é quando algum marcou¹⁵⁴ e a gente vai pra cobrar do 'cara' né. (...) **Spun.**

Nesta escala espacial, os adolescentes evidenciam que, através de suas práticas cotidianas, há o envolvimento em redes de relações articuladas entre os espaços de vizinhança e outras vilas. Estas redes, por um lado, permitem o acesso dos adolescentes a diferentes vilas, tanto de modo individual quanto coletivamente. Por outro lado, ao acessar os nós da rede, o conhecimento sobre as espacialidades de outros grupos de adolescentes é fundamental. As outras vilas, mesmo com o estabelecimento de contato anterior ou adesão ao conjunto da Zona Sul ou Zona Leste, por exemplo, se constituem como espacialidades nas quais os adolescentes entrevistados podem ocupar tanto posição de marginalidade quanto de centralidade. *Spun* demonstra, através de seu relato, que em contextos espaço-temporais específicos há a possibilidade em ocupar posição de centralidade. Isto é, em algumas vezes, através de experiências em grupo, os adolescentes desenvolvem estratégias de conflito com integrantes de outras vilas devido a possíveis desavenças, se deslocam dos espaços de vizinhança estabelecendo confronto em vilas alheias.

Em relação à vila a qual *Spun* relata não acessar, deve-se considerar que grupos de adolescentes da Vila Coronel Cláudio e da chamada Zona Sul já se envolveram em conflitos no centro da cidade no ano de 2005 e 2006, como observado pelos entrevistados. Entretanto, pode-se considerar que nesta escala de configuração de relações de poder, na vila Coronel Cláudio, os adolescentes da Zona Sul entrevistados ocupam posição de marginalidade, pois sentem que o acesso é restrito, mas não impossível. O inverso é recorrente em relação à alguns adolescentes da vila Coronel Cláudio quando se deslocam até a Zona Sul ou a outras vilas.

Um dos adolescentes entrevistados demonstra a reação dos adolescentes em seu espaço de vizinhança diante da presença de um grupo de adolescentes de outra vila:

153O termo 'cobrar uma bronca', tal qual explicitado por Anísio, significa promover um 'acerto de contas com alguém com quem teve alguma desavença'.

154'Marcar', de acordo com Gorpo, quer dizer: 'Fazer algo que os outros não gostaram'. Ou seja, 'quando alguém marcou', este, fez algo que os outros reprovam.

Uma vez nós peguemo uns 'cara' da Coronel roubando uns cavalo aqui. Na hora que nós tava passando assim, os cara vindo assim com os cavalo, nossa (...) Daí um camarada nosso falou, assim, "Oh, e esses cavalo aí seus piá de bosta?" E eles foram se jogando dos cavalo assim né, e saíram correndo de a pé e desceram na quebrada ali. E nós de atrás deles, assim, eles quebraram umas ruas dali, perto da valeta, e na hora que eles quebraram assim, numa esquina ali de baixo, tava cheio de gente e uns camarada pelo meio. Aí, pedimo pros maluco cercar eles, e os cara cercaram eles ali. E já cataram uns três, na hora que a gente chegou perto os cara da Coronel já tavam no chão, debulhado de tanto cacete que deram neles. A gente chegou pra ajudar a bater, dois deles foram parar na UTI de tanto apanhar. Um deles conseguiu fugir e ir pra Coronel, dali umas hora, vieram uns 'cara' de lá, chegaram. Tavam de cavalo, moto, carro, mas eles só queriam saber pra onde que foram levado os outros dois. E o dono do cavalo ainda levou um deles pra delegacia. **Galego.**

As experiências individuais ou coletivas em outras vilas, que não aquelas reconhecidas como suas, indicam posicionalidades variáveis de acordo com as performances dos adolescentes em contextos situados, seja através de porte de arma de fogo, da negociação e da submissão diante de membros de grupos rivais. Ao contrário de dar boas vindas aos visitantes, alguns adolescentes demonstram o jogo tenso envolvendo sua mobilidade pelo espaço urbano.

Esta mobilidade demonstra que a posicionalidade diferencial pode ser observada quando também se trata de outra escala de análise: a das "experiências vividas na área central", categoria que representa 32,4% das evocações referentes aos espaços de vivência. Estas experiências são resgatadas pelas evocações vinculadas a "mobilidade individual", que representa 32% e, "experiências em grupo", que chega a 68% das evocações. As experiências no centro da cidade também revelam a presença em locais de referência identitária, que somam 43% do total de evocações referentes a esta escala.

As experiências individuais na área central são atreladas à vários motivos. O centro se configura como área que proporciona o contato mais facilitado com adolescentes de grupos rivais e de outras vilas da cidade.

Se eu for sozinho, agora não rola nada, vou de boa, a gente fica cabreiro né, quantas vezes, de aparecer um querendo (...) das vila dos outros cara né (...) dos outros (...) Coronel, Vilela, Vila Nova (...) e daí tem que né (...) Sozinho eu vô, não dá nada, vou de boa.(...) **Gorpo;**

Eu vou de boa, tem que tá cabreiro sempre né, tem uns que conhece né, tem que saber pra onde que vai né, ade não! Se você tem que ir lá na Caixa Econômica, você vai, as treta é mais em fervo, se tem que resolver uma treta no banco dez horas da manhã, os caras não vão tá lá. Agora se você for quando tá rolando algum bagulho lá, e vai sózinho, marcando (...) imagine se falar que é da Zona Sul. Mas aqui, nós da Zona Sul, pros cara já era né! Se começa a ir de mais pro centro né, aí, é mais fácil de ir encontrando a galera de outras vilas, a gente vai pra dá uns balão¹⁵⁵, mas não direto. (...) **Spun.**

155'Dá uns balão': esse termo significa para os adolescentes como 'dar voltas pelo centro', como 'passear'.

Ir sozinho ao centro, para os adolescentes da Zona Sul entrevistados, por exemplo, pode ser observado como um colocar-se em estado de alerta diante de possíveis encontros com adolescentes e grupos de outras vilas. É estar num espaço passível de articulações entre diferentes grupos e de tentativas destes em impor subordinação e centralidade nas relações de poder. Ir só ao centro, a partir do contexto destes adolescentes, é mobilizar táticas de defesa e proteção numa configuração em que sua posicionalidade é a margem.

Entretanto, ir sozinho ao centro para os demais adolescentes entrevistados e, que moram mais próximos a ele, parece não envolver os mesmos riscos.

Eu vou de boa, ando por tudo aí, não me conhecem muito porque é muita gente ali todo dia, não tenho treta nenhuma, só de fugir às vezes que, tipo me reconhecem de ter ganhado alguma coisa por ali né, aí saio de fininho né mano. **D-Menor;**

Dá pra subir de boa, mas eu nem vou quase. Nem curto subi muito pro centro! Eu quando eu ia, era mais pra roubar! **Neco;**

Nós tamo direto no centro né, também, é aqui é louco de perto. Ali a gente vai pra um monte de coisa, tipo, preciso comprar alguma coisa eu vou no centro. Até nem sei se eu moro aqui ou lá mais, por que (...) **Boneco.**

Apesar da maioria dos adolescentes não apontarem problemas em relação aos demais grupos de adolescentes da cidade quando vão ao centro, pode ser considerado que eles ocupam posição periférica em relação a esta escala quando se trata de experiências individuais com o centro da cidade, hegemonicamente comercial. Nem sempre podem contemplar seu desejo de consumo neste espaço sem precisar adotar estratégias de solidariedade financeira ou o ato infracional. Entretanto, quando elaboram estratégias de apropriação espacial na relação com grupos de outras vilas, as posições podem rearticular-se conforme o jogo de forças e as performances dos membros de diferentes grupos. Tal rearticulação é vislumbrada quando são analisadas as experiências em grupo no centro da cidade.

Esta característica não delimita um espaço de controle e poder que emana de apenas um grupo, ou apenas do centro da configuração das relações entre os grupos. Foucault (1998) sugere que há um feixe de relações complexas no qual também estão envolvidos os focos de resistência dos grupos marginalizados. Portanto, há sempre rearticulações e transformações das configurações territoriais instituídas no centro da cidade a partir de grupos e suas existências multi-escalares.

Na segunda categoria discursiva, referente às experiências vividas na área central “em grupo”, o conflito entre grupos e os elementos de instituição de territórios se mostram

mais evidentes, tanto a partir de adesões entre adolescentes e grupos, quanto da evidência de estratégias mobilizadas diante da tensão no contato entre grupos de diferentes vilas:

Quando nós vamo de mais gente, aí é *figth*, UTI! (risos). Tã ligado? Uma vila quer mandar mais que a outra, e foram altas vezes que rolou de treta no centro com outras galera. Sempre rola de subir resolver uma bronca no centro, sempre rola. **Gorpo;**

Mas quando nós vamo de galera daí é treta né (...) uma vila parece que quer mandar mais que a outra e a treta é mais entre a Coronel e Zona Sul, isso volta e meia dá. É que a Zona Sul, já andou meio que apavorando demais já (...) subia uma galera e via o que ia dá. (...) Quem tivesse pro meio era pau e, se alguém baixasse a bola, de nós, era pau depois aqui na praça também. **Spun;**

Daquela vez que eu ficava mais no centro, pra curtir mesmo, rolava direto, de uma galera com a outra se pegar. E nem era uma coisa, assim, de todo mundo e que todo mundo queria brigar. Ia no embalo com a galera. **Galego;**

Era sempre assim, subia um monte de cara da Zona Sul e nós aqui da 'Zona Leste', era maluco com pau, pedra, iam até com cetra e com o bolso cheio de pedra pra atirar nos maluco. **Cascão.**

No contexto dos grupos os adolescentes mobilizam táticas complexas, que vão além da proteção e defesa face a sua posição marginal. No centro da cidade, as performances adotadas pelos adolescentes em grupo se relacionam ao saber/poder de ir às vias de fato, agredir e causar lesões corporais aos adolescentes de grupos rivais. De acordo com o relato de *Spun* o adolescente que não adotava tais performances, em conflito no centro da cidade, era repreendido com violência em seu local de referência no espaço de vizinhança. Isto demonstra que o respeito aos padrões comportamentais dão coesão aos grupos em situações de conflito, além disso, que a postura adotada em determinada espacialidade interfere na posicionalidade dos adolescentes em outras espacialidades vinculadas a sua existência cotidiana.

As estratégias de conflito tem como suporte e referência espacial os pontos de encontro entre adolescentes de diferentes vilas, seus locais de referência, tais como o *Parque Ambiental*, a *Rua Benjamin Constant*, a *Avenida da München*, as proximidades da danceteria *Magic* e das extintas danceterias *Machine* e *Diesel*.

Nós chegava ali na 'Magiqueira'¹⁵⁶ e apavorava, treta com pedrada e aí pra baixo! Também com os cara da Vilela que, de vez em quando, morre a treta, mas sempre tem a 'pivetagem' que continua né. **Dentinho.**

Ali no Parque Ambiental, na frente daquela 'Diesel', alí era o lugar que rolava o ferveo de treta de galera. **Spun.**

¹⁵⁶Alguns dos adolescentes entrevistados referem-se a Danceteria Magic como 'Magiqueira'.

A Machine fechou mais antes tudo a galera ia. Ia numa galera! As treta normalmente sempre rolava ali, no Parque Ambiental, na frente da Magic, na Avenida da Munchen. E sempre tem né, da galera se uni assim pra cobrar uma bronca, sempre tem. **Gorpo.**

Os locais de referência identitária estão presentes em muitos relatos dos entrevistados que evidenciam os conflitos entre grupos no centro da cidade. Ora aparecem nomes de ruas e danceterias, ora os termos “som” e “fervo”¹⁵⁷. Em muitos momentos da investigação de campo observou-se, que o termo “fervo”, que para os adolescentes significa a reunião em torno de alguma festa ou dos próprios locais de referência, constitui-se como um dos principais contextos em que o centro configura-se como espaço de conflito.

É mais nos ferveo que a galera às vezes quer se prevalecer. Num sei, parece que os cara das vila querem aparecer mais, tipo quer bater nos maluco da nossa vila. Daí isso vira tipo (...) Que uma vila quer ser mais foda que a outra, ter mais bandido e cara que bate. Eu num sei, já tive altas cena que tava no meio, com os maluco daqui pra brigar com os cara da Cipa, Zona Sul, tá ligado? E com os cara da Coronel, nem se fala (...). **Boneco.**

Tipo tem essas de rolar treta, mas é dos cara que vai pro 'som', tá ligado? Com os cara que vão pro 'som'! No 'som' que você conhece altos cara da Coronel, de tudo mais (...). **Neco.**

As espacialidades dos grupos, para os adolescentes desta pesquisa, é de suma relevância como componente de sua existência cotidiana, visto que não é apenas o adolescente que se envolve em conflitos entre os grupos ou que se desloca de uma vila à outra. Mas o adolescente que se referencia enquanto homem que vive em uma vila e que ocupa posição de centralidade ou marginalidade em dadas espacialidades e grupos.

As práticas e performances dos adolescentes são edificadas conforme os valores e códigos simbólicos específicos dos grupos e são mobilizadas de modo variado nas múltiplas espacialidades e escalas das experiências cotidianas. A reflexão sobre as proposições de Butler (1993; 2003), de Rose (1993) e geógrafos(as) interessados em masculinidades, interseccionalidade, assim como de contato com grupos focais, permitem compreender que a existência cotidiana é uma construção variável através do espaço, do tempo e contexto do grupo.

As práticas cotidianas dos adolescentes aqui investigados são fluídas e articuladas entre diferentes espacialidades. Este movimento pode expressar um modo de interpretar espacialidades a partir da complexidade, na qual a interação entre diferentes categorias sociais está vinculada às experiências vividas no cotidiano. Sendo assim, é necessário

¹⁵⁷O termo 'som' é utilizado para se referir às danceterias e bares com música ao vivo. Já o termo 'fervo' tem mais o sentido de aglomeração e confraternização de grupos na cidade.

tencionar o modelo teórico construído a partir da análise do conteúdo discursivo sobre as práticas, seus agentes, seus espaços e os significados, compartilhados pelo grupo focal desta investigação, que incidem sobre diferentes formas de apropriação espacial. As práticas dos adolescentes em conflito com a lei estão relacionadas aos elementos de coesão compartilhados pelos grupos, a partir de diferentes territórios. Esta dimensão territorial, no entanto, constitui-se em foco do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS ESPACIAIS COTIDIANAS DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E A INSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS URBANOS

Este capítulo estabelece a análise das relações entre as práticas dos agentes investigados e a apropriação espacial como elementos da instituição dos territórios urbanos dos adolescentes em conflito com a lei.

O capítulo anterior abordou as escalas espaciais de atuação dos adolescentes em conflito com a lei, identificando a multidimensionalidade e sua plurilocalização. Assim como, realizou exercício de observação da vivência da interseccionalidade enquanto elemento de rearticulação de posições em diferentes espacialidades.

A partir da análise sobre as distintas escalas espaciais das experiências cotidianas do grupo estudado, observa-se a mobilização de facetas identitárias vinculadas ao grupo de relação em espaços de vizinhança, outras vilas e no centro da cidade que posiciona os adolescentes em dados campos de poder. Este movimento decorre da relação entre as práticas dos agentes e sua relação com diferentes espacialidades. Contudo, ocorre em simultaneidade com o movimento de apropriação espacial entre os diferentes grupos. Deste modo, a relação entre adolescentes de diferentes vilas se processa através de comportamentos próprios da instituição de territórios urbanos.

Estes territórios são hegemonicamente masculinos, haja visto que inexiste uma composição feminina, com exceção de casos esporádicos em que meninas aparecem em dados campos de relações na figura de namorada ou elemento de disputa em dada confraternização ou atividade de lazer.¹⁵⁸ Portanto, tratam-se aqui de relações quase que exclusivamente fálicas, envolvendo adolescentes pobres do sexo masculino e que agem vinculados a redes de relações territorializadas.

Ser-adolescente-homem-no-mundo, de acordo com o que foi observado sobre os adolescentes entrevistados, pode envolver a apropriação espacial edificada em experiências e performances relacionadas com a chamada “vida louca” e seus adeptos, a partir do saber/poder instituído na trajetória do adolescente na ilegalidade e de sua relação com grupos específicos e articulados pelo espaço urbano, como também, através do deslocamento a outras vilas e ao centro da cidade.

Foi observado que os adolescentes entrevistados passam a maior parte do tempo

¹⁵⁸Em todo o trabalho de campo, pude observar adolescentes do sexo feminino em apenas duas ocasiões. Duas delas eram namoradas de adolescentes.

fora do ambiente familiar da casa e que em sua maioria não frequentam a escola. As práticas e os espaços valorizados pelos agentes investigados, decorrem das experiências comuns de exclusão. Porém, a partir dos territórios, estes agentes buscam a afirmação de suas práticas e posições de poder aos seus grupos.

A observação de quatro grupos de adolescentes em conflito com a lei elucidou a diversidade de práticas e valores instituídos espacialmente através de relações de poder. Entre as pessoas aqui investigadas, o território foi apontado muitas vezes como principal referência espacial na compreensão da relação entre os grupos de adolescentes e, por isso, tornou-se objeto de reflexão sobre suas vivências espaciais. Por conseguinte, é necessário refletir sobre as possibilidades e limites do conceito no diálogo com o universo empírico.

O conceito de território é representado no conhecimento geográfico através de diferentes perspectivas e do que é identificado por Haesbaert (2004) como polissemia. Foi já utilizado com o intuito de denominar tanto a relação que os sujeitos reais estabelecem com substratos naturais e biológicos, quanto a área de domínio do Estado-Nação e, ainda, utilizado para compreender a relação do espaço com a política, a economia e a cultura em diferentes escalas espaciais e temporais.

A visão simplista do território, fortemente ligado ao controle sob determinadas áreas pelo poder do Estado-Nação é criticada por Souza (1995) na afirmação de que, embora tal visão se constitua como criação cultural, ela apresenta o território como possuindo rigidez de fronteiras e fixidez temporal em relação ao controle de um espaço físico. Segundo observado pelo autor, o território pautado na referência de limites de poder do Estado-Nação ainda demonstra fragilidades para entender o conceito de território como referência espacial dinâmica e contestável.

Souza (1995) aponta Friedrich Ratzel como principal referência da concepção de território sob a égide da delimitação espacial estatal. Para Souza, Ratzel preocupava-se com as influências dos elementos naturais sobre a ação do homem. Assim, quanto maior a necessidade da humanidade estabelecer relação com a natureza buscando satisfazer-se, melhor se justifica a demanda pela expansão das fronteiras. Esta ideia, de certa forma, legitimou muitas posições em relação ao colonialismo e a colonialidade. O Estado, nesta perspectiva, é o agente central da análise atuando como responsável pela mediação e preservação de equilíbrio sobre a apropriação do espaço inerente a relação entre sociedade e natureza. A compreensão de território como condição para a existência humana sob a responsabilidade do Estado-Nação, como observa Souza, interditava a

possibilidade de discussão sobre o papel ativo de outros agentes na apropriação do espaço.

Por conseguinte, diversos autores passaram a incorporar novo sentido sobre as noções de controle e poder exercidos através do espaço. Um dos geógrafos que se coloca neste campo de discussão é Robert Sack (1986). O autor define a territorialidade como um dispositivo, que através das ações de indivíduos ou grupos, capaz de exercer controle e influência sobre vários fenômenos das relações estabelecidas em sociedade. Segundo a perspectiva de Sack, o espaço pode ser concebido como mediador das correlações de força entre os agentes.

Claude Raffestin (1993) elabora outra contribuição importante em relação ao conceito de território com a intersecção das noções de poder, limite e identidades de grupos sociais. Para ele:

falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera de imediato a delimitação. Caso isso não se desse, a ação se dissolveria pura e simplesmente. Sendo a ação sempre comandada por um objetivo, este é também uma delimitação em relação a outros objetivos possíveis (RAFFESTIN, 1993, p. 153).

A perspectiva de território relacionada as noções de poder e ao controle são importantes no polissêmico conjunto de abordagens sobre o conceito, assim como as noções ligadas a dimensão simbólica e que envolvem o sentido de identificação.

Guatarri (1985; 1996), desenvolve a ideia de que o território é uma construção relacionada a identificação de determinados grupos com os seus espaços de vida.

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente em casa. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, éticos, cognitivos (GUATARRI, ROLNIK, 1996, p. 323).

Além de incorporar a dimensão intersubjetiva na discussão do conceito, este autor elabora a distinção entre espaço e território como ferramentas úteis às próprias intervenções do Estado. Tal distinção se constitui como importante crítica dirigida a racionalidade estética predominante entre urbanistas pouco interessados no campo intersubjetivo. Para Guatarri, o espaço estaria mais relacionado com a dimensão funcional e o território com o campo de subjetivação individual e coletiva. Esta perspectiva é importante no estabelecimento da relação entre territórios e masculinidades e outras

categorias sociais. Todavia é necessário considerar que o estudo aqui apresentado não percorre a seara de discussão aprofundada sobre a relação entre os conceitos de espaço e território, para isso, seria necessário um nível mais amplo de reflexão teórica e investigação. Textos que exploram de maneira teórica e reflexiva a relação entre os conceitos se apresentam, por exemplo, em Rafestin (1993) no argumento de que o espaço é anterior ao território, uma base sobre a qual as ações humanas criam tensões em campos de poder. Reflexões sobre a relação entre os conceitos de espaço e território também apresentam-se em Saquet (2009), Haesbaert (2009), Sahr & Sahr (2009). Neste trabalho o território é explorado em sua dimensão de componente das experiências cotidianas dos adolescentes em conflito com a lei e, por isso, a análise conceitual está centrada em como o território é experienciado pelo grupo focal.

Haesbaert (2004) expõe que o território assume duas dimensões: a primeira de caráter político e disciplinar, como um espaço apropriado politicamente; e a outra, de apropriação simbólica, em que as relações sociais constroem ou dão vigor a identidade. O território, nesta perspectiva, apresenta estas duas dimensões de modo conjugado, reforçado ou contestado de acordo com a intensidade da relação entre o material e o simbólico. Entretanto, Haesbaert (2004) tem como interesse categorizar tipos de (i)mobilidade como processos de desterritorialização e reterritorialização selecionando, para isso, elementos identitários relacionados a um grupo generalizado entre gaúchos, migrantes e/ou diásporas do mundo global. Um aspecto importante das categorias utilizadas por este autor refere-se ao fortalecimento da identidade com a utilização do espaço como referência fundamental.

Explorando a dimensão profundamente política do território, Haesbaert (2009) também se aproxima do universo de contestação e subversão da ordem instituída por grupos que promovem desterritorializações e reterritorializações e que são alvo dos dispositivos de controle social. A dimensão territorial apresentada por Haesbaert assenta-se no que ele denomina de recurso “preconceitual” de contenção territorial. A partir deste ângulo de visão, o contexto dos adolescentes em conflito com a lei aqui investigados, através de seus métodos de coesão e relações de poder, na vivência de uma multi-territorialidade e através de suas práticas espaciais transgressoras, estariam vinculados as estratégias de contenção territorial. Os argumentos utilizados pelo autor são pautados pela interpretação do contexto de emergência de uma sociedade de segurança da propriedade, cuja tarefa do Estado, não mais concebido como de “bem estar social”, é conter a difusão dos sentimentos de medo e insegurança, assim como da criminalidade

violenta.

A perspectiva apontada por Haesbaert é interessante, na medida em que explora a relação entre grupos marginalizados e os dispositivos de controle social e, ainda, reflete o nível ontológico de “conceito” como intervenção no real. No que diz respeito a relação policiais e bandidos, a construção de barricadas e postos elevados para eventuais disparos com arma de fogo, por exemplo, o dispositivo de contenção territorial pode ser observado. Nesta relação o recurso conceitual de contenção pode conjugar-se com negociação e resistência, visto que os grupos marginalizados também mobilizam suas próprias estratégias espaciais e em algumas ocasiões negociam com integrantes do próprio sistema de segurança pública.

A coesão e a identificação com significados e valores instituídos espacialmente pelos grupos, como outro exemplo, vão de encontro ao que Deleuze e Guattari (1995) defendem como agenciamento, fundamental aos processos de desterritorialização/reterritorialização, e também, à contenção territorial apresentada por Haesbaert (2009).

Já no tocante a relação entre o conceito de território e processos de identificação e instituição de identidades, Claval (1999) apresenta uma importante contribuição exibindo que o conceito de território reserva um conteúdo político e outro cultural inter-relacionados. O autor identifica que na construção do território participam as estratégias identitárias de um indivíduo ou de grupos. Claval argumenta que a *“identidade é construída a partir do olhar do outro”* (p.14). A natureza desta experiência revela a alteridade e subjetividade como elementos fundamentais na análise sobre a instituição de territórios e sua relação com processos intersubjetivos de identificação.

Estes processos também são relevados no texto de Bossé (2004), para o qual, as próprias identidades podem ser identificadas como pluri-locais, haja visto que os diferentes espaços experienciados pelos sujeitos se constituem como suporte para a instituição identitária. O autor considera esta questão do seguinte modo: *“o território identitário não é apenas ritual e simbólico; é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades”* (p. 169). Assim, a identidade territorial é uma construção contingente e variável, contestada e contestável pelos diferentes agentes que instituem os territórios. Neste sentido, o próprio território define-se através da elaboração de múltiplas estratégias que, por ora, são mais ou menos competitivas ou permeadas por conflitos mas, sobretudo, que preservam sua dinâmica num processo de construção/desconstrução de identidades e do próprio território, assim

como evidencia Bossé (2004).

Souza (2006) partilha de visão semelhante, considerando a espacialidade, ou especificamente a territorialidade, como dimensão fundamental à discussão sobre a autonomia de grupos que produzem o espaço e também à discussão sobre suas identidades e sobre a legitimidade da alteridade na relação entre os mesmos. Para Souza:

É em torno de territórios, ou melhor, do que eles contêm ou simbolizam que muitas identidades particulares, associadas a subconjuntos de matrizes culturais (...), se reconstróem o tempo todo. (SOUZA, 2006, p. 374).

Considerando o território relacionado/(re)construído também através de processos de identificação do ser-no-mundo, Holzer (1997) se constitui como outra importante referência com inspiração na fenomenologia. Este autor expõe alguns limites do conceito de território pautado pelas ideias de Robert Sack. Um dos limites, está relacionado a noção de poder que não considera a pluralidade de estruturas de organização entre os grupos. Segundo Holzer, este limite impossibilita, por exemplo, que grupos nômades exerçam territorialidades. Em segundo, a identificação da territorialidade a partir da sua relação direta com determinada área onde ela se processa, constitui-se como outro limite do conceito que não dá conta de explicar fenômenos que ocorrem de modo não planejado por agentes que ocupam posição de poder econômico ou político diferenciado.

Para Holzer (1997), a superação dos limites da perspectiva de Sack, reside na reflexão que o território pode ser concebido como um conjunto de lugares, instituídos através de relações afetivas e ligadas a identidades culturais específicas. Neste sentido o território não está necessariamente vinculado a delimitações entre fronteiras rígidas. Baseado na perspectiva do conceito de lugar, o autor questiona o conceito de território enfatizando que: *“a territorialidade é melhor compreendida através das relações sociais e culturais que o grupo mantém com esta trama de lugares e itinerários que constituem o seu território”* (p. 83).

Os limites expostos por este geógrafo, sobre o conceito, contribuem neste trabalho por evidenciar que a *“territorialidade é a expressão dos comportamentos vividos, ou se preferirmos, da constituição dos mundos pessoal e intersubjetivo”* (HOLZER, p. 84).

Como visto até então, a relação entre o conceito de território, a categoria analítica identidade e os processos de identificação contribuem na discussão sobre a existência cotidiana vinculada a diferentes escalas espaciais. Todavia, ela não é central na análise empreendida sobre territórios complexos, que opta pela consideração da multiplicidade,

na qual as vivências espaciais envolvem a interseccionalidade entre diferentes categorias sociais e identitárias.

As práticas cotidianas dos adolescentes em conflito com a lei, como fundamentais na compreensão sobre a sua existência espacial, contribuem na visualização de modos variados de comportamento de acordo com territórios específicos. Estas práticas não podem ser consideradas como pré-determinadas e determinantes, ou como relacionadas a uma identidade de gênero. Optar por uma categoria social seria redução demais face ao conjunto complexo de comportamentos vividos. Deste modo, é necessário pensar os processos de identificação a partir das práticas cotidianas entendendo que, os adolescentes em conflito com a lei, mobilizam diferentes elementos de sua formação identitária de acordo com as correlações de força e a posição que ocupam em diferentes configurações territoriais.

A instituição de territórios, através do processo de apropriação espacial e identificação, depende de agenciamentos e de coesão grupal que, por sua vez, se instituem na interação social entre agentes em posicionalidades distintas. Cada posição indica um ângulo de observação diferente sobre as configurações das relações sociais estabelecidas.

Elias (2000) destaca que a coesão grupal é fundamental para qualquer configuração das relações sociais e de poder que, para ele, figurou como relação entre estabelecidos e *outsiders*. Esta figuração compreende um universo empírico de relação entre dois grupos moradores de um vilarejo chamado Winston Parva que, a priori, não revelariam diferenças estruturais já que se tratava de uma população de baixa renda e da classe trabalhadora da periferia. Todavia, o trabalho empírico pôde demonstrar um sentimento de superioridade de um grupo sobre outro a partir da interação e da comunicação. Foi demonstrado que os moradores mais antigos se auto-imaginavam seres superiores, enquanto que os recém-chegados configuravam um grupo de excluídos. O principal elemento de coesão dos grupos, no estudo apresentado por Elias, é definido a partir da crença comum de superioridade ligada ao tempo de moradia e à diferenças sutis de comportamentos e modos de vida. Esta crença diferenciava e separava os diferentes grupos sociais.

No presente estudo os elementos de coesão são variados e espacialmente situados, e se definem a partir das múltiplas experiências cotidianas que são vinculadas a territórios urbanos. Estas experiências reposicionam os sujeitos investigados de acordo com as relações de poder envolvidas em cada espacialidade e, por isso, não pode ser

figurada como relação entre estabelecidos e excluídos, mas a partir do tenso jogo entre centro e margem da configuração das relações de poder espacialmente situadas.

A vida diária dos adolescentes desta pesquisa pode ser interpretada como conectada a diferentes territórios e próxima ao que é entendido como a vivência da multiterritorialidade em Haesbaert (2004). Esta concepção, defendida a partir de observações de experiências ligadas a múltiplos territórios é importante para a compreensão de processos globais e de constituição de redes sociais, contudo, carece de melhor problematização para o estabelecimento de diálogo com o universo empírico observado na presente investigação.

A ideia de multiterritorialidade, defendida por Haesbaert (2004) se apresenta como estratégia de controle e poder envolvendo múltiplos territórios. Território e territorialidade aparecem, nesta perspectiva como um binômio e em relação de interdependência evidenciada na multiplicidade. Para este autor, o território implica uma base material concreta e a territorialidade está relacionada a dimensão simbólica, é o referencial compartilhado e significativo da constituição de um território.

No tocante a esta relação, Haesbaert reconhece o território como definido pelas estratégias de dominação (material) e de apropriação (simbólica) do espaço. Dominação e apropriação, desta forma, compõem o conjunto de estratégias de controle sobre determinada área, isto é, resumem a territorialidade de um grupo.

Todavia a ideia de territorialidade aparece no discurso geográfico numa infinidade de textos contemporâneos e em relação com objetos de pesquisa diversos. Na geografia brasileira, é comum observar trabalhos que sequer exploram uma diferenciação e apresentam uma polissemia de argumentos e enunciações definidas a partir do uso dos conceitos intercambiáveis de território e territorialidade. Isto pode gerar uma certa confusão na opção de uma ou outra categoria, ou, em reconhecer sua interdependência para a interpretação de fenômenos. Por isso cabe aqui também realizar uma problematização sobre a que se refere a territorialidade.

Pode vir a ser encarada tanto como o que se encontra no território, estando sujeito à sua gestão, como, ao mesmo tempo, o processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar-se em um Estado (...) A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas." (ANDRADE, 1995, p. 20).

A territorialidade, conforme pode ser interpretada a partir de Andrade, se expressa através do estado das coisas, do reflexo da gestão de um grupo, tal como o Estado e do

sentido de pertencimento ao espaço apropriado por este. Para o autor, a ideia de territorialidade tem a ver com a intersubjetividade e define-se através da consciência de um grupo sobre a existência do território e de sua efetiva participação nele.

O geógrafo Milton Santos (2005) também fez referência a distinção entre a ideia de territorialidade humana e o conceito de território:

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra *territorialidade* como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence...* esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem. (SANTOS, 2005, p.19).

Mais uma vez, a ideia de territorialidade expressa a consciência sobre a configuração de um espaço apropriado e usado (território). Mas num sentido diferente, em que a territorialidade define-se a partir de como um grupo atribui significado sobre o que é pertencer ao território como seu usuário. Além disso, a ideia de territorialidade apresentada por Santos revela-se a partir da ação, da vivência e da reprodução humana sobre a superfície terrestre, envolvendo o sentimento de pertença a um espaço situado pelo significado de apropriação.

A ideia de territorialidade difundida na geografia brasileira expressa o movimento na instituição de territórios, seja assumindo uma dimensão intersubjetiva ou de ação efetiva. A relação entre os dois elementos intercambiáveis do binômio território/territorialidade aparece melhor aprofundada na perspectiva apontada pelo geógrafo Robert Sack (1986), onde a territorialidade se estabelece a partir de estratégias de controle e influência.

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado. (SACK *apud*. HAESBAERT, 2005, p. 6776).

De acordo com o autor, a territorialidade também se expressa a partir de experiências concretas de adoção de estratégias:

(...) a tentativa, por um indivíduo ou um grupo, de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica" (SACK *apud*. KAROL, 2009, p. 3).

Para Sack (1986) a territorialidade é definida como estratégia de acordo com o contexto no qual é mobilizada e, por isso, está vinculada ao campo da intersubjetividade e

de diferentes posições de poder envolvidas. Saquet (2007) enfatiza que, como ação e estratégia de controle, a territorialidade na perspectiva de Sack, implica considerar quem influencia e/ou controla quem, de acordo com a área e grupos observados.

É possível perceber que a ideia de territorialidade remete a ação estratégica de controle e exercício do poder empreendidos por um grupo. E neste sentido, é representada como fundamental ao movimento de instituição de territórios e apresentada como a maneira em que os territórios são construídos e significados. Logo, o território remete ao produto desta ação estratégica e, portanto, é apresentado como resultado do exercício da territorialidade.

A perspectiva defendida por Souza (1995) em relação ao conceito de território também envolve a definição dos agentes em interação, principalmente quem domina, governa ou controla o território que, por conseguinte, se define por e a partir de relações de poder. Mas este geógrafo faz referência a ideia de territorialidade como sinônimo de interação:

(...) ao falar de territorialidade, o que o autor deste artigo tem em mente é um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço. (p. 99).

Esta referência mostra proximidade com algumas proposições de Raffestin (1993) e que apresentam a ideia de territorialidade a partir de um sistema relacional.

(...) territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema." (p.160).

A territorialidade, neste sentido, expressa a vivência de interação no território, inscrita como variável no jogo tenso das trocas e do consumo e, que pressupõe um movimento que não é bidirecional, tendo origem afinal, na relação sociedade-espaço-tempo.

(...) a territorialidade se inscreve no quadro da produção da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada com outros atores. (p. 161).

Interação e relação, como elementos também apontados para definição de territorialidade, indicam movimento. Assim como as ideias de territorialidade já citadas e que são difundidas na geografia brasileira remetem-na à um certo tipo de mecanismo linguístico que expressa movimento, relações, interações. Tanto como ação estratégica de controle e, enquanto maneira a se chegar ao território, grau de coesão grupal ou de

pertença e identificação, a territorialidade apresenta-se como elo para interpretar o movimento de instituição de territórios. A interação é imanente a todas as características do movimento desta instituição. Movimento, por sua vez, implica tempo, espaço e contexto, contemplando o sentido que esta instituição tem para os grupos envolvidos.

Logo, a partir da reflexão sobre as diferentes ideias de territorialidade, o território pode ser entendido como o invólucro cujo o recheio embrulhado por ele é o próprio movimento de sua instituição: as práticas dos agentes, as formas de identificação e interação, e, exibe-se assim como configuração de relações de poder espacialmente referenciadas.

Por outro lado, a instituição de territórios brota das práticas em movimento no tempo, espaço e de acordo com o contexto dos grupos. Este argumento decorre da grande dificuldade de demonstrar, a partir do real, um meio ou um fim, ou, o que representa a ação (territorialidade) e o que representa o seu resultado (território).

Haesbaert (2005) apresenta a ideia de *continuum* para explicar processos de dominação e apropriação que se aproxima do pensamento de que a relação entre territorialidade e território pressupõe um complexo movimento:

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. Controla-se uma “área geográfica”, ou seja, o “território”, visando “atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (Sack, 1986:6). (SACK apud. HAESBAERT, 2006, p. 6776).

Volta-se então, a estaca da territorialidade. O território também aparece como possibilidade de exercê-la. E assim, não é apenas seu resultado, é evidência de que o movimento de sua instituição também impulsiona novas práticas e, isto implica, novamente, retornar as territorialidades.

Seja pêndulo, metrônomo ou binômio, a dinâmica complexa entre território e territorialidade pode implicar vários modelos representativos. E estes, são resultados de olhares situados sobre um universo empírico e que refletem as opções plurais de interpretação do real.

No presente estudo, o modelo que poderia mais se aproximar da complexidade do universo empírico de análise, constitui-se num espiral. Em que cada curva pode

representar uma escala diferenciada das experiências cotidianas e de estratégias específicas diante de outros agentes situados nela. Sendo que ocupam posições de poder distintas e imanentes as técnicas de saber acumuladas, numa trajetória, a partir de vivências complexas de deslocamento de um território a outros.

Este movimento complexo, sem começo, meio, nem fim é situado espacialmente, sobretudo, a partir da interpretação do que vem a ser o território, do próprio sentido que ele assume para determinado grupo e das estratégias que possibilitam sua permanente desconstrução/reconstrução.

A territorialidade neste sentido, pode ser entendida como uma espécie de processador, que conecta pessoas a códigos, programas e suas atualizações constantes. Que utiliza da memória para adotar esta ou aquela estratégia de interação, comando ou “acerto de contas”. Configura-se, deste modo, como estratégia escalar e multifacetada diante das relações de poder situadas pelo espaço. Como estratégia escalar, a territorialidade envolve subjetividade e elementos identitários que podem ser experienciados, ou não, de acordo com a escala considerada, através da vivência da interseccionalidade.

De todo modo, a vivência de uma multiterritorialidade, fundada na experiência entre múltiplos territórios só é coerente, com o universo empírico aqui observado, se for relevado que os adolescentes em conflito com a lei oscilam entre as posições de centro e margem das configurações das relações de poder nos territórios. Se for considerado, que esta vivência está relacionada a mobilização de facetas identitárias distintas e vinculadas ao posicionamento das pessoas em dada configuração. Assim como, diante da multiplicidade, for evidenciado que cada configuração como flexível e, como componente das relações sociais estabelecidas pelos adolescentes, é passível da emergência de estratégias de resistência, rearticulação e desconstrução dos territórios.

Neste trabalho, não há como falar em território sem considerá-lo como interpretação da instituição de apropriação espacial a partir de relações de poder situadas. Este trabalho incide sobre as rupturas, continuidades e tensões envolvendo grupos na esfera da vida diária, o que, sem dúvida, melhor se aproxima de minha questão de partida. Mas, para se falar em territórios dos adolescentes em conflito com a lei, é necessário construir um raciocínio científico através da problematização do contexto dos agentes, suas práticas e espaços.

1 - COMPONENTES DAS RELAÇÕES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E A MEDIAÇÃO ESPACIAL.

Interpretar a vida diária dos adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa, nas quatro áreas selecionadas para estudo em profundidade contempla a observação sobre os componentes das relações sociais que envolve a posição dos agentes, suas práticas e os espaços em que se desenrolam.

A priori poderia ser considerado, como interpretação possível, que a relação entre estes componentes se afirmaria na verificação de que há padrões espaciais de atos infracionais entre os adolescentes. Estes padrões podem constituir um modelo teórico de apreensão da relação entre os três componentes. No primeiro capítulo deste estudo, foi evidenciado um modelo de análise baseado em padrões de atos infracionais cometidos em áreas específicas da cidade. Este modelo apresenta duas referências espaciais: as áreas de moradia e vizinhança na periferia e; as áreas centrais da cidade.

Atos infracionais como furto simples e qualificado, roubo, por exemplo, ocorreram com maior frequência nas áreas de moradia e vizinhança. Enquanto que, os atos infracionais do tipo agressão, vias de fato, lesão corporal e tráfico de substâncias entorpecentes ou tóxicas ocorreram em maior frequência nas áreas centrais da cidade. Um padrão se constituindo como periférico e o outro central. Em que os conflitos entre grupos e negociações aparecem concentrados no centro e as ações individuais na periferia. Contudo, estas dimensões são representadas na construção de um modelo de análise pautado por relações estatísticas e na distribuição espacial e, não a partir das múltiplas relações que se estabelecem pelo espaço, que estão imbuídas na vida cotidiana mas nem sempre compõem o universo de representação do ato infracional a partir de instituições formais ou estatísticas oficiais.

Berger e Luckmann (2005) destacam que a relação entre pessoas, numa situação face à face, é muito flexível o que constitui a dificuldade de emoldurá-la a partir de padrões rígidos de interação. Geralmente, segundo estes autores, as tipificações de rígidos padrões de comportamentos e situações face à face (como é o exemplo da relação bandido e vítima), afastam-se fatalmente e progressivamente do contexto real da interação.

A interação “face a face” entre as pessoas, assim como apresenta Goffman (1975), pode ser definida a partir da influência recíproca das ações de uns sobre os outros. Este movimento tem como componentes os diferentes padrões de comportamento e

performances desenvolvidas pelas pessoas. A interação social ocorre em “cena” e as atuações do eu e do outro definem-se de forma relacional e espacialmente situada.

Elias (1994) destaca que as ações não dependem isoladamente dos indivíduos, mas de como o poder é distribuído e das estruturas de tensões articuladas numa rede humana móvel. Para este teórico (p.50): *“A pessoa, individualmente considerada, está sempre ligada a outras de um modo muito específico através da interdependência.”* Esta rede implica pensar no espaço a partir da interação entre distintos agentes em tensão, entretanto, interdependentes.

Neste sentido, um dos principais questionamentos sobre o universo empírico desta investigação incide sobre a vivência cotidiana, marcada pela interação entre os adolescentes em conflito com a lei e seus outros, de modo que se identifique os componentes articulados entre diferentes escalas espaciais de atuação. Notadamente tratam-se dos espaços de vizinhança, as outras vilas e o centro da cidade, como escalas distintas e complementares. Através da consideração destas escalas de análise deve-se demonstrar, no decorrer deste tópico, a interação entre os agentes a partir de suas práticas e os espaços de atuação.

Os adolescentes em conflito com a lei, em sua realidade cotidiana, estabelecem múltiplas relações verificadas de acordo com as escalas de análise erigidas sobre suas experiências. Estas múltiplas relações não se estabelecem no vácuo, mas se constituem pelo espaço, que se configura, ao mesmo tempo, como seu mediador e sua própria expressão. De tal forma que algumas espacialidades podem ser consideradas perigosas ou hostis, enquanto outras são observadas como possibilidade de interação entre o eu e o outro de forma amistosa, ou ainda, como meio e referência à adoção de estratégias grupais. As práticas dos agentes conectados a redes de interdependência, podem tanto caracterizar determinado espaço, quanto ser a possibilidade deste se constituir. Deste modo os adolescentes em conflito com a lei, em interação, constroem o espaço em que vivem de modo relacional.

A observação sobre a vida cotidiana dos adolescentes em conflito com a lei identifica diferentes espaços situados que compõem as relações sociais do grupo focal em sua interação face à face e instituinte de práticas ilícitas.

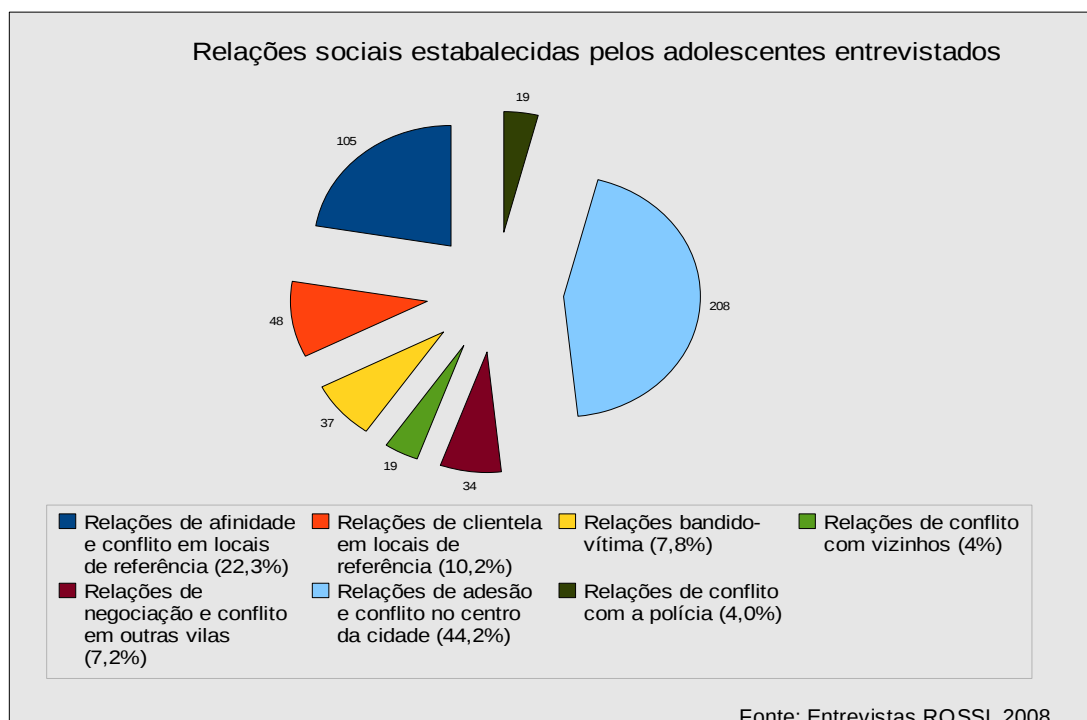


Gráfico 6 - Categorias discursivas das relações sociais estabelecidas pelos entrevistados

A análise do conteúdo discursivo, transcrito de entrevistas em profundidade com adolescentes em conflito com a lei, aponta para as seguintes categorias vinculadas aos contextos de relações sociais estabelecidas: “afinidade e conflito em locais de referência para o encontro entre iguais”; “conflito com vizinhos”; “relações de clientela nos locais de referência”; “relações de negociação e conflito em outras vilas”; “relações de adesão e conflito no centro da cidade”; “relações bandido-vítima” e; “relações de conflito e negociação com a polícia”.

Em cada contexto específico, o adolescente age de modo a confraternizar, negociar, contestar ou a legitimar determinadas normas dependendo do feixe de relações de poder envolvendo as pessoas num sistema relacional situado.

Os adolescentes entrevistados interpretam, de maneira consciente, que nos espaços de vizinhança sua vida diária é representada de forma negativa por outros cidadãos comuns com quem estabelecem relação. O conflito com os vizinhos apresenta-se no discurso dos entrevistados em 4% das enunciações vinculadas as relações sociais que estabelecem no cotidiano.

Compartilhando a interpretação de que suas experiências resultam da exclusão ou marginalização, os adolescentes se relacionam de modo a afirmar e a valorizar suas práticas transgressoras com maior apoio moral em determinados locais de encontro. Se

reúnem e partilham rotinas semelhantes e, certamente, estão mais seduzidos a confraternizar entre amigos do que estarem na condição de incômodo aos vizinhos.

A proposição de Bagaço sobre as relações com os vizinhos, revela uma espécie de ética estabelecida pelos adolescentes:

Ninguém mexe com nós e daí ninguém mexe com eles! Tipo: Deus deu a vida pra cada um cuidar da sua né mano! É só não se intrometer na vida da gente, ninguém se intromete na deles né cara! **Bagaço.**

O argumento deste adolescente incide sobre a autonomia individual, referenciada no jargão popular “cada um na sua” e distancia as experiências cotidianas dos entrevistados daquilo que é preconizado pelos vizinhos. Considerando-se como independentes e liberados, pela vontade própria, do imaginário formado pelos vizinhos, os adolescentes em conflito com a lei partilham rotinas semelhantes que são valorizadas em seu grupo. Este aspecto constitui-se em ponto importante no estabelecimento da afinidade vinculada a apropriação de locais de referência para o encontro de muitos adolescentes das periferias pobres.

As relações de afinidade e conflito em locais de referência para o encontro entre iguais é uma categoria significativa em se tratando das relações que os adolescentes entrevistados estabelecem entre si e representa 22,3% das enunciações analisadas.

A vida diária destes adolescentes é nominada pelos entrevistados como “rotina” e está sujeita a variadas “cenas” em que os atores, ou melhor, os “malucos” interagem. A “rotina” também é referenciada por eles como o exercício da “vida louca”.

A rotina da vizinhança é essa aqui ó: Sair de casa, juntar os camarada e ficar de boa aí, só curtindo! Os maluco aqui são tudo da mesma irmandade, não tem essa! Aqui nessa árvore, ali na escadaria ali! Ali tem dia que ó, sempre ferve! De fechar assim de maluco! Só curtindo! Maconha! Maconharada! Gole! Nego fumando 'pedra' pra escada aí! No mato, nego fumando 'pedra' pelos mato! Altas 'correria' né! Aqui a gente é 'vida louca' memo! **Bagaço.**

Quando eu to ali na praça, eu vô na 'correria', tomo 'gole', fumamo maconha, nunca 'de cara'! **Anísio.**

Ó, aqui a gente fica mais na esquina né cara! Aqui na frente! Mas aqui a gente vem mais pra fumar um baseadinho né cara, só pra fumar, ficar louco e sair pela quebrada de novo. Tudo mundo aqui nessa quebrada me conhece. Sabe das 'correria' e da 'cena' da 'malucada'. **Boneco.**

A vida diária para os adolescentes entrevistados, definida na simples presença de estar ali, significa nunca “estar ali de cara”, ou seja, sempre em interação com amigos na rua, em alguma esquina, ou numa praça, para o consumo de drogas e dispondo de mecanismos necessários para ele, tal como se constitui a “correria” e sua relação com

diversos tipos de negociação e atos infracionais.

Manter-se na “vida louca” depende de um sistema relacional que envolve disposição de agentes e de recursos, e tal como considerado por Raffestin (1993), como elementos do exercício do poder e delimitação de um território, energia e informação. Fazer uma “intéra” para o consumo de álcool ou outra droga, por exemplo, implica em determinada quantia de dinheiro e a localização do lugar de compra. Neste sentido, os adolescentes em conflito com a lei demonstram que a reunião em grupo envolve não só adesão em torno da “vida louca”, mas dos mecanismos que a reproduzem socialmente, principalmente, o consumo. Estes dois aspectos aparecem como principais componentes das relações de afinidade em determinado grupo. As relações de afinidade representam 92,3% das enunciações ligadas aos locais de referência para o encontro entre iguais e que, frequentemente, estão relacionados ao consumo coletivo de substâncias ilícitas.

Nestes locais, a posição do adolescente que tem ou pode obter dinheiro com facilidade é valorizada, na medida em que contribui para afirmação das práticas valorizadas no grupo a partir da “intéra”. Raras foram as ocasiões que, em trabalho de campo, não fui solicitado a contribuir com ela. Muitas vezes, fui indagado da seguinte maneira: *“Tem uma 'intéra' aí?”* Outras incontáveis vezes, cheguei a ser “multado”, isto é, fui solicitado a contribuir com a “intéra” de forma mais rude e agressiva pelos adolescentes que ainda não conhecia.

Assim, uma das formas de obter recursos para a “intéra” e consumo de substâncias ilícitas, além da contribuição de membros do mesmo grupo, é a solicitação, educada ou rude, direcionada a outras pessoas que não fazem parte do grupo de adolescentes reunidos. Este tipo de prática pode conferir ao adolescente que a realiza a posição de poder privilegiada diante do grupo, no contexto de exercício do uso compartilhado de álcool ou outras drogas e que institui um espaço de afinidade entre os entrevistados.

Entretanto, outros mecanismos são utilizados pelos adolescentes. O discurso de dois entrevistados relatam experiências de dois adolescentes com quem mantinham relações de proximidade e convivência numa praça:

O 'Sangue', chamam o maluco assim porque ele é 'sangue-suga', vê os maluco fumando e vai atrás querendo o dele! Ele já vendeu, pegou uma jaqueta esses dia, já vendeu tudo os móvel da casa, não tem mais nada na casa dele e a janela e a porta tão arrombada ainda. A mãe do maluco aparece e compra roupa pra ele, e com etiqueta e tudo, ele já vem vender na rua e vai no canal. E o piá andava bem *playboy* aí pra cima, vinha aqui na praça tudo dia, sempre apresentava altos *beck!* Começou virar 'no que que é aquilo', só na vida louca! Agora só anda lá pra baixo. Antes, tipo, o mano vinha com grana já de casa, bancava altas pira aí né! A 'intéra' do maluco era alta, cincão, deizão pra comprar o tubo, tá ligado? Teve uma vez

que, acho que tinha feito um adianto em casa, pagou altas brita pra nós. Era, só eu, o Gorpo e o Polaquinho, cada uma hora, uma hora e meia, descia, um de cada vez, ia pegar mais no canal. E foi tudo o Sangue que apresentava. Ele ia injetando grana, nota de cinquenta, vinte e, nós descia pegar mais pra fumar! Aquela época era louco, só na vida louca, tudo nós! Depois que ele começou a se internar demais, aí só deu merda! Quer fumar e não dá 'intéra' nenhuma, quando tem dinheiro, fuma na boca do canal, o 'marcão'¹⁵⁹, e só ele, depois vem querer tirar ainda! Pra sair no adianto pra cima da gente. **Anísio.**

O Polaquinho, todo dia vai, fuma 25 de pedra. Ele foi lá pro cara, pegô assim, tava com uma grana, cinquentão assim, começou fumá, fumá e sempre com nós. Daí, depois foi só cagada. Robou a mãe, foi tocado da casa né, aí o que que o cara ia fazer? Começou a fazer bosta, 155! Ele tava esses dias pedindo dinheiro no sinal. Mas é um maluco que ó, sempre que tem, tá aqui, fazemo as 'correra' e sempre tá aqui com os maluco, dá "intéra" quando tem que dar, é nosso chegado aqui, ele tá morando ali na do Boy, só na loucura, vive pra rua! **Gorpo.**

A "irmandade", tal como foi referida por Bagaço num dos relatos anteriores, parece constituir-se a partir do agir solidário para com o grupo e para a reprodução de práticas compartilhadas e valorizadas nele. Neste sentido, a "intéra" constitui-se como elemento de efetivação de laços, ou de seu desgaste, entre adolescentes em conflito com a lei em locais de referência e, portanto, compõe seu campo de relações de amizade no grupo ou a condição de marginalização no mesmo.

O conflito entre adolescentes de um mesmo grupo, ou que frequentam cotidianamente o mesmo local de referência, destaca-se a partir do discurso dos entrevistados em 7,7% das enunciações da categoria relacionada aos locais de referência. Tais conflitos, são comumente gerados a partir de desavenças em torno de alguma "intéra", ou em ocasiões em que a confraternização no contexto do uso de álcool e drogas podem dar lugar a discussões e brigas.

Os maluco daqui da rua, já tão ligado, já sabe que não é dando calote nos maluco da nossa quebrada, nos irmão, que ele vai ganhar algum com isso. Aqui nós tudo se ajuda mano! Quem não vai com a nossa ideia, não vinga aqui com nós! Volta e meia, tem um ou outro que 'se pega' (briga), mas não chega ao ponto de rolar pipoco ou coisa mais foda, é só de um 'ficar de cara' com o outro, mas depois, tá todo mundo na mesma cena de novo. **Boneco.**

Ir de encontro ao que é valorizado no grupo como práticas centrais, como o uso de substâncias ilícitas, mesclado a compulsão em torno deste uso por adolescentes em condição de dependentes, pode ser entendido como estopim para o desenvolvimento de outras práticas, consideradas em alguns contextos, necessárias para a reprodução da "vida louca". Práticas que variam desde a subtração de objetos da própria casa até o furto qualificado ou assalto em outras espacialidades, como forma de obtenção de dinheiro para o consumo compartilhado de drogas. Antes de recorrer a estas formas, contudo, é

159 'Marcão' pode ser entendido como aquele que deixa a desejar.

necessário explorar melhor os contextos em que a “correria” ocorre.

Nos locais de referência da vida diária, identificados no espaço público, os adolescentes em conflito com a lei encontram-se mais frequentemente no sentido de realizar a “intéra” e a “correria” e à repetição das práticas mais valorizadas pelo grupo e vinculadas a representação da “vida louca”. Entretanto, isso depende do deslocamento espacial e do estabelecimento de “negociação ou conflito em outras vilas”. Esta dimensão forma uma das categorias discursivas que representa 7,2% das enunciações.

A “correria” que representa o deslocamento dos adolescentes até traficantes é voltada, muitas vezes, ao uso coletivo em locais de referência. Todavia, nestes mesmos locais, os adolescentes estabelecem relações com pessoas que não fazem parte de seu grupo, mas que, assim como eles, consomem substâncias ilícitas, principalmente a maconha e o *crack*. Podendo ser caracterizadas como adictas, estas pessoas muitas vezes não dispõem do mesmo saber sobre a localização das áreas, onde as substâncias são comercializadas em maior volume, ou não se ariscam em deslocar-se até elas. Desta forma, alguns adolescentes associam-se a estas pessoas¹⁶⁰, deslocam-se de seu local de referência até o “canal”.

160 A efetivação deste tipo de associação para a compra de drogas é sempre negociada com desconfiança de ambas as partes. Segundo Neco, “é de ficar sempre cabreiro com os outro, você não sabe se é ‘gambé’, você cai e o patrão junto!” (...) “Ou, tem uns que ficam naquela de que veio chutado!”. O termo “chutado” significa para os adolescentes, que a substância a ser consumida não corresponde as expectativas criadas em torno de seu valor de troca.

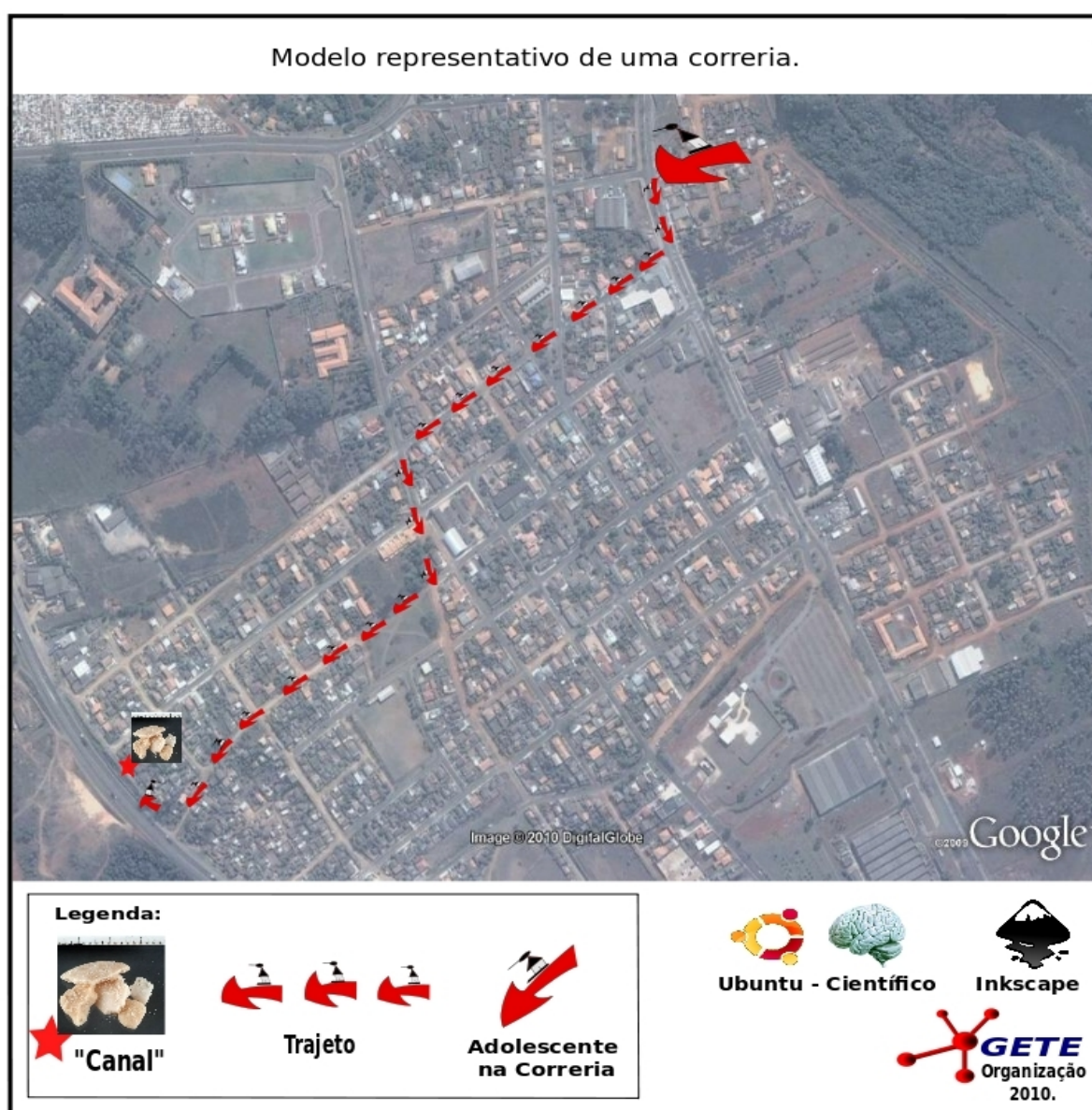


Figura 9: modelo de representação da "correria"

Dependendo da intensidade de associações entre os adolescentes entrevistados e outros usuários de drogas, pode-se considerar que a função "correria" pode estabelecer relação de clientela em dados locais de parada de um ou outro adolescente que a exerce.

Agora eu tô aqui de boa, mas sempre chega alguém querendo ver se não tem um bagulho aí pra baixo, na quebrada, tá ligado? Aí eu vô, só que não tem essa! Tiro o meu do lado lá no canal, separo um pra mim né. De falar que é mais caro, que daí no canal, já pego pra mim também! E também, pra gente pegá o nosso, nem falamos onde que é o 'canal'. Nós sabemos, e daí a gente é que vai e pega. Porque que então o cara que chegou ali na rua, não desce e pega os bagulho ele, não vai lá pra baixo e vê onde que é? Se eu vô, tiro o meu do lado. Se o cara for junto, eu já digo pra ele esperar mais pra longe que eu vou lá e pego o bagulho. Tem altas dos maluco fazer isso aqui, da malucada chegar com bagulho de correria pros outro! Tem dia que a gente fica o dia inteiro só na 'função'. Já fiz correria até pros 'hóme', tá ligado? **Zeca.**

Esta “função” é, para muitos adolescentes, o principal motivo de deslocamento cotidiano. Em muitas ocasiões durante o trabalho de campo, em locais de referência de adolescentes de três das vilas pesquisadas, observei a chegada de uns que logo indagavam para algum outro que ali se encontrava: “*E as correria?*”; “*Como é que tão as correria aí pra baixo*” ou; “*Já foi no canal?*”. Para alguns adolescentes em conflito com a lei a rotina se inscreve nas repetidas vezes em que realiza a “correria” cotidianamente. E, além disso, ela representa um dos componentes das relações sociais que estabelecem. Assim como as técnicas de saber, imanentes ao poder exercido pelo adolescente que realiza a “correria”. Para este, falar a localização do “canal” o prejudica, pois contesta sua posição de poder/saber sobre uma escassa vantagem que obtêm em consumir pequena parcela da substância adquirida.

Quando a “correria” é realizada em outras vilas, que não a de moradia dos adolescentes entrevistados, a negociação e o conflito, ocorrem com maior frequência. A “negociação nas relações dos adolescentes em outras vilas”, como categoria discursiva aparece em 73,5% das enunciações e envolvem o modo como os adolescentes desenvolvem táticas de passagem e de livre acesso até a localização do traficante.

(...) Já tem que tá ligado que se, você faz um corres em outra quebrada, que os cara já vem te multar, pedir uma intêra e você anda só no galeto¹⁶¹. Se você souber entrar e sair, chegar na humildade, não dá nada, e nunca deu! Eu fico aqui na quebrada, só passando um brown, de 'cincão' e de 'fino', tá ligado? Faço uma grana, mas sempre desço no canal pegar uma brita, a gente é fraco né! E toda vez, ainda mais quando não conhece os cara, eu levo um fino e apresento! Não tem enrosco, é bem mais foda de alguém te tirar e apavorar se você for de boa e apresentar quando rola. **Gorpo**.

Por outro lado, o discurso dos entrevistados reflete a relação de “conflito com adolescentes de outras vilas”, em apenas 26,5% das enunciações referentes a categoria vinculada a outras vilas. Os conflitos ocorrem com maior frequência em função das estratégias de controle da “correria” exercidas por adolescentes em seus espaços de vizinhança com o intuito de obter vantagens sobre a droga adquirida por outro.

Tipo, o Ouro Verde, se eu for lá? Se eu chego lá na entrada da quebrada lá? Sempre os cara já vinham me multar, só que na última foi sujo pra caralho! Eu tava só eu né, sozinho e, os cara me cruzaram, pegaram meus bagulho e me deram um cambal e olhe que eu tava meio longe do canal já. Muito 'noiado' os cara, tá ligado? Eles vê alguém ali, que tá atrás do bagulho e já vem te ganhar! Só que eles comprem treta daí né! Eles nem vem pra esses lado porque já devem saber que vão apanhar. Com nós aqui não tem essa! **Spun**.

Entre os entrevistados, foi possível identificar um sistema relacional que os

¹⁶¹ 'Andar no galeto' exprime andar rápido e em passadas largas.

envolvem não somente como usuários ou atravessadores, mas como traficantes. Neste sentido, a correria e a negociação estabelecida em outras vilas pode influenciar na formação de uma clientela e até a transformação do adolescente em conflito com a lei em traficante. A “clientela em locais de referência” compõem 10,2% das enunciações analisadas sobre as relações sociais estabelecidas pelos entrevistados e está relacionada a posição de traficante.

Antes eu ficava pra baixo e pra cima, pra baixo e pra cima, na correria pros outro o dia inteiro, pegando um pouco do bagulho, revendendo 'buchinha' (invólucro) de *brown*, umas 'pedra', sempre pouco. Se precisasse de uma 'carinha', sempre tava ali. Se não tivesse, descia no 'galeto' pegar e, assim ia (silêncio) Só que não tira nada, se mata de andar e você não tira nada! É só ir de quebrada em quebrada, sai da beira da BR e pára na beira da linha ¹⁶² e no fim acaba fumando três, quatro pedra no dia! Ah, já fica fissurado de novo e de novo (...) 'O bagulho é louco, mas o processo é lento maluco!' As cena dos mano da correria é louca! É foda o bagulho! Dai que eu comecei a juntar mais grana pra pegar mais, tá ligado. Vendia ali na rua memo! Dai foi indo, sempre um monte de maluco vindo, querer saber de pegar o bagulho, fui passando de bastante agora, tá ligado? Os patrão já começa a ver, que tá rolando o movimento, se é um patrão gente boa, ele passa pra você e você faz o teu. Só que eu não me interno, sempre apresento pra galera, mas nem rola de se internar e fumar os 'bagulho', dai também não vira. **Boneco**.

Este aspecto poderia compôr um modelo sobre processos de integração no tráfico de drogas em funções tipificadas. Os agentes envolvidos com o comércio de drogas ilícitas numa escala local podem assumir variados nomes diante da hierarquia instituída, tais quais os que são apresentados por Souza (2005) como: “dono” ou “chefe” àquele que responde pelo negócio e ocupa uma posição de gerenciamento local; “olheiros” ou “fogueteiros” como os que observam a aproximação da polícia e anunciam quando chegam mais substâncias no local de venda, e ainda; os “vapores” ou “aviõezinhos” que, como atravessadores, promovem o deslocamento da droga até o sujeito que a consome ou revende.

Apesar das distintas formas de nominar os agentes, é necessário compreender que a posicionalidade e atuação dos sujeitos são diferenciadas de acordo com as configurações espaciais instituídas pelos grupos. Fazer da “correria” um “movimento”¹⁶³ parece antagônico, mas não é, na medida em que se observa a transição de um deslocamento espacial voltado, na maioria das vezes, ao consumo próprio, para a posição de atração da “correria” de outros para si mesmo. A posição do adolescente traficante está relacionada a negociação que estabelece com adolescentes de outras vilas que realizam a “correria” e são seus clientes.

162A “linha” refere-se a linha férrea do trem.

163Alguns dos adolescentes entrevistados identificam que “movimento” pode significar tráfico de drogas realizado a partir de um “canal” (que pode ser uma casa ou comércio) e de um “patrão” (traficante) que o gerencia.

Se a atração dos outros pela “função” estabelecida através da “correria” já configurava um *status* de “maluco” ao adolescente que a realiza e que, assim como outros, dispõe-se a este tipo de deslocamento, doravante, na posição de “patrão”, o *status* em relação ao grupo identificado com a “vida louca” está elevado.

Enquanto mero articulador da “intéra” e da “correria”, sua posição não estava mais próxima do lucro senão dos custos e de uma ínfima vantagem. Como patrão, o adolescente em conflito com a lei também estabelece relação com clientes que podem ser, até mesmo, seus antigos parceiros de alguma “intéra” ou “correria”. Esta nova posição indica que o tipo de poder exercido pelo adolescente em conflito com a lei pode ser identificado no estabelecimento do valor, da qualidade da substância traficada¹⁶⁴, das vantagens e créditos oferecidos, assim como das restrições relacionadas ao espaço de influência de seu “canal”.

¹⁶⁴Segundo os adolescentes entrevistados que já ocuparam a posição de traficante, o *crack* é, muitas vezes, misturado com bicarbonato de sódio para aumento dos lucros em diferentes lugares por onde passa até chegar ao consumo. Contam os mesmos, que alguns traficantes não trabalham somente com a utilização de “balança” para pesagem, mas de uma caixa em que a droga dissolvida é misturada com bicarbonato de sódio. Esta estratégia, segundo Boneco, pode duplicar a quantidade da droga oferecida aos usuários, contudo, diminuindo sua “qualidade” e o respectivo efeito. Zeca afirma que: “quando tem muita porcaria no meio da ‘parada’, não dá o ‘toque’ (efeito) igual, só dá mais fissura, só quer saber de fumar outra e outra, e outra (...)”



Figura 10 - Atração espacial pelo "canal".

Boneco ainda destaca outros desafios em realizar a atividade de traficante:

É foda de 'passar' o bagulho! Se você faz teu movimento ali na quebrada, tudo aqueles 'maluco', teus camarada, vem no teu 'canal' querendo tirar! Tá ligado? E quer que 'apresente'¹⁶⁵ direto¹⁶⁶, de vim e pegar, daí jogar o dinheiro na mão depois. Só leva 'pialo'!¹⁶⁷ E isso é 'direto' cara! Tem que manter o respeito, pro cara que vai 'passar'¹⁶⁸, é melhor não dá muita moral pros outro! Os cara, tipo vem aqui, daí sai que nem louco, às vez, quer fumar aqui memo, na esquina aqui do lado. Os vizinho sabe, mas nem rola de se 'queimar' com os 'hóme'. Tem que pegar e 'tocar' com os cara daqui. **Boneco**.

Contudo, nem todos os adolescentes que se concentram na "correria" ascendem a posição de narcotraficante e seguem a rotina da "vida louca" através da possibilidade de

¹⁶⁵'Apresentar', para os grupos de adolescentes entrevistados, significa oferecer ao consumo coletivo a droga adquirida individualmente.

¹⁶⁶'Direto' é utilizado em linguagem coloquial como sinônimo de "sempre" ou "constante".

¹⁶⁷'Pialo': Termo utilizado em linguagem coloquial para referir-se a "golpe", "calote", "estelionato".

¹⁶⁸'Passar' é um termo utilizado pelos adolescentes como tendo duplo sentido: o de roubar e o de traficar.

manter-se nela ao adotar outras estratégias de “adianto”.

O ato de furtar, como prática ilícita desenvolvida pelos adolescentes investigados, pode estar relacionado com o sustento das provisões alimentares da casa, para satisfazer o desejo de consumo ou para corresponder a situação de adicção.

É pelo compartilhar de valores específicos da “vida louca” e vinculados ao pressuposto “nunca de cara” que muitos adolescentes iniciam a adoção do furto simples e qualificado, assim como os roubos, como estratégia relacionada ao consumo de substâncias ilícitas. Os furtos e os roubos aparecem no discurso dos adolescentes em 7,8% das enunciações que remetem a relação entre os adolescentes e suas vítimas.

Furtos e roubos foram os atos mais cometidos entre 2005 e 2007 na cidade. Em 52% destes atos, estão envolvidos adolescentes que declararam realizar repetidos furtos ou roubos com o intuito de fumar o *crack*. A Vila Nova é uma das vilas investigadas que tem maior concentração de reincidências de atuação dos adolescentes em conflito com a lei a partir destas práticas. Dos registros da delegacia é possível extrair alguns exemplos:

Que confirma que já fez muitos furtos, e que outros ladrões da vila, cometiam os crimes para comprar pedra da M. F., o qual trocava “pedra” (crack) por toca Cds, roupas, e tudo o que mais tivesse valor (...). **(Declaração registrada em 19/07/05, p. 2).**

Que o declarante sempre praticou os delitos sob efeito de drogas e por incentivo de A.; Que o declarante afirma que jamais faria estas coisas se não estivesse sob o efeito de drogas. **(Declaração registrada em 04/07/05, p.4).**

(...) o declarante diz que é viciado no uso de crack, sendo que costuma consumir entre dez a vinte gramas de “pedra” por dia, juntamente com seus amigos, por isso precisa furtar bastante, no seu linguajar “nóis sai na correria né”, para trocar o produto do furto/roubo, por drogas; que faz um ano que usa crack; que faz quatro dias está sem usar o tóxico, sendo que nem roupa tem, pois a roupa que tinha trocou por pedra; o declarante afirma que quando tem necessidade, furta e rouba, sendo que os objetos apropriados, o declarante os troca por crack com uma mulher de nome S. que mora na Rua D., em frente a casa do T., distante umas duas quadras da casa do declarante, lá na Vila Nova; que S. comercializa crack e o preço é dez reais por pedra, sendo que quando tem dinheiro, paga em espécie e quando não tem, ela (S.) aceita também objetos furtados ou roubados, no seu linguajar: “nóis faiz qualquer negócio, né”; (...) Que Z. é morador Vila Nova e também é usuário de drogas; Que Z. e o declarante fazem parte da roda de crack; (...) sendo que fazem quatro dias que não rouba, fazendo também quatro dias que não consome crack; Que face não ter consumido crack, tem tido sintomas de crise de abstinência, tendo vontade de furtar (no seu linguajar: “roubar”) para poder adquirir crack; que, esclarece que não pratica roubo a mão armada, somente furtos mediante arrombamento. **(Declaração registrada em 18/07/06, p. 3)**

É necessário destacar que as relações estabelecidas através destes tipos de atos infracionais refletem o processo de constituição de um sistema relacional que alia o uso

de substâncias ilícitas e uma variedade de práticas voltadas a sua obtenção. Estas podem ser caracterizadas como furto simples, na subtração de objetos sem a necessidade de arrombamentos, rompimentos de obstáculos, nem requer bom planejamento. Ou com a adoção de outras estratégias de “adianto”, tal como a realização de furto qualificado ou roubos com o uso de violência e ameaça, armas brancas e de fogo e, até, do cárcere privado.

(...) o delito foi cometido mediante violência e grave ameaça, onde os dois infratores, sendo menores, identificado posteriormente como Z. e B., adentraram na residência da vítima (criança) que foi ameaçada com um alicate, amarrada e amordaçada com fita adesiva, ficando a vítima impossibilitado de respirar, haja vista, o mesmo ter problemas respiratórios. Com essa atitude, visaram garantir impunidade no delito (evitando que a vítima gritasse chamando a atenção dos vizinhos). Também, a vítima foi mantida em cárcere privado sendo trancado no banheiro da residência, tendo sido ele juntamente com seu animal de estimação (cachorro) ameaçados de morte.” (...) “Dessa forma, considerando a violência com que foi praticado o ato infracional, demonstrado está o elevado grau de periculosidade dos adolescentes Z. e B. (...) motivo pelo qual esta Autoridade Policial REPRESENTA perante este r. Juízo de Direito, manifestando-se o i. representante do Ministério Público Estadual, pela Decretação Judicial de Internamento dos referidos menores junto à estabelecimento correccional, haja vista, conforme já foi demonstrado, que eles apresentaram ser pessoas de conduta violenta, tornando-se assim, grave ameaça à vida em sociedade. Conforme foi apurado, o menor Z. juntamente com B., de alcunha Bidu, pré intencionados ao roubo, chegaram na casa e ao pedirem comida para a criança J., este lhes atendeu prontamente e sendo pessoa sem malícia acabou contando que estava sozinho em casa, momento em que os infratores invadiram a casa de forma violenta, rendendo a vítima e colocando-o em cárcere privado enquanto praticavam o roubo.¹⁶⁹

Os adolescentes entrevistados que tiveram participação nos quatro atos infracionais citados anteriormente, e presentes nos registros policiais, listam outros atos cometidos por eles e que formam a categoria referente as relações bandido e vítima.

O nosso santo é forte né, a gente não morre é porque Deus não quer né! (...) Eu já caí por causa de sete '157', três tentativa, e um homicídio, só que eu não assumi o homicídio daí. 157 é assalto, tá ligado? Tá ligado essas padaria aqui, tudo essas loja aí, já roubei tudo, tá ligado? Tudo foi de 157! E de 155 também, roubo de casa e carro! Nossa! Assalto a mão armada, nós com a doze naquela vez! (risos). **Zeca.**

Eu fiz altos 157, Já rolou de nós fazer de mão armada já, antes era só de pegar e roubar os troço, aí rolava dos gambé vim e pegar os bagulho! Depois foi ficando mais violento, tava assaltando com pau, pedra, faca, arma, algumas vez! **Neco.**

A sensação não é de tá com a arma, a sensação que pira, é dá um tiro! Depois que você dá um tiro, dá vontade de você dar outro, outro! Um vintedoisinho ali já, nossa, é massa dá uns pipoco! Aquela árvore alí é cheia de tiro! Com o cano assim, você já pensa assim, vou entrar e enquadrar tudo mundo! Se tiver que pipocá você pipoca! Ir entrando assim, enquadrando e fazer tudo mundo assim,

¹⁶⁹Consta em Representação de busca e apreensão de adolescente infrator expedido pelo delegado de polícia à Juíza da Vara da Infância e Juventude de Ponta Grossa. Pág. 8, registrado em 27/07/05.

deitar no chão! Fazer a mulher só ir ponhando o dinheiro do caixa! 'Na sacola! Vamo! Ligeiro filha da puta!' E todo mundo deitado no chão e você alí, de pézão ali! Imagine! A arma faz uma diferença né! Às vez quando nós entrava em dois enquanto um tava catando as coisa o outro bota o respeito na casa! Onde tiver nós apavoramo, ali com o cano na mão assim, quem que não te respeita? (...) **Zeca**.

O discurso dos adolescentes evidencia que na relação entre eles e as vítimas de roubo, eles impõem o poder da ameaça e de causar dano, para que sejam repetidas a autoridade e o objetivo da infração. Entre os entrevistados este tipo de prática é descrita frequentemente como 157 e geralmente aparece como estratégia voltada ao consumo ou ao tráfico de drogas.

As relações estabelecidas pelos adolescentes em conflito com a lei, que aliam furto ou roubo com o consumo de drogas, principalmente o *crack*, são variadas, espacialmente situadas e envolvem a adoção de estratégias. Tal como acessar outras vilas, como dispositivo de fuga de outros agentes que já o conhecem e repudiam este tipo de ato, como seus familiares e vizinhos, assim como na tentativa de parceria para efetivação do furto e divisão do “ganho” obtido através dele. Desta forma, o sistema relacional constituído a partir de práticas de furto/porte/uso de substâncias ilícitas pode ser identificado pelo envolvimento de diversos agentes, como por exemplo: as vítimas do furto; receptadores dos objetos furtados; atravessadores ou traficantes e; os parceiros de “roda” de *crack*. Numa rede de interdependência os adolescentes cumprem o papel de criminosos e consumidores.

Destarte, além da reunião em torno do uso de substâncias ilícitas para a reprodução da “vida louca” em locais de referência, outros componentes das relações sociais entre os adolescentes em conflito com a lei podem ser identificados a partir da finalidade de reagir a dependência química na persistência do uso e através de furtos e roubos que a contemplem.

A maior parte dos atos de furtos e roubos ocorrem em vilas vizinhas e até mesmo em periferias distantes do espaço de moradia dos adolescentes envolvidos. O contato e a interação estabelecida a partir destas práticas pode ser, portanto, reflexo de uma posição considerada a partir da categoria *outsider*, da visibilidade de um estranho que se encontra em terreno de outra vila para aplicar a estratégia do furto sorrateiro ou do roubo violento. Os adolescentes que realizam furtos ou roubos, frequentemente ocorridos em outras vilas, estão articulados a uma rede de interdependência que também envolve os atos de receptar, traficar e consumir. Este último, nem sempre é realizado isoladamente, mas na companhia de outros usuários, que em muitas ocasiões, contribuem para a aplicação de

dada estratégia para o furto ou roubo, ou que compartilhara o consumo coletivamente em situações anteriores e digno de compensação em dado grupo.

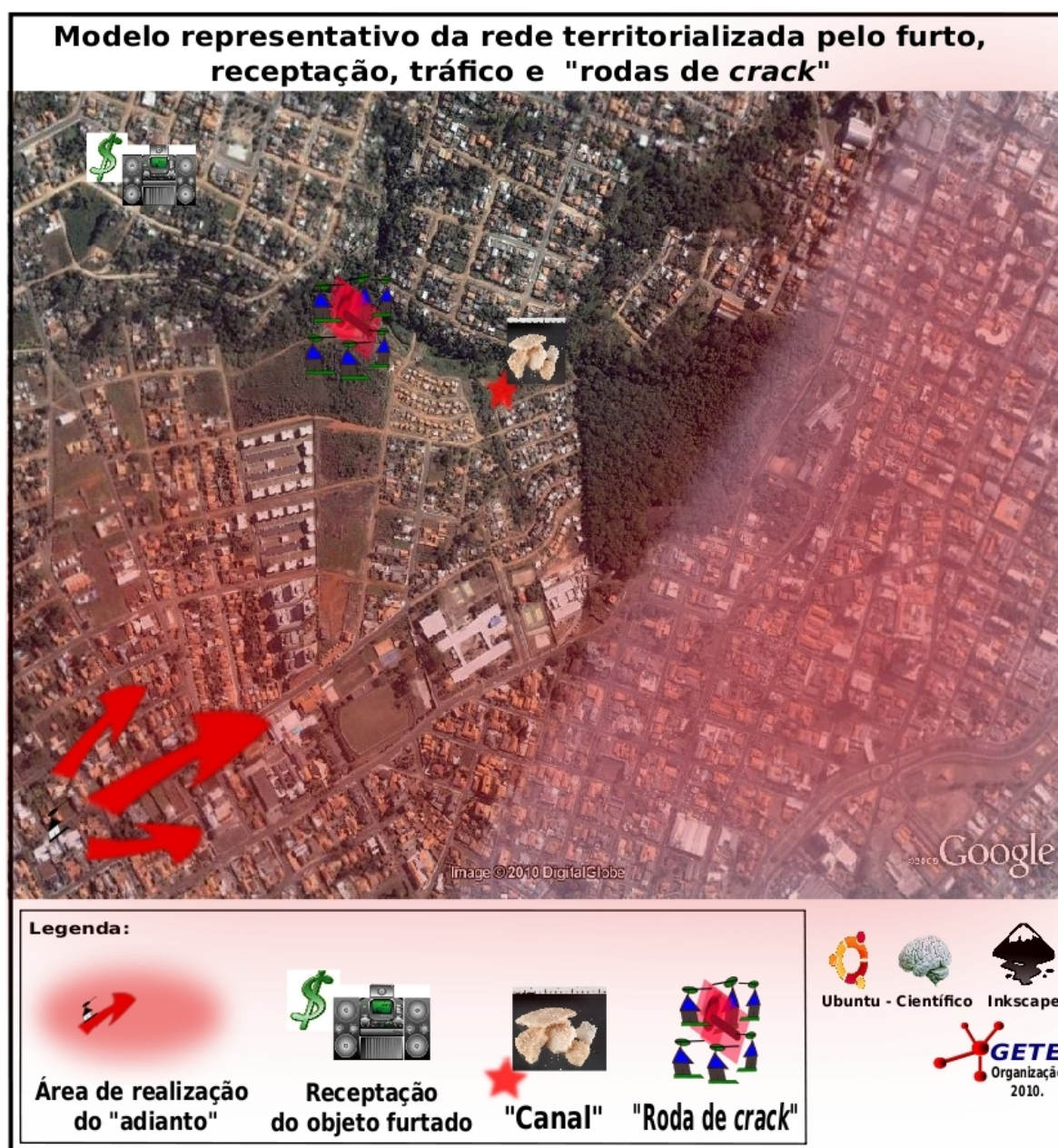


Figura 11 - Rede articulada de agentes de furto, receptação, traficantes e "rodas de crack".

No campo de relações de interdependência, os adolescentes não se constituem, afinal, como *outsiders*. Sua posição no desenvolvimento cotidiano destas práticas ilegais em interação, alimenta um sistema relacional de interdependência entre os agentes do furto, da receptação, do tráfico e do consumo. Estão eles inseridos como criminosos e consumidores no rodar de uma complexa engrenagem do circuito informal da economia, haja visto que para a manutenção do comércio ilícito de drogas, é necessário o consumo, o que para alguns adolescentes envolve também outros dispositivos ilícitos. Esta

complexa engrenagem, destarte, também dá visibilidade a múltiplas relações envolvidas com os atos infracionais e a interdependência entre práticas de furtos ou roubo, uso/porte de substâncias ilícitas, tráfico de drogas e mercado informal e ilegal de trocas.

A realização de atos infracionais em vilas vizinhas, apesar de constituir-se como dispositivo de fuga da vigilância estabelecida pelos vizinhos em seu espaço de moradia, provoca tensões com outros grupos de adolescentes. Os furtos e roubos em vilas vizinhas também compõem a dimensão do conflito no conjunto de enunciações sobre as “relações de negociação/conflito em outras vilas”. Na segunda seção do capítulo anterior, foi evidenciada uma espécie de ética estabelecida entre os grupos, que restringe a realização de furtos e roubos em determinadas áreas. Porém, não são todos os adolescentes que a legitimam. Pelo contrário, contestam a posição de poder de um grupo em relação ao espaço por ele apropriado.

(...) Os cara pegam né! Ainda mais porque, tem 'nóia' que vai pra roubar né! Claro que a galera de lá 'flagra' que são os 'maluco' daqui. Aí eles te pegam! Igual aqui! Se vem um cara roubar aí na quebrada, claro que nós não vamo deixar quieto! O negócio é saber onde roubar! Também, que que vai 'passar' numa quebrada, tem que ir nas vila de burgue! Porque fodê ainda mais quem já tá fudido? **Zeca.**

Neste sentido, os conflitos entre adolescentes de diferentes vilas emergem a partir da ação de grupos estranhos ao espaço de vizinhança e aos valores compartilhados pelo grupo que dele se apropria cotidianamente. As normas, como dispositivos utilizados em dados campos de poder e, instituídas na apropriação espacial, constituem-se como elementos das relações sociais estabelecidas entre os adolescentes em conflito com a lei no espaço urbano. Estas relações são sustentadas nas esporádicas realizações de furtos e roubos em outras “quebradas”. Não é muito comum observar, por exemplo, adolescentes da Vila Nova em atuações de furto na vila Coronel Cláudio ou vice-versa. Contudo, no capítulo anterior um relato sobre o conflito envolvendo grupos de adolescentes da Coronel Cláudio e Vilela, por conta de um furto realizado em grupo, demonstram que este tipo de conflito pode ocorrer. Assim, a fronteira entre a norma e sua contestação é muito tênue. Sendo que as tensões ocorrem dependendo das estratégias de deslocamento e de atos de coragem ou defesa empreendidos, assim como, do conhecimento sobre a possibilidade de conflito, o uso de armas de fogo, etc. Este componente da vida diária de interação social e espacial dos adolescentes em conflito com a lei, é instituído pelo conflito entre práticas de distintos grupos, portanto, implica considerá-lo diante da pluralidade de técnicas de saber e de correlações de força.

A categoria das relações sociais de adesão e conflito no centro da cidade

representa 44,2% das enunciações analisadas nesta seção. Sendo que estas enunciações se apresentam na inter-relação entre estratégias de adesão e as experiências de conflito entre grupos no centro da cidade.

Entre as principais tensões do campo de relações dos adolescentes em conflito com a lei de diferentes vilas, se destacam os conflitos estabelecidos em “Fervos” e no “Som”, ambos localizados geralmente no centro da cidade.



Figura 12 - Modelo de identificação dos “Fervos” e do “Som”.

Como já fora explicado, “fervo” é associado a aglomeração em alguma confraternização ou festa e, o “Som”, relacionado ao ambiente das casas noturnas e danceterias onde “rola um som” privado à pagantes. No capítulo anterior, foi demonstrado

que o “Som” e os “Fervos” são espacialmente situados e podem ser identificados como locais de referência identitária que reúnem adolescentes de vilas distintas, e por isso, além de pontos de encontro, podem constituir-se como espaços de conflito. No contexto da presente discussão neste capítulo, pode ser afirmado que estes locais compõem as relações que os adolescentes estabelecem no centro urbano.

Os conflitos no centro da cidade ocorrem frequentemente devido à associação empreendida por jovens em torno da defesa de um grupo, ou de um membro deste em dado espaço apropriado ao “fervo” e ao “som”. Contudo, este tipo de associação varia em número de integrantes e graus de coesão de acordo com o contexto situacional. Abaixo segue um exemplo de como um conflito entre grupos pode se deflagrar:

Daquela vez que eu ficava mais no centro, pra curtir mesmo, rolava direto, de uma galera com a outra 'se pegar'. E nem era uma coisa, assim, de todo mundo e que todo mundo queria brigar. Ia no embalo com a galera. Tinha vezes que o negócio já começava com um cara, que não gostava do outro, por causa da mina de um, ou porque 'encarou', 'olhou torto', tipo (...) Dai, nessa dos cara se cruzar e não ir com a 'lata'¹⁷⁰ do outro que, do nada, tudo mundo tava pra pegar os cara da Coronel, Encopa, Cipa, da Guaíra. 'Zona Sul quer acabar com a Zona Leste!' Tudo mundo 'comprava a bronca', tá ligado? (...) O troço, tipo, foi virando um negócio de encarar os cara toda vez que se cruzar. **Galego.**

O contato dos adolescentes em locais de referência no centro da cidade, como também, a associação em torno de grupos adeptos de um conflito situacional, constituem-se como componentes de suas relações sociais. Tais relações envolvem laços de adesão constituídos da iniciativa de defesa de um membro de dado grupo, ou da honra estabelecida neste. A defesa da honra pode articular laços de adesão entre adolescentes de diferentes vilas que mantêm relações de proximidade. Estas possibilitam o surgimento de grupos que se auto-denominam como “comandos” ou “falanges” da Zona Sul, Zona Leste, Zona Oeste e Zona Norte.

As práticas desenvolvidas pelos adolescentes entrevistados os colocam frequentemente em oposição ao controle policial. 4% das enunciações que remetem as relações sociais dos adolescentes entrevistados correspondem a negociação e conflito com policiais. As enunciações que revelam o conflito na relação com a polícia, aparecem em 79% no conjunto desta categoria:

Eu até que não tava dando muitos balão por ali, mas foi até esses dias, quando a gente vai e junta uma galera, esses dias até nós levemo geral dos guardinha ali. Daí nós levamo geral ali e os cara tipo, me condenou, me ameaçou, pá. Se eu puder ir lá dar parte dele eu vou, porque ele me ameaçou! Ele falou bem assim: “na hora que eu te trombar aí, na noite eu vou te arrebentar”, ele falou bem assim

170'Não ir com a lata' de alguém significa 'não ir com a cara' ou ter antipatia por alguém.

mano! (...) Falou bem assim e apontou pra mim: “esse cara marrentinho aqui, nós vamo arrebentar vocês!” “Ele é muito marrentinho!” Falou bem assim, não tava nem aí se eu tava fazendo alguma coisa errada, me marcou como sempre acontece com os maluco da periferia, ainda mais se for da quebrada da Coronel. Os cara são daquelas camionete da polícia e eu também falei pro cara né, depois que ele me tirou: “então você pegue e tire essa farda e vamo conversar aí, tire essa farda e venha que eu quero ver se você é tudo isso, sem farda e sem o teu cano aí, daí venha aqui que é só nós dois!” Eu falei cara! Falei mesmo cara, parou a camionete os cara vieram pensando que a gente é uma comédia pra eles, eu falei mesmo! “Tire essa farda e jogue o cano e vamo conversar nós dois aqui, já que você é o cara!” daí ele ficou pianinho. Só falou assim: “Vire pra lá, vire pra lá!” E aí deram geral na gente né. Se tipo, o cara tivesse na razão, jamais que eu tinha falado uma coisa dessas, o cara tinha que vim dar geral na gente se a gente tivesse destruindo alguma coisa ali, fazendo alguma coisa de errado né mano, mas a gente tava ali de boa, só curtindo né. (...) ele tinha que chegar na humildade né, ele só podia vir pra apavorar nós, se a gente tivesse ali arrancando alguma coisa, roubando alguém, não porque a gente tava ali curtindo, tomando um gole e caminhando cara. Os cara vieram e enquadraram nós por causa disso. Aí eu tive que falar né: “tire essa farda e pule aqui em mim cara!” O problema é os home que vem sempre querendo enquadrar e tipo, já sabe que a gente é de onde é, que tem passagem, que passei uma galera ali no centro nas porta dos banco, mas eles não querem nem saber o que tá fazendo naquela hora, tá ali, eles aparecem e enquadram. **Nome fictício poupado de visibilidade.**

Com os hóme, nós sofremo aqui, é direto que eles enquadram nós, dão uns chute na gente, sempre temo treta com os hóme. Só os guarda municipal que não é por aí. Teve vez que os piá aqui arrebentaram os carinha. Antes deles andar com o cano também. Eles chegaram querendo enquadrar e botar respeito, os maluco daqui coxaram os cara na pancada. **Nome fictício poupado de visibilidade.**

Alguns adolescentes destacam sua posição diante dos policiais. De acordo com os seus relatos, constituem-se não somente em alvos de repressão pelo uso de drogas e atos infracionais cometidos, mas pelas informações que adquirem em sua rotina, algumas vezes, tornam-se até vítimas de tortura.

(...) Os gambé tipo o C., os cara vem aqui e judia da gente também, os cara judia da gente aqui. Uma vez ele veio aqui no mato aqui, pra judiar da gente, pra gente contar as boca pra ele, pra que a gente contasse as boca de pedra pra ele. Tipo amarravam assim (mostra os pulsos), faziam assim com a corda e deixavam a gente sem ar, de cabeça pra baixo. Aí só dando pancada, e eles não dão na cara pra deixar marcado! Só dão no corpo só! (...). **Nome fictício poupado de visibilidade.**

Outro aspecto dos conflitos entre os entrevistados e os policiais, envolve disparos com arma de fogo como formas de contenção dos adolescentes em conflito com a lei:

Nossa, nessa favela já me erraram mais de mil tiro já! (...) uma vez eu desci correndo ali, a gambézinha deu seis tiro de atrás de mim e daí já virou um gambé aqui ó, nessa rua. Daí no que ele desceu tinha um murinho assim, eu pulei um murinho, na hora que o gambé foi pular assim e ele bateu com as perna assim, e acho que quebrou ou destroncou (...) Daí já começou a gritar e POL, POL (...) E a gambézinha também: POL, POL, POL, só pipocando na minha direção assim (...) **Nome fictício poupado de visibilidade.**

Alguns dos disparos acionados por policiais encontram o alvo, tal como foi contado por um dos entrevistados:

Eu derrubei um gambé nessa esquina aqui já! (risos) Saí no gás e levei um sapeco lá em baixo daí: POL!!! Pegou nessa parte aqui ó, passou de raspão aqui ó (mostra a sobrancelha falhada e a cicatriz do tiro). Passou raspando assim. Eu 'caí' no meio deles, eles me enquadraram ali, falaram: "Fique de joelho cara! Não saia daí" Daí eles me bateram, deram altos chutão aqui nessa parte ó (mostra a lateral do abdômen). E eu de menor né, eu fiquei injuriado né cara! Falei: 'qual que é! Tá batendo ne quem?' Daí o cara chegou e me deu mais chutão assim!! Eu assaltei um tênis, tá ligado? Aí eles tavam atrás de mim, depois que eu, tipo, xinguei os cara deles tá me batendo, eu joguei as coisa assim em cima deles, soltei uma jaqueta no pé dele assim e puxei com as duas mão, bem rápido, aí o cara caiu assim e eu saí correndo pulando tudo por cima. Nessa ele só se abaixou assim e foi mirando ne mim! Daí, eu invés de correr em curva né, pra ele não acertar ne mim, eu corri reto, aí o gambé miro e daí na hora que eu vi que ele ia atirar memo eu virei e, nessa que eu dobrei a bala pegou: POL! Eu caí lá naquela moita, lá em baixo ali, tá vendo? Caí naquela moita, levantei e saí no pinote! Caí de novo ali dentro do esgoto, fiquei pendurado ali naquela manilha alí. Saí correndo de novo, caí no meio da possa de esgoto. Quando eu cheguei lá em baixo daí, começou a me dar aquela tontura assim e daí eu caí, fui me arrastando pelo chão assim, daí desmaiei dentro do esgotão. Daí uma vizinha pegou e me levou lá na casa dela, daí pôs um curativo assim, o próprio curativo que ela pôs daí fico em mim até sarar! Sorte que não pegou direto, atiraram pra me matar! E olhe que eu tentei correr no zigue-zague pra não me acertarem, não botei fé que de longe assim, ia pegar na cabeça. **Nome fictício poupado de visibilidade.**

Apesar do contato constante entre policiais e adolescentes em conflito com a lei ocorrer de forma conflituosa, a relação entre ambos é controversa. A negociação entre as partes aparece em 21% das enunciações vinculadas as relações entre os adolescentes e os policiais:

Já teve altas de nós passar as casa de burgue aí e levar altos cano, umas arma de caça com laser, daí os hóme vinham na nossa cola. Eles já me levaram altas peça, tá ligado? E você pensa que os cara entregaram? Duvido, devem ter vendido. Teve o maluquinho daqui, que se enrolou pra entregar uma metranca roubada pros hóme, ficou se fazendo, aí, até que os hóme deram umas pedra pra ele. Ih, cara, tem uns aí, que a gente tá ligado, os cara vem aqui pra pegar pedra, tem uns gambé que fumam o bagulho. Tem vez que derrubam a gente, mas nem levam e ficam com o bagulho, devem usar ou passar pra frente. Um dos gambé vem direto aqui, deve ser camarada do patrão cara! Altas falcatrua dos hóme aí pra baixo, pensa que não? **Nome fictício poupado de visibilidade.**

Esta seção buscou evidenciar que o que compõe o complexo campo de relações entre os adolescentes em conflito com a lei está vinculado as práticas do grupo focal e aos espaços em que ocorrem. Portanto, é necessário estabelecer padrões espaciais flexíveis que busquem compreender as práticas dos sujeitos desta pesquisa como espacialmente situadas em torno de relações de poder. Cada padrão, relacionado a uma espacialidade, é reflexo de sistemas relacionais em que os agentes ocupam posições diferenciadas e que podem reconstruí-la continuamente através de suas práticas e

performances. Neste sentido, as espacialidades dos adolescentes em conflito com a lei, compõem um complexo campo de relações de poder situadas. A prática é, portanto, dependente da posição de seu agente no espaço vivido! Sendo assim, as práticas situadas em conjunto sobre dado espaço e campo de poder confluem no sentido da apropriação espacial. Assim como esta apropriação serve de combustível para a reprodução e contínuo devir de experiências de territorialidade.

Neste sentido, a interação dos adolescentes em conflito com a lei, observada a partir de suas práticas, demonstra que a associação em torno do consumo, do furto ou do conflito e os respectivos mecanismos de negociação e dispositivos de poder envolvidos são elementos que, mediados pelo espaço em seu complexo movimento, compõem as relações sociais dos adolescentes deste estudo.

A interpretação da existência espacial cotidiana dos adolescentes em conflito com a lei implica reconhecer que as espacialidades experienciadas por eles indicam diferentes posições e tipos de poder/saber situados. A questão de partida, portanto, relaciona-se ao conceito de território devido à apropriação espacial situada no contexto do ato infracional e das múltiplas relações de poder que os adolescentes estabelecem no cotidiano.

2- A INSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS URBANOS E AS ESTRATÉGIAS ESCALARES

Se as relações sociais entre os adolescentes desta pesquisa emergem das experiências comuns de exclusão, marginalização, ilegalidade e conflito entre grupos, nos territórios, as técnicas de saber, as estratégias de controle, assim como, os múltiplos códigos de comportamento e performances, emergem da multiplicidade de correlações de força ligadas a estas experiências.

Enquanto porção do espaço apropriado, o território encontra lugar na reflexão do presente objeto de estudo, pois os adolescentes em conflito com a lei, imersos na arena de lutas do espaço urbano, marcam alguns espaços como seus. Agem de modo a preservar a soberania de determinado grupo em dados espaços, sobre o comércio ilícito de drogas e outros atos infracionais. Buscam preservar a semiografia de um “comando”, “zona” ou “falange”, assim como os valores e regras estabelecidas em espaços de convívio cotidiano ou eventual. Apropriam-se de espaços públicos na afirmação de práticas transgressoras e que são, geralmente, elementos da estigmatização de seu grupo pelo conjunto de vizinhos e/ou aqueles aos quais consideram a “burguesada”. Suas estratégias de controle, sobre algumas parcelas das periferias pobres do espaço urbano

em Ponta Grossa, são situadas e envolvem um conjunto considerável de adolescentes do sexo masculino de diferentes vilas da cidade e que realizam múltiplos deslocamentos espaciais cotidianos a partir do exercício da “correria”, entre outros “adiantos”. Tais estratégias podem estar vinculadas a conveniência da adesão em torno de uma zona específica da cidade. Esta zona, aparece como outra escala do espaço vivido, podendo se estabelecer como significante e significado. Assim, o território não é limitado a uma vila de moradia e pode constituir-se na reunião, agenciamento e interação grupal entre vilas. Nesta interação, a principal referência espacial encontrada em investigação é significada através de relações de poder, tendo como núcleo, o agrupamento em torno das zonas Sul, Norte, Leste e Oeste da cidade. Os pontos cardeais de adesão e coesão, contudo, não são apenas vinculadas ao tempo de moradia, não são zonais ou locais, apesar destas dimensões aparecerem envolvidas. Constituem-se como estratégias de controle e defesa da honra do grupo ou mediadas pelo desejo de apropriação espacial compartilhado. Cada zona representa uma “galera” diversa, que mantém relação de proximidade e negociação e que pode organizar-se como uma “gangue” reunida em torno de uma estratégia de conflito.

Se as vivências cotidianas do grupo estudado podem ser observadas como multidimensionais e plurilocalizadas. O espaço urbano, que para Corrêa (1993) é ao mesmo tempo fragmentado e articulado, evidencia que as estratégias, que dão sentido ou instituem estes territórios, são plurais e escalares.

Para justificar estes argumentos, esta seção estabelece à seguinte pergunta: De que forma os territórios urbanos compõem a existência espacial do grupo focal desta investigação?

A dimensão da vida diária está conectada aos dispositivos constituídos pelos grupos para exercer poder e centralidade em dadas espacialidades. Enquanto “cena” das estratégias dos adolescentes em conflito com a lei, o espaço urbano constitui a possibilidade de exercerem territorialidade, assim como desta tornar-se um símbolo de poder espacialmente situado.

Por se tratar de um cotidiano situado nas vivências de uma periferia pobre e crivada de carências e marcada pelo contato com pessoas envolvidas na criminalidade violenta, os adolescentes em conflito com a lei encontram-se em situação de vulnerabilidade, tal como defendido por Chimin (2009).

Em muitas situações da pesquisa de campo os adolescentes falaram a palavra humildade. Descobri que ela é mais comum de ser tratada neste tipo de situação de

pobreza e de intensa vulnerabilidade à ação infracional. Comecei a usá-la e verifiquei que, enquanto muitas ficções distópicas sobre o espaço urbano e o problema da violência apontam para uma configuração em que os espaços públicos são pouco ocupados, devido ao sentimento de medo e insegurança compartilhado pelas pessoas, dezenas de adolescentes reunidos eram vistos na rua: prostrados sob a árvore em frente a um terreno baldio; sentados sobre o tronco de outra, já derrubada em frente a um barraco; a atirar com “pistola de pente” em outra e; por aí vai.

Uma árvore também foi observada como ponto de encontro de viciados em *crack* e marcava um dado tipo de território complexo, onde *Zumbizinho* levava dois tiros. Ele mais consumia do que vendia “buchinhas de pedra” naquele local. Até que se instalou, há duas quadras daquela árvore, um “canal” gerenciado por Bagre, um traficante que estava em liberdade condicional. Logo, *Zumbizinho*, perdeu sua posição de “patrão” daquela “banca”. Um tiro pegou na testa, o outro, atravessou o peito. A experiência de *Zumbizinho*, na rotina de usuário e traficante na sombra do *eucalipto*, demonstra um processo em que as relações de poder, espacialmente situadas na articulação entre a sombra de uma árvore e uma casa, envolvem vida, vício e morte, sentimentos de medo e insegurança, mas também estratégias de resistência, controle e apropriação de espaços públicos.

Em se tratando da vida cotidiana dos adolescentes em conflito com a lei que, em situação de vulnerabilidade, articulam-se entre diferentes espacialidades e na opção humilde em destacar o universo empírico da análise como fundamental na construção dos argumentos científicos, este trabalho toma cuidado em não procurar respostas somente na produção conceitual em destaque, como se fosse subir os galhos de uma árvore em crescimento, ou como se buscasse evoluir apenas através de uma espécie de fotossíntese: olhando ao sol que está acima, ou até mesmo, se prostrando sob sua sombra. Esta investigação segue a perspectiva de que as questões estabelecidas podem apontar para a complexidade.

A questão proposta a pouco nesta seção remete a escala das experiências e do mundo vivido cotidianamente. Assim, não pode ser delimitada em aparar as arestas conceituais de modo a encaixotar a realidade investigada. Pelo contrário, busca-se nesta análise não limitar a possibilidade de novos questionamentos imanentes a toda interpretação do real. Encarando que a partir do tema relacionado com a violência e a infração, optou-se pela outra face da moeda, marcada por alguns dos agentes que as promovem, os adolescentes homens em conflito com a lei.

Os territórios destes adolescentes, neste sentido, podem variar desde o significado

comum atribuído por um grupo à localização de uma árvore, como espaço público apropriado pelo tráfico e uso compartilhado de drogas. Até o significado atribuído a união situacional entre adolescentes de grupos distintos no contexto de uma briga, no espaço público apropriado pelo conflito no centro da cidade. Enquanto agenciamentos, o tráfico e o uso de drogas na vida diária, assim como a organização de grupos para uma disputa vil e agressiva, compõem uma multiplicidade de correlações de força que são espacialmente situadas.

Deleuze e Guatarri (1995) indicam que todo agenciamento implica território. Um agenciamento, segundo eles, deve relevar algumas dimensões importantes: o estado das coisas, as enunciações, território e movimentos de desterritorialização.

A desterritorialização, vista como modo de sair de um território, tem o sentido de afirmação de que os espaços apropriados material e simbolicamente apresentam “linhas de fuga”, aberturas e possibilidades de surgimento de algo novo. O território pode ser interpretado, então, não apenas a partir da dimensão zonal ou da configuração de diferentes posições em jogo, como somente funcional, mas do que é plural e mutável. Conluio entre agenciamento e movimentos de desterritorialização.

Os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei, grupo focal desta dissertação, se apresentam como pessoas ativas no processo de instituição de territórios. Não obstante, através de suas práticas territoriais reconstroem permanentemente suas masculinidades através das correlações de força vinculadas a sua convivência em grupo.

Rose (1993) se posiciona contrária as concepções de território que o concebem como delimitação espacial de legítimo controle e poder obtidos apenas através da violência, da proteção e, conseqüentemente, da exclusão dos “outros” da relação. É neste sentido que a perspectiva desta geógrafa sobre o espaço paradoxal se choca com a oposição bipolar orientada sob a ideia de separação entre *insider/outsider* na compreensão sobre o território.

O outro aspecto relevante é que o território logra de diferenciações internas e, nele haverá sempre a presença dos outros em relação aos grupos que mantém centralidade na configuração das relações de poder, conforme apresenta Rose (1993). Estes outros, apesar de oprimidos podem elaborar táticas que desconstroem, desestabilizam ou subvertem a ordem instituída.

Neste sentido, as noções de centro e margem são fundamentais à inteligibilidade sobre a posicionalidade diferencial dos sujeitos em relação aos territórios. Isto é, fruem das relações, novas possibilidades de rearticulação, estratégias de resistência e

reposicionamentos no território. Tal como defendido por Rose (1993), estas possibilidades são apreendidas a partir do jogo tenso entre centro e margem que evidencia características de multidimensionalidade e pluri-localidade que oscilam entre diversas configurações sociais e territoriais.

Deste modo a instituição de territórios implica na consideração de que ocorrem rearticulações e reposicionamentos entre sujeitos num terreno de intensas disputas e de relação entre a exaltação e ocultação de determinadas facetas identitárias. Na medida em que as experiências com a interseccionalidade se instituem de modo complexo, ocorre a constante reconfiguração dos territórios que, simultaneamente são instituídos na diversidade de práticas experienciadas pelas pessoas. É neste sentido que podemos considerar os territórios como complexos.

A noção de “espaço paradoxal” elaborada por Rose (1993), assim como a de território complexo, vêm sendo problematizada a partir de pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos Territoriais com o intuito de contrapor a teoria estabelecida ao contexto dos estudos sobre grupos marginalizados, invisíveis ou silenciados através do discurso hegemônico na geografia brasileira, tais como as mulheres, homossexuais, as travestis, adolescentes femininas que sofrem exploração sexual e adolescentes da periferia em conflito com a lei.

Ao evidenciar uma perspectiva androcêntrica de se pensar o conceito de território, Silva (2009) crítica a visão simplista que o define a partir de relações de poder nas quais se irrompe uma fronteira de proteção do sujeito que domina o território em relação ao sujeito conquistado. Segundo a perspectiva de Rose, também defendida por Silva no contexto da geografia brasileira, no território o sujeito oprimido ou dominado não é passivo, ocorrem tencionamentos a partir de ações que resistem diante do poder exercido. O feixe de relações pelo qual o poder é exercido, como afirma Foucault (1988), configura uma relação complementar e contraditória estabelecida entre pessoas que estão na margem ou que ocupam a centralidade em dada configuração de relações de poder entre os grupos.

Ornat (2009), em seu estudo sobre a instituição simultânea do ser travesti e de territórios da prostituição, explora esta dimensão relacionada ao reposicionamento das travestis entre centro e margem da configuração das relações de poder estabelecidas entre elas e os clientes em diferentes contextos espaciais. Este autor problematiza a noção de espaço paradoxal ao buscar desconstruir a noção de território como instituído a partir de um poder unidirecional. Para isso, adota uma perspectiva de poder pluridirecional

a partir de práticas cotidianas extremamente complexas que envolvem a existência do ser travesti.

Embora a problematização sobre o conceito de território a partir da perspectiva das geografias feministas se configurar como algo recente e pouco numeroso, considerando a produção da geografia brasileira relacionada ao conceito, é evidente o conteúdo crítico que envolve a adoção de metodologias alternativas de aproximação com os grupos que estudamos. A difusão e problematização da noção de espaço paradoxal de Rose é exemplo disso. Desconsiderar esta produção é fechar os olhos para a trajetória intelectual que partilhamos e contribuiria à ocultação das formas possíveis de contrapor a produção das geografias feministas de países centrais ao contexto reflexivo de nossas ações investigativas a partir da realidade brasileira.

Deve ser observado que estas considerações em relação à utilização do conceito de território como instrumento explicativo implicam entender que a tensão provocada, a partir da relação entre o sujeito pesquisador e o grupo pesquisado, interfere no modo como se estabelece o discurso deste segundo em relação às práticas territoriais. Outrossim, as noções de território elaboradas intelectualmente no campo de saber acadêmico podem ser reconstruídas neste processo. Já que a posição de pesquisador na relação estabelecida na convivência com o grupo, no trabalho de campo em si, podem tencionar ou modificar o modo como as performances dos sujeitos se processam através dos territórios.

O trabalho de campo nesta pesquisa foi fundamental à inteligibilidade sobre a existência espacial dos adolescentes investigados e proporcionou o diálogo entre a observação das práticas grupais e o conceito de território. Assim, de acordo com a análise de conteúdo sobre as entrevistas, as experiências de apropriação espacial podem ser melhor compreendidas a partir das seguintes categorias discursivas: territórios da “vida louca”; território de controle da “correria”; território da “roda de crack”; território em disputa entre “zonas”. Estas categorias foram estabelecidas a partir das enunciações associadas as relações sociais estabelecidas pelos entrevistados e que remetem a estratégia de controle sob dada área ou a apropriação espacial.

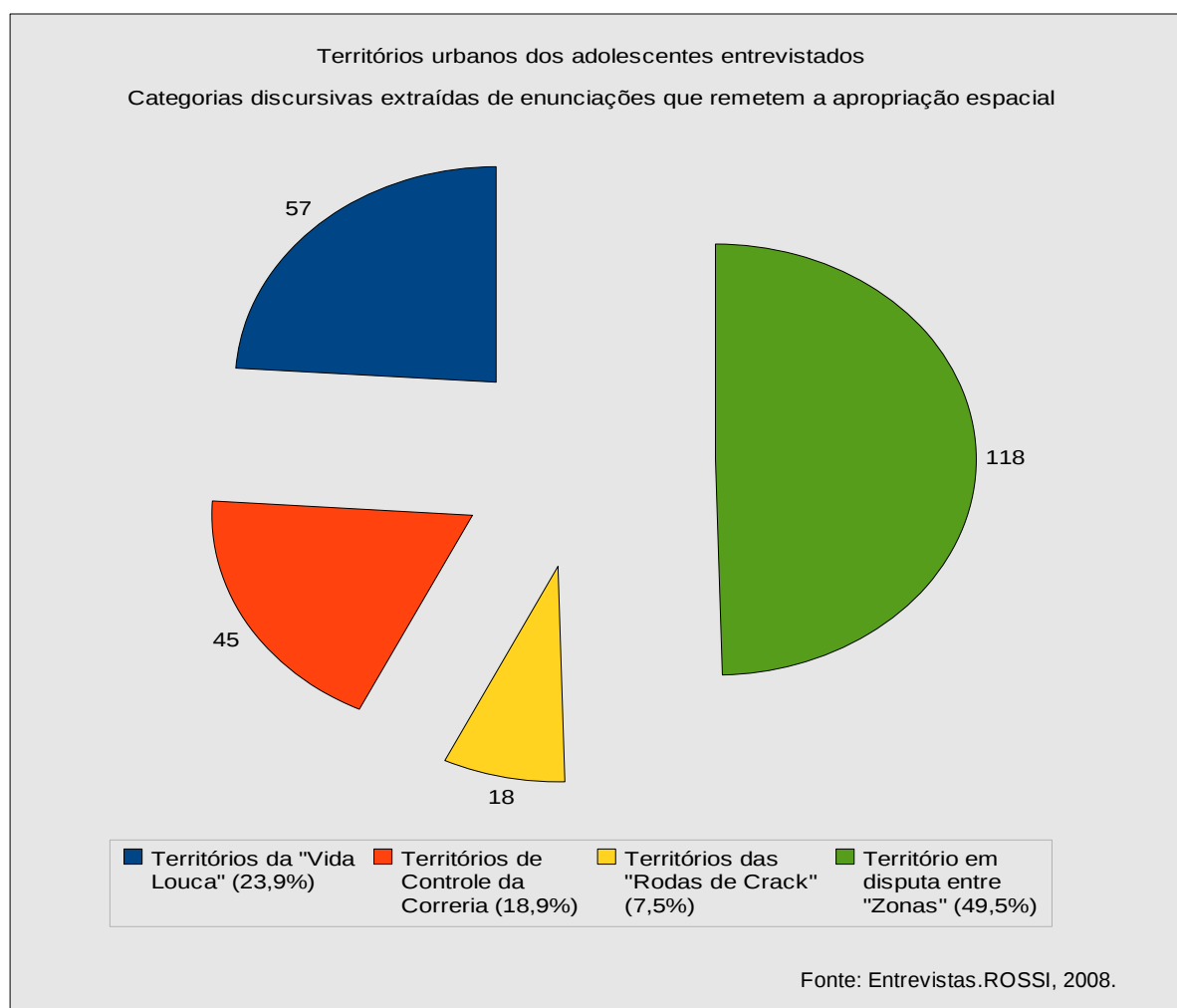


Gráfico 7 – Categorias discursivas de apropriação espacial entre os entrevistados.

2.1 - Territórios da “Vida Louca” e as estratégias da “intéra” e “correria”.

O sentido de uma praça ou de uma rua, como espaço apropriado pelos adolescentes entrevistados, está fundamentado nas práticas cotidianas de subversão do espaço público pela adoção de estratégias relacionadas ao uso compartilhado de drogas em locais hegemonicamente concebidos e percebidos como espaços de lazer e diversão, ou até mesmo, de simples passagem, como é o caso de uma rua ou esquina.

Os diferentes grupos de adolescentes em conflito com a lei no espaço urbano, formam-se a partir das experiências comuns de exclusão nos espaços de moradia e vizinhança, que confluem no sentido da afirmação de práticas valorizadas e fundadas na representação da “vida louca” e do “nunca estar de cara”. Cabe aqui retomar um relato de *Gorpo*, presente no capítulo anterior:

Tipo nós não samo daqueles que andam com os cara que não conhece muito bem, maioria dos cara aqui que andam com nós aqui, é nós aqui, os piá, que é a

gente conhece de anos já (...) nós sabemos qual que é quando os cara fazem alguma, conhecemo já da correria os cara. E é difícil rolar treta entre nós, se bem que às vezes rola umas, umas desavença assim, mas nada a ver, depois a gente sempre se acerta. Nunca tamo ali 'de cara', nunca tamo ali sem usar uma droga, nunca sem tomar um gole, nunca sem fumar um cigarro, nunca sem usar nada. Sempre na vida loca! **Gorpo.**

Há dois elementos de coesão dos grupos de adolescentes em conflito com a lei e que são essenciais na apropriação espacial que promovem nos espaços de vizinhança ou em quaisquer locais de referência. Um destes elementos está relacionado ao tempo de convívio e ao estabelecimento de confiança e laços afetivos. O outro, com o uso compartilhado de substâncias ilícitas no espaço apropriado pelo grupo.

Estes elementos aparecem para o grupo como interdependentes e são centrais na apropriação espacial que os adolescentes investigados realizam sobre uma praça localizada em seu espaço de vizinhança, ou num parque localizado no centro da cidade, numa rua e, assim indefinidamente pelo espaço urbano.

Os elementos de coesão aparecem como critério de união do grupo em torno da subversão do espaço público, concebido hegemonicamente para o exercício de outras práticas de lazer. A presença em coesão de grupos de adolescentes das periferias pobres em alguns espaços públicos pode inibir a presença de outros grupos, e além disso, representar um sentimento de apropriação sobre dado espaço:

Nós encontramos mais os 'emo', quando que nós tamo ali na Estação, mas aqui no Parque eles não vem muito. Já deu treta também. Os maluco nosso aqui não gosta dos colorido também. Não, não é ser contra, mas os cara tem outra pira, são de outra galera, são mais *playboy* né. Quando tem de família que vem aqui, mas nos tamo aqui na humildade, as criança brincam no parquinho e não dá nada. Os mano skatista são bem de boa. Sempre tem gente que eu acho que nem vem pra cá, por que é nós, tuda hora no gole, de noite, queimando altos baseado. Já pensam: 'ó, aqueles malaco ali, vamo pra lá, vai que um deles vem roubar a gente'. Os 'burgue' principalmente, nem de a pé eles tão. Passa ali do lado, na rua com a sonzera ligada, carrão 'tunado' e não dão bola. São de outro contexto. Aqui é nós que comanda a parada, vem as mina ai de vez em quando, fazemo um ferve, só na loucura. Tudo dia é nós aqui. **Dentinho.**

Os grupos em relação com os adolescentes nos espaços públicos, certamente, são de outro contexto que não conflui no mesmo sentido da apropriação espacial do parque e dos mesmos dispositivos de coesão. Por outro lado, quando se trata de um contexto em comum aos adolescentes entrevistados, eles relatam suas confraternizações, suas relações em dias de “ferve” com as “minas” e com seus “manos”, assim como as experiências de conflito:

Tipo aqui na praça, é só nós! Lá na quebrada: é só nós, só os mano daqui, Zona Sul, tá ligado? Não tem pra cara de outras quebrada! Não são louco de vir aqui na

nossa 'banca'¹⁷¹ botar respeito! Nem os playboy! Tem uns carinha que chega pra jogar bola, vem de boa, é sossegado! Mas se vem 'tirando onda', vem se 'alugar' e 'tirar' dos nosso irmão aqui: tá fudido! Se já quer sentir que é dono da cena aqui: tá fudido também! Já teve dos cara vir aí, piazada do Ouro Verde. Antes nós tava na mema 'cena' e, 'correria' com eles pra lá né, pegava altos bagulho! Até que o Zóio apavorou aqui, de bater no Feíinho! Coitado do piã. O Feíinho tinha ido lá, mas os cara 'chutaram a cabeça dele'¹⁷². Ele deu cincão pro Zóio, pra ele descer no 'canal' e pegar 'uma'. Só que sumiu! Quando ele apareceu aqui, o Feíinho foi tirar satisfação: 'Oh cara! você me deve uma pedra!' Só que o cara, tava ele mais dois. Que eu vi, os cara já tavam embolando ele no chão! Daí, eu mais o Gorpo fomo lá pra separar. Só que nós batimo nos três, porque veio mais o Bolinha e o Kibe. Depois dessa que nós temo uma treta com os cara de lá. Esse nunca mais veio aí. Só que nós também num fomo mais lá. Na 'cracolândia' é foda! Um dia os cara tão aqui, cheio de partes e na função com os maluco, tudo Zona Sul, e no outro vem pra tirar o nosso irmão! Teve esses dia, que o maluco ali de baixo foi lá, mas nem rola, já tem na esquina do 'canal' os fissurado que já vem querendo te 'ganhar'! Pegaram as 'pedra', mais o pisante do cara. **Spun.**



Figura 13 – Modelo representativo de apropriação espacial de uma praça.

171A palavra banca, é utilizada pelos adolescentes, tanto pra se referir ao movimento, isto é, ao comércio ilícito de drogas a partir de um 'canal', quanto para se referir a gangue a qual pertence.

172A expressão 'chutar a cabeça' quer dizer, ser enganado na quantidade de substância ilícita ou ser 'passado pra trás'.

A instituição deste tipo de território envolve estratégias de adesão em torno de deslocamento voltado ao consumo. Como um jogo de perdas e ganhos, alguns adolescentes são mais periféricos em relação aos elementos de coesão no grupo, como o critério da confiança e a conveniência em torno da responsabilidade sobre o contrato da “intéra” e “correria”. Esta dimensão, popularmente denominada como relação de “fio do bigode”, fundada na atribuição de significado sobre a pessoa que tem “palavra” e cumpre com ela, também compõe a vida cotidiana dos adolescentes e o espaço por eles apropriado. Os adolescentes que não assumem a responsabilidade sobre as somas compartilhadas no grupo para a “intéra” passam a ser marginalizados na configuração de relações de poder em dado território. Apesar disso eles continuam a exercer territorialidade, sobretudo em outra escala, quando se observa os adolescentes da “cracolândia” que adotam estratégias de controle da “correria” como um “adianto” justificado pelo desejo de consumo de *crack*.

2.2 - Territórios de controle da “correria”: táticas de passagem, negociação e a emergência de conflitos.

Outro modo de apropriação espacial é instituído pelos adolescentes entrevistados a partir do controle do deslocamento espacial realizado por adolescentes em seus espaços de vizinhança. O relato de *D-Menor*, presente no capítulo anterior, destaca o “pedágio” e a “multa” realizados no contexto de suas correrias em determinadas vilas. Dois dos adolescentes entrevistados demonstram adotar este tipo de estratégia como forma de retirar vantagem sobre quantidades de droga e somas em dinheiro.

Os cara sempre chegam pedindo uma intéra, sempre rola, onde você for das outra quebrada é assim. Aqui também ó, aqui nós fazemo assim ó: os cara vem fazer um corres aqui, dai a gente já tá ligado, já sabe quando os cara procuram o bagulho, qual que é o contexto, dai chega multando, tá ligado? Botamo uma pressão pros cara apresentar pra nós, dá uma intéra, tá ligado? 'Oh maluco, bota pá nós o bagulho aí!' Tem louco aqui, num lugar mais cabuloso, que já chega passando os cara, né mano! Nós aqui, sempre damo uma alugada, leva uma ideia. De vez em quando, quando a gente tá nóia memo, dai é diferente! O bagulho é louco memo! É difícil de rolar muito dessas aqui, que nós aqui, os cara já flagram nós e nós já flagra os cara. **Dentinho.**

“Multar”, para os adolescentes entrevistados, significa pressionar o outro para que este lhe dê algo, no caso deles, pequenas quantidades de drogas ou dinheiro. Um dos adolescentes entrevistados revela um tipo de golpe e, ao mesmo tempo, estratégia de

controle da “correria”.

O foda né, é das corrêra memo, nós aqui tamo queimado também, aí nós vamo fazer 155, direto aí pra cima! Que antes, nós ficava só por ali assim ó, ali pra cima ali, na parte mais alta aqui ó, e só via a negada descendo pra pegar o bagulho. Nessa, eu já assobiava pra outro e ele ia na cola do cara assim. Tipo, dava uma 'alugada', enquanto eu ia correndo pra vim por baixo. Dai eu chegava e falava com os dois e nós ficava com o dinheiro alugando a galera. (...) Um de nós tinha que falar que queria pegar uma pedra. Falava pro louco assim que queria pegar também. Só que dai quando eu chegava, já ia falar pro cara que tinha descido no canal e que 'já era!' que não tinha mais bagulho, que só no Pelota, que era pra lá, só que só dava pra ir um de nós só, e enrolava assim (...) O cara jogava assim, na nossa mão a grana! (risos) Depois, o que ficava ali com ele, 'desbaratinava' o cara, tipo: 'puta merda, perdi meu cincão'; 'ah, já era, vou nessa maluco!' (risos) E saía fora. Teve altos louco que caiu nessa aqui. Só que fica queimado de fazer, e nós saía bem louco e se matando de dar risada depois (risos). **Zeca.**

É possível observar que, enquanto alguns adolescentes adotam este tipo de estratégia para obter vantagens, os adolescentes que acessam outras vilas na “correria” adotam táticas para não ter perdas neste tipo de deslocamento. Além disso, é necessário considerar que ele pode adotar ambas no decorrer de suas experiências cotidianas de deslocamento entre os espaços de vizinhança e outras vilas, tal como pode ser observado no relato de *Dentinho*.

É só saber entrar nas quebrada, pra você sair de boa. Se os cara vem te alugando, você leva uma ideia na humildade, tá ligado? Se ele vem te alugar¹⁷³, você também aluga o cara! (...) Só que o negócio memo é respeitar pra não dar treta, pega e apresenta um *beck*, tá ligado? Se o cara, ó, se o cara tá afim de pegar a tua brita, vai que, cê vai num 'mocó' com o louco, fuma ali, 'dá uma bola'¹⁷⁴, o louco dá outra. Ele fica te devendo uma brita na sequência. Na hora que ir lá, dai, de novo, pega e dá uma cobrada no louco, antes dele te multar: 'ó, vim ver se, você não quebra a minha aí, daquela pedra, daquele dia lá (...) Teve vez de cara que ficou de boas comigo, dai falei assim que: 'ó, mas, eu vou descer no canal lá, vou ver se o patrão não faz uma na minha peita'¹⁷⁵, dai fui, peguei o bagulho e voltei de peita né mano! Passei pelo cara de antes assim ó, disse assim ó: 'nem rolou de pegar o bagulho, o patrão não quer me fazer uma.' (...) Só que nem sempre os cara fica de boa né! Dai que é sujo, de rolar treta né! Tem que pegar e descer no canal ligeiro, não dá tréla pros cara, tá ligado? Segue na tua, sempre, se os cara chegar ne você, chegar assim memo, daí dá pra levar uma ideia. Só que, que nem, assim, é melhor você sempre passar batido¹⁷⁶ né cara! (...) **Dentinho.**

De acordo com Certeau (1984) as estratégias constituem-se de práticas desenvolvidas por pessoas que ocupam centralidade em dada configuração das relações de poder. Por outro lado, as táticas estão vinculadas ao outro, provenientes da periferia

173A palavra 'alugar', para os adolescentes não tem o mesmo sentido da relação de inquilinato, mas diz respeito a 'convencer', 'ludibriar'.

174'Dar uma bola', significa 'tragar' maconha, haxixe ou *crack*.

175'Peita' é considerado sinônimo de 'camiseta'.

176'Passar batido' pode ser compreendido como 'andar sem ser notado', 'sem demonstrar possibilidade de parar' ou andar rápido e sem parar.

destas relações. Assim, os adolescentes que 'multam' em seus espaços de moradia desenvolvem uma estratégia, enquanto os adolescentes que fazem a "correria", utilizam de táticas como o andar rápido, quase nunca parar e, a mais importante, o diálogo. Este processo institui o saber/poder dos adolescentes em entrar e sair "de boa" em várias "quebradas" do espaço urbano. Ao mesmo tempo, constituem-se em matrizes fundamentais para a instituição de territórios entre os adolescentes em conflito com a lei.

As linhas de fuga não aparecem apenas como instituintes de movimentos de desterritorialização, mas como estratégias e táticas que constituem o próprio território, haja visto que para manter o grupo coeso, deve ele dispor dos dispositivos de reprodução da "vida louca", o que implica o deslocamento e saída de um território em direção a outro, ou, a adoção da estratégia de controle da "correria". Neste sentido, os próprios movimentos de desterritorialização, pautados na "correria" e nas experiências em outras vilas, são imanentes a coesão grupal nos territórios, que inclui as práticas de multa e de uma espécie de estelionato do mundo das drogas.

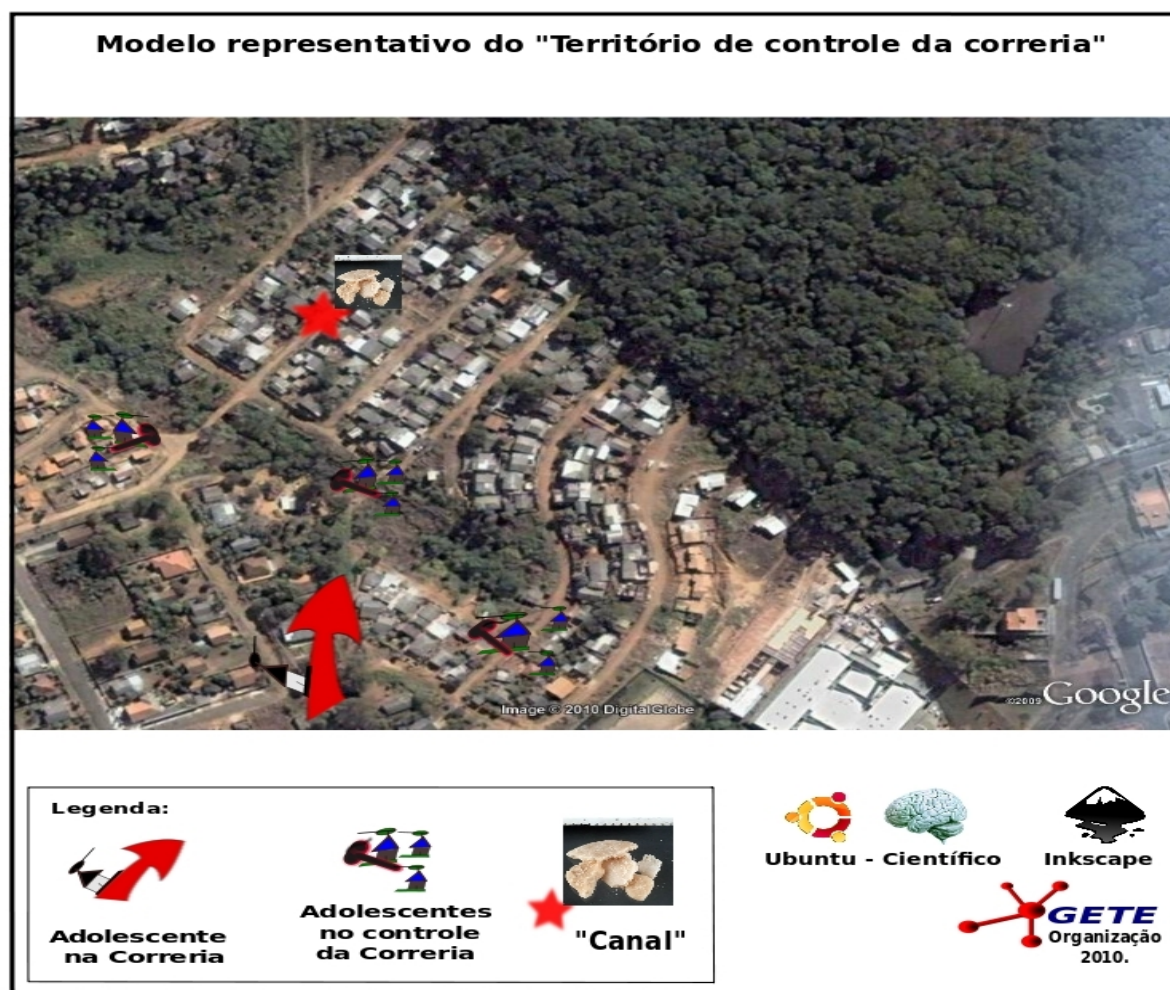


Figura 14 – Modelo de representação da apropriação espacial na estratégia de controle da "correria"

Muitos adolescentes que buscam na “correria” um sentido para a “vida louca” destacam a presença da inibição de uns grupos diante de outros pelo espaço público. Isso devido ao fato de que os adolescentes entrevistados e que partilham das mesmas “rodas de *crack*” se encontram num estágio mais avançado em relação ao sentido da “vida louca”, mais ardil e destrutivo. Nestes espaços, os elementos de coesão são muito flexíveis e giram principalmente em torno do desejo de consumo repetitivo e ao custo, não apenas da simples “correria”, mas de variados tipos de “adiantos”, entre eles, os furtos, o roubo e, além dos conhecidos atos infracionais, a prática do golpe na “intéra” e “correria”¹⁷⁷.

No território, os adolescentes relacionam-se com os outros e permitem sua passagem, desde que através de agenciamentos no grupo, tais como não dar “calote” ou sair na vantagem diante de algum “irmão”, ou ao contrário, adotar a estratégia de dar o “calote” ou “furar” alguém de outro grupo para a satisfação do seu grupo noutra configuração territorial. Desde que respeitados alguns valores compartilhados na escala de abrangência das estratégias de controle de um grupo, isto é, no território, os adolescentes em conflito com a lei mediam rituais de confraternização, conflitos e negociações entre sujeitos identificados com a representação da “vida louca” e que efetuam práticas que remetem a ela em diferentes territórios.

Na praça, como em outros locais de referência para o encontro dos adolescentes desta pesquisa, nem sempre as práticas mobilizadas respeitam aos códigos e valores instituídos pelo grupo e sua apropriação simbólica. Assim como, nem sempre as práticas reguladas por ele, ocorrem de modo a legitimar as posições em disputa para mobilização da “intéra” e para o deslocamento na “correria”. Alguns adolescentes relatam que tomar a iniciativa de realizar a “correria”, por exemplo, incorre na responsabilidade sobre os recursos obtidos na “intéra”. Os adolescentes da mesma “irmandade” em sua “quebrada” criam, a partir dos territórios, deste modo, dispositivos de coesão no interior de um grupo que estão baseados no respeito diante das constantes práticas de associação para o consumo.

Quando é de fazer a intéra do tubo, os mano daqui sabem que se eu pego a grana eu trago tudo em gole, outras coisa também. Esses dias o maluquinho aqui da vila, disse que tinha certo já, um canal pra pegar o bagulho e nós, trocha aqui, demo

¹⁷⁷Além deste tipo de prática foram observados alguns adolescentes, que são reconhecidos como usuários de *crack* pedindo esmolas em semáforos no centro e em duas vias estruturais da cidade. Numa delas, foram vistos duas de crianças que realizam a mesma atividade e com a mesma finalidade. Numa das áreas onde realizei entrevistas, eles frequentavam o lugar, compravam e, algumas vezes consumiam *crack* no local ou arredores.

trintão na mão dele, pense. Veio 'chutado' e daí vimo que ele saiu de fino aquele dia e foi fumar mais. Do nosso trintão! E nós já tava ligado que era pra vir mais de pedra. Ah, mas, peguemo o cara e 'coxamo' na bordoadá! Ele nem sobe pra cá mais! **Neco**.

A prática da “correria”, entretanto, conflui para o estabelecimento de relações complexas entre agentes diversos e, entre eles, estão os adolescentes situados em locais de referência em vilas próximas. A apropriação material destes locais institui-se na presença dos adolescentes como afirmação de práticas cotidianas e de controle. Como apropriação simbólica destes locais pode-se identificar os elementos de coesão e negociação no grupo e entre membros de grupos distintos. Os territórios dos adolescentes em conflito com a lei, considerando a escala de suas experiências cotidianas em locais de referência, são interdependentes das práticas denominadas como “intéra” e “correria” e que podem representar agenciamentos ou negociações mediadas pelo deslocamento espacial. A simultaneidade entre o que é material e simbólico é vista através da efetuação de práticas que podem reforçar uma posição de centralidade ao sujeito em dada espacialidade, ao passo que podem reposicioná-lo em outra. Por exemplo, o adolescente que deu o “calote” num dos adolescentes que convive na referida praça tornou-se marginal nas relações de poder constituídas através deste território. Por outro lado, o “calote”, foi representativo para a posição de centralidade entre a “roda de crack” a qual faz parte.

A negociação, denominada como “intéra”, e o deslocamento espacial, vinculado a “correria” quando realizada em função de um grupo, implica considerar que existem rearticulações entre os membros de um território, devido ao fato de que nem todos demonstram “carregar a responsabilidade” como significado atribuído sobre estes tipos específicos de negociação e de deslocamento. Este deslocamento pode apresentar como estratégias de controle sobre determinada área as práticas de “estelionato” ou de “multa” com o intuito de obter vantagens em relação ao consumo de drogas. Neste sentido, pode ser considerado que os territórios não apresentam agentes que, ou estão fora, ou estão dentro deles, podem estar entre eles. As técnicas de saber relacionadas à qual deles se está em determinado contexto, implicam na consideração do dispositivo de escala que representa suas experiências e a mobilização de estratégias de conflito, negociação, ganho, controle ou resistência.

Outra característica importante relacionada a estes processos é que, o adolescente, quando experiência a “vida louca” junto aos seus pares, pode adotar como faceta identitária a iniciativa em realizar a “correria” e o consumo exagerado de álcool e

drogas, podendo ocupar assim a centralidade das relações de poder. Por outro lado, seu deslocamento na correria o reposiciona, no sentido em que o adolescente articulará táticas de passagem com o intuito de não ser notado. Este elemento identitário compõe a interseccionalidade experienciada por adolescentes no local de referência, de “correria” e de consumo de drogas.

2.3 - Territórios das “Rodas de Crack”.

A coesão instituída em dado território pode girar em torno de outros elementos, como é o caso do uso compartilhado de *crack* nas chamadas “cracolândias”¹⁷⁸ ou, em menor escala, nas “rodas de crack”. Estas rodas de convívio geralmente encontram-se em locais de difícil acesso e longe de vigilâncias, tais como os fundos de vale, alguns capões de mata, linhas férreas e baixadas próximas de rodovias. Obviamente, em locais não muito longínquos ao “canal”. Mas assumem caráter nômade e também podem localizar-se furtivamente em outros múltiplos locais, tais como numa casa, garagem, cômodo, na esquina de uma rua, praça, pontos de ônibus, ao lado de lixeiras de condomínios, campinhos de futebol, escolas durante a noite ou em finais de semana, etc. Para os adolescentes entrevistados, participar por um longo tempo destas rodas é significado como: “internar-se na pedra”.

A pouco, foi constatado que a reprodução de práticas vinculadas a reprodução da “vida louca” e os dispositivos encontrados para o consumo de drogas tratam-se de elementos de coesão em locais de referência no espaço de vizinhança. No caso das “rodas de crack”, como outra escala de experiências dos adolescentes em conflito com a lei no espaço de vizinhança, trata-se exclusivamente desta substância. A partir daí, é necessário considerar o reposicionamento do sujeito em relação a determinado território,

¹⁷⁸As cracolândias, como espaços apropriados por usuários de crack, vêm ganhando destaque no cenário nacional midiático durante nos últimos anos. São comuns em telejornais e programas televisivos de rede aberta, cenas e reportagens interessadas nestes espaços e que evidenciam cenas de mulheres e crianças grávidas usuárias, crianças muito novas em estágio avançado de degeneração devido ao contato com a substância tóxica e se prostituindo para consumir, entre outros. Atualmente, não há uma definição de proporção em relação ao que pode ser considerado cracolândia, contudo, sugere a aglomeração em torno do uso de crack e com proximidade aos locais de sua venda. Em 20/05/2010, em notícia publicada pelo site R7 notícias, 58 pessoas foram detidas numa das linhas de trem da cidade do Rio de Janeiro. Sendo 9 quilos da droga foram apreendidas. In: <http://noticias.r7.com/rio-e-cidades/noticias/operacao-policial-no-rj-apreende-drogas-na-cracolandia-da-linha-do-trem-20100520.html> acessado em 20/05/2010 O site de notícias da G1, publicado em 08/04/09 destaca uma ação no Rio de Janeiro que deteve 47 menores de idade na Favela do Jacarezinho, esta favela já teria recebido o apelido de “cracolândia”. Acessado em 08/07/10.: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL10785145606,00OPERACAO+NA+CRACOLANDIA+APREENDE+MENORES+DE+IDADE.html>

que decorre de tensões entre o que é mais valorizado como prática pelo grupo que dele se apropria e o que é tido como necessidade individual pautada na dependência química.

No capítulo anterior foi evidenciado o relato de Carepa. Este adolescente comete furtos cotidianamente, reclama de sua irmã que é usuária compulsiva de crack e sofre na ausência de sua mãe que está presa. Carepa é reconhecido como “ladrão” e usuário que já esteve “internado na pedra” por várias vezes. No dia em que o conheci, os adolescentes de sua vila contaram-me sua trajetória e o porque de seu apelido, assim como, contaram várias outras experiências em relação ao uso de *crack*. Abaixo segue uma nota de campo baseada na rotina de Carepa e no que contaram os adolescentes de sua vila:

'Carepa' cultivava o costume de pouco comer e dormir, não tinha sono ou fome, e isso era efeito da droga, dizia ele. Banhos, pouco ele tomava. Mas álcool, maconha e cola eram 'coisa de tudo dia', inclusive o cigarro. No começo, não era muito de fumar a 'maldita'. Devagar foi galgando a cada passo o caminho das pedras. Seu cadafalso era: vontade de mais! A cada uso, Carepa, coçava a cabeça. Talvez em função de falta de banho, síndrome ou histeria relacionada ao efeito do trago tóxico. Este costume era o que dispersava suas caspas pela roupa e próximo ao seu corpo. Fumando a 'pedra', o Carepa compartilhava mania comum entre muitos usuários: após um ou dois minutos do último trago, tendem a procurar por pequenos farelos do tóxico. Carepa, só encontrava excreções capilares, e as fumava. A ele, foi dado o apelido devido ao cabelo, que em alguns lugares do couro dava nitidez a uma verdadeira casca. Conta-se ainda, que outros são chamados em 'tiração de sarro' como 'Sal Grosso' em vários lugares. Alguns contam de maluco que fumou 'pedra de verdade' nalguma esquina ou quebrada, sendo que um deles até reconheceu o bagulho como 'do bom' e que não tinha fim, um autêntico placebo. Até que suas piras passam em poucos minutos e continuam a seguir sua vontade de mais. Carepa, já subiu em telhado, virou a casa de ponta cabeça procurando o nada. Atualmente, com quatorze anos, ele percorre a média de 30 quilômetros num mesmo dia e tem 47 quilos. Quando escuta falar da 'maldita', corre ao banheiro. Mas ainda não é a hora do banho, e sim, de sentir os efeitos intestinais da abstinência. **Notas de campo (29/07/09).**

Durante o trabalho de campo, em certos momentos, perdi contato com Carepa e com outros adolescentes que conheci, seus amigos diziam que estavam “internados”. Uma única vez me falaram: “*ele tá internado mesmo*” e isso representava que um adolescente passava uma fase de desintoxicação na Cidade dos Meninos¹⁷⁹. No entanto, o internamento mais comum observado entre os adolescentes com os quais estabeleci contato tratava-se da compulsão do uso do *crack*.

Quando nós descemo ali, fica uma galera, um monte de 'nóia' uma vez de cada, pra ir buscar o bagulho! Não faz mais nada da vida e niguém inventa de aparecer ali! Ah, nem são louco de aparecer, quem flagra já não aparece. Teve uma vez que tava um pai de um piázinho, assim, tava andando com o piázinho, ali de boa, e

179 Instituição voltada ao tratamento de dependentes químicos localizada no distrito rural de Guaragi no Município de Ponta Grossa.

nós tava tudo na nóia! Fazia dias já, coitado do hóme. Nós levamo tudo dele, e o piazinho ficou chorando do lado, o cara dizia pra não encostar a mão no piá. Sorte que ninguém meteu o dedo nele, mas o pai dele, nós que tava ali vimo, o cara ficou sem nada, de cueca assim. Só que nós também tivemo que sair dali né. (...) Que nem, de rolar de passar alguém quase num tem, mas se é desconhecido, é direto, alí no nosso mocó: vai pra fita. **Zeca**.

(...) o cara era daqueles que comprava de mim quando eu vendia o bagulho né cara, e fumava comigo, assim, e os chegado. Nós se internava na pedra né mano. Se internava memo! Violento o bagulho! De ficar dias só internadão, sem comer, não dormia, nós tava só na função do bagulho! Só que o cara ficou me devendo né mano! E era umas quinze grama, tá ligado? E eu fiquei com rancor! Tava bem louco, trincado de gole, eu tinha fumado altas, altas memo! Mas sabe que me deu assim, tipo, eu vi que tava sem o bagulho (...) E o cara, tipo, tava me devendo uma pedra, assim (...) Foi me dando um 'sangue ruim' memo cara! Saí bem louco na quebrada e nessa, o cara me atravessou a rua, né mano! Já era! Eu puxei o cano memo! Tentei fazer o 'cara'. (...) Pegou dois, mas nem consegui. O cara tá lá no Cadeião agora, mas por causa de outra 'patifaria'. To 'jurado pelo cara'¹⁸⁰, tá ligado? **Dentinho**.

Quando se trata de um território complexo, como o da “roda de *crack*”, os conflitos e tensões emergem do contexto de uso e dos efeitos sentidos, assim como da posição diferenciada dos adolescentes envolvidos. Geralmente os conflitos, numa “roda de *crack*”, se estabelecem a partir de desavenças entre um e outro ocasionadas pelo sentimento de perda em relação ao que fora consumido. A relação de proporção entre a quantidade compartilhada no grupo em dada “intéra”, e a que fora consumida por um de seus membros, demonstra que, no contexto do uso, podem ocorrer reposicionamentos a partir da interação entre aqueles que tem mais ou menos “direitos” sobre a substância. Como uma rede de investimentos, em cada nó, os adolescentes demonstram procurar sair da situação “no lucro”, mas nem sempre todos parecem satisfeitos. O adolescente mais valorizado neste tipo de grupo é aquele que aparece com mais dinheiro ou dispondo de algum meio para obtê-lo e compartilhar a substância.

O sentimento de perda aliado ao torpe efeito da substância pode eclodir, desta maneira, em tentativas ou até efetivação de homicídios. Em relação ao que pode ser compreendido como apropriação espacial por meio das “rodas de *crack*”, existem estratégias grupais, que também podem eclodir deste mesmo sentimento relacionado aos efeitos da droga. Abaixo segue trecho do que fora declarado em delegacia por uma vítima de ato de lesão corporal e tentativa de roubo que envolveram três dos adolescentes entrevistados em trabalho de campo:

(...) Relata a noticiante que estava no parque ¹⁸¹ em companhia da segunda vítima, ambos dentro do veículo da noticiante, quando foram abordados por 04 elementos, um deles armado de uma faca, os outros dois com uma ripa e uma

180Significa que o adolescente foi jurado de morte.

181Underlines () inscritos pelo pesquisador.

pedra, sendo que chegaram até a janela do carro e “pediram” dinheiro. J.S. disse que não tinham pois haviam abastecido o carro, deram apenas algumas moedas. Relata que um dos elementos tentou pegar a chave da ignição do carro. O noticiante tentou impedir, sendo então ameaçado com a faca. Enquanto tentava roubar o CD player, J.S. conseguiu tomar a faca do assaltante, sendo então agredida por um segundo elemento com uma pedrada na testa. (...) Relata por fim que todos os assaltantes pareciam ser menores de idade, inclusive um dos elementos não parecia ter mais que 10 anos de idade. (...).¹⁸²

A versão de um dos adolescentes acusados pelo ocorrido, contradiz o que foi declarado por uma das vítimas:

(...) relata que “não participou do furto do veículo na Vila _ em que foi agredido uma mulher com uma pedrada na cabeça; Que o declarante apenas ficou sabendo mas não sabe quem foi o autor desta prática (...).¹⁸³

Contudo, uma terceira pessoa, que soube do caso, converge com a declaração prestada pelas vítimas:

(...) sabe que quem praticou o assalto no Parque _, foram o N., B., o R. e o J., 'Zeca'; Que estavam dentro do carro um homem e uma mulher; Que B. estava com uma faca e os outros o declarante não sabe se estavam armados; que o declarante não sabe se estes meninos deram uma pedrada na vítima; Que o declarante sabe destes fatos porque B., N. e J. contaram para o declarante;(...).¹⁸⁴

Um dos adolescentes envolvidos nesta agressão e tentativa de roubo relatou em entrevista o seguinte:

Já tava de noite e nós tava ali muito louco, fazia alguns dia que nós tava só ó! A fio, só 'internado na brita'. No estacionamento, o cara tava dando uns 'maio na muié'¹⁸⁵, dentro do carro. Nossa, aquela vez foi louco, chegamo fazendo um cerco no carro, tudo nós bem louco, com pedra, faca, pau na mão. 'Botamo uma pressão', tá ligado? (risos) **Zeca**.

Botar uma “pressão”, como tentativa de roubo e que pode resultar em agressão, se constitui numa das formas de apropriação espacial a partir de estratégias grupais de uma mesma “roda de crack”. A característica de efemeridade deste tipo de apropriação, assim como da estratégia de controle surpresa, acompanha a efêmera e passageira experiência com os efeitos de uma substância tóxica para um grupo. A repetição desta experiência exhibe a complexa interação entre o desejo de consumo compartilhado no grupo e seu espaço de vivência ao lado de um parque e que tem como componente a instituição de território.

A coesão do grupo, em dar cabo a estratégia de controle sobre a presença de outras pessoas nas proximidades ou no próprio local de referência para encontro de

182 Registrado em histórico do Boletim de Ocorrência nº 01300/2006000272 em 28/01/06.

183 Registrado em termo de declaração, página 9, em 23/03/06.

184 Registrado em termo de declaração, página 11, em 24/04/06.

185'Dar uns malhos' é expressão da linguagem coloquial que expressa, 'dar um amasso', ou 'namorar'.

adolescentes que compartilham o uso de *crack*, mostra-se como flexível e pode eclodir a qualquer momento em que os efeitos da droga ou da abstinência são sentidos pelos adolescentes de um grupo. Geralmente, alguns membros deste tipo de roda social apresentam uma estratégia como a viável e, assim, a executam em grupo. Entre os adolescentes entrevistados, foi comum observar que estas estratégias são diversas, sendo que as principais são chamadas por eles como 155 e 157, que correspondem ao furto simples ou qualificado e roubo a mão armada.

Estes atos infracionais foram observados, na seção anterior, com o intuito de dar visibilidade aos componentes das relações sociais entre os adolescentes e, além disso, vinculadas a uma rede de agentes envolvidos em atos como a receptação de objetos furtados e tráfico de drogas. Neste tipo de rede de relações territorializadas, grupos que formam as “rodas de crack” exercem territorialidade. A apropriação espacial do parque estabelece como um dos trágicos nós desta rede a vítima, que se encontra em posição periférica em relação ao grupo de adolescentes e diante da estratégia de controle inesperada. Além disso, o uso coletivo de substância tóxica e do dispositivo acionado para sua obtenção, não deixam de ser os principais elementos de coesão num espaço situado como a “roda de crack” e seu desvio padrão, que constitui as redes de relações territorializadas a ela relacionada e que, em menor escala, pode ser resumida na presença de agentes como vítima/receptor/traficante.

Optei por não “escancarar” o nome do parque por receio de aprisioná-lo como uma espécie de palco previsto deste tipo de delito. Ocorreram outras agressões e roubos no local, o que de certa forma, gera efeitos ao estatuto imaginário constituído a partir de um espaço institucionalizado e voltado ao lazer cidadão. Todavia, o exemplo de ocorrência no parque reflete o abandono deste espaço pelo poder público, assim como a vulnerabilidade social com o qual ele estabelece relação de fronteira, e que também resulta do abandono.

Efetivamente, os espaços apropriados pelos adolescentes de uma mesma “roda de crack”, como no caso dos adolescentes vizinhos do parque, não deixam de ser acessíveis. Vide exemplo da pesquisa de campo desta investigação e das vítimas envolvidas nos autos. O que é certo, é que tudo envolve riscos na vida diária. E para os adolescentes entrevistados, participantes de “rodas de crack” e de articulações de furto e roubo a elas vinculadas, os riscos de 'cair' neste tipo de rotina estava, certamente mais próximo, do que está a possibilidade de qualquer pessoa ser tomada de assalto por um de seus grupos em qualquer lugar. Foi com este pensamento que frequentei muitas áreas da periferia pobre da cidade no processo investigativo. Adquiri com isso, muitas angústias

ao observar alguns grupos em contextos e situações que revelam o aspecto destrutivo das drogas e seu potencial de difusão da criminalidade violenta. Assim como pude observar que a violência e os atos infracionais podem eclodir de modo inusitado, mas interdependente a redes de relações territorializadas. Estar entre esta rede, foi em alguns momentos, muito tenso. E revelou que, para os adolescentes em conflito com a lei investigados, a tensão da vida diária envolve muito mais riscos, conflitos, ameaças, dívidas, cobranças, agressões e 'piras' erradas. Procurei não compartilhar com eles este tipo de tensão e, muitas vezes, não consegui. Busquei apreender um pouco os saberes instituídos na vida cotidiana pelo grupo focal. Observei que, dentre os adolescentes entrevistados, todos já tiveram, ou ainda têm, seus momentos de “internar-se na pedra” e de participação em “rodas de *crack*” e, até mesmo, realizam eventuais assaltos a mão armada em função disso. Os adolescentes demonstram ocupar diferentes posições em territórios urbanos situados em tempo, espaço e grupos específicos. A variação de posicionalidade envolve diferentes escalas de observação sobre as experiências dos adolescentes em conflito com a lei, desde locais de encontro para a reprodução da “vida louca” numa rua ou praça, rodas de *crack*, o espaço apropriado pela estratégia de controle sobre a “correria” e, ainda, pelo conflito entre grupos organizados no centro da cidade.

2.4 - Território em disputa: As “Zonas” e as estratégias escalares.

As experiências vividas no centro da cidade, pelos adolescentes em conflito com a lei entrevistados, são pautadas por estratégias de conflito e controle, assim como das táticas de passagem.

Estas práticas organizam um complexo sistema relacional que, por sua vez, é significado através de relações de poder vinculadas ao centro da cidade, marcado pela grande concentração de atos de agressão, vias de fato e lesão corporal cometidos por grupos de adolescentes. O centro da cidade pode ser considerado como espaço de encontro e conflito. Frequentemente, estas práticas ocorrem através da rivalidade estabelecida entre adolescentes de uma vila e de outra. Contudo, deve ser reconhecido, que ocorrem também alguns casos de violência com outros grupos de jovens¹⁸⁶ ou

¹⁸⁶Em agosto de 2009 ocorreu uma briga entre grupos de adolescentes estudantes de duas escolas particulares da cidade. Segundo contam, esta briga ocorreu no centro e foi propositalmente marcada através de redes de relacionamento na internet. Ocorrência como essas já foram identificadas em muitas cidades do país. <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/761462/policia-evita-briga-de-adolescentes-que-seria-no-pier-21> Acessado em fevereiro de 2010.

apenas vias de fato entre um e outro sujeito, em outros grupos e em outros locais de referência (vias de fato em casas noturnas mais caras, por exemplo).

Em se tratando dos conflitos estabelecidos pelos adolescentes entrevistados, evidencia-se que os grupos de conflito se organizam com a denominação de “comando”, “zona”, “banca” ou “falange”. No entanto, existem inúmeras denominações atribuídas aos grupos de adolescentes em conflito com a lei que se envolvem em conflitos. Alguns dos termos mais utilizados são “gangues” e “galeras” e que frequentemente são tratados como sinônimos pelo imaginário social, no entanto, para muitos grupos estes termos apresentam significados distintos.

Ao encontro da característica efêmera de constituição de uma gangue, Diógenes (1998) leva a pensar que o território de uma gangue, só pode se estabelecer como palco da violência:

Tal qual anti-heróis, transmutados em cidadãos “comuns” nos finais de semana, nas “caladas” da noite, fora dos espaços normatizados da vida cotidiana, a galera pode “tornar-se” gangue. (...) existe entre os integrantes das gangues fronteiras delimitadoras entre o lugar da violência e o da não-violência, quais sejam, não é em todos os momentos que uma galera se assume como gangue e, desse modo, não é em todas as ocasiões que se dinamizam as práticas de violência. Assim sendo, deve-se evitar a correlação linear e simplificadora entre gangues e violência (...). (p. 109).

Através do estudo empírico realizado, e contemplando o discurso do grupo entrevistado, a socióloga destaca que as gangues existem no espaço urbano como um modo de expressar a ausência, o esquecimento e formas de “não ficar calado”. Assumem, portanto, não só um caráter organizativo e violento, mas relacionado a revolta e resistência.

Tal como apresentado por Diógenes (1998), o membro de uma gangue busca “ser um cara notado”. Além disso, o presente trabalho afirma que para ocupar centralidade em determinada configuração de relações de poder num grupo, ou entre grupos, é necessário o saber/fazer ser notado e, para isso, os adolescentes em conflito com a lei utilizam o dispositivo da interseccionalidade. De modo que podem ocupar posição de centralidade, ou não, em determinado grupo, mas isso depende do jogo tenso envolvido e situado em diferentes escalas de suas experiências cotidianas.

O estudo de Andrade (2007) sobre as gangues de Ceilândia, no Distrito Federal, apoia-se no argumento de que as gangues definem-se a partir da solidariedade construída em torno dos sentimentos de fraternidade, lealdade, fidelidade e através da motivação em responder por seu grupo. Seu estudo constitui-se numa importante

contribuição à análise aqui empreendida. Seu universo empírico de análise está situado nas relações que os jovens estabelecem em gangues e a partir de variados tipos de práticas ilícitas. O objeto de estudo de Andrade aponta para a relação entre gangues e imaginário, assim como para a reprodução de práticas justificadas pela honra, virilidade e reputação.

O processo de estruturação do imaginário que está por trás da dinâmica de formação e identificação dos jovens com as gangues é acompanhado da adoção de um estilo de masculinidade, expresso através da afirmação e demonstração de coragem, valentia, força e virilidade. Pautando-se por esse ideal de masculinidade, os jovens procuram a distinção e prestígio necessários para adquirirem o reconhecimento e aceitação do grupo de pares nas suas reivindicações de respeito e consideração. (p.245)

A autora leva em consideração o aspecto das gangues como constituídas hegemonicamente por pessoas do sexo masculino e referenciadas em alguns elementos da masculinidade hegemônica que compreendem o poder de causar dano e imposição de respeito ao outro.

Tratar as gangues observadas, neste trabalho de campo, absorvendo as proposições de Diógenes e de Andrade sobre o caráter violento e de negociação de sua formação, contudo, deve considerar a forma com que elas são denominadas no contexto dos grupos de adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa, como “comandos”, “falanges” ou simplesmente “zonas”, assim como as especificidades vinculadas a questão estabelecida nesta seção.

Ao mesmo tempo em que os adolescentes entrevistados mantêm coesão em determinado grupo no espaço de vizinhança, a partir da apropriação de espaços públicos, podem exercer territorialidade em espaços apropriados pela estratégia de controle da “correria” e, além disso, ocupar posição central ou periférica em dada “roda de crack”. Além desta pluri-localização cotidiana vinculada a diferentes territórios, eventualmente, alguns dos adolescentes entrevistados participam de conflitos no centro, representando em luta sua “zona”, “comando” ou gangue.

Alguns locais de referência no centro da cidade, como espaço apropriado pela arena de disputa dos “comandos”, “zonas”, “bancas”, “falanges” ou gangues, configura-se como território em disputa. Cada uma das organizações, representa diferentes grupos de adolescentes e jovens que habitam as respectivas zonas sul, norte, leste e oeste da cidade de Ponta Grossa, mas que adotam o centro como espaço de diversão, confraternização e conflito. Estes conflitos ocorrem em maior parte nas proximidades de

locais denominados como “Fervo” ou “Som”.

Vilas dos integrantes de grupos para o conflito no centro da cidade:¹⁸⁷

Zona Sul	Zona Norte	Zona Leste	Zona Oeste
Cipa	Leila Maria	Coronel Cláudio	Vila Nova
Oficinas	Catarina Miró	Vila Santana	Ronda
DER	Boa Vista	São Gabriel	Santo Antonio
Santa Barbara	Vilela	Jardim Barreto	Vila XV
Santa Maria	Palmeirinha	Vila Odete	Jardim Maracanã
Santa Marta	Vila Mezzomo	Incopa	Pq. autoestrada
Maria Otilia	Santa Mônica	Dal Col	Nova Russia
Sabina	Baraúna	Paraíso	Pompeu
Pina	Nadal	Vila Rubini	Hilgemberg
Vila Tax	Tania Mara	Pimentel	Santa Paula
Vila Rica	Monte carlo	31 de Março	Sabará
Vila Maier	Jd. carvalho	Ana Rita	
Vila Curitiba	Madureira	Pitangui	
Jardim Europa	Monteiro Lobato	Rio Verde	
		Mariana	
		Rio branco	

Quadro 1 – Vilas de moradia dos adolescentes que aderem às “zonas”.

A adesão a estes grupos ocorre em contextos situados, que podem variar entre duas escalas principais: a escala das experiências em outras vilas e a escala das experiências vividas no centro da cidade.

Ao mesmo tempo em que os adolescentes em conflito com a lei podem reunir-se com outros adolescentes e jovens para um conflito no centro da cidade, como formação de uma gangue, articulam contatos numa mesma “zona” para facilitar a prática da “correria” entre as diferentes vilas que dela fazem parte. Quando isso não ocorre, podem instaurar-se conflitos no território de controle da “correria” ou em locais de referência ao encontro de adolescentes, como foi demonstrado na seção anterior, através do conflito envolvendo adolescentes que integram a Zona Sul e convivem numa praça e os adolescentes usuários de *crack* da vila Ouro Verde. Quanto as estratégias nos espaços em outras vilas, os adolescentes, integrados em “zonas”, utilizam destas para estabelecer um melhor relacionamento na realização das “correrias”:

Ih, não dá nada, eu vô em tudo quanto é vila, nas mais perto eu vô mais né, tipo Cipa, não tem crise. E daí de conhecer os outros cara, de correr e é de boa. É só saber entrar e sair! Tipo, se nós aqui formamo tudo a Zona Sul, se os cara ‘fazer a frente’ com nós, nós tamo com eles, se ajudamo na quebrada! Mas se os cara marcar, eles já não tão mais com nós! Por isso que sempre nós andamo nas vila

¹⁸⁷Estas vilas foram apontadas pelos adolescentes entrevistados, em cada uma das quatro áreas investigadas (Oficinas, Vila Nova, Coronel Cláudio e Vilela). Como sendo as principais vilas de moradia dos integrantes das gangues.

mais por aqui, porque é tudo Zona Sul e daí não dá nada com os maluco. Nós não vamos lá na Vilela e os cara de lá não desce pra cá. Na Coronel, que tem de (...) que tem, as vezes, que rola dos cara vim aqui, mas daí é bandidage mais nervosa que conhece os louco que são tudo irmão do P.C.C., tá ligado? Não é a piaçada tipo nós. **Gorpo**.

Estas experiências podem ser descritas como estratégias escalares, haja visto que os adolescentes utilizam da parceria firmada através da adesão em “zonas” com o intuito de entrar em conflito com outras gangues, mas também para criar dispositivos de integração com outras vilas para a realização das “correrias”. Deste modo, a existência espacial dos adolescentes entrevistados pode ser observada a partir de distintas escalas de experiências que, por sua vez, estruturam táticas de passagem e o saber/poder entrar e sair de vilas integradas a suas gangues.

A escala de experiências vividas no centro da cidade envolve a constituição de “comandos”, “zonas” ou “falanges” como associações direcionadas as vias de fato e confronto estratégico entre adolescentes de diferentes vilas. Os grupos organizados são reconhecidos, pelos adolescentes entrevistados, como gangues que promovem brigas no centro da cidade:

A galera reunida aqui é 'ganguê', por mais que não seja! Se juntar pra beber aqui, pensa que vão falar o quê? É sim, você acha que se 'rolar um lado'¹⁸⁸ alí entre os camarada, num ferveo no centrão, não vamos 'cair dentro'¹⁸⁹? E (...) Nós temos a maior falange daí. Pode ver como nós nunca 'perdimos' pra esses (...) A galera aqui é tudo Zona Sul, Comando ZS na área! Quando vamos pro centro de galera é pra 'tretar' memo! **Gorpo**.

No centro da cidade, mesmo em contextos em que não podem entrar nos ambientes de festa privada, os adolescentes geralmente permanecem ao lado de fora, como que na espera de rolar uma “treta” e fazer a “frente”.

Treta né mano! Treta das antiga né mano! Uma briga de gangue muito louca né! (...) Nós tamo direto no centro, tá ligado? Sempre quando nós subia, por que sempre nós sabia que ia rolar uma treta. E ninguém de nós entrava no Som, ficava pra fora. Tipo, a grana que a gente ia pagar entrando no Som a gente fazia a 'intêra' pro tubo e, ficava ali, só na função, trocando uma ideia com os maluco da nossa quebrada e com a muierada. Tinha vez que os cara deixavam entrar. No fim da parada, ou antes memo de terminar, já rolava uma treta. Nas antiga era foda as treta! Tuda hora, com os cara da Vila Nova, Vilela, lá do fundo da Ronda também, nós se tretava tudo aqui, com os louco da Cipa, sempre, sempre! Com a Zona Sul, foi altas treta, altas treta memo! **Cascão**.

Somente os adolescentes entrevistados que habitam as vilas Coronel Cláudio e Oficinas se identificaram como integrantes, respectivamente, dos Comandos Zona Leste e Zona Sul. Os adolescentes entrevistados na Vila Nova e Vilela não falaram em nome de

188'Rolar um lado' ou 'ver o lado', para os adolescentes é sinônimo de brigar.

189'Cair dentro' significa 'entrar numa briga'.

comandos, gangues, zonas ou falanges, mas reconheceram suas participações em alguns conflitos, além de enumerarem o conjunto de vilas de moradia de adolescentes e jovens que compõem as zonas Oeste e Leste como gangues (e que estão presentes no Quadro 1).

Os entrevistados que não se declaram como integrantes de gangues apontam que as “tretas” geralmente ocorrem no centro da cidade, em “fervos” e no “Som”, ambientes que demonstram não acessar com frequência devido à falta de dinheiro, pelo fato de serem adolescentes e não poderem entrar em casas noturnas, ou, até mesmo, pela falta de interesse em sair e participar de algum conflito.

Ih, nem subo! A cena é mais aqui na vila mesmo, não tem nada lá no centro também, só de roubar mesmo, daí rola de subir! Ou dos cara que vão no som, mas não adianta cara, você vai num som, um camarada teu se bica lá com algum cara, sei-lá, da Coronel (...) Os cara vê tua cara ali (...) Um dia você tá lá andando sozinho, lá no centro, os cara podem te catar né! Nossa, te detonar na bordoadá! Que nem a gente, de ver catando um camarada da gente aí (...) E se a gente tiver em maior galera, o cara tá fodido! Aí mostramo o cano! Deixe o cara embaçar! (...)
Bagaço.

Quando eu subo pro centro eu vou de boa! Nós não temo richa também com ninguém! Só os cara da vila aí que curtem sonzera, daí rola, os cara fazem a frente da Zona Oeste lá! Os cara conhece tudo os cara também! Em sonzera assim eu não vou, às vezes só! Mas nem dá nada, nunca rolou de me envolve em treta, só uma vez que eu fui. Mas quando eu ia eu usava droga né cara, eu, ia mais pra roubar do que ir na sonzera. Da galera que vai daqui, os cara formam a falange e fazem a frente com a Zona Oeste, nós sabemo que os maluquinho daqui, da Ronda, do Parque, os cara vão e sempre fazem uma treta, sempre eles 'vê o lado' lá. **Zeca.**

Quando os adolescentes relatam suas experiências no centro da cidade, demonstram que o principal motivo de seu deslocamento até ele assenta-se sobre as práticas de furto e roubo como dispositivos para o consumo de *crack*. Este aspecto chama a atenção devido à proximidade entre seu espaço de moradia, na Vila Nova, e o centro da cidade. Apesar desta proximidade, a rede de relações a qual os adolescentes desta vila fazem parte, constitui-se como periférica. Desta forma, o grupo entrevistado na Vila Nova (Zona Oeste) estabelece maior tempo de sua rotina movimentando a rede de relações territorializadas envolvendo as práticas de furto e consumo em “rodas de *crack*”. Mesmo assim, os adolescentes não escondem a presença de alguns em sua vila que organizam grupos para o conflito em “fervos” ou no “Som”.

Por outro lado, os adolescentes da vila Vilela, concentram-se mais na prática de tráfico de *crack* e maconha. A partir desta prática apropriam de modo flexível alguns espaços do centro da cidade e que não envolvem o conflito entre grupos de diferentes gangues, mas da relação conflituosa entre traficantes que disputam pontos de venda na

área central.

Uma vez este aqui ó (aponta para o amigo adolescente, vulgo Galego, que estava próximo) (...) Caiu lá no centro com os hóme. Esse elemento aqui ó, já saiu até em trocação de tiro com os hóme! Já trocou até tiro aí e, aqui perto do centro. O outro aqui (aponta pra mais um adolescente vulgo Caçula), caiu por droga! Ele caiu lá no centro lá, lá na banca do centro lá! Ele comandava o tráfico, lá ele vendia pedra. Foi preso lá na banca lá, ficou preso, vinte dias, de menor no educandário, lá no Pitangui. Nós tamo comandando a banca lá, de pedra e baseado, é nós! Os cara de outras quebrada se ariscam e passam bagulho também, mas nós tamo lá botando uma pressão, fazendo a cena lá, dominamo a banca lá, de pedra e *brown*, na rua é nós! **Boneco**.

Tem os cara que vem pra ver o lado né, nós tamo lá na banca do centro né. A gente fica de boa, sem crise, que daqui, da nossa quebrada aqui, a gente diz que, que tem lugar pra todo mundo fazer a cena, aqui não tem essa, é só fazer o troço certo, tá ligado? Controlar os patrão no lugar deles, ou se combinar, tá ligado? Só que tem outros maluco, sempre! Da Vila Nova, Ronda, da Zona Oeste né, que vem sempre apavorar, até os louco do Santo Antônio vieram já querer treta, mas não dá nada, os cara tão ligado que, vai que a gente tá maquinado! A gente fica ali e faz a cena que tem que fazer. De vender bagulho os cara nem me levam mais, aprendi a não dá bandeira né! Só que no 157 é mais difícil, você se expõe, tá ligado? Fica louco no meio da parada. **Galego**.

Apesar dos adolescentes exercerem o tráfico de drogas no centro da cidade, há poucos registros deste tipo de ato infracional. Mesmo assim, é possível observar a disputa territorial de traficantes. Este tipo de conflito não envolve necessariamente a associação de grupos de diferentes vilas voltados ao confronto. Porém se estabelece entre moradores de diferentes vilas que se ocupam do tráfico de drogas no centro da cidade.

Um dos adolescentes, entrevistado na vila Coronel Cláudio, relata que suas experiências no centro já envolveram tanto a realização de roubos, quanto a participação em conflitos, assim como, as duas coisas juntas:

Teve uma vez que eu tava de boa por ali e cruzei com umas dez cabeça¹⁹⁰, a sorte que eu tava 'maquinado', os cara vieram me tirar, só que eles tavam só na mão né, aí eu tive que 'ganhar' os cara! Nós já não sabia mais se a coisa era por causa de treta ou nós tava ali só pra 'ganhar' uns maluco, maquinado né mano! Ia pro meio da treta ainda ganhava o tênis, a roupa, tudo que pudesse. Daí eu vendia tudo as parada! Rolava também treta de gangue contra gangue mesmo! E nós sempre tava em todas. Aqui nós já fazemo a escola de bandido mano! É roubo, treta, altas de se 'internar', aqui nós tudo é vida louca e bandido! **Dentinho**.

Os relatos dos adolescentes sobre suas participações em brigas de gangue são sempre acompanhados das palavras “domina” ou “comanda”. As histórias são contadas com tom de orgulho e sempre apontando a iniciativa do grupo em afrontar outro, a ir ao combate e as vias de fato, como formas de valorização do grupo entre adolescentes que frequentam o centro da cidade. Os entrevistados que se identificaram como integrantes

¹⁹⁰O termo 'cabeça' expressa 'pessoa'.

dos comandos Zona Sul e Leste fazem a mesma “propaganda” sobre apropriação espacial:

Os maluco da Coronel comanda o centrão, não tem pra ninguém, nem Zona Sul, os cara da Vilela e Boa Vista que são da Norte, não tem, não tem! Nós domina o bagulho aqui! **Dentinho**.

Os cara tão ligado, que não tem pra nós! Nenhuma quebrada consegue foder a nossa banca! Nós samos a maior banca da cidade, a maior falange, não adianta outros maluco te dizer que é, por que não é! Cansamo de 'coxar' os cara da Zona Leste na 'pancada', da Coronel, tá ligado? E da Vilela também, já 'coxamo' os cara na 'bicuda' altos já! **Spun**.

Os adolescentes investigados apontam que o principal motivo dos conflitos e da adesão em “zonas” incide sobre o objetivo de algumas vilas que querem mandar no centro da cidade. Para alguns, “comandar” o centro pode representar ter controle sobre a venda de drogas, tal como relatam os adolescentes *Boneco* e *Galego*. Contudo, para as “zonas”, comandar significa obter o respeito e o reconhecimento de que sua “falange” é a mais forte e digna de *status* superior diante das demais, principalmente devido ao seu potencial de causar danos e lesões em conflitos entre grupos rivais. Assim os grupos da vila Oficinas e Coronel Cláudio buscam melhor posição a partir do agrupamento entre adolescentes moradores de suas zonas:

Daí quando nós juntava galera de outras vila também, aí ficava difícil pra eles né, teve vez que não tinha pra nós né. Nós juntava com o Paraíso, Rubini, juntava com a Princesa, Rio Banco aqui, da Santana, os cara da Encopa, toda a Zona Leste né mano! Fechava o campo inteiro de gente pra brigar! **Cascão**.

Quando tem os ferveo aí, a Zona Sul em peso né: Ouro Verde, Sta Marta, Cipa, Pina, Sabina, Vila Rica, os maluco da quebrada da Vila Mayer, Sta Marta, Santa Maria (...) Uma 'catreva' de maluco, e nós ia pra pancada, não quer nem saber. Termina o ferveo, a galera da Zona Sul já 'faz uma frente', junta a banca inteira pra brigar! Dai é só cacete. **Anísio**.

O “fazer a frente”¹⁹¹, ao qual o adolescente se refere, significa reunir todos os integrantes de uma mesma “falange”, “comando” ou “zona”, para impor medo e respeito aos outros grupos nas portas ou proximidades dos locais do “Ferveo” e do “Som” e, portanto se constitui como estratégia de conflito e/ou demonstração de controle sobre qualquer situação diante de um grupo rival. Os adolescentes se posicionam no sentido de brigar a qualquer momento e a encarar os jovens de outros grupos. Algumas vezes, se ouve cumprimentos, em outras, xingamentos, gestos de hostilidade e convites ao duelo.

¹⁹¹Em outubro de 2008, por ocasião do show do grupo de Rap Realidade Cruel em que fomos eu e o pesquisador Alides Batista Chimin Jr, pudemos presenciar o momento em que os adolescentes saíam do Salão alugado para o show, mesmo antes deste terminar. Seguimos *Gorpo* nesta oportunidade. Quando chegamos na rua, haviam aproximadamente 60 jovens, entre eles, os adolescentes entrevistados na vila Oficinas. Eles faziam a “frente” e nós, mesmo sem querer, “fazíamos” com eles.

A ocorrência de um conflito entre adolescentes que se identificam com as “zonas” pode ser variada, tal como fora apontado na seção anterior. Contudo, alguns conflitos são organizados e marcados pra ocorrer em determinado tempo e espaço. Os entrevistados relatam ter participado de um conflito que teria sido combinado entre integrantes da Zona Sul e Zona Leste no Parque Ambiental, localizado no centro da cidade:

Pra você ter uma ideia rolava treta com hora marcada! (...) Nós também tinha treta com os maluco da Zona Sul também e lá os cara vem pra cima mesmo, os cara vem na mão! Lá com eles nós ia pra ver o lado mesmo né cara! (...) Teve uma vez que os cara marcaram até o lugar e a hora! Ali perto da pista de skate que tinha ali. Marcado a hora e tudo, os cara de lá subiam pra cá e nós ia daqui. E os cara naquela de combinar disseram assim: 'querem vir de 'mano' com nós aí, nós marcamos de vir a galera de vocês e nós com a nossa e vemos o lado'. Dai ficou marcado a hora e foi subindo todo mundo das vila, nós fomos tomando um tubão, bem louco todo mundo, fumando um baseado. Teve vez que a gente ganhou e outras vezes eles. Vinha todo mundo preparado pra brigar mesmo. Que as vezes eles tavam em mais, aí nós perdia. **Cascão.**

A violência deste tipo de conflitos é estabelecida inicialmente de modo organizado entre os grupos, coesos e mobilizados em torno de dispositivos utilizados no duelo. Tal como aponta outro adolescente, alguns destes conflitos foram agendados através de redes de relacionamento na *web*, envolveram até cavalaria e armas diversas:

Teve uma que foi daquela vez, parece que foi no *orkut* (...) os cara combinaram, a Zona Sul veio em peso, aí, mais de brincadeira nós fomos junto na treta. Saimos fora umas horas, por que tinha uns cara com cavalo, cetra, uns tava maquinado, foi cabuloso dessa vez. Os 'gambé' vieram e tipo, teve cara dos dois lados que foram encarar os 'home'. Depois dessa que tipo, até teve uma trégua dos cara da Coronel com nós. Agora deu uma parada. Mas quando a gente vai pro favela, tá ali no centro pra pirar é assim (...) A nossa treta aqui é mais de vila pra vila. Tem cara de lá (Coronel) que as vezes que se prevalecer aqui, ou tem cara daqui que vai roubar e fazer uma festa lá (...) **Galego.**

Segundo Galego a participação de seu grupo é pequena neste tipo de conflito e sua vila é rival do grupo de adolescentes da vila Coronel Cláudio, mas, em função da referida briga, uniram forças contra a Zona Sul. Esta versão de agrupamento entre vilas rivais de diferentes zonas foi confirmada por um adolescente da Zona Sul:

As vezes os cara se reúne assim, às vezes os cara até tem treta, mas só pra derrubar nós, os cara se juntam daí. Eles fazem isso pra tentar derrubar a vila mais forte, e depois acertam o lado deles daí né. (...) os cara fecham entre eles pra bater ne nós! A Vilela naquela vez com a Coronel foi assim. **Gorpo.**

Os adolescentes da Vilela e Coronel Cláudio apontam que nesta ocasião foi dada uma trégua nos conflitos entre as duas gangues que ocorriam com mais frequência.

(...) lembro que teve uma vez que foi uns vinte e cinco cara contra uns cinquenta!

Nós era chamado de os Fogueteiro, tá ligado? Nós andava com uns foguete de doze tiro tá ligado? Nós chegava ali na Magiqueira e apavorava, treta com pedrada, aí pra baixo também com os cara da Vilela, que de vez em quando morre a treta, mas sempre tem a pivotagem que continua né. Só que nós aqui, nós não gostamo de pedrada né mano! Nós não gostamo de pedrada! E já chamamo assim: “então chegue perto aqui né mano!” Venha aqui perto de nós né. Venha na mão se é homem! **Dentinho**.

(...) Nas antiga eles juntavam a Zona Leste inteira, Vila Princesa, Coronel, Francelina, até Paraíso, todo o Uvaranas pra brigar com nós. Nós via aquela galera e ia só na pedrada, não tinha como ir no braço (...) **Boneco**.

Contudo, outro adolescente da Coronel Cláudio contesta o acordo entre os adolescentes de sua vila com os da Vilela e afirma que a trégua seria passageira.

Só nunca rolou de se junta com a Vilela, nunca rolou, a não ser pra pedir pra apaziguar! Os cara era só na pedrada né, patifaria né, como é que vai confiar nos cara né? Pra deixar baixo a coisa, tipo, de a gente ou eles dizer assim: “ó nós não queremos mais treta e pá”. Nós tretamo tanto com a Vilela que nós cheguemo cara a cara assim com eles, daí a gente apaziguava só que daí os piá mais novo começam a treta de volta né, e nunca para. Daí passa e a gente fica de boa, tem a ver com a geração dos cara, os maior se cansam de tretar, porque os cara não vem na mão, e a pivotagem vai lá e continua a treta. **Cascão**.

Um importante elemento verificado através do relato acima, diz respeito a justificação de que os conflitos não param de ocorrer devido à ação de adolescentes menores, reconhecidos como a “pivotagem”. No capítulo anterior, foi destacada a categoria idade como importante elemento que compõe a interseccionalidade vivenciada pelos adolescentes em conflito com a lei. Os pivetes, adolescentes “menores” ou mais novos, demonstram ocupar posição periférica diante de outros que realizam roubo, furto qualificado ou tráfico e que são mais velhos. No entanto, é esta “pivotagem” que aparece nos relatos dos adolescentes da vila Coronel Cláudio como referência central no território em disputa pelas “zonas” no centro da cidade.

Agora apaziguou! Agora apaziguou! Era treta das antiga né cara! Treta das antiga e daí apaziguou agora! Agora tem os piazinho, os piazinho que se se alugam agora pra querer brigar de galera, eles querem se alugar, pá! Só que com nós não tem! Os cara agora sempre cumprimentam nós agora, a gente vai na saída do Regente ali, outros lugar do centrão, os cara vê nós e sempre cumprimentam! Só que tem daí os piazinho que com nós não se alugam né, só com os os piazinho menor mesmo que rola! **Dentinho**.

Outro aspecto importante está relacionado com o fato de que os adolescentes da Vilela e Coronel Cláudio falam dos conflitos sempre relacionando-os ao passado. E nas relações em seu espaço de vizinhança demonstram certo desdém a alguns adolescentes que são considerados a “pivotagem”, descrevendo-a como uma fase a qual já passaram.

Entretanto, é necessário destacar que a participação nos conflitos e em práticas de

violência podem deixar cicatrizes, até ocasionar homicídios, podendo influenciar no distanciamento entre os adolescentes das “zonas” e as brigas no centro, tal como relatam *Cascão* e *Boneco*:

E foi por causa dessas treta que os cara mataram meu mano, tá ligado? Por causa dessas treta! E foi os cara da Vilela! Que sempre rolou treta entre a Vilela e a Coronel! Os cara chegaram na frente da minha casa com um carro, pararam na frente, chamaram ele assim e o cara deu um tiro na boca dele! Foi dois tiro na boca, e eu vi a cena! O cara chegou e cumprimentou ele, o cara chegou na humildade, chegou assim como se fosse amigo sabe. E foi conversando assim, perguntando assim: “como é que tá?” (...) De repente pá! Diz que ele falou assim ó: “o cara, se lembra de mim?” e meu irmão falou: “quem que é você cara?” Na hora que meu irmão levou a mão pra cumprimentar ele assim, daí ele pipocou meu irmão. Treta de gangue né! **Cascão**.

Paramo um pouco, mas é volta e meia, nos ferveo principalmente (...) Passa um tempo, é treta de novo, entre uma vila e outra. Nós tamo de boa, até porque já deu 'pipoco' pros dois lado. **Boneco**.

Alguns adolescentes destacam que as “tretas” são das “antigas”, evidenciando os conflitos como ocorrências do passado e que, atualmente, este tipo de arena é ocupada por adolescentes menores. Contudo, é possível observar outros aspectos relacionados ao conflito entre grupos de distintas vilas, como é o caso de Vilela e Coronel Cláudio, a partir da relação dos adolescentes com os territórios de controle da “correria” e aos traficantes.

Treta mais das antiga mesmo! Faz uma cara que não rola de tretar mais com nenhum dos cara aí, só aquele dia, que eu levei a naifada, acabei de tirar os ponto. E era pra acertar no meu peito, o cara veio pra matar né mano! E foi do mesmo tipo, ele chegou e me chamou assim (...) Pedrada dos cara da Vilela eu levo altas! Nossa! Um monte de corridão também! Mas a vida continua né mano, os cara sempre voltam e querem manter a treta entre as vila, nós tamo aqui na nossa agora, mas vai saber, sempre os cara arranjam motivo, ou às vezes nem tem. **Cascão**.

Na seção anterior foi observado que, no caso de uma “treta”, isto é, um conflito entre grupos de adolescentes de diferentes vilas, a mesma institui-se através do agrupamento situacional definido pela experiência em “comprar a bronca”. Neste caso, a dívida com algum traficante ou a adoção de alguma estratégia de controle da “correria” podem ser elementos centrais para a efetivação disso. Em algum contexto espacial e temporal, as experiências cotidianas já vividas podem encaixar-se para uma situação em aberto que possibilita o conflito. Adolescentes que adotam estratégia de controle da “correria” na “quebrada” e ocupam centralidade neste tipo de território, podem encontrar as pessoas a quem exigiram “pedágio” em outro contexto. Estas pessoas, a partir daí, podem influenciar outras que possivelmente aceitem “comprar a sua bronca” e “tretar”. Este movimento entre os diferentes espaços, tempos e experiências, possibilita que o

adolescente que fora “multado”, em dado contexto, seja o centro das relações de poder e adesão de determinada “zona” num contexto ulterior, no caso de conflito entre grupos no centro da cidade.

A “zona”, deste modo, demonstra interdependência entre adesão daqueles que compõem a briga do(s) outro(s) num território de disputa e as experiências cotidianas ligadas a outros territórios. As escalas de experiências dos adolescentes podem ser entendidas como conectadas, um verdadeiro jogo de escalas que possibilita situar-se em relações de poder em espaços vividos e, assim, exercer o saber/poder.

No estudo em questão, os adolescentes da vila Coronel Cláudio também demonstram que um dos principais motivadores dos conflitos atuais entre eles ocorre a partir do tráfico de drogas:

Com nós, assim, as coisas tão mais de boa, mas com os cara lá de baixo, que vendem pedra não tá, rola disputa ainda e com eles também. Tem muito cara daqui que vai lá na quebrada nos cara da Vilela e fica devendo e, dos cara deles que vem aqui também. Aí das dívida, é uma galera perseguindo a outra não querem nem saber se você tá envolvido ou não, você tá junto eles apavoram. E é os cara da Vilela! Até o cara que matou o meu irmão, me prometeu também, que se ele me encontrasse ele ia me derrubar também! Só que daí os cara caíram né mano. E aí a coisa tá parada agora. E o cara ainda disse que quando ele sair ele vai vir buscar eu e minha mãe, tá ligado? **Cascão.**

As estratégias de conflito, conforme os adolescentes expõem, podem partir da união de grupos rivais, demonstrando que o território tem como um dos dispositivos de sua instituição, a negociação. No contexto dos grupos, os adolescentes mobilizam táticas complexas que vão além da proteção e defesa face sua posição marginal. Neste contexto, se apresentam variadas táticas desconstrucionistas, como se observa na reunião de diferentes grupos da “Zona Sul” e da “Zona Leste” e as estratégias de conflito em locais de referência, tais como o *Parque Ambiental*, a *Rua Benjamin Constant*, a *Avenida da München* e as proximidades da danceteria *Magic* e da extinta danceteria *Machine*. Nestes espaços, as performances adotadas pelos sujeitos também se relacionam ao saber/poder de ir às vias de fato, agredir e causar lesões corporais aos sujeitos de grupos rivais.

Agora, as treta que tinha lá com os cara da Zona Sul era forte. Uma vez eu tava com aquelas foice que é tipo um facão, sabe? Tava com o negócio por dentro da calça assim ó. Daí na treta que tivemo com a Zona Sul, veio um correndo assim ó, dizendo que tava vindo os cara da Cipa por ali né. Pensemo assim né: “devem tá vindo nuns vinte né”. Não dá nada, nós tava nuns trinta né, e eu com aquele facãozinho né cara. Pensei né cara: “deve tá vindo uns vinte né cara, deve tá vindo uns vinte.” A hora que eu vejo cara (...) Era uns cento e cinquenta cara! Tinha uns cara com a gente que tavam de cavalo cara! (risos) De repente veio um assim, pra cima de mim e daí na hora que eu tirei assim o facão, da calça assim né cara, eu dei uma assim, de cima pra baixo, passou lambendo o pescoço do cara assim

(risos), era pra cravar né cara! (risos) Quando eu endireitei o facão assim pra dar outra, veio uns três assim cara pra cima de mim, eu já corri, pulei uma gradinha, entrei lá dentro do Modulo Policial, você acredita? E os cara foram lá dentro do modulo me buscar cara! Você acredita? Lá dentro, entraram lá dentro cara! Ai me grudaram assim cara, me grudaram e me puxaram assim pra fora. Me puxaram pra fora e nessa que eu sai, eu já fui dando cabeçada nos cara! Acertei uma na boca de um cara assim! Pá! E fui dando cabeçada! Nessa que eu tava ali, daí eles já me cobriram de pancada! Eles tavam em bem mais né cara! Aí já chegou um gambé que tava com um taco de beiseball, foi distribuindo na galera e enquadraram quem não conseguiu fugir. Como eu tava ali e tinha apanhado, os cara me enquadraram e me deram geral falando assim: “esse aqui nós já conhecemo!” Foi nessa que eu levei uma com aquele taco assim, bem na cabeça, já tinha apanhado, imagine! Levei mais uma, tonteei e só fui lembrar do resto no outro dia, os gambé me deixaram por ali e os cara aqui da Coronel que me levaram pra casa no colo! Nossa aquela foi foda, perdi meu facãozão, tá ligado? Tinha uma galerinha até de cavalo nessa cara! Tinha cara de moto, de carro! A galera com pedra, pau, cetra, facão, corda. Tinha uns cara tentando laçar os maluco da Cipa, você acredita? Só que tinha que ficar ligeiro, porque ao mesmo tempo que tinha gente saindo na mão ou com qualquer outra coisa, tinha cara que ficava jogando pedra! Tinha um monte de cara maquinado também, carregando cano na cinta! Ade não! Tinha altos cano na treta daquele dia, de um lado e de outro! Teve o D-Menor que tirou uma 28 de dois cano assim (espingarda) e atirou no meio da galera ali, eu nem vi se pegou em alguém, só que escutei o estouro! Póóóólllll! O tiro passou lambendo nós assim. Depois eu vi que uns de nós os cara derrubaram, os maluco da nossa quebrada derrubaram uns deles! Depois uns saíram correndo, outros foram preso! **Dentinho.**

Os adolescentes entrevistados da Coronel Cláudio e Oficinas, representados pela “Zona Leste” e “Zona Sul”, se identificam como participantes dos principais conflitos no centro da cidade durante os anos de 2005 e 2007. Sendo que dois deles foram agendados e contaram com massiva participação de adolescentes de várias vilas das referidas “zonas”. Os adolescentes da “Zona Sul”, além de demonstrar seu poder de causar dano e lesão, evidenciaram a adoção de outras táticas e estratégias de conflito:

Tipo, uma vila parece que quer mandar mais que a outra. A treta é mais Coronel e Zona Sul, isso volta e meia dá. É que a Zona Sul, já andou meio que apavorando demais já...subia uma galera e via o que ia dá. Teve uma que a galera subiu de bonde na frente e outra galera de a pé, na época que o ônibus era de graça, na hora que se encontram ali era o fervo. Quem tivesse pro meio era pau e se alguém baixasse a bola de nós era pau depois aqui na praça também. Ali no Parque Ambiental, na frente daquela Diesel, ali era o lugar que rolava o fervo de treta de galera. Teve alguns dia que tinha uns cento e poucos caboclo, o centro tava cheio de maluco da Zona Sul. Outro dia que a gente fechou uma quadra inteira do centro ali né. E daí com mais de cento e poucos caboclo em nenhuma vez, não teve pra nós. Os cara desceram numa banca assim, ali naquela pista de skate, (vrummm) e, (...) quebrando todo mundo e gritando cadê a Coronel? Os mais fortinho que quiseram escorar ali (risos), dechemo tudo deitado. Eles tavam tipo numa galerinha de dez aqui, trinta ali, vinte num lado. Os cara chegaram numa galera também. Dessa vez foi massa, porque uma galera deu a volta e veio pelo terminal, a outra ali pela Benjamin Constant, quando chegemo os cara foram pro lado do Parque Ambiental e nós cercamo e coxemo os cara. Era a Coronel que tava dominando o centrão, Vilela também. E daí nós se reunimo pra derrubar eles. Nessa ali que nós ganhamo a fama pra vila aqui, derrubemo tudo daí. **Spun.**

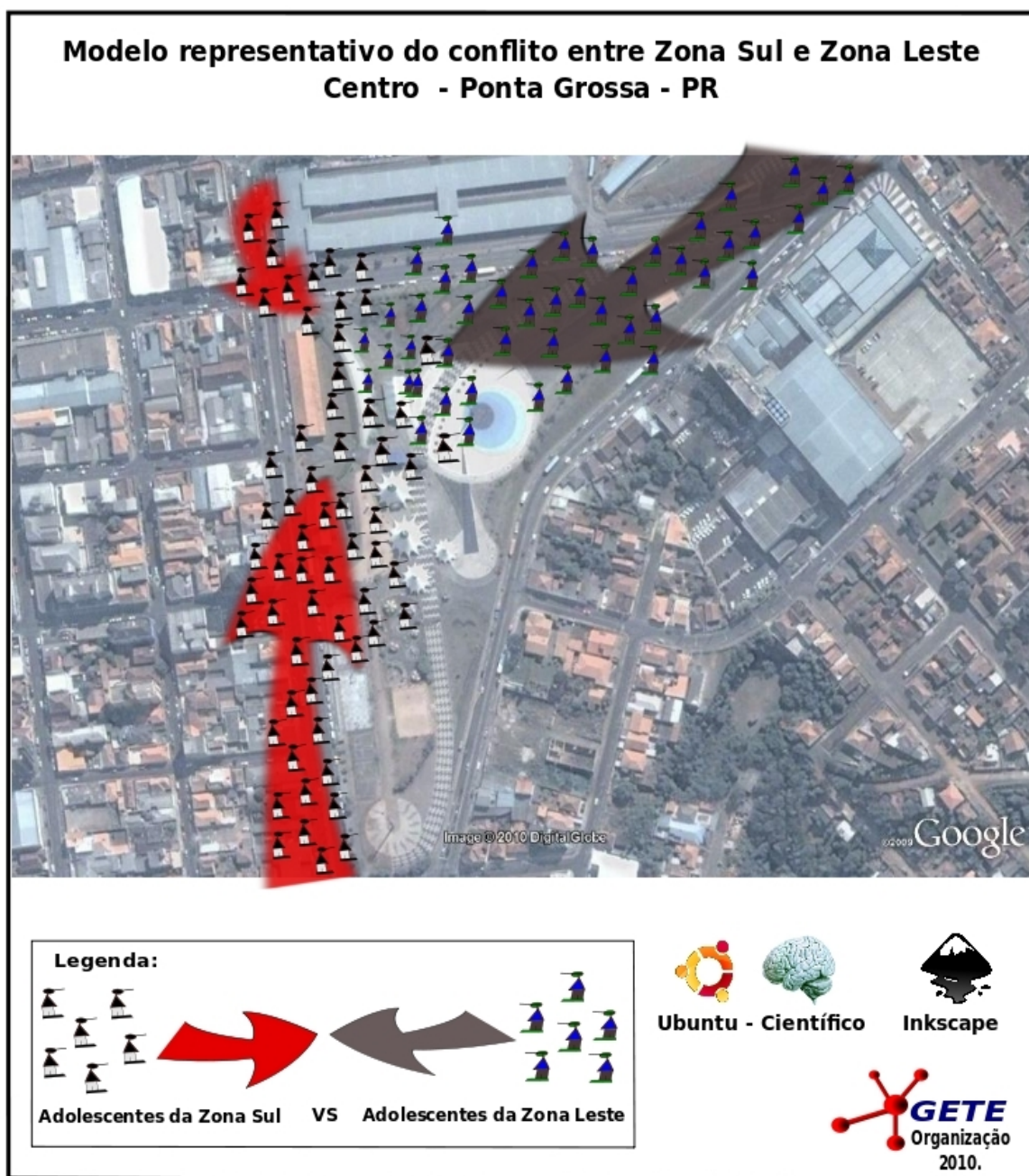


Figura 15 – Modelo representativo de um conflito entre grupos no centro da cidade.

O território em disputa, no centro da cidade, demonstra que as zonas organizam-se para o conflito aliando táticas diferenciadas de deslocamento espacial, formação de cerco, observação periférica de tomada do terreno pelos flancos, etc. Também são observadas estratégias de controle direcionada ao próprio grupo em locais de referência nas vilas de adeptos da gangue, tal como é observado entre os adolescentes da vila Oficinas. Em seu grupo buscam fortalecer a adesão de centenas de adolescentes ao conjunto da Zona Sul e na aplicação de uma estratégia coletiva de controle sob o centro da cidade. Outra estratégia de controle adotada pelos adolescentes da Zona Sul incide

sobre seu próprio território, converge na direção dos espaços de vizinhança. Para estes adolescentes, aqueles de seu grupo que não adotam a performance de um homem violento no contexto do confronto, assim como aqueles que não contribuem ao posicionamento de sua “zona” como centro das relações de força entre as gangues, são punidos e marginalizados no seu território. Esta estratégia de controle interno do grupo provoca tensões entre os adolescentes que habitam as diferentes vilas da Zona Sul.

A violência que acompanha todas as “cenas” de confronto, entre os adolescentes da Zona Sul e Zona Leste, é justificada a partir do sentimento coletivo de rivalidade que dá coesão a determinados grupos, podendo acarretar homicídios, tal qual já ocorrido e relatado pelos adolescentes entrevistados. As táticas e estratégias de conflito, assim como as performances dos adolescentes no contexto de uma briga, constituem-se como elementos fundamentais na afirmação do respeito obtido no grupo e para o grupo no contexto dos “fervos” e do “Som” no centro da cidade.

Estas táticas e estratégias também estão vinculadas a interação social dos adolescentes em conflito com lei nos espaços de vizinhança, na valorização de práticas vinculadas a “vida louca”, a “correria” e aos elementos identitários relacionados com a figura do ser homem forte, corajoso, viril, que sabe negociar e que exerce o poder de causar dano. Assumir estes atributos e reproduzi-los, senão possibilita a constituição de “chefes” ou “patrões” de alguma coisa, possibilita a visibilidade de territorialidades e territórios complexos.

Os adolescentes, neste sentido, evidenciam um tipo de organização espacialmente situada em relações de poder e voltada ao conflito e às práticas violentas. Utilizam como referências as vilas onde residem e as “zonas” em que estas se encontram para a constituição de gangues e à instituição de territórios em disputa. As gangues formadas pelos adolescentes entrevistados podem ser denominadas de “falanges”, “bancas”, “zonas” ou “comandos”. Esta última denominação, por outro lado, dá visibilidade a outro tipo de organização e que também gera efeitos sobre a vida diária dos adolescentes em conflito com a lei entrevistados.

2.5 - A trajetória na ilegalidade e a emergência de territorialidades e masculinidades periféricas.

O intenso envolvimento dos adolescentes entrevistados em atos infracionais e as relações estabelecidas em diferentes territórios são identificados, por eles, como o

processo de formação de um bandido. Todos os adolescentes entrevistados apontam que seu futuro está mais próximo da morte ou da prisão, do que qualquer outra perspectiva. Tal como observa Zeca: “a nossa vida aqui segue em dois ‘C’: cadeia ou cemitério”.

A trajetória na ilegalidade é tida pelos entrevistados como uma fase de aprendizado que tem como ápice o contato com as armas de fogo e a realização de atos infracionais que lhe garantam um bom “adianto”. Neste sentido, observam que a realização de roubos a mão armada e de tráfico de drogas podem elevar sua posição diante de outros grupos. No tráfico e na posse de arma os adolescentes vislumbram ocupar centralidade em diversas configurações de relações de poder. A valorização destas posições constitui uma das possibilidades de legitimação de suas práticas e, além disso, constitui a sua relação com outros tipos de organizações criminosas, mais comuns entre adultos em conflito com a lei.

A palavra “comando”, apesar de utilizada pelos adolescentes entrevistados para designar as gangues da Zona Sul e Leste, ganhou destaque no cenário da criminalidade nacional a partir da formação do *Comando Vermelho*.

Como facção do crime organizado, o *Comando Vermelho* foi fundado em 1979 na prisão Cândido Mendes, Ilha Grande, no Rio de Janeiro, com o intuito de criar uma rede de financiamento de fugas dos criminosos, assim como de ajudar ao sustento dos presidiários diante das condições precárias daquele presídio. Naquele contexto, a “falange” vermelha tornou-se “comando”. Na relação controversa entre presos políticos e presos comuns, ainda no período de repressão da ditadura militar¹⁹².

A denominação “comando” também mostra lugar na formação de núcleos de torcidas organizadas de times de futebol em grandes e médias cidades, que começam a ter mais evidência na década de 1990 em casos de violências nos, e em torno, dos estádios. O *Comando Norte*, núcleo da torcida organizada *Império Alvi-Verde* que idolatra o time coxa-branca¹⁹³ na capital paranaense, é um exemplo deste tipo de “comando”.

Em 2001, um interno conhecido como Sombra, por telefone celular, coordenou rebeliões simultâneas em 29 presídios do estado de São Paulo. Com isso, tornou-se o mais expressivo líder, até então, do *Primeiro Comando da Capital*, o P.C.C.¹⁹⁴. Este

192Informações observadas em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho . Acessado em 23 de junho de 2010.

193Núcleo de uma torcida organizada do Coritiba Football Club.

194O P.C.C. Foi fundado em 1993 como Partido do Crime, por oito presidiários do “Piranhão” como é denominado o Anexo da Casa de Custódia de Taubaté, cidade localizada a 130 quilômetros da capital São Paulo. Esta organização iniciou-se com o estabelecimento de confiança entre os oito presidiários, porém, atualmente constitui uma hierarquia complexa e um rede de financiamento do crime articulada entre internos e ex-presidiários. Informações obtidas em:

“comando” também ganhou destaque na mídia a partir da realização massiva de revoltas de internos do sistema prisional no ano de 2006 que inaugurou uma série de práticas de violência organizada e articulada entre vários pontos e presídios do país. Atualmente, esta organização tem ligação com o Comando Vermelho e atua em diferentes presídios do Brasil, inclusive em Ponta Grossa, a partir do Presídio Hildebrando de Souza. O P.C.C. adota como estratégia a difusão do crime e sua organização pelas cidades, dos dispositivos de ação criminosa conjunta e da desorganização do quadro das instituições estatais de segurança pública, assim como formam uma rede de financiamento do crime organizado, onde cada contribuinte é “batizado”¹⁹⁵ e associado.

Entre os adolescentes entrevistados, dois deles relatam fidelidade ao P.C.C. e demonstram esperar por batismo:

Nós aqui, tamo ligado que, na hora que nós cair, já tem os nosso irmão lá, que nós ajudamo, e eles, dá uma força lá. Aqui é P.C.C., tá ligado? Tem que ajudar os nosso irmãozinho que tá lá, que depois eles ajuda quando tiver na rua também quando nós cair! Tum, tum, tum, bateu cabeça, é P.C.C.! Eu to ligado, que se eu, amanhã, depois, cair, vou me batizar. Já tem irmão meu que é, tá ligado? Cê acha, que se não batizar, você se vira como lá? (...) No batizado, os irmão nosso aí que contam: Vem tipo três que já é né, pegam, eles são testemunha, você fica apadrinhado deles e daí não dá nada lá dentro. **Boneco.**

Virou, mexeu, é os maluco na quebrada representando os nosso irmão. A malucada aqui sai pra roubar, faz o ferve e bota pressão memo porque nós fazemo a revolta, nosso movimento é esse. Se pá, é nós, P.C.C. na área maluco! Dos maluco daqui que caíram, já é tudo batizado: daí é lei! Tipo, não rola de você batizar os outro, só depois, e tem sempre que ajudar lá dentro, se não é caixão! Não dá pra você 'tretar' com os maluco de outra quebrada batizado, não importa se tem treta. E mais um monte de outras parada, que é lei, é atitude né truta! **Zeca.**

É neste sentido que alguns adolescentes demonstram reincidir em atos infracionais que são justificados a partir de um movimento de revolta simbolizado na ação criminosa articulada com os princípios valorizados pela organização P.C.C.. A partir daí, é possível observar, portanto, a existência de outro “comando” que difere de uma gangue comum entre os adolescentes entrevistados, mas em direção ao imaginário sobre o exercício de

http://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Comando_da_Capital, acessado em 23 de junho de 2010.

¹⁹⁵Para integrar-se ao P.C.C., de acordo com seu estatuto é necessário ser apadrinhado por três integrantes. O batismo é ritual de aceitação ao partido e conta com o juramento de cumprir com as obrigações vinculadas a ele. Segundo os adolescentes entrevistados, contribuir com cotas em dinheiro é uma delas, tanto o batizado que se encontra encarcerado, quanto aquele que “está na rua”. Outra obrigação descrita pelos entrevistados é não estabelecer conflito entre batizados do P.C.C.. Sendo que o não cumprimento de tais obrigações resulta em pena de morte no grupo. As informações descritas pelos adolescentes entrevistados podem ser encontradas no estatuto do P.C.C. publicado na página de notícias Folha Online: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u22521.shtml>, acessado em 23 de junho de 2010.

territorialidades vinculadas ao crime organizado. A lealdade e adesão em torno de práticas ilegais, podem também ser consideradas como elementos de um processo de instituição de seres que podem, no futuro, ocupar presídios e/ou posições de destaque entre associados no crime organizado. Novamente, as experiências de exclusão e marginalização podem se direcionar à práticas em grupo que revelam outras formas de apropriação espacial.

Deste modo, a partir da análise sobre como os territórios compõem a existência cotidiana dos adolescentes em conflito com a lei, é possível interpretar esta existência como um espiral complexo em que os adolescentes constroem suas trajetórias a partir das experiências em campos de saber/poder situados e vinculados a territórios específicos. Assim, os sujeitos desta pesquisa constroem a imagem de um ser homem marginal e marginalizado. Adotam performances ligadas a uma masculinidade hegemônica valorizando as noções de virilidade, valentia, lealdade, coragem, honra, o poder de causar dano e de promover a violência. Ao mesmo tempo, não conseguem contemplar a totalidade do imaginário constituído como modelo hegemônico de ser homem, são marginais e classificados socialmente como adolescentes em conflito com a lei.

Os territórios compõem sua existência cotidiana na medida em que exercem a territorialidade em seus momentos de “vida louca” com os seus “manos” na rua, nos territórios de controle da “correria”, em “rodas de *crack*” e na articulação das “zonas”. Neste sentido, não existe território em si mesmo, assim como não existem territorialidades em si mesmas. Território e territorialidade não podem ser consideradas categorias reificadas e que possuem *status* ontológico ou supraorgânico, mas também como instituídos através do jogo tenso de aceitação de interpretações sobre inúmeras experiências “dos homens”. O movimento entre práticas (territorialidade) e apropriações espaciais (territórios) ocorre em espiral. O território pode, assim, apresentar-se como situacional e interdependente da estratégia de controle empreendida em dada escala das experiências cotidianas. Exemplos que justificam este argumento incidem sobre a posicionalidade dos adolescentes investigados e as rearticulações entre diferentes espacialidades através de um complexo movimento. O território, não deixa de representar o resultado, mas da interpretação de complexo movimento entre o que é concebido e construído socialmente a partir de práticas mutáveis e que podem desconstruir/reconstruir na realidade o conceito.

Manter-se na chamada “vida louca”, assim como outros modos de se ocupar

centralidade nos territórios urbanos que compõem a existência espacial dos adolescentes investigados, ao mesmo tempo em que subverte o ideal do “ser-homem-no-mundo”, calcado na figura do homem bom e responsável, assume alguns elementos desta mesma figura como centrais. Este aspecto complementar e contraditório é observado na relação entre a fuga da norma, que constitui o adolescente como em conflito com a lei, e a afirmação de práticas que valorizam a imagem de homens que são consumidores, corajosos, valentes, fortes, ameaçadores, leais aos seus pares e causadores de danos.

Há de ser considerado que a figura do herói também aparece sob o ponto de vista hegemônico como ligada ao papel do bandido. A história e a geografia da juventude demonstra vários exemplos de referenciais simbólicos construídos através da experiência de ídolos da música ou esporte com o mundo das drogas e com a criminalidade. Exemplos de posturas machistas ganham índices de audiência e votos populares¹⁹⁶. A imagem que associa heróis a agressores, bandidos, malucos ou *bad boys* não deixa de ser valorizada, ou, passa “desapercebida” no contexto da sociedade brasileira. Esta representação da masculinidade, no entanto, é periférica, na medida em que não contempla a totalidade do modelo hegemônico. Contudo, é importante elemento presente na vivência cotidiana de muitos homens, podendo obter legitimação ou contestação e influenciar no exercício de territorialidades e na instituição de territórios.

Ser-homem-no-mundo, identificado como processo de (re)construção complexa, implica a vivência da interseccionalidade e a mobilização de facetas identitárias diversas pelo espaço. Os territórios são instituídos nas relações que as pessoas estabelecem. Estas relações, notadamente, constituem-se pelo encontro entre identidades interseccionadas. De acordo com o universo empírico observado, as masculinidades e as infrações se constituem em facetas centrais neste encontro e no movimento complexo de instituição de territórios urbanos.

¹⁹⁶No ano de 2010, dois *reality shows* televisivos de grande audiência e que apresentam disputas por milhões de reais a partir de voto popular de centenas de milhares de telespectadores, foram vencedores: uma pessoa que foi criticada por posturas machistas e que ostentava o *slogan* “força e honra”, e outra, que responde processos judiciais e é acusado por atos de violência contra mulheres. Nas eleições de 2010, é cotado entre os favoritos ao senado pelo estado de São Paulo, um ex-cantor de pagode, também acusado do mesmo crime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Processo investigativo contemplado nesta dissertação teve como objetivo interpretar a existência espacial cotidiana de adolescentes homens em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa – Paraná.

Este processo foi constituído de etapas distintas e complementares para a construção de um modelo de análise composto de padrões espaciais dos atos infracionais e padrões comportamentais flexíveis evidenciados na interação “face a face” em quatro grupos investigados. Deste modo, o processo investigativo implicou a problematização sobre espacialidades complexas e territórios urbanos.

Foi observado que as experiências comuns de exclusão e estigmatização são fundamentais na persistência do fenômeno da infração entre adolescentes do sexo masculino e habitantes das periferias pobres. As práticas cotidianas do grupo investigado, ao mesmo tempo em que instituem o ser homem adolescente em conflito com a lei, são instituídas através da mobilização de facetas identitárias ligadas ao imaginário instituído sobre o que é ser homem na condição de marginalizado, tanto em relação aos padrões hegemônicos de consumo quanto em relação ao modelo ideal do ser homem.

Neste sentido, não há como conceber a existência espacial do grupo investigado a partir de contextos isolados de determinados tipos de atos infracionais descritos nos autos. Deve ser revelado que entre a construção social dos adolescentes em conflito com a lei e suas vivências espaciais há o hiato representado por um universo de possibilidades de contato entre os autores de ações transgressoras e a esfera institucional de controle regulada pelo Estado e que também é articulada pelo espaço urbano.

A imersão neste universo, destacou a importância da reflexibilidade e da problematização do contexto de produção dos dados da pesquisa a partir da consideração de tipos distintos de conhecimentos calcados nas posições do investigador e dos entrevistados, um sistema relacional particular ao processo investigativo e aos contextos espaciais, temporais e grupais envolvidos.

Todavia, esta imersão parte de um ângulo alinhado a trajetória de estudos sobre grupos marginalizados no conhecimento científico geográfico e a perspectiva de dar visibilidade a uma geografia oculta na geopolítica do conhecimento, tal como compõem os subcampos da geografia cultural renovada, das geografias feministas e pós-coloniais.

A geopolítica do conhecimento geográfico, na maioria das vezes, primou pela consideração de “sujeitos genéricos” alinhados a pressupostos de que “o espaço é a

morada do homem”, “ação do homem sobre a superfície terrestre”, etc.. Porém, entendo que o plural faz toda a diferença, em qualquer dispositivo de construção de um raciocínio aberto ao novo sobre as experiências espaciais situadas dos homens. Para os adolescentes em conflito com a lei, certamente, suas moradas não são nada semelhantes daquelas sob propriedade de outros agentes, sejam políticos, patrões, gestores de políticas públicas ou geógrafos.

A pluralidade de masculinidades acompanha a multiplicidade de espaços, assim como de performances adotadas de modo distinto conforme a escala das experiências cotidianas. A vivência da interseccionalidade como dispositivo acionado em diferentes âmbitos e sistemas relacionais, pode evidenciar diversas geometrias de opressão, tal qual pondera Valentine (2007). Neste sentido, os adolescentes entrevistados se constituem, ao mesmo tempo, em oprimidos e opressores. Na escala das experiências com vizinhos e pessoas de “outro contexto”, ou consideradas burgueses, a estigmatização de seu grupo influencia na constituição do que pode ser identificado com o oprimido. O contexto do ato infracional, no entanto, é diferente, o adolescente pode ser o opressor vitimando burgueses e pessoas que estigmatizando ou não, passam a fazer parte deste contexto.

A vivência da interseccionalidade se assemelha ao processo de completar através de movimentos variados um “cubo mágico”. Em determinados campos de relações, as facetas identitárias acionadas pelos adolescentes, por exemplo, contemplam uma série de códigos e padrões comportamentais coerentes com a dinâmica e correlações de força entre as pessoas envolvidas. Não contemplar algumas facetas importantes em dada configuração, pode marginalizar o adolescente, que pode legitimar ou contestar sua posição de marginalizado. Não “fechar com as cores certas das arestas do cubo” não representa fim de jogo. Ao contrário, influencia na reconstrução de táticas e estratégias que são interdependentes da ação, performance e movimentos do jogador. Portanto, as práticas são fundamentais na instituição de territórios.

A complexidade das vivências espaciais cotidianas dos adolescentes demonstram que as facetas identitárias relacionadas ao ser homem, caracterizado a partir das categorias discursivas vinculadas a agressividade, lealdade, furtos, roubo, uso e tráfico de drogas, por exemplo, são mais acionadas do que outros elementos que compõem o modelo hegemônico constituído sobre este ser.

As experiências de exclusão, as resistências vinculadas ao desejo de consumo e a valorização de práticas que vão de encontro a características do ser homem num contexto de pobreza e marginalização, tal como as categorias a pouco referidas, representam a

instituição de uma masculinidade periférica. A vivência pautada em performances ligadas a esta instituição e aos atos infracionais compõem um apanhado de facetas identitárias e um conjunto variado de práticas valorizadas entre os grupos de adolescentes entrevistados.

Se em alguns contextos não é possível ocupar centralidade num grupo a partir da afirmação de práticas relacionadas ao uso de drogas e da lealdade em torno deste consumo, por exemplo, noutros, o adolescente pode ocupar centralidade acionando a faceta identitária vinculada ao poder de causar dano e a lealdade em torno da agressividade, outro atributo valorizado entre os grupos entrevistados. No mesmo sentido, inúmeros exemplos podem ser obtidos a partir de imersão mais profunda na multiplicidade de contextos e escalas das experiências cotidianas do grupo pesquisado.

As práticas que constituem o cotidiano destes grupos são multifacetadas e espacialmente situadas. Este trabalho buscou interpretá-las a partir da complexidade espacial cotidiana dos adolescentes em conflito com a lei envolvendo os deslocamentos espaciais e constantes reposicionamentos dos sujeitos diante de uma multiplicidade de correlações de força.

A instituição de territórios compõe esta multiplicidade como importante referência espacial a qual os grupos atribuem significado de apropriação. A oscilação entre centro e margem oriunda da interação nos territórios, dá visibilidade a um processo de desconstrução/reconstrução dos territórios mediada pelas relações sociais e de poder, assim como sugere Rose (1993). Os territórios podem se dissolver a medida dos conflitos e renegociações que, por outro lado, podem influenciar na instituição de outros territórios. O aspecto mutável dos sistemas relacionais é um atributo importante na instituição de territórios a partir de estratégias eventuais de controle e de apropriação, assim como na reprodução de uma pluralidade de práticas valorizadas por determinados grupos.

Por outro lado, os múltiplos territórios instituídos através das relações dos adolescentes em conflito com a lei pelo espaço urbano, interferem na mobilização de facetas identitárias específicas de acordo com diferentes contextos. Deste modo, pode ser interpretado que as escalas de experiências cotidianas dão visibilidade a múltiplas territorialidades. A territorialidade enquanto estratégia escalar de interação nos territórios é observada em diferentes contextos das experiências cotidianas dos adolescentes em conflito com a lei. A análise sobre as entrevistas apontam para categorias discursivas ligadas a apropriação de espaços para a reprodução da “vida louca”, para o controle da “correria”, para a existência das “rodas de crack” e para o conflito de grupos de

adolescentes rivais que residem em diferentes vilas. As escalas das experiências cotidianas são dimensões em que emergem a interação entre estes grupos e a instituição de territórios urbanos.

Neste sentido, foi importante destacar três elementos que compuseram e compõem estas escalas de análise: as práticas, os agentes e os espaços. Somada à estes elementos, foi evidenciada a interação e as diferentes posições de acordo com o que caracteriza o agente em dado contexto espacial, temporal e grupal. Como resultado desta operação há a visibilidade do que podem ser chamados de territórios urbanos dos “malucos da quebrada”.

Se os territórios compõem a existência espacial destes “malucos”, no desenrolar de suas experiências na vida diária, eles podem ser valorizados como elementos fundamentais na reflexão e na própria constituição de políticas públicas alternativas de socioeducação e de garantia do direito a cidade. Assim como podem ser valorizadas as representações da solidariedade, humildade e os dispositivos de coesão dos grupos na luta pela sobrevivência nas periferias pobres. Os territórios, assim como os tipos de conhecimentos a eles vinculados, incluem o conjunto de adolescentes que produzem o espaço urbano e que demandam acesso aos bens, serviços, experiências de diversão, educação e arte, que através dele, devem ser distribuídos.

Muitas intervenções na realidade dos adolescentes em conflito com a lei partem de perspectivas que estigmatizam estes sujeitos ou até subestimam seus saberes e fazeres. Durante o processo investigativo, observei iniciativas de alguns grupos de estudos e projetos sociais que pareciam desconsiderar o contexto de vida dos adolescentes em conflito com a lei. Foram observadas algumas atividades em que a realização de dinâmicas de grupo envolviam a habilidade manual e a coordenação motora. No trabalho com “massa de modelar”, os adolescentes demonstraram habilidade em produzir réplicas de “maricas” (cachimbos utilizados para tragar o *crack*). Noutra oportunidade, demonstraram tédio quando desenvolveram atividades com “bolinhas de isopor” e “lantejoulas”.

Mesmo no tocante as políticas públicas corretivas de socioeducação, ou da propalada *inclusão social*, estas iniciativas são meramente absurdas se observadas as estatísticas sobre apreensão de cigarros artesanais de maconha, cachimbos artesanalmente confeccionados para o consumo de *crack*, armas brancas e de fogo também artesanais, entre outras estratégias elaboradas no contexto dos atos infracionais e que evidenciam a intencionalidade relacionada com habilidades e a coordenação

motora. Se as políticas públicas, ou outras experiências, tornam-se menos interessantes para os adolescentes em espaços ocupados pelo poder público, parece “normal” apropriarem-se de outros espaços em que podem ocupar posições centrais em dados territórios ou em redes de relações territorializadas envolvendo dependentes químicos, traficantes e diversos campos de relações que incluem as práticas ilícitas e seus agentes.

Este trabalho não buscou respostas sobre a participação dos adolescentes no universo da ilegalidade, tampouco que se dirijam a possíveis soluções para a delinquência juvenil. No entanto, a presente investigação possibilitou inferir que as políticas públicas podem compreender melhor as escalas das experiências cotidianas, desde as redes sociais, os fluxos da economia da droga ou do “mercado negro” de trocas. É necessário dar atenção aos atributos do espaço social, a fragmentação e articulação de espaços vinculados tanto a esfera da política econômica e as redes de distribuição do tráfico de drogas, assim como o papel do sistema socioeducativo que, ora é confundido como aparelho punitivo, ora como instância de função corretiva.

A transformação da realidade em que muitos adolescentes se inserem no universo das drogas e dos atos infracionais pode galgar passos concretos aproveitando-se do sentido de humildade reconhecido por eles, no reconhecimento das demandas para melhoria da qualidade de vida e promoção de justiça social aos adolescentes pobres nos espaços por eles habitados. Nenhuma transformação qualitativa da realidade destes adolescentes reside na iniciativa de mudança dos códigos do ECA ou da redução da maioridade penal, como pregam setores conservadores da sociedade brasileira. É necessário garantir a emergência de novas experiências, distantes da fragmentação do tecido social e da vulnerabilidade ao ato infracional que compõem muitos espaços de pobreza. Esta pauta está na ordem do dia. Se a busca por alternativas aos jovens pobres necessitam de condições objetivas e subjetivas pra acontecer, estas condições começam a apodrecer num contexto social e imaginário em que figuram como importantes componentes os sentimentos de medo e insegurança, tal como evidenciado por Souza (2008). Neste contexto também ocorre a seleção da segurança pública e do tema relacionado ao combate as drogas como uma das principais pautas dos programas de governo ou da manutenção de uma governabilidade diante das leis de proteção social, voltadas ao consumo ou a defesa da propriedade.

Vislumbrar possibilidades alternativas de intervenção na realidade dos adolescentes em conflito com a lei, deste modo, implica a construção de novas narrativas que deem visibilidade as diferentes escalas de suas experiências. A partir destas escalas

de análise as condições objetivas e as imaginações subjetivas podem ser observadas e reveladas. Contemplar a voz dos adolescentes investigados, pode ser o caminho para, a partir dos fluxos de seus próprios desejos, serem construídas novas possibilidades e espaços para outras experiências, mais dignas e distantes do contexto socioespacial de vulnerabilidade para a inserção na ilegalidade e integração a territórios vinculados a violência, a adicção, a prisão e a morte.

Buscou-se nesta pesquisa criar uma narrativa alternativa que ilumine este horizonte relacionado ao reconhecimento da alteridade e na consideração da dinâmica complexa que envolve os adolescentes investigados, sua existência espacial vinculada a construção de uma masculinidade periférica, aos atos infracionais e aos territórios urbanos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, 1997.

_____. Espaços de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez Editora; Ação Educativa; Friedrich Ebert Stiftung, 2003.

ADORNO, S. A delinquência juvenil em São Paulo: mitos, imagens e fatos. **Proposições**.v. 13, n. 3 (39), 2002.

_____. Texto: **Crianças e adolescentes e a violência urbana**. Pesquisa NEV/USP.1999. Disponível em: <http://www.nevusp.org.br>. Acesso em: 28/07/2009.

_____. **A gestão urbana do medo e da insegurança: violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea**. 1996, 282 f. Tese de Livre docência - Sociologia. Universidade de São Paulo, 1996.

ADORNO, S., BORDINI, E. B. T. , LIMA, R. S. de. Adolescentes e as mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n 4, 1999.

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

ATHERTON, Stephen. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place**. Domesticating military masculinities: home, performance and the negotiation of identity. Volume10; Number 8. December 2009.

BADINTER, E. **Rumos equivocados**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2002. Tradução: Luís Antero e Augusto Pinheiro.

BERG, L. D. Masculinity, place and a binary discourse of 'theory' and 'empirical investigation' in the human. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**; 1994, Vol. 1 Issue 2, p245, 16p.

BERGER, P. L. ; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis. Ed. Vozes. 25ªed. 248p.

BOSSÉ, M. L. As Questões de Identidade na Geografia Cultural - Algumas Concepções Contemporâneas. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.157-179.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUDNY, G. **Espaço como componente do ato infracional das meninas adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso.Universidade Estadual de Ponta Grossa. 63p.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter. On discursive limits of sex**. New York, London: Routledge, 1993.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. 418 p.

CASTRO, I. E. O problema da escala. IN: CASTRO, I.E. de; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, L.C. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, 352p.

CHIMIN, Jr. A. B. **A Dimensão Espacial da Vulnerabilidade dos Adolescentes do Sexo Masculino em Conflito com a Lei para Práticas Infracionais na Área Urbana da Cidade de Ponta Grossa-Paraná**. In: 12º encuentro de geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Anais do 12º encuentro de geógrafos de América Latina, 2009. p. 1-16.

_____. **Espaço, conduta infracional e adolescentes do sexo masculino e em conflito em situação de vulnerabilidade em Ponta Grossa - PR**. Revista Terr@Plural. <http://www.terraplural.com.br>, p.1 - 21, 2009.

_____. **O espaço como componente a vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a**

lei em Ponta Grossa – Paraná. Dissertação de Mestrado, 2009. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 152 p.

CLAVAL, P. O Território na Transição da Pós-Modernidade. IN: **GEOGRAPHIA, Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF.** Niterói/RJ, UFF/EGG. 1999, Ano 1 – N° 2. p. 7-26.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.º 2, jul./dez., 1995, p. 185-206.

CORRÊA, R. L. **Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Trajetórias Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 3ª Ed. 121 – 143.

_____. **Produção Geográfica, Controle e Poder.** In: Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. v. XI, 650, p. 1-6, 2006.

COSTA, L. S. da; CARVALHO, M. C. N.; WENTZEL, T. R. . **Revista Ciências & Cognição.** Intervenção psicológica focal em adolescentes autores de ato infracional. 2009; Vol 14 (2): 130-146 p.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação.** n. 24, set / dez, p. 40- 52, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia - volume 1.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 96p.

DIÓGENES, G. **Cartografias da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop.** São Paulo: ANNABLUME, 1998.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L.; **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar . Tradução: Vera Ribeiro. 2000, 224 p.

EVERS, C. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place.** 'The Point': surfing, geography and a sensual life of men and masculinity on the Gold Coast, Australia. Volume10; Number 8. December 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de Saber**. Rio de Janeiro. Graal. 1988. 7º ed. 152 p.

_____. Illegalidades e delinquência. In: **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996, 13ª ed. p. 228-256.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 233p.

_____. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1980. 158p.

GUATARRI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço e debates**. São Paulo, ano V, n. 16, 1985.

HAESBAERT, R. **A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda**. Terra Livre, São Paulo, v. 1, n. 18, jan. /jun. 2002, p.37- 46.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

_____. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

_____. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E.S. (Org) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP: Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009. 368p.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização . In: **Etc..., espaço, tempo e crítica**. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**. Nº 2(4), VOL. 1, 15 de agosto de 2007, ISSN 1981-3732 . <http://www.uff.br/etc>. (39-52p.)

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**. Rio de Janeiro, ano II, n. 3, 1997. p. 77-86.

HOPKINS, P. E. Young people, masculinities, religion and race: new social geographies. **Progress in Human Geography** 31(2) (2007) pp. 163–177.

HOPKINS, P.; NOBLE, G. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place.** Editorial – Masculinities in place: situated identities, relations and intersectionality. Volume10; Number 8. December 2009. 811-819 p.

JACKSON, P. "The cultural politics of masculinity: towards a social geography", **Transactions of the Institute of British Geographers**, 16, p. 199-213, 1991.

_____. "Black male: Advertising and the cultural politics of masculinity", **Gender, Place and Culture**, 1 (1), p. 49 - 60, 1994.

_____. Gender. In: ATKINSON, Davis; JACKSON, Peter; SIBLEY, David; Et all (ORGS). **Cultural Geography**. London: I.B. Tauris, 2005, 222 p.

LONGHURST, R. "Geography and gender: masculinities, male identity and men", **Progress in Human Geography**, 24 (3), p. 439- 444, 2000.

MAYOL, P. Morar. IN: CERTEAU, M. de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs). **A invenção do cotidiano 2 - Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MASSEY, D. "Masculinity, dualisms and high technology", **Transactions of the Institute of British Geographers**, 20, p. 487-499, 1995.

_____. **Pelo Espaço: Uma nova política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

METH, P.; MCCLYMONT, K. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place.** Researching men: the politics and possibilities of qualitative mixed-methods approach. Volume10; Number 8. December 2009.

MCDOWELL, L. The Trouble with Men? Young People, Gender Transformations and the Crisis of Masculinity. **International Journal of Urban and Regional Research**. Volume 24.1 March 2000.

_____. Masculine Identities and Low-Paid Work: Young Men in Urban Labour

Markets. **International Journal of Urban and Regional Research**. Volume 27.4 December 2003 828-48.

MUSS, R. E. **Teorias da Adolescência**. Belo Horizonte: Editora Interlivros, 1974. 4ª edição. Tradução: Instituto Wagner de Idiomas. Revisão: Maria Luiza C. Ferreira.

NABOZNY, A. Espaço e as redes de interdependência na produção da invisibilidade da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.153-175.

NOBLE, G. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place**. 'Coutless acts of recognition': young men, ethnicity and the messiness of identities in everyday life. Volume10; Number 8. December 2009.

NOLASCO, S. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco. 2001. 302 p.

OBERHAUSER, A. M.; RUBINOFF, D.; DE BRES, K.; MAINS, S.; POPE, C. Geographic perspectives on women. In: GAILE, G. L.; WILLMOTT, C. J. (Ed.) **Geography in America at the dawn of the 21st century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 737-758.

OLIVEIRA, C. In: <http://www.direitos.org.br> . 2008, p.2. Acessado em 23/09/09.

ORNAT, M. J. Espacialidades travesti e a instituição do território paradoxal. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.177-209.

RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993b.

_____. As if the mirrors had bled: Masculine dwelling, masculinist theory and feminist masquerade. IN: DUNCAN, Nancy (ED) **BodySpace**. New York: Routledge, 1996, 278 p.

ROSSI, R.; CHIMIN, A. B. J. Periferias pobres e masculinidades: uma dimensão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e**

sexualidade. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.209-234.

SACK, R.. **Human territoriality: its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAHR,C.L.L.;SAHR,W. Territórios – faxinais – espaços. A problemática “espaço/território” na formação social brasileira. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S (Org) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP: Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009. 368p.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 7ª ed. 2005.

SAQUET, M. A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

_____. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007, 200p.

_____. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E.S. (Org) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP: Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009. 368p.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul.** v. 22, n. 44, jul/dez, 2007.

_____. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____. Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.25-53.

_____. Ausências e Silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: Editora

TodaPalavra, 2009. p.55-91.

_____. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.55-91.

SILVA, CHIMIN, PERACETTA e ROSSI. Geografia e Gênero no brasil: uma análise da feminização do campo científico . In: **Revista eletrônica Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 3, n. 7, set/2009, p.38-62.

SILVA, S. M. V. da. A perspectiva feminista na geografia brasileira. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009. p.301-313.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008.

_____. **O Desafio Metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro, 2000: 368p.

_____. **A prisão e a Ágora: Reflexões em torno do planejamento e da Gestão das Cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 364-392.

SOUZA, M. L. de; & RODRIGUES, G. B. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 7ª ed. 2005. 77-116p.

VALENTINE, G. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. In: **The Professional Geographer**, 2007, 59 (1), pp. 10–21.

VAN HOVEN, B.;HÖRSCHELMANN, K. **Spaces of Masculinities**. London: Routledge, 2005.

ZALUAR, A. Teleguiados e chefes: juventude e crime. In: RIZZINI, I. (Org.) **A criança no Brasil hoje**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

ANEXO A

Roteiro de entrevista Adolescentes em conflito com a lei

1. Relate sobre a convivência em casa, com familiares (prestar atenção no fluxo temporal: infância\adolescência) - *“Como é a vida na sua baia? Com os teus velhos e outros que moram com você?”*

- - características da residência\lote
- composição familiar na residência
- características de relações familiares\identidade central

2. Relate sobre suas experiências na escola (prestar atenção no fluxo temporal: infância\adolescência).

- - características de relações com colegas(conflitos\adesões e ações desenvolvidas em conjunto; prestar atenção em identidades centrais);
- características de relações com professores e outros funcionários (prestar atenção identidades centrais).

3. Relate suas experiências no posto de saúde

- - relação com médicos;
- atendentes;
- características dos problemas de saúde, resoluções.

4. Quais são as experiências vividas no espaço de vizinhança?

- - amigos\locais;
- vizinhos;
- ações desenvolvidas\locais- (se é dentro da vila, entre vilas ou centro)
- locais de referência;(se é dentro da vila, entre vilas ou centro)

5. Quais são as experiências vividas na Área central? (Entre vilas; grupos; Adesão, conflito) Quando vai ao centro, o que rola?

- - experiências individuais\grupos
- ações desenvolvidas (se é dentro da vila, entre vilas ou centro);
- locais de referência;

6. Quais são as experiências vividas em outras vilas?; Vai de boa para outras vilas, não rola treta com outros caras?

- - experiências individuais\grupos
- ações desenvolvidas (se é dentro da vila, entre vilas ou centro);
- locais de referência;

7. Já teve envolvimento em atos infracionais? Já teve na função no caso de rolar uma treta ou coisas que você fez com o perigo de rodar com os 'home'? (retomar espacialidades dos atos e da formação de grupos\conflitos e adesões);

- - Houve intervenção policial? Rolou gambé? (consequências\relações de amizade, poder e locais – se a intervenção da polícia interferiu na dinâmica do grupo)

- Nunca houve intervenção policial? Ou não? (explorar a permanência das relações do grupo ou não – explorar a re-estruturação do grupo a partir de experiências...)